This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

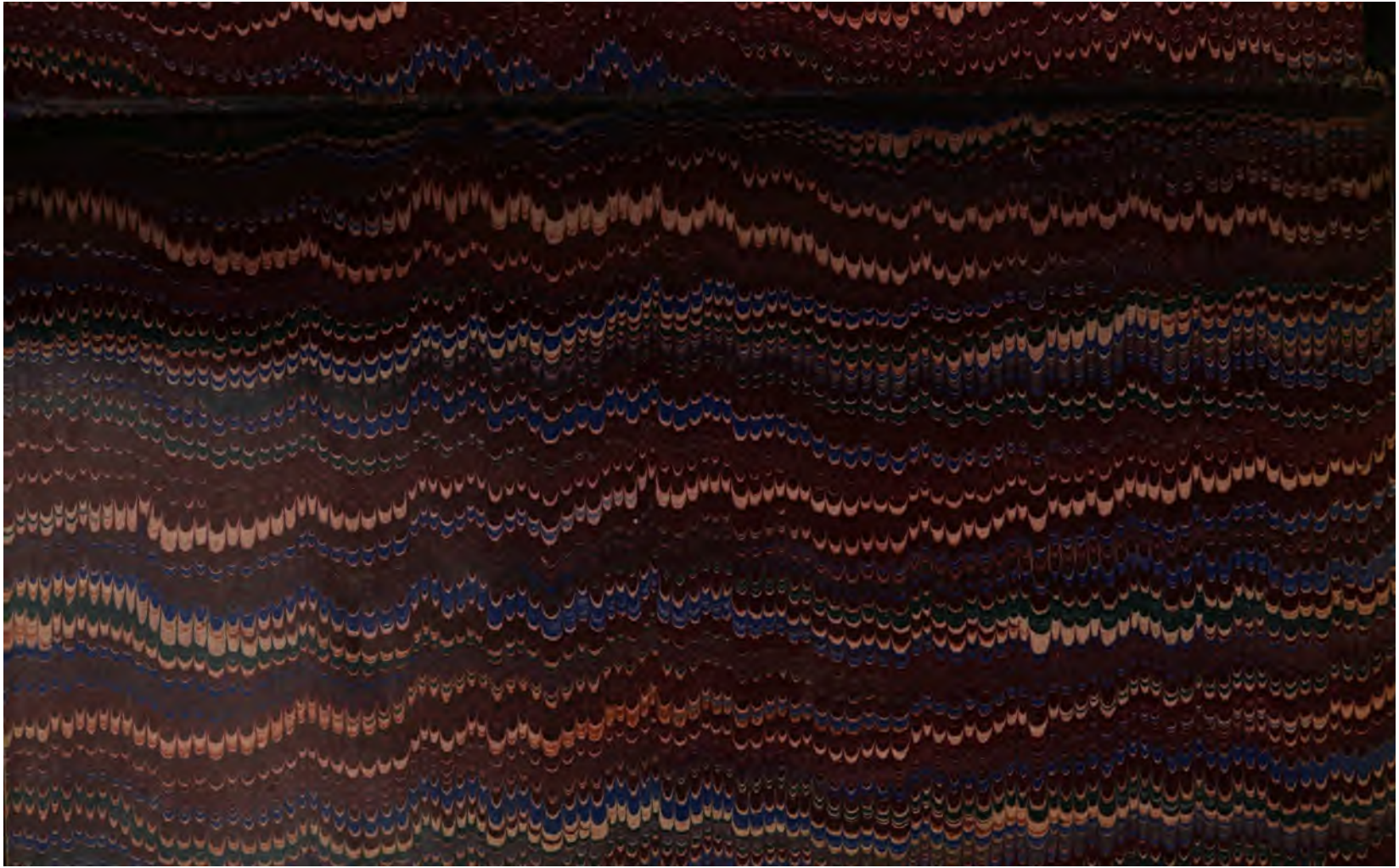
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

10685.



POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

POESIAS

DE

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,

COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO,
DISPOSTAS E ANNOTADAS

POR

I. F. DA SILVA:

E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

TOMO V.

LISBOA
EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,
RUA AUREA N.º 227 E 228.

MDCCCLIII.

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES,
RUA AUREA N.º 67.

OS JARDINS,

OU

ARTE DE AFORMOSEAR AS PAIZAGENS:

POEMA

DE

Mr. DELILLE,

TRADUZIDO EM VERSO.

Hic inter flumina nota,
Et fontes sacros frigus captabis opacum.
VIRG. Eclog. I.

Entre os rios aqui, e as sacras fontes
Gosarás em repouso a sombra amena.
(*Do Traductor.*)

PROLOGO

DO

TRADUCTOR.

A GLORIOSA reputação do abbade Delille, como litterato, e como poeta; a estima geral, dada ao seu poeta dos Jardins, onde se encontram todo o atavio, toda a graça, e toda a philosophia, de que é capaz o assumpto, me incitou a versifical-o em vulgar, apurando n'isso o cabedal que possuo em poesia, cabedal muito inferior ao apreço, e acolheita, de que estou em divida com os meus compatriotas. O amor á gloria, e á gratidão talvez ainda criem na minha alma um ardor que a fecunde, tornando-me digno do affecto, com que me honra o público; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordenal-a, e em que só usei o circumloquio nos logares, cuja traducção litteral se não compadecia, a meu vêr, com a elegancia, que deve reinar em todas as composições poeticas.

PROLOGO

DO

AUCTOR.

VARIAS pessoas de grande merecimento escreveram em prosa á cerca dos Jardins. O auctor d'este poema colheu d'ellas alguns preceitos, e até descripções. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons escriptores, porque este poema foi começado antes que elles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança uma composição muito esperada, e engrandecida de mais: a indulgencia excessivo, dos que a ouviram, lhe agoura a severidade, dos que a lêrem.

Este poema, além d'isso, tem um grave inconveniente, o de ser didactico. Tal genero é necessariamente um pouco frio, e mais o deve parecer a uma nação, que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos, em não sendo os compostos para o theatro, os que pintam as paixões, ou as baldas dos homens. Poucas pessoas, digo mais, até poucos litteratos lêem as Georgicas de Virgilio, e quasi todos os que aprenderam latim sabem de cór o quarto canto da Eneida.

No primeiro d'estes dous poemas, dá o poeta a entender que sente não lhe permittirem os limites do seu assumpto cantar os Jardins. Depois de haver luctado longamente com as miudas, e um tanto ingratas particularidades da cultura geral dos campos, a modo que deseja repousar sobre mais risonhos objectos. Mas estreitado no de que tracta, vinga-se d'esta subjeição com um bello, e rápido esboço dos Jardins, e com o pathetico episodio de um velho feliz no seu pequeno campo, que elle mesmo cultiva, e enfeita.

O que o poeta romano sentia não poder executar, executou o P. Rapin. Escreveu na lingua, e ás vezes no estylo de Virgilio, um poema em quatro cantos sobre os Jardins, que foi mui applaudido, n'um tempo em que ainda se liam versos latinos modernos. A sua obra não é despida de elegancia; mas quizera-se que abundasse de precisão, e de melhores episodios.

De mais o plano do seu poema não interessa, não tem variedade. Um canto é consagrado ás aguas, outro ás arvores, outro ás flores. Adivinha-se o comprido catalogo, e a enumeração tediosa, que mais pertence ao botanico que ao poeta; e aquelle passo methodico, que assás prestaria n'um tractado em prosa, é grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito pede que o levem por caminhos um pouco desviados, e lhe apresentem objectos que não espera.

Além d'isto, Rapin cantou Jardins do genero regular, e a monotonia inherente á summa regularidade, passou do assumpto ao poema. A imaginação, naturalmente amiga da liberdade, ora vai a custo pelos desenhos enviezados de um canteiro de flores, ora morre no fim de uma longa, e direita alameda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura um tanto desordenada, e a chistosa irregularidade da Natureza.

Emfim, aquelle auctor não tractou senão a parte mechanica da jardinagem. Totalmente esqueceu a mais importante, a que procura em nossas sensações, em nossos sentimentos a origem do prazer, que nos causam as scenas campestres, e os attractivos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em summa, os seus Jardins são os do architecto; os outros são os do philosopho, os do pintor, os do poeta.

Este genero tem medrado por extremo ha annos, e se isto é tambem effeito da moda, demos-lhe graças. A arte dos jardins, a que se poderia chamar luxo da architectura, parece um dos entretenimentos mais convenientes, e talvez um dos mais virtuosos da gente rica. Como cultura, reconduz á innocencia das occupações campesinas; como adorno, apadrinha sem risco a paixão dos dispendios, que acompa-

nha as grandes fortunas: finalmente, esta arte tem para similhante classe de homens o duplicado prestimo de participar, ao mesmo tempo, dos gostos que vogam nas cidades, e dos que existem nos campos.

Este prazer dos particulares achou-se ligado á utilidade publica: fez com que os opulentos folgassem de habitar as suas terras. O ouro, que sustentaria artifices do luxo, vai alimentar os cultivadores, e a riqueza torna á sua verdadeira fonte. Accresce a isto, que a cultura se enriqueceu com muitas, e muitas plantas, ou arvores estrangeiras, aggregadas ás producções do nosso terreno, e isto vale certamente o marmore todo que perderam nossos jardins.

Feliz este poema se desparzir, ainda mais, affeições tão simplices, e puras! Porque, como o auctor d'este poema o disse em outra composição,

Quem dos campos o amor inspira aos homens,
Tambem, Virtudes, vosso amor lhe inspira.

OS JARDINS.

CANTO PRIMEIRO.

Renasce a primavera, influe, e anima
As aves, os Favonios, flores, Musas.
Que novo objecto á lyra os sons me pede?
Ah! Quando a terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes
Quando tudo se ri, tudo se inflamma
De amor, e de esperança, e de ventura,
Outro co'a phantasia em Phebo acceza,
Abra os fastos da Gloria aos grandes nomes,
N'um carro fulminante alce o triumpho;
Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel
Do vingativo Atrêo: sorriu-se Flora,
Vou cantar ós Jardins, dizer qual arte
Em terreno loução, dispõe, regula
As flores, a corrente, a relva, as sombras.

Tu, que o vigor, e a graça entrelaçando,
Dás ao canto didáctico energia,
De Lucrecio na voz, se outr'hora, oh Musa,
As austeras lições amaciaste:
Se pôde o seu rival (sem que nos labios
A linguagem dos numes desluzisse)
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fertil ornar, mais rico assumpto,
Assumpto amavel, que tentou Virgilio.
Mãos não lancemos de atavio extranho;
Das minhas mesmas flores vou c'roar-me:
Qual pura luz, que bella nuvem doura,
A expressão tingirei na cor do objecto.
Arte innocente, que em meus versos canto,
Origem teve nos ceruleos dias,
Nas primaveras do recente globo.
Apenas o homem submettêra os campos
Á cultura efficaz, poz mil desvelos
De viçosa porção no tracto, e mimo;
Alinhou para si com leis, e industria
Plantas selectas, escolhidas flores.
De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude
Punha a curto vergel modico enfeite;
Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.
Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio,
Em frescos hortos, que a victoria ornára.
Habitava os jardins outr'hora o sabio,

Doctrinando os mortaes mais ledo que hoje.
Quando a sabedoria elysios teve,
Ereis vós, dons do céo, talvez palacios?
Não: vós ereis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo,
Puras delicias, que a virtude anhéla.
Corra-se pois, que é tempo, o novo espaço:
Philippe, e o bello assumpto a voz me alentam.
Para aformosear simples terrenos
Não insulteis co'a pompa a Natureza;
Este emprego requer sisudo artista,
Parco em dispendios, na invenção profuso;
Jardim, menos fastoso que elegante,
Jardim com mais belleza que atavío,
Parece aos olhos meus um amplo quadro.
Sêde pintor: o campo, os seus matizes,
Os reflexos da luz, da sombra as massas,
As estações, e as horas, variando
O giro do anno, o circulo diurno;
Ricos esmaltes de cheirosos prados,
Dos outeiros o alegre, o verde forro,
Aguas, boninas, arvores, penedos:
Eis os vossos pinceis, têas, e cores.
Podeis crear: a natureza é vossa,
E doceis para vós os elementos.
Mas antes de plantar, antes que encete
Instrumento imprudente o seio á terra,
Parà dar aos jardins mais linda fórma
Observai, reflecti, sabei de que arte
Se imita, se arremeda a natureza.

Não tendes vezes mil em ermos sitios
De repente encontrado aquellas vistas,
Que as plantas, que os sentidos vos suspendem,
E que em meditações quietas, longas
Enlevam manso, e manso a phantasia?
Tudo o melhor senhoreai có'a mente,
Dos campos aprendei a ornar os campos.
Logares, que subtil decora o gosto,
Olhai tambem; nos escolhidos quadros
Ainda ha que escolher; por vós se admire
De Chantilli magnifica elegancia,
Que de heróes em heróes, de edade a edade
Ganha novo esplendor. Belœil, a um tempo
Campestre, apparatoso, e tu que ainda
Ufano Chanteloup, te desvaneces
De teu grande senhor com o desterro;
Todos vós alternais o bem dos olhos.
Qual purpureo botão, mimoso, e breve,
Timido precursor da quadra bella,
O amavel Tivoli, de fórma extranha
Á França descubriu tenue modélo.
Montreuil as Graças desenharam rindo,
Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Auteuil, Rincy, Limours, quam docemente
Nas vossas lindas, arejadas ruas
Olhos se embebem, se extraviam passos!
Do grande Henrique a veneravel sombra
Ama ainda Navarra, e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges,
Une a graça, o recreio á majestade,

Se adorna para ti, por ti se adorna.
Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa
É indigno de ti; logar vistoso,
Quando lhe devo a teu senhor, offrece:
Um placido retiro, um ocio ledo.
Bemfeitor de meus versos, de meus dias,
Na eleição de atilados escriptores,
Em jardim, que do Pindo as rosas vestem,
Inclue a Musa minha, e brando a acolhe.
Junto ao lyrio suberbo, e majestoso
Assim cresce a violeta humilde, e escura.
De illustres vates não illustre socio,
Ah! se coubera em mim cantar como elles,
Pintára os teus jardins, pintára o nume,
Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,
As virtudes, a gloria, os bens que o seguem,
O ladêam em ti. Logar formoso,
Sê tu sua ventura. Eu se algum dia
Findar, por graça d'elle, amena estancia,
Mais bella a tornarei co'a bella imagem
Do alto meu protector; quero que sejam
Minhas primeiras flores seu tributo.
Para o busto real cultivo, enlaço
Em virentes festões o louro, o myrto,
Tão charos aos Bourbons; e se o repouso,
A liberdade, as sombras me inspirarem,
Ao bemfazejo heróe te sagro, oh lyra.
Falei d'esses logares deleitosos,
Que a arte deve imitar: convem que fale

Dos escolhos, que a mesma evitar deve.
O engenho imitador tambem se engana:
Não dê belleza ao chão, que o chão não queira;
A paragem conheça antes de tudo,
Do sitio adore o Genio, o Deus consulte:
Impunemente as leis não se lhe aggravam.
Nos campos, todavia, a cada instante,
Menos audaz que extranho em phantasias,
Tudo altera, e confunde artista inerte,
E desnaturaliza, e perde tudo;
Com absurda eleição mil graças liga:
Encantavam na Italia, em França enjoam.
O que o terreno teu sem custo adopte,
Reconhece, e depois te apossa d'elle.
Isto ainda é melhor que a Natureza,
Mas isto mesmo é ella, isto é perfeito,
Quadro brilhante, que não tem modélo.
Dos Berghems, dos Poussins tal foi a escolha,
De ambos estuda as producções divinas;
E o muito, que o pincel aos campos deve,
Arte cultivadora, agradecida,
Nos jardins restitua á Natureza.
Os terrenos agora se examinem,
E que logar se apraz das leis, que traças.
Houve tempo fatal em que arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou de chão gentil planicie ingrata.
Hoje, rural tyranno, outro artificio
Quer, por contrario abuso, — erguer montanhas,

Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas, e ardís: tudo é baldado
Contra intractaveis, repugnantes serros;
E sobre terra egual montinho humilde
Cuida ser pictoresco, e move a riso.
  Queres a teu suor logar propicio?
Foge as mui desiguaes, os muito planos
Campos, e serras. Eu tomara os sitios
Onde sem altivez fosse eminente
A rico valle matizado outeiro.
Não tendo insipidez, lá tem brandura
O solo complacente, é alto, é secco,
Esteril não, não rispido: caminhas;
Obedece o horizonte, ergue-se a terra,
Ou a terra se abate, aperta, estende:
Luzem de passo a passo encantos novos.
  Dos gabinetes no silencio triste,
De compasso na dextra, embhora ordene
Artifice vulgar a symmetria
D'enfadoso jardim, confie embhora
O geometrico plano ao papel frio.
Tu vai ver em si propria a Natureza.
O lapis maneando, ali copía
Este aspecto, estes longes, esta altura,
Meios advinha, obstaculos presente:
Só a difficuldade é mãe de assombros,
E o chão de menos graça havel-a póde.
É nu? Florestas a nudez lhe amparem.
É cuberto? Os machados vão despil-o.
Humido? Em lagos de cristal pomposo,

Em ribeiros fecundos, transparentes
Se converta, se aclare essa agua impura.
Por trabalho feliz corrige a um tempo
Melhora as aguas, o terreno, os ares:
É árido talvez? Procura, sonda,
Torna ainda a sondar, não te enfasties:
Póde ser que, em traír-se vagarosa,
A agua de rebentar esteja a ponto.
Tal de um tenaz esforço eu mesmo anciado,
Morna individuação maldigo, entejo:
Mas de esteril objecto abhorrecido
Idéa graciosa eis surge, eis salta:
O verso resuscita, e facil corre.
Inda mais doces que estes ha cuidados,
Arte existe inda mais encantadora.
Fale-se ao coração, não basta aos olhos,
As invisiveis relações conheces
D'esses corpos sem alma, e dos que sentem?
Das aguas, prados, selvas tens ouvido
A calada eloquencia, a voz occulta?
Todos estes effeitos deves dar-nos.
Do alegre ao melancholico, e do nobre
Ao engraçado, os transitos sem conto
Sempre me aprazem me captivam sempre.
Une, simples, e grande, forte, e brando,
Todo o matiz, que a todo o gosto agrade.
O pintor enriqueça ali a idéa,
A sancta inspiração turbe o poeta.
Ali remansos d'alma o sabio gose,
Memorias o ditoso ali desfructe,

De lagrimas se farte o miserando.
Mas a audacia é commum, e o siso é raro,
Grata ás vezes se crê a extravagancia.
Evita que os effeitos, mal unidos,
De incoherentes imagens formem cáhos;
Vê que as contradicções não são contrastes.
Estes paineis de natural pintura
Requerem longo espaço; em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. É costume
Zombar d'esses jardins, parodia absurda
Dos rasgos, que a atrevida Natureza
No seu grande espectaculo derrama;
Jardins, em que arte rude, e inverosimil
Um paiz todo n'uma geira encerra.
Em vez d'este montão confuso, inerte,
Varía objectos, ou lhe altera a face.
Perto, longe, patentes, quasi occultos,
Revezem todos mil diversas vistas.
Dos effeitos seguintes a incerteza
Grato desasocego aos olhos deixe,
Ornamentos o gosto emfim colloque,
Imprevistos jamais em demasia,
Jámais em demasia annunciados.
Présta sobre maneira o movimento;
Sem a doce magia, a elle annexa,
Em lethargo recáe a alma ociosa.
Sem elle, por teus campos enfadonhos
Em giro casual vão sempre os olhos.
Citarei outra vez altos pintores?

Lá diffunde o pincel pródigo, e fertil
Moveis objectos sobre o panno immovel:
O rio foge, o vento encurva os ramos,
Globos de fumo das aldêas sobem,
Os gados, os pastores brincam, dançam.
Cuida em te apoderar d'este segredo,
Dispõe sem parcimonia arbustos doces,
Arvores brandas, cuja affavel coma
Das virações ao halito obedece.
Sejam quaes forem, tu, cultor, venera
A vacillante, undisona verdura,
Tolhe que o ferro a Natureza ultraje;
Ella co'a mestra mão como desenha
D'esta parte os carvalhos, d'esta os olmos!
Olha como do tronco até aos ramos,
Dos ramos té ás folhas desparzido
Da mãe universal benigno influxo;
Vai das undulações dar-lhe a molleza.
Porém golpes crueis... vedai tal crime,
Correi, nymphas da selva... ah! Q'é debalde,
O córte cerceou-lhe a gala, o viço.
Já na cópa vivaz não ouço ao longe
Correr os Aquilões, bramir na rama,
Affastar-se, expirar. Tácitos, frios,
Mortos do ferro os vegetaveis entes,
D'elle simelham rispideza immovel.
A's plantas deixa, pois, tremor suave
Nos quadros teus, do movimento amigos;
Faze fugir, ferver, saltar as aguas.
Vês estes valles, solidões, florestas?

Por varios sitios de diversos gados
A nédia multidão se envie, e alongue.
Além vejo a cabrinha roedora
Pender do cume de remotas penhas;
Aqui mil cordeirinhos melindrosos
Soltam queixumes, que de serro a serro
Vai écco em molles sons amiudando.
N'estes, que as aguas da collina sorvem
Prados lustrosos, sobre as mãos se estende,
E ruminando jaz o boi pezado,
Em quanto generoso, altivo, accezo,
O filho do Tridente, o marcio bruto
Osttenta, vicejando, em pingues pastos,
O indomito vigor, e o brio agreste.
Quanto me atráe, me regosija, quanto,
A audaz agilidade, o gesto activo!
Ou elle, usado ás fluviaes correntes,
Sobre ellas se arremesse, estremecendo,
E luctando depois, c'os pés sacuda
As ondas, que murmuram, que branqueam;
Ou atravez dos prados salte, e fuja;
Ou, longa crina errante aos ventos dada,
Brotando os olhos fogo, as ventas fumo,
Bello de orgulho, e amor, voe ás amadas.
Sumiu-se já, e a vista ainda o segue.
Ó thesouro exhaurindo á Natureza,
Assim terrenos, vistas, e agua, e sombras
Dão ás paizagens movimento, e vida.
Porém se o movimento encanta os olhos,
De liberdade um ar não menos querem.

O limite aos jardins fique indeciso;
Ou com arte se esconda, ou se disfarce.
Não ha mais que esperar? Vôa o feitiço,
Com certo dissabor o fim se tóca
De uma estancia aprazivel: cedo enfada,
E irrita finalmente; além dos muros,
Importuna barreira, inda se ideam
Logares mais gentis, mais attractivos,
E a alma inquieta desencanta os olhos.
Quando nossos avós, á guerra affeitos,
Seus campos em castellos convertiam,
Cada qual em munida, enorme torre
Preso vivia por viver seguro.
Mas hoje de que servem taes muralhas
Que o temor inventou, mantem o orgulho?
A estes, que prendendo outr'hora a vista,
A vista duramente entristeciam,
Prefere o gosto verdejantes muros,
Muros tecidos de espinhoso enredo,
Muros, por onde a mão, tremendo, colhe
A rosa inculta, a amóra ensanguentada.
Mas jardim limitado inda me ancêa.
Surja-se emfim de um circulo tão breve
A genero mais vasto, e mais formoso,
De que hoje Ermenonville é só modelo.
Os jardins para si chamavam campos,
Vão n'elles os jardins entrar agora.
Do cinto d'esses montes, d'onde os olhos
Paizagem dilatada abraçam, medem,
A madre Natureza ao Genio disse:

« Os thesouros, que vês, são teus: envoltos
Na rude pompa, na opulencia bruta,
Os quadros meus tua destreza imploram. »
Ella diz, elle vôa: em toda a parte
Esquadrinha esta massa, onde repousam,
Onde dormindo estão bellezas cento.
Do valle á serra, da floresta ao prado
Vai retocando os quadros, que varía.
Dos olhos a sabor, une, e desune,
Illumina, escurece, occulta, ou mostra:
Não destróe, não compõe, corrige, apura,
O esboço aperfeiçoa á Natureza.
Carrancudo terror já despem rochas,
O bosque alegre adóça, encurta as sombras;
Ia perder-se um rio: eis o encaminham;
De um lago se apodera a mão geitosa,
De cristalina fonte se enriquece.
Quer, e veredas mil subito correm
A demandar, cingir, prender os membros,
Por aqui, por ali soltos, dispersos;
Os membros, que assombrados, que attraídos
Da engenhosa união, do nó, que os junta,
Formam de cem porções um todo insigne.
Talvez, campestre artifice, te espantem
Estes grandes trabalhos. Entra os nossos
Idosos parques; de uma vez contempla
Apuros vãos, dispendiosos nadas;
As estacadas vê, regos, e tanques.
Preço menor do que a minucias coube
Para ornar o que um dia apraz somente,

Póde aformosear um campo immenso.
Falaz, e semsabor magnificencia,
Cáe ante esta arte, e por milagre d'ella
A chara patriã minha se transforme
Toda em vasto jardim, n'um Eden novo!
  Se não ousas tentar esta carreira,
Ao menos, franqueando o teu circuito,
De aspectos opulentos o engrandece.
De um valle, um serro, uns agradaveis longes
Ajunta posse alhêa á posse tua:
Rege co'a vista, pelos olhos gosa.
  Os varios, favoraveis accidentes,
Com que innumeros campos se distinguem,
Une principalmente a teus plantios.
Aqui jaz um logar, que cingem bosques.
Acolá torreões cidades c'roam,
E a grimpa azul, ferindo ao longe os olhos,
Vai sumir pelos céos o agudo extremo.
  Um rio omittirei, e as margens suas?
Ápoz fugazes vélas corre a vista.
Ilhas ás vezes sáem do vitreo seio,
Ponte arqueada outr'hora o furta aos olhos.
  Se os mares espaçosos descortinas,
Offrece, mas varía a grave scena.
Mal se divise aqui por entre as folhas,
Uma abóbada além, qual no remate
De tubo extenso, aos olhos o apresente
Em fundo de odoriferas latadas;
Nas voltas de florente bosquesinho
Aqui se encontra o mar, ali se perde:

Eis subito apparece em toda a sua
Fervente, rugidora immensidade.
Folgue a attenção n'estes semblantes varios;
Mas com mesquinhas mãos (cumpre que o diga)
Os homens, natureza, o tempo, as artes
Nos cercam de tão ricos accidentes.
Oh planicies da Grecia! Ausonios campos!
Logares divinaes, inspiradores,
Sempre charos ao genio! Ah! quantas vezes
Embebido n'um magico horisonte,
O pintor vê, se inflamma, e toma o lapis,
E debuxa esses longes, essas ilhas,
Esse pégo, esses portos, esses montes,
Torrados de vulcões, e já fecundos;
As lavas d'elles, que ameaçam, fervem,
Palacios, que em ruinas de outros surgem,
Um novo mundo, que do velho assoma
N'estes de terra, e mar longos tormentos.
Ah! Eu inda não vi essa risonha,
Essa encantada estancia, onde mil vezes
Soôu do Mantuano a voz divina:
Mas, pelo vate, pelo vate o juro,
Hei de, Apenino, transcender teus cumes,
E cheio do seu nome, e de seus versos,
Lêl-os n'aquelles amorosos sitios,
Sitios, cópia do céo, que os inspiraram.
De encantadoras margens namorado,
Por fóra ingratos campos tens sómente
Em vez de aspectos, que interessem a alma?
De extranha vista, que atedía o gosto,

Vinguem-te objectos de mais bella escolha.
Aprende a deleitar-te em teu recinto,
Sê o emblema do sabio independente,
Que entra em si mesmo, e que se apraz comsigo;
N'esse asylo fiel nos entranhemos.
Todavia em logares onde a terra
De aspectos variados mais abunde,
Os thesouros da vista é bem que poupes,
E seja leve giro o custo d'elles.
A arte os prometta, os olhos os esperem;
Dá quem promette, quem espera gosa.
Releva que enfeitices, não que assombres.
Entre minhas lições tambem quizera
Duas artes de effeitos encontrados:
Uma os olhos adverte, outra os saltêa.
Mas antes de dictar preceitos novos,
Dous generos, ha tempo émulos ambos,
Disputam nossos votos. Um presenta
De regular desenho a ordem grave,
Aos campos dá bellezas que ignoravam,
De pompa desusada os atavía,
E ás arvores põe leis, põe freio ás ondas;
Brilha entre escravos, déspota orgulhoso:
É mais em majestade, em riso é menos.
Da Natureza respeitoso amante,
O outro lhe ajusta comedido enfeite,
Tracta benignamente os feiticeiros
Caprichos seus, o seu desleixo nobre,
O passo irregular, e extráe com arte
Lindezas da desordem, té do acaso.

Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua;
Entre Kent, e le Notre eu não decido.
Ambos tem leis, tem graças: um creou-se
Para grandes, e reis: oh reis! oh grandes,
Sois á magnificencia condemnados.
Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro
De alto poder se espera; ali queremos
Que em prodigios o luxo, o gosto, as artes
Excitem pasmos, embriaguem vistas.
Rebelde a Natureza á Industria cede;
Mas deve gran triumpho honrar a Industria;
Ella em seu esplendor tem seus direitos,
É uma usurpadora, e lhe compete
Á força de grandeza obter desculpa.
Longe, pois, os jardins desengenhosos,
Insulsa estancia, de que o dono insulso
As arvores garridas fôfo exalta,
Os pequenos salões bem decotados,
A extrema symmetria escrupulosa,
Passeios, onde nunca solitaria
Alameda não ha, que irman não tenha;
Caminhos desgostosos, enjoados
Da obediencia ao cordel, os seus canteiros
Bordados, e os seus tenues fios de agua;
Das arvores algumas torneadas
Em vasos, em pyramides, em globos,
E alçados bem na base os pastorinhos.
Gabe o seu luxo pobre: eu anteponho
Um campo bruto a seu jardim tristonho.
Distante d'estes minimos portentos,

Segue meu vôo á patria dos prestigios.
Vê Versailles, Marly, pomposos, ledos,
Onde Luis, e a Natureza, e a Arte
Em tanta cópia desparziram graças.
Que afouto resplandece ali o engenho!
Ali tudo é grandeza, é tudo encanto,
São de Alcina os jardins, de Armida os paços,
Antes os de um heróe, que inda procura
Vencer, domar obstaculos, sublime
Em seu retiro, em seu repouso, e sempre
Caminha, de milagres circumdado.
Aquellas aguas vês, a terra, os bosques?
Submettidos tambem, seu jugo adoram.
Das arvores á verde architectura
Olha com que elegancia estão casados
De fórma singular palacios doze!
Vê bronzes, que respiram, vê correntes
Que, soltas da repreza, esbravejando,
Em grossos borbotões de fôfa espuma
Cáem, e se estendem por canaes suberbos;
Em lustrosa espadana além se espalham,
Em pavêas brilhantes cá se elevam,
E nos benignos ares incendidas
De um sol immaculado, eis chovem gotas
Côr de ouro, de saphira, e de esmeralda.
Selvas, por onde absorto me extravio,
Os Sátyros, os Faunos vos povoam,
Em vós Diana influe, e Cytheréa;
É cada bosquesinho em vós um templo,
Cada marmore um deus. Luis, folgando

Do pezo marcial, do horror da guerra,
Como que n'esta, a Jove idonea estancia,
Convida todo o Olympo a seus festejos.
N'estes grandes effeitos é que importa
Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.
Facilmente porém o assombro péza.
Louvo o orador, que erguidos pensamentos
Na luz, na pompa, na cadencia envolve;
Mas é curto prazer, e o deixo, e corro
A escutar corações na voz de amigos;
Marmores, bronzes, que alardêa o luxo,
Arte ostentosa em breve os olhos cança.
Mas as correntes, o arvoredo, as sombras,
Este luxo innocente, ah! não fatiga,
Não fatiga jámais. Deus mesmo aos homens
Traçou este modelo. Attenta em Milton:
Quando essa eterna mão, que rege tudo,
Aos primeiros mortaes guarida apresta,
Regulares caminhos abre acaso,
Talvez captiva na carreira as ondas?
De improprias, de forçadas vestiduras
Cobre a infancia do mundo, a primavera
Recemnascida? Não, sem arte alguma,
E sem constrangimento, a Natureza
Estreou, exhauriu delicias puras,
Delicias puras, que nem ha na idéa.
O mixto amavel de planicie, e monte,
Livres, e mollemente errando as aguas,
Veredas tortuosas, e indecisas,
Gratas desordens, novidades gratas,

Aspectos, onde os olhos mal sabiam
Escolher, preferir, tudo alongava,
Entretinha o prazer na variedade.
Sobre viçoso esmalte aveludado
Mil arvores, mil plantas, mil arbustos,
D'estes logares ondeante adorno,
Iman da vista, do sabor, e olfato,
Em grupos elegantes, movediços,
Em natural, dispersa negligencia,
Já se fugiam, já se avisinhavam.
Seu brando movimento ao longe ás vezes
Inopinada scena aos olhos dava,
Ou com pendor gentil curvando a rama,
Aos passos vinham pôr suave estorvo;
Ou sobre as frontes em festões pendiam,
Ou, na passagem, lhe entornavam flores.
Lindos bosques direi de tenras plantas,
Em latadas, e abóbadas travando
Troncos florentes, e florentes braços?
Lá de imaginações, queridas, ternas,
Cheios a mente, o coração, e os olhos,
Deu Eva ao bello amante a mão mimosa,
E córou como a Aurora ás portas de ouro.
A natureza toda os afagava.
O céo co'a luz, com seu murmurio as ondas;
Tremendo a terra lhes sentia os gostos;
Favonio aos éccos os suspiros dava;
O arvoredo rugia, e curva a rosa
Cedia ao toro seus perfumes todos.
Oh ventura inefavel, par tranquillo!

Feliz quem, como vós, nos seus amados,
Bonançosos jardins, longe dos males
Que a suberba atormentam, vive rico
De flores, frutos, innocencia, e gosto!

CANTO SEGUNDO.

A LYRA, que os rochedos, que as florestas
Ao Rhodope attraía, oh se eu tivesse!
Ella falára, e subito arvoredos
Sobre as paizagens lançariam sombras;
A laranjeira, o til, carvalhos, cedros
Viriam nos meus campos collocar-se
Em pasmosa cadencia, em ordem bella:
Mas perdeu a harmonia os seus milagres,
A lyra já não reina, a penha é surda,
A arvore immovel fica aos sons mais gratos;
Dous magicos ha só: trabalho, e arte.
  Aprende, pois, que industria, e que desvelo
Prestam mimo, ou riqueza ás varias plantas.
  Pela ridente cópa, a flor, e o fructo
A arvore é dos jardins primeiro ornato.
Para agradar, quantas figuras tóma,
Quantas figuras! Acolá se estendem
Pomposamente seus informes braços;
Brando, e ligeiro além se eleva o tronco,
Aqui lhe admiro, lhe namóro a graça,
A majestade ali. Roçada apenas,
Da menor viração, lhe ondêa a rama,
Ou contra os furacões arrebatados
Firma o corpo nodoso, a rija fronte;
Dura, ou molle, se inclina, ou se levanta,
Prothêo dos vegetaes, a cada instante

Muda o feitio, a cor, verdura, e fructos
Para dar novo brilho á Natureza.
Eis os thesouros teus, oh arte, e o gosto
Prohibe que sem ordem se dispendam.
Das varias plantas a extensão, e a fórma
Se off'rece aos olhos em aspectos varios.
Ora selva profunda, inculta, e negra
Derrama sombra immensa, ora apparece
Bosque risonho de arvores formosas.
Em ventilados campos mais ao longe
Os olhos chamam, a attenção dominam
Distribuidos, primorosos grupos.
Fiando-se na propria louçania,
Só, n'outra parte, uma arvore pompêa,
Só ella exorna o chão. Tal, se é possivel
Que a paz dos campos assimelhe a guerra,
Cerrados batalhões, dispersas turmas,
Numero, e forças ante nós ostentam;
É altivo do seu nome, e sustentado
Na sua intrepidez, á frente d'elles
Um só heróe se avança, e todos vale.
Diversas plantações têm leis diversas.
Nos jardins do artificio em outros tempos
Olhava o luxo com desdem, com tedio
As isoladas arvores, e agora
Aprazem nos jardins da natureza.
Por capricho feliz, sisudo acaso,
Estas desproporções têm attractivos,
Difiram na distancia, aspecto, e fórma,
Sempre a grandeza, ao menos a elegancia,

Distingua a planta, ou ella, envergonhada,
Por entre a multidão desappareça.
Mas se um carvalho, ou plátano longevo,
Patriarcha dos bosques, ergue a fronte
Sombria, veneravel, toda a tribu
Disposta emtorno, com respeito o esquive,
Lhe faça corte. Agradará d'est'arte
A arvore, que isolada o campo adorna.
Com mais escolha ainda, e com mais gosto
Os grupos te darão prestantes quadros.
De arvores mais, ou menos vigorosas,
Em numero qualquer, pequeno, ou grande
Fórma-lhe a massa espessa, ou leves tufos:
Este povo de irmãos apraz ao longe,
Pódes por elles variar desenhos;
Com elles se aproximam, se removem,
Se afastam, se reunem perspectivas,
E com elles tambem sobre as paizagens
Se dobra, ou se desdobra o véo das sombras.
Formáram-se teus grupos: é já tempo
Que a um tanto de arte os bosques se habituem.
Bosques augustos! Bosques venerandos!
Eu vos acato, eu vos saûdo: as vossas
Poeticas abobadas não ouvem
Já do bardo feroz o horrivel canto;
Um delirio mais doce em vós habita,
Vossas grutas ainda em verso instruem.
Ermos antigos, majestosas sombras,
Vós inspirais os meus: ah! dai que eu possa
Com respeitosa mão tocar-vos hoje,

E que, sem profanar, aformosêe:
De vós aprender quero a adereçar-vos.
Arvoredos expôr-se aos olhos podem
Em milhares de aspectos. D'este lado
Pressos troncos as sombras lhe carreguem:
Alegre-se acolá de luz escassa
A redolente estancia, travem n'ella
Combate deleitoso a noute, e o dia:
Mais além, signalando o chão co'as folhas,
Sobre os claros dispersas tremam plantas;
Porque, umas para as outras fluctuando,
E sem ousar tocar-se, ao mesmo tempo
Pareça que se fogem, que se buscam.
O bosque assim por ti perde a aspereza;
Mas seu grave character não desmanches;
Com miudos objectos, mui frequentes
Não se interrompa, não se altere o todo.
Um seja simples, grande, e toda a pompa
Com alguma rudez a arte lhe deixe.
Apresenta esses troncos destroçados;
Quero vér, e seguir negras torrentes,
Pelas quebradas concavas fervendo.
D'agua, do tempo, do ar mantêm vestigios;
Venera do rochedo os ameaços,
Deixa-o pender, e emfim tudo respire
Silvestre, vigorosa formosura
Sobre o terreno majestoso. Agrada
Assim de um bosque a rustica nobreza.
Com menor altivez, com mais brandura
Um bosquesinho off'rece amenos quadros:

Quer bellos sitios, e contornos bellos;
Fóge, torna, em rodeios vai perder-se;
Entre flores estende aguas serenas,
E cuido que inda n'elle, embriagado
De um extasis suave, em ocio puro,
As lições do prazer dicta Epicuro.
  Mas não basta que em selva, ou bosquesinho
Haja riqueza ou elegante, ou bruta,
Cumpre ornar com primor seus exteriores.
Não vás, symetrisando-lhe os limites,
Com recendentes muros occultar-nos
Dos bosques as innúmeras familias.
Ver quero, penetrando o centro agreste,
Crescer a um tempo as arvores diversas,
De vigor juvenil umas brilhantes,
Outras todas decrépitas, nodósas,
Estas rasteiras, languidas, e aquellas,
Tyrannos das florestas, esgotando
Da substancia o tributo a seus vassallos:
Scena em que a idéa vê com gosto imagens
Das edades, da vida, e dos costumes.
  Apar d'estes effeitos, que valia
Terão verdes reparos, cuja fórma
Entristece, importûna, afflige os olhos,
Fórma, que é sempre egual, nunca insperada?
Oh delicias da vista! Oh variedade!
Acode, vem romper nivel insulso,
Triste esquadro, e cordel fastidioso.
  De matiz acertado, interessante
As estremas dos bosques se guarneçam;

É a uniformidade ingrata aos olhos;
Da que vêem nos jardins elles se enfadam,
Á sua extremidade elles se avançam,
Folgam de discorrer a inopinada
Fórma, que lustra nos limites varios.
Em giros mil brincando a vista errante,
Ou com elles se entranha, ou sáe com elles,
E nos diversos, florecentes quadros
De distancia em distancia alegre pousa.
O bosque se engrandece, e a cada passo
Seus rodeios varîa, e seus encantos.
A fórma, pois, se lhe desenhe, e logo
Ás arvores se escolham, a que o gosto
Prescreve o sacrificio; mas sê tardo,
Condemna devagar, condemna a custo:
Antes de executar-se a lei severa,
Ah! vê que manso, e manso as cria o tempo,
E altêa manso, e manso; que impossivel
É a todo o ouro teu remir-lhe as sombras,
E que já lhe deveste um fresco amparo.
Duro possuidor, com tudo, ás vezes,
E sem necessidade, e sem remorso,
Aos golpes do machado as abandona.
Eis sobre o seio da indignada terra
As miseras baquêam, seccam, morrem:
Para sempre d'ali com magoa vôam
Doces meditações, cautos amores.
Ah! Por estes sagrados arvoredos,
Que aos bailes pastoris prestavam sombra,
Por estas densas comas, que abrigáram

Vossos avós, tende attenção, profanos,
C'os troncos religiosos. Já que os évos
N'elles a robustez inda consentem,
Não lhe affronteis a ancianidade augusta.
Tem de raiar, tem de raiar em breve
O dia em que estes bosques desmaiados,
Para ceder o imperio a tenras plantas,
Da excelsa fronte, succumbindo ao ferro,
Verão no pó murchar-se a honra antiga.
Oh Versailles! Oh dor! Oh vós florestas,
De celeste apparencia! Maravilhas,
Que fez um grande rei, Lenotre, e os annos!
Eis sôa o córte; vosso termo é vindo.
Arvores, cuja audacia ás nuvens ia,
Feridas na raiz, no ar balançando
Suas cópas louçans, que abala o ferro,
Já dão ruidosa quéda, e já seus troncos
Vão alastrando ao longe esses passeios,
Que de frescas abobadas cubriam
Com seus pomposos, estendidos braços,
O estrago se atreveu aos arvoredos,
Cuja gloriosa fronte a fronte heroica
De Luis, o magnanimo, assombrava!
Destruíram-se bosques, onde as artes,
Mais suaves conquistas celebrando,
Multiplicavam festivaes prazeres!
Amor, que é feito do encantado abrigo,
Que ouviu de Montespan gemer o orgulho?
Que é do retiro, onde tão meiga, e bella,
Ao de ouvil-a attraído, absorto amante

La Valiere exprimiu segredos ternos,
Rendida suspirou, sem crer-se amada?
Tudo cáe, tudo acaba; ao som terrivel
D'esta destruição, não vês, não sentes
Alígero tropel fugir medroso?
Este volátil povo, alegre, ufano
De habitação tão bella, e que entoava
Dos monarchas no asylo os seus amores,
Com dor se ausenta dos saudosos lares.
Deuses, de que estes porticos honrara
Estremado cinzel, deuses, vestidos
De verdes, molles véos, ainda ha pouco,
Pela perdida sombra estão carpindo,
Mostram-se da nudez envergonhados;
E, receando os olhos, Venus mesma,
Venus se assombra de se ver despida.
Appressai-vos, crescei, mimosas plantas,
Tornai a povoar a estancia chara!
Arvores semimortas, consolai-vos!
Vós, testemunhas da fraqueza humana,
De Corneille, e Turenna os fados vistes,
Vistes morrer o heróe, morrer o vate:
Ao menos, já contais cem primaveras,
E os nossos dias de mais luz, mais gloria
Ah! voam logo, e para sempre voam.
Feliz d'aquelle, que possue um bosque
Formado pelo tempo! Mas ditoso
Tambem quem para si pôde creal-o!
Estas, que vão medrando, arvores bellas,
Eu fui o que as plantou (diz como Cyro):

Tu, pois, se inda dispor das tuas pódes,
Teme que antes de tempo ellas rebentem.
Assim como o pintor que, demorando
Indiscreto pincel na mão sabida,
Longamente co'a idéa esboça os quadros:
Tu dos desenhos teus medita a ordem;
O valor, a efficacia dos aspectos,
E dos sitios conhece; e o attractivo
Dos bosques nas colinas pendurados,
E a gala dos que em plano a sombra estendem.
Como as amigas fórmas, como as cores
Amigas, te é proveito conheceres
As adversas tambem. O freixo altivo,
Arremessando ao ar comprida rama,
O inclinado salgueiro abhorrecêra:
Do álamo oppõem-se o verde ao do carvalho;
Mas taes odios temperam-se com arte:
Elege por feliz intercessora
Uma arvore mean, que os concilie.
D'esta sorte Vernet, com maga tinta
De duas cores a discordia extingue.
Conhece, pois, o emprego, a serventia
Das diff'rentes verduras, ou brilhantes,
Ou sem lustre, mais mortas, ou mais vivas.
Com taes alterações, com taes matizes
No seio das paizagens se variam
Formosamente as sombras, se produzem
Effeitos ora doces, e ora fortes,
Grandes contrastes, ou gentis concordias.
Observa-as maiormente quando o outono

Perto de vel-a murcha enfeita a c'roa:
Que pompa! Que esplendor! Que variedade!
A cor alaranjada, a cor purpurea,
A opálica viveza, a do encarnado,
Ostentação de seus thesouros fazem.
Ai! Todo este esplendor lhe agoura a quéda!
Eis o fado commum! Depressa os Euros
Hão de espalhar pelos profundos valles
Os despojos selváticos: a folha
Caíndo, já distráe de quando em quando
O solitario pensador; mas estas
Mesmas ruinas para mim são gratas;
Ali, se fundas queixas nutro n'alma,
Ou assanhar-me a chaga vem memorias,
Gosto de mixturar, de ver conforme
O luto meu da Natureza ao luto.
Dos seccos bosques, dos raminhos murchos
Me apraz pizar fragmentos, só, e errante.
Dias de embriaguez, e de loucura,
Os mentirosos dias já voaram;
Terna melancholia, a ti me entrego,
Vem, mas não de atras nuvens carregada,
Onde se envolve a tenebrosa angustia:
Por entre véo ligeiro a vista branda
Dirige á terra, aos céos, como no outono
Os vapores traspassa um tibio dia:
Traze, oh dos vates, dos amantes socia,
Sereno o rosto, os olhos pensativos,
E a deleitosas lagrimas propensos.
Mas em quanto minha alma se apascenta

N'estas idéas, mil floridas castas
De fragrantes, de tremulos arbustos
Chamando estão por mim. Vem, lindo povo,
Tu entre a arvore, e a flor tu és o meio,
És como a transição. Teus delicados
Charactéres agora a scena enfeitem.
Oh! se não me instigasse o largo assumpto,
Se ao termo, que me espera, eu não corresse,
Que jubilo teria em dirigir-vos!
Eu vos reproduzira, eu vos mostrára
Em cem fecundas fórmas, eu faria
A' sombra vossa murmurar correntes,
Vossa rama em abobadas travara;
Envoltos n'estes vividos ulmeiros,
Iriam serpeando os vossos braços
Pelos rigidos troncos, e serieis
O' symbolo da graça, unida á força.
Fundira, approveitára as vossas cores:
A azul ferrete, a encarnada, a branca;
Dos olhos as delicias alternando,
Vossos pennachos, cálices, e flores,
Formar viriam meus brilhantes quadros,
E o mesmo Vanhuysum m'os invejára.
Tu, que estes ferteis dons dos céos houveste,
Com arte economiza arbórea pompa:
Favores seus co'as estações reparte.
Co'as cores, e os perfumes cada arbusto
Por seu turno appareça, e nunca murche
Na fronte do anno a flórida capella!
Assim com elle o teu jardim varía:

Cada mez tem seu bosque, e cada bosque
A sua primavera... ah! cedo extincta!
Tua industria, porém, da sua instavel
Curta riqueza consolar-nos póde.
Com prudencia estas arvores plantadas,
Quando flor não tiverem, graça tenham.
Tal, dilatando o imperio de seus olhos,
Já na declinação dos annos bellos,
A destra Ulina me seduz, me enlêa.
Da inclemencia dos ares a despeito
O céo não desherdou de todo o hynverno;
Então dos ventos provocando a raiva,
Não poucos vegetaes conservam folhas.
Olha o teixo, olha a hera, olha o pinheiro,
O pungente azevinho, o sacro louro,
De verdura immortal, que a terra vingam,
Vingam dos Aquilões a Natureza.
De purpura, e coral vê fructos, bagas;
Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio
Sobre os despidos campos lisonjêa:
Por menos esperado é mais formoso.
Os teus jardins de hynverno assim povôa;
Lá de um benigno dia a luz te afaga,
Lá, quando em outra parte é nua a terra,
O passarinho adeja, e se diverte
Inda debaixo de viçosas folhas:
O sitio o illude, não conhece o tempo,
Vêl-a imagina, e canta a primavera:
Assim, sem ser facticia a estancia agrada.
Mas os jardins dos reis com que artificio,

Com que apparato esplendido triumpham
Dos sanhudos hynvernos! Sempre verdes,
(Oh Mouceaux!) teus jardins são d'isto exemplo.
Troncos fingidos de arvores ausentes,
Grutas de encanto, mágicas latadas,
Tudo ali rouba os olhos. Afrontando
A ríspida estação caliginosa,
A nascer entre o gelo aprende a rosa.
Milagres ali domam tempos, climas,
Das fadas o poder ali se ant'olha.
Mas não são todavia estes encantos
Dos jardins o melhor, mais doce ornato.
Cedo o costume te desorna os bosques.
Quando os extranhos tuas sombras gostam
Jaz muitas vezes descontente o dono.
Meios não ha, cuja virtude occulta
Sempre a teus bosques a affeição te avive?
Oh! Quanto dos lapões me apraz o estylo!
Oh! Como enganam seus hynvernos duros!
O til suberbo, os olmos reforçados
Temem d'aquelles campos o regelo;
De alguns tristes pinheiros, negros, bravos
Indigente, escassissima verdura
Apenas a geada ali penetra.
Mas o minimo arbusto, que poupassem
Aquelles agros climas, ante os olhos
Dos habitantes seus tem mil feitiços.
É consagrado a filho, a páe, a amigo,
A hospede, que parte, e deixa prantos,
Deixa saudade eterna, e de algum d'elles

O nome, sempre charo, á planta fica.
Tu, de quem puro céo clarêa a patria,
Imitar podes tão feliz industria:
Ella animará tudo, arvores, bosques
Não serão mudos, não serão desertos:
Hão de immensas memorias habital-os,
Gostos distantes adornar-lhe as sombras.
E quem prohibe, se o favor dos numes
Com doce prole teus desejos farta,
Quem véda consagrares esse dia
Com troncos de nascente bosquesinho?...
Mas em quanto estes versos, Musa, entôas,
Que popular clamor aos ares sobe!
Nasceu, nasceu o herdeiro aos reis da Gallia!
Nos muros, nas phalanges, sobre as ondas,
Nosso terrivel, triumphante raio
Trôa, corre, e aos dous mundos o annuncia.
Flores são pouco para ornar-lhe o berço,
Os louros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;
Raiem dias de gloria ante o primeiro
Volver dos olhos seus; nascido apenas,
Da victoria ouça o hymno; eis o festejo
Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.
E tu por quem tal dom dos ceos nos veiu,
Tu, nó mimoso, tu prisão querida
Do germano, e francez, que irmão, e esposo
Unes como odorifera grinalda
Que enlaça dous ulmeiros majestosos;
Consorte, mãe, e irman, teus fados ligam
O penhor de hymenêo da morte ao luto,

Em teus olhos mixturam pranto, e riso,
Dando-te o filho quando a mãe te roubam :
Nos transportes, que influe este aureo dia,
Ousem almas ferventes, creadoras,
Animar os pinceis, a pedra, a lyra ;
Dos campos eu cantor, e humilde amigo,
Irei onde os Favonios, onde Flora
Sós te compõem a deleitavel corte,
Irei a Trianon : ali risonho
Em unico tributo á prole tua
Arvores sagrarei da sua edade,
Um bosquesinho, que lhe deva o nome.
Verão teus olhos avultar o amavel,
O simples monumento, aquelles troncos,
Dos bosques teus o mais suave ornato ;
E com ellas crescendo, recrear-se
Ás sombras fraternaes irá teu filho.
Gosas, emfim, e o coração, e os olhos
Feliz possuidor, já se embellezam
Nos arvoredos teus. Tambem desejas
Unir ao gosto a gloria, obter a palma
N'esta arte singular com que os decoras ?
De creador merece, alcança o nome.
Olha como em segredo a Natureza
Sempre está fermentando, e como sempre
A precisão de produzir a ancêa !
Não lhe acodes ? Quem sabe que thesouros
Inda em seus cofres para a industria guarda ?
Como esta a seu arbitrio as ondas guia,
Póde guiar o succo : outros caminhos,

Outros canaes a seu liquor franquêa.
Por novos hymenêos fecunda os campos,
Das seibas virgens exp'rimenta o mixto,
De seus dons mutuos favorece a troca.
Quantas arvores, fructos, plantas, flores
Tem mudado o perfume, a cor, e o gosto,
Tudo por arte! O pecegueiro a estas
Metamorphoses sua gloria deve.
Assim com triple c'roa a rosa brilha,
De seu pennacho assim blasona o cravo.
Ousa! Deus fez o mundo, o homem o adorna.
Se a tão bellas conquistas não te afoutas,
Cubertas de outro céo tens mil riquezas.
Usurpa esses thesouros. Tal, mais brando
Vencedor, e mais justo nos seus roubos,
O romano suberbo á Ausonia trouxe
Syrias ameixas, o damasco Armenio,
Da Gallia a pera, e fructos mil diversos:
Assim devêra subjugar-se o mundo.
Lá quando d'Asia triumphou Lucullo
O bronze, o ouro, o marmore assombravam
De Roma os olhos, e entretanto o sabio
Prezou ver-lhe nas mãos a cereijeira
Conduzida em triumpho ao Capitolio.
E esses mesmos romanos já não viram
Nossos avós, em batalhões armados,
Debaixo de outros ceos mais bemfazejos
As vinhas ir buscar, votando a Bromio
Tintos pendões em nectar dos vencidos?
C'o fructo das belligeras emprezas

Escandecida a turba, os preciosos
Trophéos, cantando, aos lares seus trazia.
As cabeças o pâmpano c'roava,
O pâmpano em festões cingia as lanças.
D'esta arte o numen, vencedor do Ganges,
Tornou triumphante: serrantas, valles
Da vindima o fervor solemnisavam,
E por onde corria o mago nectar
Folgavam brincos, e o prazer, e a audacia.
Netos dos Gallos, os avós se imitem;
Roubemos, disputemos taes despojos.
N'esses jardins, altivos de regel-os
A mão, que a Themis empunhara o sceptro,
Malesherbe, o facundo, o digno ramo
Dos Lamoignons, com troncos orgulhosos
Honra, abastece o chão: trazidas plantas
Dos fins da terra, das equoreas margens,
De alcantilados cumes de agras serras,
Das portas do nascente, e das do occaso;
Plantas, que açouta o sul, que açouta o norte,
Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,
Me fazem, n'um logar, correr mil climas.
Vágo, entre aquella multidão florente,
Asia, America, Europa, Africa, o mundo.
Regosijadas de se ver no meio
Das velhas plantas nossas, amam todas
Nosso amoravel céo, e extranhas gentes
Reconhecendo as arvores da patria,
Duvidam já da sua ausencia, ao vel-as,
Ou de terna saudade os golpes sentem.

Moço Potaveri, tu d'isto és prova.
Dos campos d'O-taiti, d'aquelles campos,
Tão charos n'outro tempo á sua infancia,
Onde é sem pejo amor, amor sem crime,
Este ingenuo, selvatico mancebo,
Trazido a nossos muros, pranteava
Sua antiga, innocente liberdade,
Ilha risonha, e jubilos tão faceis.
Do esplendor das cidades sim pasmado,
Mas farto d'ellas, vezes mil clamava:
« Dai-me as florestas minhas! » — Eis que um dia
N'esses jardins, onde Luis congrega,
Dispõem n'um sitio só, e a custo immenso,
Os povos vegetaes de tantos climas,
Como espantados de crescerem juntos,
De logar, e estação mudando a um tempo,
E cultos a Jussieu rendendo todos;
N'esses jardins o indiano vagueava,
Olhando as varias, ordenadas tribus,
Quando entre estas colonias vicejantes
Lhe fere os olhos arvore, que o triste
Desde os primeiros annos seus conhece.
Subito, desatando agudos gritos,
A ella corre, abraça-se com ella,
Beijos a cobrem, lagrimas a innundam.
Objectos mil de inexplicavel gosto,
Os céos, os campos, que ditoso o viram,
(Céos tão formosos, tão formosos campos!)
Os rios, que fendeu co'as mãos nervosas,
Mattas por onde os brutos habitantes

Tão destro asseteava, as bananeiras
De sombras, e de fructos abastadas,
O patrio asylo, os bosques circumstantes,
Que aos canticos de amor lhe respondiam,
Julgou ver, e a sua alma enternecida
Um momento sequer gosou da patria.

CANTO TERCEIRO.

Eu cantava os jardins, vergeis, e bosques;
Eis sólta vezes tres Bellona o grito,
Eis dos paternos lares arrancado
Vôa o francez guerreiro a extranhos mares,
E de Venus Mavorte as selvas deixa.
Vós, á paz innocente affeiçoados,
Deuses dos campos, não temeis a guerra;
Quer o grande Luis não destruir-vos,
Mas ao longe estender o imperio vosso;
Quer que logre tranquillo o que semêa
Um povo amigo longamente oppresso.
E vós, mancebos, que outro mundo admira,
Se por cima de tumidas voragens
A York o vosso ardor seguir não posso,
Para quando volteis aperfeiçoa
Jardins a Musa minha. Ordeno as flores
Que para as frontes vossas vão crescendo.
Aprompto para vós de myrto as c'roas,
O murmurio das agoas vos preparo,
E gramineo tapiz, e asylo umbroso.
Sentados mollemente, ao Lethes dando
Fadigas marciaes, direis a gloria
Das nossas forças bellicas, e emtanto
Entre esperanças, e temor suspensos,
Confundirão, tremendo, os filhos vossos
Co'a presença do p'rigo a imagem d'elle.

Amador dos jardins, eia, acabemos
De pulir estes placidos abrigos.
Infecundo areal, e secco, e triste,
N'elles o dia reflectindo outr'hora
Importunava os pés, cansava os olhos.
Tudo era ardente, e nu; mas Inglaterra
Nos ensinou com que arte o chão se veste:
Na relva cuida, pois, que os campos brotam.
O regador na dextra, ou n'ella a fouce,
Lhes mate as sedes, lhes tosquie as tranças.
As leivas o cylindro pize, aplane;
Sempre, escolhidas bem, bem apertadas,
Bem libertas da herva usurpadora,
Qual macia lanugem finas sejam;
Repare-se-lhe ás vezes a velhice;
Mas, comtudo, aos logares não remotos
Se reserve este luxo de verdura:
Do resto se componham ricos pastos,
E sómente os cultivem teus rebanhos.
Terás d'est'arte numerosas crias,
Os campos adubîo, os olhos quadros.
Não te envergonhe pois (e grite embhora
O orgulho) não defendas que em teus parques
Entre a vacca fecunda, o boi tardîo:
Nem deshonram teus parques, nem meus versos,
Muito pouco é, porém, crear sómente
Esses tapizes vastos, e viçosos:
Cumpre que saibas escolher-lhe as formas.
Longe a monotonia, ah! longe d'elles:
Em quadrada feição, feição redonda

Tristemente opprimidos os não quero.
Um ar de liberdade é seu primeiro,
Gracioso attractivo: ora nos bosques,
Cuja sombra os abraça, elles se escondam
Com visos de mysterio, ora esses mesmos
Bosques venham buscal-os. Esta a fórma
Da campestre alcatifa, pura, e simples.
Amas o bello? A Natureza imita,
Que esmalta os prados de opulentas cores:
Da-te pressa; os jardins te pedem flores;
Flores mimosas, candidas boninas,
Por vós é mais gentil a Natureza.
Nos quadros por modelo a arte vos toma;
De terno coração sois dons singelos,
Que arrisca amor, e que a amizade offrece.
Em dourada madeixa, em niveo seio
Requinta-se comvosco a formosura;
Que a victoria adorneis permitte o louro,
Do virgineo pudor tambem sois premio.
O mesmo, o mesmo altar, onde repousa
A grandeza de um Deus, na primavera
Com vossas oblações se aromatiza,
E a religião, sorrindo-se, as acolhe;
Mas tendes nos jardins o domicilio.
Do sol, da aurora vinde, pois, oh filhas,
Decorar o theatro a nossos campos.
Comtudo, não cuideis que, insano amante,
Em vez de vos travar, em vez de unir-vos
Em brandos, amorosos ramilhetes,
De canteiro em canteiro, attento espere

De cada nova flor o nascimento,
E lhe espie o matiz, lhe observe as côres.
Sei que em Harlem ha curiosos tristes,
Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se;
Que, por ver um rainunculo, despertam
Antes d'alva, e que adoram, qual prodigio,
Anêmona exquisita, ou que, invejando
De um rival o segredo, a pezo de ouro
Compram de um cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maniaco amor: possuam, gosem
Embhora quaes ciosos, quaes avaros.
Sem de arte caprichosa as leis seguirdes,
Vós, dos olhos prazer, do campo adorno,
Flores, pintai a superficie á terra;
Mas a vossa belleza, o mimo vosso
Entre curtos limites não se estreitem.
Em toda a parte esses thesouros brilhem:
Ora aos tapizes a verdura esmaltem,
Ora de um lado, e d'outro enfeitem ruas;
Em mesclados festões cercai ramadas,
Agoas orlai em lucidos meandros;
Ou comvosco estes muros se alcatifem,
Ou, querendo escolher vossos perfumes,
Gire, indecisa, no açafate a abelha.
Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,
Nenhum matiz, ou nome vosso esqueça;
A tão frias, cansadas miudezas
Oppõem-se o deus do gosto. Mas quem póde
Negar o obsequio, a preferencia á rosa,
Á rosa de que Venus bosques tece,

C'roas a primavera, amor seus mimos?
Á flor de Anacreonte, á flor, que Horacio
Nos dias festivaes engrinaldava?
Mas tão risonho objecto em demasia
Ápraz aos meus pinceis, cujo destino
É quadros desenhar mais vigorosos.
Oh vós, de que eu trilhava o chão florido,
Bosquesinhos, adeus, adeus, oh prados!
Attráe minha attenção o informe aspecto
Dos rochedos sem regra desparzidos.
Foi sua alta rudeza em outros tempos
Banida dos jardins, onde reinava
A inerte, semsabor monotonia.
Mas depois que o pintor, leis dando n'elles,
Contra acanhado artifice restaura
Totalmente o seu jus, emfim se atrevem
A apossar-se os jardins d'estes effeitos.
Por mais graças, porém, que venha d'ellas,
Se estas rigidas massas majestosas
Não off'rece o terreno, então debalde,
Presumpçosa rival da Natureza,
A arte em falsas imagens se apurara.
Do cume dos rochedos verdadeiros,
Da mãe universal morada inculta,
Ella escarnece de affectadas penhas,
Misero aborto de fadiga inutil.
Aos campos de Midléton, ás montanhas
De Dovedale, te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, comtigo subo.
Que aprazivel terror me assenhorêa!

Todos esses rochedos, variando
Os cimos colossaes, arremessados
Aqui aos ceos, ali para os abysmos,
Um por outro amparados, um sobre outro,
E no ar ousadamente alguns suspensos;
Este em arcada, em torre afeiçoado,
Aquelle pelo pórtico sombrio
Deixando perceber ao longe o polo;
Além mananciaes, aqui regatos
De limpida corrente, alegre, e mansa,
Tudo, ah! tudo no espirito revolve
Os mágicos retiros, que os poetas
Cantáram, fabulando. Oh quam ditoso
Serás se teus jardins affórmosêas
Com estas grandes, alterosas vistas!
Mas para que a teu quadro bem se ajustem,
Contra a tôsca energia dos rochedos
Cumpre de encantador ter a efficacia.
O encantador é a arte, o encanto os bosques;
Ella fala, os rochedos eis se assombram,
E como que os enfuna a pompa extranha.
Porém, sua aridez austera ornando,
Sagaz diversifica os teus plantios.
Ao cubiçoso espectador off'rece
Das fórmas, e das côres os contrastes;
Sáiam por entre as arvores a espaços
Os mais bellos rochedos: interrompe
Summa egualdade, esconde, ou patentêa!
Variem-se co'as arvores as rochas,
As arvores co'as rochas se varíem.

Não tens tambem, para formar-lhe a gula
Não tens do baixo arbusto a folha errante?
Gósto de ver os dóceis novedios
Pelos áridos flancos dos penedos
Em tenrinhos festões ir serpeando;
Gósto de ver-lhes a escalvada fronte
Toucar-se de verdura, e ganhar sombras.
Isto inda é pouco. Um valle entre estas penhas,
Um valle precioso, um chão mais grato
Ri-se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,
Expõe esta riqueza inesperada.
É feliz, singular este contraste,
É a esterilidade, ella, que um breve
Espaço appetecivel de terreno
Cede á fertilidade: assim subjugas
O aspérrimo character dos rochedos.
Para agradar-te é força ornal-os sempre?
Não; se a arte deve o horror sempre adoçar-lhes,
Consente ás vezes que o pavor inspirem,
Favorece-os até. Na extremidade
De um precipicio uma cabana eleva,
E com ella augmentado elle parece:
Ponte audaz de um rochedo a outro lança;
Eu tremo ao vêl-os, e a medonho abysmo
Imminente me põe a phantasia;
Lembram-me esses boatos populares,
Os casos de perdidos passageiros,
D'amantes despenhados: contos velhos
Que, prendendo attenção maravilhada,
Á credula aldean serões encurtam;

E o terror do logar ajuda a crença.
  Porém com sobriedade usar se deve
D'estes grandes effeitos. A tão duras,
Tão agras commoções, abalos doces,
Molle socego o coração prefere:
Eu exp'rimento em mim que das montanhas
Me é preciso baixar aos ledos valles.
Tenho-os de flores, de arvores cuberto:
Tempo é que á sombra d'ellas manem aguas.
Bem: já que os cimos vossos, nus outr'hora,
Pelas minhas lições estão vestidos
Tão ricamente, oh rochas, franqueai-me
As subterraneas, intimas origens:
Rios, arroios, vós — vós, lagos, fontes,
Vinde, espraiai frescura, e vida em tudo.
Ah! Que prazer substituir-vos póde?
Vosso contente, luzidio aspecto
Se de perto entretem, convida ao longe.
Sois o primeiro objecto que se busca,
O ultimo que se deixa. As aguas vossas
Fertilizando a terra, o ceo duplicam.
Os ouvidos encanta, encanta os olhos
Vosso cristal, vosso murmurio. Ah! vinde,
Dado seja a meus versos, que vos seguem,
Correr do coração mais tentadores,
Mais abundantes que o principio vosso;
Mais leves do que os Zephyros, que dobram
Vossos canaviaes; e brandos, puros
Como esse rumorsinho, essa corrente.
  Tu, senhor d'estas aguas bemfeitoras,

Venera-lhe o pendor, té o capricho;
Nos livres giros seus vê como abraçam
Facilmente das margens os contornos.
E ousas, encarcerando-lhe a brandura,
Os tortuosos passos constranger-lhe!
De que lhe serve o marmore em que é presa?
Não vês co'a longa trança entregue aos ventos,
Sem arte alguma, sem postiço adorno,
Campestre, prazenteira, ingenua moça
Andar, correr, saltar? A graça d'ella
Está no solto, natural meneio.
Contempla n'um serralho a formosura:
Ella deslumbra em vão, debalde ostenta
A pompa oriental, brilho estudado:
Um triste não sei que, na face impresso,
Lhe argüe a subjeição, desbota as graças.
A agua mantenha a liberdade que ama,
Ou muda-lhe em belleza o captiveiro.
Assim, contra Morel, cuja eloquente,
E ponderosa voz pleitear soube
Os direitos da simples Natureza,
Gósto das aguas, que em canaes oppressas,
Com rapida violencia partem, saltam.
Ao ver esses cristaes, que arte atrevida
Da terra faz brotar, e aos ares lança,
O homem diz: « Eu criei estes portentos! »
E em taes prestigios a arte sua admira.
Nos custosos jardins dos reis, dos grandes
Reluzam, pois; mas, outra vez o digo,
Longe os luxos plebêos, o vergonhoso,

Mesquinho jacto de agua, que da terra
Mal ousando arredar-se, apenas sóbe,
E em minima distancia morre logo.
Tudo a tanta riqueza corresponda;
Tudo grangêe á roda um ar de encanto.
Os olhos persuade, e o pensamento
De que vara efficaz em mão de Fada
Formára para a dona este retiro.
Tal eu vi de Saint-Cloud o amavel bosque.
Póde a vista medir do jacto a altura?
Como que aplaudem tanques, grutas, plantas
As aguas, que sobre aguas cáem, fervem;
O ar é mais fresco ali, mais verde a relva,
Das aves o gorgeio ali se aviva
Ao som das vitreas ondas, que baquêam;
E, as rociadas testas inclinando,
Como que ao doce orvalho os bosques se abrem.
Não menos bella, mais campestre, e simples
A cascata ornará logar mais tosco.
De longe se ouve, admira-se de perto
Lympha sempre a caîr, sempre suspensa;
E vária, e majestosa, anima a um tempo
Os rochedos, a terra, aguas, e bosques.
Emprega, pois, esta arte; porém longe
Esses tristes degráus, onde, caîndo
Com movimento egual, medida certa,
As ondas, bem que vão precipitadas,
Até no seu furor seus passos contam.
Só tem jus de aprazer a variedade.
Gosa mais de um character a cascata.

Ora em tumulto as aguas despenhadas
No tortuoso leito, correm, cáem,
Saltam, recáem, e escumam, e esbraveam,
Ora de espaço desdobrando as ondas,
Puro, calado, remansinho ameno
Em azul véo se esparge. Os olhos folgam
De ver estes gentis amphitheatros,
De ver sobre as ceruleas espadanas
Reflectir, scintilar o ouro diurno;
Tambem lhe apraz a escuridão das penhas,
E a verdura das canas, e a espumosa
Argentea côr das aguas fugidias.
Consulta, pois, artifice, os effeitos
Que intentas produzir. As lymphas, promptas
Sempre a deixar guiar-se, hão de off'recer-te,
Quer mais impetuosas, quer mais lentas,
Quadros benignos, ou suberbos quadros,
Graves, ou deleitosos: quadros, n'alma
Sempre efficazes. Que mortal não próva
A profunda impressão, que vem das ondas?
Sempre, ou viva corrente arrebatada
Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,
Ou ribeira indolente sobre o lodo
Em paz alargue as aguas preguiçosas,
Ou torrente feroz entre penedos
Quebre com rijo estrondo, alegre, triste,
A sua correnteza excita, applaca,
Ameaça, ou amima. Escuto á fama
Que de Venus o cinto milagroso
Amores, e desejos incluia,

E o prazer, e a esperança, percursôra
De inefaveis delicias. O teu cinto
É, divina Cybele, é agua: n'ella,
Não menos poderosa, estão complexos
Terror, perturbação, tristeza, e riso.
Quem melhor o sentiu do que a minha alma?
Quem o soube melhor? Mil, e mil vezes
Quando azedos, escuros pezadumes,
Inda mais pela noute enegrecidos,
Vinham martyrisar-me o pensamento,
Se ouvia os passos de visinho arroio,
Demandava estes sons consoladores.
Das aguas a frescura, a voz das aguas
Cuidados, afflicções me adormeciam,
E a paz do coração resuscitava:
Tanto d'agua o murmurio n'alma influe!
Em paga de tão gratos beneficios,
Soffre, oh ribeiro, que a arte, sem comtudo
Muito se assuberbar, te aformosêe,
Se é que aformosear-te acaso póde.
Não quadra a vasto plano um rio escasso:
Seu leito incerta linha ali traçára.
A timida corrente á luz se furta,
E quer banhar um bosquesinho escuro.
Sua doce carreira adorna as selvas,
Só ellas o namoram. Seus caprichos
Lá com todo o vagar seguir-se pódem,
Seus giros, seu pendor, seu lindo estorvo,
A cholera, o fervor das bellas ondas,
Tornadas pelo obstaculo mais bellas.

Ora n'um álveo concavo, e sombrio
Co'a ramada que o cobre, elle recata
O cabedal agreste, ora presenta
Em patente canal o espelho á vista:
Sem vel-o o escuto, ou sem ouvil-o o vejo.
Ali meigos cristaes abraçam ilhas,
Além se torna em dous o leve arroio,
Em dous, que nas carreiras competindo,
Apóstam rapidez, e claridade;
E ambos depois no leito, que os ajunta
De andarem par a par murmuram ledos.
Errando sempre assim, de volta em volta,
Mudo, loquaz, pacifico, agitado,
Em mil varios aspectos se renova.
Mas copiosa ribeira ás frescas margens
Me está chamando. Em campo mais aberto,
Nobre, e pomposo quadro, as ondas suas
Ondas menos modestas, vão rolando,
E c'o fulgor diurno ao longe brilham.
Deixa ao regato seu prazer lascivo,
A sua agitação, e os seus rodeios;
E segue caudalosa a curvidade,
O circuito dos valles sinuosos.
Se dos bosques o arroio adorno colhe,
Ama o rio tambem diversas plantas.
Quer que lhe ornem, lhe assombrem a corrente
Os descorados chôpos, e os salgueiros
Meios-verdes. Que origem tão fecunda
De scenas, de accidentes! Ali gósto
De olhar-lhe derrubadas sobre o rio

As ramas, e tremer ao movimento
Das aguas, e dos ares; aqui foge
Por baixo das abobadas virentes
A onda escurecida; além penetra
Por entre folha, e folha um tenue lume;
Ora as grenhas se embebem na corrente,
Ora a impede a raiz; e desmandando
De uma para outra margem a verdura,
Como que avançam, que outro sitio querem.
Assim as ondas, e arvores se ajudam,
A agua remoça a planta, a planta a enfeita;
E ambas fazem, ligando-se em mil fórmas,
Amavel cambio de frescura, e sombra.
Unil-as sabe, pois, ou se em logares
Formosos, proprios d'ella, a Natureza
Já celebrou sem ti este consorcio,
Respeita-a. Desgraçado o que presume
Excedel-a no engenho! É tal (e á mente
O coração m'o traz) tal é o asylo,
Querido Watelet, onde, amansando,
Em sombrios canaes se parte o Sena,
O Sena encantador, tão puro, e livre
Como a tua moral, como os teus dias,
E visita em segredo o lar de um sabio.
Com arte lhe acudiste, não com arte
Temeraria, falaz, profanadora
D'esses logares, que suppõe que adorna.
Viste, amaste, sentiste a Natureza,
Digno de a ver, de amal-a, e de sentil-a;
Tu a trataste como intacta virgem,

Que da nudez se corre, e teme o ornato.
Parece-me que vejo o falso gosto
Estragar esses campos feiticeiros:
«Este moinho, cujo som ruidoso
Nutre a meditação, é importuno;»
D'ali o arrancam subito. Estas margens
Torneadas assim tão brandamente,
E pelo proprio Sena afeiçoadas,
Duramente se alinham. A verdura,
Que no seu molle cinto o rio encerra,
Ali já não florece. Aguas queixosas
Seus lageados carceres accusam.
O marmore fastoso a relva ultraja,
E tosqueadas arvores captivas
Os idosos salgueiros desapossam
Da margem linda, e chara. Ah! Suspendei-vós,
Barbaros! acatai esses logares;
E vós, oh rio, oh bosques deleitosos,
Se a vossa formosura hei retratado;
Se, adolescente ainda, alegres versos
Ás aguas, prados, sombras já tecia,
Ministrai longamente, oh rio, oh bosques,
Ao vosso possessor a doce imagem
Da paz sagrada, que em sua alma reina.
Quanto na molle agilidade o rio
De margem angular teme a aspereza,
Tanto as margens agudas ornamento
São de estendidos lagos, e o mais bello.
Ora se avance a terra ao seio undoso,
Ora abra ás ondas domicilio fundo.

Com revezado amor assim se chamem,
Se busquem mutuamente aguas, e terra:
N'estes varios aspectos folga a vista.
A comprida extensão n'um lago se ama;
Dá-lhe sitios, comtudo, em que repouse.
Não se lhe interrompendo a immensidade,
Meus olhos sem prazer, sem interesse
Vão pela superficie escorregando.
Para lhe abbreviar o espaço insulso,
Edificio, das calmas venerado,
Nas ondas repetido, assome ao longe,
Ou ilha, que verdeje, entre ellas surja:
As ilhas são das aguas summo adorno.
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas
Arvores, em festões dispersos, ganhem
Tua contemplação, teus olhos prendam.
Se queres produzir opposto effeito,
Se o lago estender queres, manda ás margens
Mui subidas, que desçam, e ou distancia
Mais arredada os arvoredos tenham,
Ou faze com que as aguas vão sumir-se
N'um denso bosquesinho, e que tornêem
Ao pé de uma colina. O pensamento
Por entre estas cortinas de verdura,
Onde desapparecem, vai seguindo
As aguas, e as prolonga. Assim teus olhos
Gosam do que não vêm: d'est'arte o gosto
Lindezas, perfeições confere a tudo;
E de objectos, que inventa, e dos que imita
Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.

Agora que a arte o meu trabalho insulta
Em suberbos jardins, nos meus, ditosos,
Liberdade, e prazer tudo respira:
Rindo-se a relva, a seu sabor viceja,
Independente o bosque, altêa a rama;
Não temem a tisoura as arvores,
Nem flores a esquadria; amam as ondas
As margens suas, seu adorno a terra;
Tudo é formoso ali, simples, e grande,
Tudo: esta arte é a tua, oh Natureza.
Porém o lago, o rio estão desertos,
De cidadãos se lhe povôe o seio.
Dêm-se-lhe as aves, que com agil remo
Alados navegantes, a agua fendem.
N'ella se pavonêa, e náda o cysne,
De vanglorioso collo, argentea pluma,
O cysne, a que a ficção deu voz tão doce,
E que escusa das fabulas o auxilio.
Tambem não tens para animar as aguas,
Oh arte, esse apparato vacillante
Dos mastros, e das velas? Impellida
De remo compassado, a leve barca
Deixa apenas, fugindo, um tenue rasto,
Que logo se esvaece. Entumecido
Dos Favonios azues, sussurra o panno,
E em cada bandeirinha os ares brincam.
Pois se a novella, a fabula, ou a historia
Uma fonte, um ribeiro consagraram,
Da sua gloria antiga elles ufanos,
Assás se aformoseam, se ataviam

Com suaves memorias. Ah! Quem póde,
Descubrir, encontrar, sem commover-se,
Arethusa, o Lignon, Alphêo? Quem póde
Sem cordeal saudade olhar Vauclusa?
Vauclusa, encantamento irresistivel
Dos vates, e inda mais dos amadores,
No circulo de montes, que, encurvando
Sua cadeia, com liquor sadio
Te alenta a subterranea, doce origem,
Lá debaixo da abobada nativa,
Do antro mysterioso, onde, esquivada
A nympha tua aos olhos cubiçosos,
Some em fundo insondavel teu principio;
Oh quanto me foi grato o ver-te as aguas,
Que, sempre cristalinas, sempre bellas,
Ora n'um lago seus thesouros fecham,
Ora sobem, fervendo, e lançam fôra
Ondas, a branquejar por entre as penhas;
De cascata em cascata ao longe pulam,
Cáem, e rolam com impeto estrondoso;
A cholera depois amaciando,
Por leito mais egual vão docemente;
E debaixo de céos sempre azulados
Por cem canaes fecundam valle ameno,
Ameno qual nenhum que os sóes aclaram!
Mas estes puros céos, estas correntes,
Este delicioso, e pingue valle,
Menos o coração me penhoravam
Do que Petrarca, e Laura. Eis (eu dizia,
Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens,

Que a lyra de Petrarca suspirosa
Outr'hora enfeitiçou! Aqui o amante
Via, exprimindo a Laura os seus amores,
Vir devagar o dia, ír-se depressa.
Inda sobre estas rochas solitarias,
Inda, acaso, acharei das cifras de ambos
Unidos, maviosos caracteres?
Tocam meus olhos desviada gruta:
Ah! dize-me se os vistes venturosos,
Guarida opaca? (eu pronuncio) Um tronco
Toldava encanecido á fonte a margem?
Laura dormido havia á sombra d'elle.
Ali por Laura perguntava aos eccos,
E os eccos o seu nome inda sabiam.
Buscaveis, olhos meus, Petrarca, e Laura
Em toda a parte, e em toda a parte os vieis.
Eram já morte, e cinza os dous amantes,
Mas inda com seus manes amorosos
Mais bello se tornava o sitio bello.

CANTO QUARTO.

Dos campos o espectaculo não posso,
Não posso abandonar; e quem se affouta
A ter em pouco o objecto de meus cantos?
Elle inspirava de Virgilio a Musa,
Seduzia a de Homero. Homero, aquelle
Que de Achilles cantou a horrivel sanha,
Que nos pinta o terror jungindo os brutos,
No dardo voador silvando a morte,
O embate dos escudos, o tridente
Do equoreo numen abalando as torres;
Esse vate immortal, de Smyrna o cysne
Se apraz de matizar o horror da guerra
Com bosques, prados, montes: na frescura,
No riso d'estes quadros tão suaves
Desafoga os pinceis; e quando apresta
De Thetis para o filho arnez terrivel,
Se os combates, e os sitios n'elle grava,
Se mostra o vencedor de pó cuberto,
Se apresenta o vencido envolto em sangue,
Buril afagador depois movendo,
Traça a vinha, os rebanhos, selvas, pastos.
Vestido o heróe d'estas imagens doces,
Parte, e leva por entre horrendas turmas
A innocente vindima, e ricas messes.
A teu estro sempar, cantor divino,
Cabe reger as marciaes phalanges:

É reger os jardins meu brando emprego.
Já minhas leis conhece a docil terra:
Eil-a relvosa; no tapete alegre
A mãe das flores lhe entornou seus mimos,
E arvoredos c'roaram rochas, aguas.
Para gosar d'estes brilhantes quadros,
Agora em campos, que discorre a vista,
E por baixo de abobadas escuras,
Gratos caminhos abrirei. Mil scenas
Creará minha voz por toda a parte;
As artes guiarei para adornal-as:
E o divino cinzel, e a architectura
Nobre, insigne, hão de em fim d'estes logares
Encantadores completar o ornato.
De nossos passos engenhosas guias,
Aos olhos os jardins patenteando,
As ruas devem, pois, agracial-os.
Nos recentes, porém, não se abram ruas;
Nas findas plantações melhor se escolhem.
Aos mais lindos aspectos as dirige.
Repara como, se aos extranhos móstras
Do teu trabalho os fructos, como destro
Buscas o bello, o que não presta evitas;
Sitios formosos, ao passar, lhe apontas,
Lhe guardas para a volta outras bellezas,
O prendes, o entretens de pasmo em pasmo,
Em scena, que nascer faz outra scena;
E assim satisfazendo, ou provocando
Sempre os desejos seus, não poucas vezes
Retardas seu prazer para espertal-o.

Os teus passeios a ti proprio imitem.
Foge, foge, tambem, nas fórmas d'elles
Os filhos do mau gosto, os vãos systemas,
Pela moda abraçados. Lá no campo,
Como cá na cidade, a moda reina.
Quando a ordem symetrica, e pomposa
De italicos jardins luziu na França,
Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo
Com esta arte fulgente. Uma só planta
Não negou ao cordel obediencia:
Em toda a parte se alinharam todas;
De um lado, e de outro lado enfileiradas,
Alamedas eternas se estenderam:
Veiu outro tempo em fim, veiu outro gosto.
De bellezas mais livres avisaram
Aos francezes jardins jardins britannos.
Só linhas ondeantes, e passeios
Só tortuosos desde então se viram.
Farto de vaguear, debalde o termo
Está fronteiro a mim: cumpre que ainda,
Cumpre que, a meu despeito, erre, serpêe;
Que, importuno artificio praguejando
Mil, e mil vezes, sem cessar procure
Um fim, que sem cessar de mim se aparta.
Isto evita: os excessos duram pouco.
D'estes varios caminhos cada especie
Tem seu logar. Um me conduz a vistas
Pasmosas, que de longe os olhos fixam,
Nutrem a expectação; outro me sóme
N'essas mudas estancias, que parece

A algum fim, de proposito, velára
Arte mysteriosa; mas tornemos
Natural o facticio labyrintho,
E não capricho, precisão se ant'olhe.
Diversos accidentes, encontrados
Pelo caminho seu; aguas, e bosques,
Como egualmente o chão, devem regel-o.
Se quero uma feliz docilidade
Na fórma sua, se a tristeza odeio,
E insipidez de alinhamentos longos,
Mais detesto um passeio embaraçado,
Que, de ferida serpe á similhança,
Em convulsivas roscas se entrelaça,
Com giros duplicados cansa, enjoa,
E ríspido, uniforme, caprichoso,
O terreno atormenta, e passos, e olhos.
Ha curvas naturaes, ha torcicólos,
De que ás vezes os campos dão modelo.
Do carro a roda, a pista dos rebanhos,
Que em passo negligente a aldêa buscam;
A pastorinha, que, no prado abstracta,
Vai talvez entretendo a phantasia
Em visões amorosas: isto ensina
Rodeios mollemente volteados.
Longe, pois, os contornos angulares,
Longe de teus passeios, mais ainda
Quando ao fim te encaminha um longo giro,
C'o prazer galardôe-se a fadiga.
A arte se imite dos poetas grandes;
Releva, que ouses tanto, Se alta Musa,

Andando, algum desvio a si permitte,
Mais que o caminho a digressão me agrada.
Niso o seu doce Eurialo defende,
No sepulchro de Heitor a esposa geme.
Assim teu artificio me extravie
Por gratas illusões, assim me alegre
Com risonhos objectos a passagem:
Tocando o termo, indemnisado eu fique
Da extensão que soffri, meus olhos gosem
Aspectos singulares, episodios
De vivente poema. Além me chamam
Verdes, propicias grutas, onde sempre
A frescura, o silencio, as sombras moram.
O pensamento ali precede aos olhos.
Mais longe vitreo lago o céo reflecte,
E confusa acolá, como fugindo,
Assoma perspectiva immensa, e nobre.
Ás vezes bosquesinho alegre, ameno,
Mas em si recolhido, e ricamente
Por ti, e a Natureza adereçado,
De flores, e de sombras abundante,
Parece que te diz: — « detem-te: ah! onde
Podes estar melhor? » Subito a scena
Se altera: eis em logar de gosto, e riso
Paz, e melancholia, eis o repouso,
Eis a grave mudez, onde se embebe,
Onde a meditação se alonga, e pasce.
Lá com seu coração conversa o homem,
Attenta no presente, entra o futuro,
Da carreira vital nos males pensa,

Pensa nos bens, e recuando a vista
Ao tempo que voôu, se apraz ás vezes
De perceber no circulo dos dias
Esses poucos instantes (ai!) tão charos,
Tão curtos! Essas flores n'um deserto,
Essas quadras da vida, a que lhe apontam
Saudades do prazer, e até da magoa.
Teme, pois, imitar os que ataviam
Friamente os jardins, os que só querem
Objectos festivaes, e lisonjeiros.
Nada em suas paizagens é sublime,
Nada atrevido: tudo são latadas,
Tudo elegantes bosques: sempre flores,
Sempre o templo de Flora, ou dos Amores:
A alegria monótona abhorrece.
Sáe tu d'esta commum, cansada trilha;
Contrastes imagina interessantes,
E affouto os aventura. Entre si podem
Encontrados effeitos soccorrer-se.
Eia, segue o Poussin. Elle apresenta
Em campestre festejo alvas serranas,
Robustos aldeãos, bailando á sombra
Dos olmeiros frondosos, e ali perto
Impressas vozes taes sobre um sepulchro:
«Já fui, já fui tambem pastor da Arcadia,
Este painel dos gostos voadores,
Do nada da existencia, está dizendo,
Ou parece que diz: «Mortaes, cuidemos
Em lograr, tudo vai desvanecer-se;
Jogos, danças, pastores.» Dentro n'alma

Ao jubilo vivaz, alvoroçado
Mansa tristeza por degráus succede.
  Imita estes effeitos. Não receies
Em quadros ledos pôr sepulchros, e urnas,
Monumento fiel das magoas tuas.
Ah! Quem não tem chorado alguma perda
Rigorosa, cruel! Eia, associa,
Longe do mundo leviano, e cego,
Os bosques, aguas, flores com teu pranto.
Vêm um amigo em tudo almas sensiveis;
Já co'as sombras pacificas se curvam
Para abraçar a campa, onde suspiras,
O teixo, o agudo pinho, e tu, cypreste,
Das cinzas protector, leal aos mortos.
Teus ramos, que affeiçoam genios tristes,
Deixam a gloria, o gosto ao louro, ao myrto;
Do guerreiro, do amante a venturosa
Arvore tu não és, porém teu luto
Compadece-se, e diz co'as nossas penas.
  Em todos estes monumentos nada,
Nada de apuros vãos. Aliar pódes
Acaso, ante estes lugubres objectos
A arte co'a dor, e co'a riqueza os campos?
Longe principalmente o fingimento,
Longe tumulo falso, urnas sem magoa,
Que o capricho formou; longe as estatuas
De animal ladrador, de ave nocturna:
Isso profana o luto, insulta as cinzas.
  Ah! Se as de algum amigo ali não honras,
De envelhecidos teixos lá debaixo

Não vês a sepultura onde esconder-se
Hão de ir aquelles, que, por ti curvados,
Por ti suando sobre ingratos sulcos,
No seio da indigencia a morte esperam?
Pejo de ornar-lhes o sepulchro humilde
Terás acaso? É certo, que não pódes
Gravar illustres aventuras n'elle:
Desde o incerto crepusculo, em que os chama
Ave madrugadora a seus trabalhos,
Té ao serão em que a familia tenra
Com elles vai sentar-se ao lar, que estala,
Em paz, e em lida egual seus dias correm.
Nem guerras, nem tractados os distinguem:
Nascer, soffrer, morrer, eis sua historia.
Mas o seu coração (ah!) não é surdo
Da memoria ao rumor. E qual dos homens
No momento fatal da ausencia eterna,
Qual se não volve, e tristemente alonga
A vista pelos campos da existencia,
Não tem na idéa de deixar saudades
Algum gosto, e dos olhos de um amigo
Não espera uma lagrima? Epitaphios
Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.
Aquelle, que, maior do que a Fortuna,
Serviu seu Deus, seu rei, familia, patria,
E o pudor imprimiu no rosto á filha,
Merece que de pedra menos bruta
A campa se lhe dê: suas virtudes
Contem-se ali, e as lagrimas da aldêa;
Gravem-lhe sobre a lousa: — « Aqui descansa

O bom filho, o bom páe, e o bom consorte. »
Encanto involuntario ha de mil vezes
Teus olhos attraír ao sacro sitio.
E tu, que estás cantando, antes carpindo,
Debaixo d'estas arvores piedosas,
Tu, primeiro que as deixes, Musa minha,
Suspende em oblação tua grinalda
Na rama veneravel. Muito embhora
Outrem celébre em verso a formosura:
Nos gostos engolphada a Musa de outrem
Da cabeça jámais deponha o myrto;
Télas trajando, fulgurantes de ouro,
Só da meiga alegria entôe os hymnos:
Verso consolador tu dás ás cinzas,
E primeiro que as outras a mão tua
Algumas flores sobre as campas sólta.
Para baixo de sombras prazenteiras
Voltemos, que é já tempo. A architectura
Em selvoso logar inda me espera,
Para adornal-o de edificios bellos,
Já não do luto os monumentos tristes.
Mais eis gostosos sitios, que em mil faces
Entre a verdura seu primor offertam.
O uso, porém, lhe approvo, e tolho o abuso.
Desterra dos jardins montão sem ordem
De edificios diversos, essa pompa
De perdulária moda: os obeliscos,
Rotundas, e kioskos, e pagodes;
Esses cáhos de ingrata architectura,
Romanos, gregos, arabes, chinezes;

Esterilmente profusão fecunda,
Que o mundo inteiro n'um jardim concentra.
Não procures tambem ocioso ornato,
Antes disfarça em util o aprazivel.
De seu senhor thesouro, e seu recreio,
A herdade exige campesino adorno.
Lares, que sobre o campo ergueu o orgulho,
Magnifico solar não a desdenhe;
As riquezas lhe deve, e d'elle ao fausto
Sobresáe tanto a síngeleza d'ella,
Quanto de Armida aos artificios todos
Sorriso ingenuo de acanhada virgem.
A herdade! A este nome hortos, colheitas,
O pastoril reinado, o emprego doce,
Os innocentes bens dos aureos tempos,
Cujas meigas imagens enfeitiçam
A infancia, que é na vida a edade de ouro,
E tanto a infancia minha enfeitiçaram;
Isto, ah! Isto, que idéas, que saudades
Dentro do coração me não desperta!
Vem, já das aves tuas ouço o canto;
Já chiam carros, da abundancia ao pezo,
Que as tulhas te demandam, e a compasso
Cáe o instrumento, que debulha os milhos.
Orna, pois, o teu predio, mas comtanto
Que, pródigo, em palacio o não convertas.
Por seu character simples, e elegante
Entre os jardins, ou quintas é a herdade
O mesmo que entre os versos é o idyllio.
Pelos numes dos campos, ah! desvia

O luxo audaz deste logar modesto,
Desvia-o sempre; de occultar não tractes
Nem os lagares teus, nem teus celeiros;
Ver quero o trem das ceifas, das vindimas,
Ver o crivo, a joeira, onde co'a palha
O grão dourado salta, e recáe puro;
A grade, o trilho, tudo o mais da granja,
Sem pejo aos olhos meus se manifestem;
Mórmente de animaes o mobil quadro
Lhe dê por dentro, e fóra um ar vivente.
Não vemos do solar o adorno esteril,
A graça inanimada, a immovel pompa:
Debaixo d'estes tectos, n'estes muros
Tudo está povoado, e tudo é vivo.
Que aves, diversas pela voz, e instincto,
Que no abrigo da telha, ou colmo habitam,
Republica, nação, familia, reino,
Me entretêm com seus brincos, seus costumes!
Eis á frente de todas gira o gallo,
O gallo, feliz chefe, páe, e amante,
Que, sultão sem molleza, distribue
Pelo serralho aligero a ternura;
Une ao jus do valor o da belleza,
Impéra carinhoso, altivo afaga;
Para mandar, para gosar nascido,
Nascido para a gloria, ama, combate,
Triumpha, e logo seus triumphos canta.
Ha de aprazer-te o ver como elles brincam,
Como contendem; seu amor, seus odios,
E até sua comida. Assim que assoma

Com a teiga nas mãos a dispenseira,
De repente a nação voraz, e leve
Vôa d'aqui, d'ali, de toda a parte
Em turbilhão ruidoso, e quasi a um tempo.
O sôfrego tropel junto á que o ceva
Subito fórma um circulo apinhado;
Ha taes que, sempre expulsos, tornam sempre,
Perseguem o comer, e até na palma,
Affoutos parasitos, vêm furtal-o.
Este povo doméstico protege;
Não suberbos, mas sãos seus pousos sejam.
Decoradas estancias que lhe prestam?
Marmóreos bebedouros, e aureas grades?
Mais lhe apraz, muito mais, um grão de milho.
Já Lafontaine o disse. Oh Lafontaine!
Oh sabio verdadeiro, eras lucroso
N'este logar! Cantor feliz do instincto,
Melhor te inspiraria aqui o olhal-o!
Fofo o pavão de assoalhar seu iris,
A inchação do perú, mais louco ainda,
Teus pinceis alegrára á nossa custa.
Viras aqui dos pombos teus a imagem;
De dous gallos amantes a discordia
A dizer outra vez te obrigaria:
«Tu derrubaste, Amor, de Troia os muros!»
D'est'arte nos apraz, e attrãe a herdade.
Mas em outra prisão que vulgo fere
Por incognitos sons os meus ouvidos?
Extranhos animaes ali se guardam,
Maravilhas dos olhos, ali vivem

N'um suave desterro encarcerados
Brutos da terra, do ar, e um d'outro pasmam.
Extravagantes castas não procures,
Prefere o que é mais bello ao que é mais raro.
Mostra-nos aves n'outros céos creadas,
Que, validas do sol, seus lumes vibram;
Da indiana galinha o vivo esmalte,
E o ouro do faisão purpureado.
Aves de ostentação melhor se alojem;
Ellas mesmas são luxo, e co'a belleza
Já que a inutilidade ellas compensam,
Brilhe a prisão como os captivos brilham.
Rebeldes animaes, porém, não tenhas,
Cujo orgulho se irrita, e cansa em ferros.
Quem póde ver sem magoa o rei dos ares,
O passaro feroz, que andou folgando
Lá por entre o trovão, por entre o raio,
Quem póde vel-o na gaiola indigna
Esquecer o relampago dos olhos,
Dos vôos a altivez! Livre de novo,
Na abobada dos céos ao sol se atreva:
Nunca póde agradar ente aviltado.
Mas com seu lustre peregrino em quanto
Parece que estes hospedes diff'rentes
Á minha escolha, á preferencia aspiram,
O olfato me convída a aquelles tectos,
Onde, do patrio chão tambem roubados,
Extranhos vegetaes o vidro ampara.
Tu cérca de ar macio as debeis plantas,
Mas venera estações, vencendo climas:

Não forces a brotar na quadra feia
Bens, que a bons tempos Natureza guarda.
Deixa aos paizes de aturado hynverno,
Deixa embhora essas flores, esses fructos,
De falsa primavera, e falso estio;
Certo de que ha de o sol madurecel-os,
Sem violentar seus dons, seus dons espera.
Mas folgo em ver no transparente abrigo
Prendas diversas de diversas plagas.
Os ibéros jasmins ali se animam,
Friorenta congorça esquece a patria,
Tenro ananaz pelo calor se engana,
E usurpado thesouro em si te entrega.
Talhe a razão teus edificios varios,
De flores, e animaes formoso hospicio,
Oh quantos, quantos mais, que o sitio abrace,
Que approve o gosto, recrear-nos podem!
A sombra d'esses humidos salgueiros,
Humidos com sadia agua corrente,
Seja do banho o solitario asylo.
Além cabana, em que a frescura assiste,
Offerte ao pescador linhas, e redes.
Não vês a mansidão d'este retiro?
Doce acolheita ali consagro ás Musas.
No seio florecido, e majestoso
Ali sómente um obelisco ordeno:
Aos ares sóbe o monumento augusto,
E lavro sobre a pedra enternecida:
«A nossos destemidos mareantes,
Que pela patria voluntarios morrem.»

Assim teus variados edificios
Nem desertos serão, nem ociosos.
Com seu logar se ageitem massa, e forma,
Cada qual se colloque onde releva.
E não se perca, não destrua a scena
Por sobeja extensão, por muito aperto.
O que empece ao character, e utilisa
Sabe, pois: um recanto quasi occulto
Lá bem n'um descampado, é que nos pinta
Melhor o desamparo, a soledade.
Sempre a cada expressão fiel te mostra;
Um ermo a grande luz não patentêes,
Nem selva carrancuda esconda um templo;
Do monte sobre a espádoa quer ser visto.
Movimento, esplendor, grandeza, e vida
O aereo sitio pelo quadro espalha.
Julgo um aspecto olhar da bella Ausonia,
Esta dos edificios, esta a graça.
Mas de taes monumentos a alegria,
Luxo moderno, e fresca mocidade
Valem de antigos restos a velhice?
D'esses aqui, e ali dispersos corpos
O já desordenado, e gran volume,
A fórma pictoresca enlaça a vista.
Por elles sobre a terra está marcada
Dos evos a carreira, e, destruidos
Pelos vulcões, ou tempestade, ou guerra,
Instruem sempre, alguma vez consolam.
Sim, estas massas, que tambem da edade
Cedem ao pezo, como nós cedêmos,

Á derrota geral nos habituam,
E a perdoar á Sorte. Assim Carthago
Sobre os desfeitos muros n'outros tempos
Mário viu infeliz, e estes dous restos
Tão grandes entre si se consolavam.
Aproveita ruinas venerandas.
E tu, que os passos meus tens variado
Pelos selvosos campos, tu, que, longe
Das vulgares estradas, vás dictando
Leis aos jardins, oh Poesia amavel!
Oh irman da Pintura! A monumentos
De longa edade restitue a vida;
Presenta ao gosto os ricos accidentes,
Que o tempo desenhou co'a mão remissa.
Uma antiga capella ora apparece,
Modesto, e sancto asylo, onde algum dia
Iam em tosco altar, na quadra nova,
As donzellas, e as mães, e os seus filhinhos
A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra inda o respeito estas ruinas.
Ora avulta acolá castello annoso,
Em fragosos cabeços, que tyranno
Do territorio, e dos vassallos medo,
Co'as ameias aos céos arremettia;
Que em tempos de terror, discordias, sangue,
Viu lançadas mortaes, viu gentilezas
De nossos invenciveis cavalleiros,
Os Bayards, os Henriques: hoje o trigo
Sobre os fragmentos seus lourêa, e treme,
Esta triste, forçosa architectura,

Cingida de verdor fresco, e risonho,
As esplanadas, e angulos, e torres
Rotas, quasi abatidas, onde as aves
Dos amores em paz o fructo aquecem;
Os gados povoando estes guerreiros
Recintos façanhosos, e o menino,
Q'onde os avós já guerreáram, brinca,
Fórma tudo isto singular contraste.
D'elle te apóssa, dando aos olhos quadro
Duro, e brando, campestre, e bellicoso.
Mais ao longe um mosteiro abandonado
Entre arvoredos subito se encontra.
Que silencio! Amadora dos desertos,
Com gosto ali, meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras virgens, algum dia
Como as turvas alampadas, que velam
Ante a religião, tambem velavam,
E descarnadas, pallidas, ardiam
Por Deus, e emfim, por Deus se consumiam.
Sancta contemplação, paz, innocencia,
Como que ainda este silencio occupam!
Musgosos muros, o zimborio, as torres,
Os arcos d'este claustro escuro, e longo,
D'estes altares o degrau roçado
Do supplice joelho, os vidros negros.
O sombrio, e profundo sanctuário,
Onde, escondidamente desgraçadas,
Almas houve, talvez, que de seus laços
Ás inflexiveis aras se carpissem,

E por doces memorias inda frescas
Algum medroso pranto ao céo furtassem:
Tudo commove ali, tudo ali fala.
Ali cevando a mente em soledade,
Ás vezes cuidarás, ao pôr do dia,
Que de alguma Heloisa a sombra geme;
Que as lagrimas, que a dor, que os aís lhe sentes.
Logra, pois, estes restos de alto preço,
Ternós, augustos, pios, ou profanos.
Mas longe os monumentos, cujo estrago
Do fingimento é filho, e mal imita
Do tempo as impressões inimitaveis:
Esses antigos templos, fabricados
Inda ha pouco, as reliquias de um castello
Que jámais existiu, pontes idosas,
Que hontem nascêram, torreão dos godos,
Que roto, e gasto, não parece antigo:
São artificio inutil, e grosseiro;
Fitando-lhe a attenção, se me figura
Que vejo um moço arremedando um velho,
Despindo as graças da amorosa edade,
Sem que retrate da velhice as rugas;
Mas estrago real dá pasto aos olhos.
Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons, e simplices maiores,
Gósta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a historia
Estûdo em vós dos tempos, e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,

Tanto mais n'esses restos fico absorto.
Campos de Italia! Oh campos d'alta Roma!
Onde jaz, por fatal, e horrivel quéda,
Com todo o seu orgulho o nada do homem!
Ahi é que ruinas, afamadas
Por grandes nomes, por memorias grandes,
Dão sublimes lições, aspectos graves,
Thesouros, que as paizagens enriquecem.
Vê como cá, e lá por toda a parte
A rapidez dos seculos tremendos,
Das artes os prodigios destroçando,
Sepulchros arrojou sobre sepulchros,
Um templo derribou sobre outro templo.
Olha as edades blasonando ao longe
Co'a ruina immortal da excelsa Roma.
Os pórticos, e os arcos (onde a pedra
Em caracter fiel conserva ainda
Do povo rei magnanimas proezas),
Pórticos, e arcos tem cansado os tempos.
Ondas suspensas por aqui bramiam,
Por baixo d'estas portas dilatadas
Os despojos do mundo íam passando.
Esparzidos estão, no pó confusos
Por toda a parte, os thermes, os palacios,
Os sepulchros dos Cesares, em quanto
De Virgilio, de Ovidio, Horacio, e de outros
Inda grata illusão nos finge o rasto.
Oh tres, e quatro vezes venturoso
O artista dos jardins! Feliz quem póde
D'estes restos divinos apossar-se!

Já lhe vai surdamente a mão do tempo
Ajudando as tenções; já sobre pompas
Dos senhores do mundo, a Natureza
De recobrar os seus direitos fólga;
Lá onde o domador dos reis, lá onde
Campeava Pompêo com fasto immenso,
Agora dos pastores se ouve a flauta,
Como nos dias do tranquillo Evandro,
Vê rir os campos, que ao cultor volvêram,
E relvar os cabritos sobre os tectos,
E obelisco arrogante além caído!
Olha abraçado co'a columna altiva
O humilde espinho; as arvores, as plantas,
Subir, baixar em mil festões, mil cachos;
Aquella, que Minerva aos homens trouxe,
E a figueira, pelo halito dos ventos
Por entre estes estragos semeadas,
Acabam de abalar co'a raiz branda
As veneraveis obras dos romanos;
A torta vide, a hera de cem braços,
Em torno das ruinas serpeando,
A modo que desejam, que procuram
Recatar-lhe a velhice, ou guarnecel-a.
Se não tens estes restos estupendos,
Terás, sequer, os animados bronzes,
Terás os numes das edades mortas,
Em que arte divinal forçava os cultos?
Quiz dos jardins, bem sei, gosto severo
Lançar todos os deuses dos romanos,
Dos gregos; mas porque? Nossas infancias,

Em Athenas, em Roma cultivadas,
Sua doce magia exp'rimentáram.
Estes numes agricolas não eram?
Não pastores? Porque has de, pois, tolher-lhes
Os bosques, os vergeis? Podem teus fructos
Rebentar sem auxilio de Pomona?
Ou te é dado expellir do imperio Flora?
Ah! Sempre essas deidades nos encantem:
Das artes inda é culto a idolatria;
Mas haja perfeição, primor na escolha.
Não queiras nos jardins improprios deuses,
Elles sem majestade, ellas sem graça,
Elege a cada qual assento idóneo,
Seus direitos nenhum ao outro usurpe.
Deixa nas selvas Pan. Porque motivo
Co'as Dryades estão Tritões, Nereidas?
De que serve este Nilo, em vão c'roado
De canas, e a mostrar do pó manchada
A urna, que é de passaros abrigo?
Fóra os leões, e os tigres: esses monstros
Té nas imagens suas me arripiam;
E os Cesares tambem, mais monstros que elles,
Sentinellas horriferas das portas
De bordadas florestas, que, nojosos
Da suspeita, e do crime, inda parece
Com os olhos as victimas apontam.
Ao risonho logar que jus têm elles?
Mostra-me objectos, que eu venere, eu ame;
Á sua apotheósis sagra um sitio,
Elysios cria em que seus manes folguem.

Longe de olhos profanos, sobre valles
De verdes murtas, de cheirosos louros
Honrem seus vultos marmore de Paros;
Goste um remanso de banhar taes selvas,
E, mesclando co'a sombra os dubios lumes,
Seja Diana affavel o astro d'ellas.
Dos virentes doceis a formosura
Sobre as queridas, candidas estatuas,
D'estes homens egregios o repouso,
A simples, a benigna majestade,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Que para aquellas almas tão serenas
Parece vão rolando o esquecimento
Da crua ingratidão, e de outros males;
Bosques, e o dia, entre elles expirando,
Tudo respira a paz dos manes ledos.
Tu não consagres, pois, se não tranquillas
Estremadas virtudes n'esses campos.
Longe, longe os fataes conquistadores,
Verdugos, não heróes: esses logares
Turbariam talvez, como turbaram
Este mundo infeliz: ali colloca
Os amigos dos homens, e dos deuses:
Os de que ainda beneficios vivem
Na fama, e tradição; tambem monarchas,
De que o seu povo não chorasse a gloria:
Mostra ahi Fenelon, mostra á saudade,
E com Sully se abrace Henrique o grande.
Dá, dá-me flores, cubrirei com ellas
Os sabios, que em longinquas, novas praias

Artes consoladoras demandaram,
Artes consoladoras desparsiram.
E tu, primariamente, heróe britanno,
Tu Cook infatigavel, denodado,
Que acceito, e charo aos corações de todos,
Unes co'a magoa teu paiz, e a França;
Que a essas regiões, que aonde o raio
Outr'hora os europeus annunciava,
Util, novo Tríptólemo, guiaste
O serviçal cavallo, a ovelha, o touro,
O arado agricultor, e as patrias artes,
Nossas furias, e roubos expiando:
Com doce paz fraterna lá surgias,
Prantos, e beneficios lá deixavas.
Recebe de um francez este tributo....
E á minha gratidão que importa o clima?
Virtudes immortaes do illustre Nauta
Nosso concidadão já o fizeram;
No grande exemplo o nosso rei se imite,
Digno de ser seu rei. Ah! que aproveita
Ao pasmoso varão ter vezes duas
Visto os mares de gêlo, os céos de fogo,
Ter estes afrontado, e rôto aquelles?
Que as ondas, ventos, povos o acatassem;
Que em toda a vastidão do pego immenso
Fosse immune, e sagrada a quilha sua;
Que só com elle reprimisse a guerra
Seu horrido furor? Do mundo o amigo
(Ai!) Morre ás mãos de barbaros selvagens.
Oh vós, que lamentais seu fim cruento,

Da potente Albion suberbos filhos,
Imitai-lhe, que é tempo, a ambição nobre.
Porque em vossos eguaes quereis escravos?
Dai-lhe fraternidade, e não cadêas.
Dos louros triumphaes cingida a fronte,
Dos louros, que o francez colheu de novo,
Té a mesma victoria a paz cubiça.
Desce, prole do céo, Paz suspirada,
Doura este globo, emfim, com teus sorrisos,
Dos sitios, que eu cantei, requinta as graças;
Fórma um povo feliz de tantos póvos;
Aos campos abundancia restitue,
E restitue ás ondas o commercio:
Hajam da tua mão, propicio nume,
Os dous mundos socego, as artes vida.

NOTAS

DO

PRIMEIRO CANTO.

(Pag. 14 vers. 9.)

Assumpto amavel, que tentou Virgilio, etc.

Vê-se nas «Georgicas», liv. IV, que a composição dos jardins, de que falam, é mui singela, e naturalissima, e que se acha n'elles o útil com o aprazivel: pomos, flores, hortaliças. Mas estes jardins são os de um ordinario habitante dos campos; jardins, taes como, com um gosto simples, quizera o sabio ornal-os, e cultival-os pela sua mão; taes como folgaria de os aformosear o amavel poeta, que os descreve. Não tractou d'aquelles jardins famosos, que o luxo dos vencedores do mundo — os Crassos, os Lucullos, os Pompêos, os Cesares, carregaram das riquezas da Asia, e dos despojos do universo.

(Ibid. vers. 22.)

De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude,
Punha a curto vergel modico enfeite, etc.

É um monumento precioso da antiguidade, e da historia dos jardins, a descripção, que faz Homero do de Alcino. Vê-se, que elle distava pouco do nascimento da arte; que todo o seu luxo estava na symmetria, e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das arvores, nas duas fontes, de que era ornado: e todos os que quizessem jardim para gosar, e não para mostral-o, escusariam outro.

(Ibid. *vers.* 24.)

Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.

Parte d'estes jardins suspensos ainda durava mil e seiscentos annos depois da sua creação; elles foram o assombro de Alexandre, quando entrou em Babylonia.

(Ibid. *vers.* 26.)

Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescos hortos, que a victoria ornára.

Existe monumento inestimavel do gosto, e fórma dos jardins romanos em uma carta de Plinio Junior, e n'ella se lê que já então conheciam a arte de affeiçoar as arvores, de dar-lhes diversas figuras de vasos, ou animaes; que a architectura, e o luxo dos edificios eram dos primarios ornamentos dos parques; mas que todos tinham um objecto de utilidade, objecto em demasia esquecido nos jardins modernos.

(*Pag.* 16 *vers.* 13.)

Belœil, a um tempo

Campestre, apparatoso, etc.

Belœil foi uma casa de recreio, ou quinta, do principe de Ligne.

(Ibid. *vers.* 20.)

O amavel Tivoli, de fórma extranha
A' França descubriu tenue modelo.

O local de Tivoli negava-se aos grandes effeitos pictorescos; mas Boutin teve o merecimento de colher d'elle a utilidade possivel, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom exito o genero irregular.

(Ibid. *vers.* 22.)

Montreuil as Graças desenharam rindo, etc.

Montreuil era um bellissimo jardim da princeza de Guimené, na estrada de París a Versailles.

(Ibid. *vers.* 23.)

Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Rincy, Limours, etc.

Maupertuis. Este jardim, conhecido pelo nome de Elysio, pertenceu ao marquez de Montesquiou. Se bellas aguas, suberbas plantações, aprazivel mixto de colinas, e valles fazem um sitio formoso, o Elysio é digno do seu amavel nome.

Le Desert. Este jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo jardim foi do duque de Orleans.

Limours. Este logar, naturalmente inculto, foi mui aformoseado

pela condessa de Brionne, e perdeu parte da aspereza, sem perder o character.

(Ibid. *vers.* 28.)

. . . . . e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges, etc.

O pequeno Trianon, jardim da rainha, é modelo neste genero. Parece que a riqueza foi nelle empregada sempre pelo gosto.

(*Pag.* 17 *vers.* 2.)

Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa, etc.

É o gracioso jardim — Bagatela — composto com muita arte para o conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar no meio de bosque aprazivel, que parece parte d'elle. O pavilhão é de uma elegancia rara. Não se poderam nomear n'este poema outros agradaveis jardins, feitos alguns annos depois.

(*Pag.* 28 *vers.* 10.)

A arte os prometta, os olhos os esperem:
Dá quem promette, quem espera gosa.

Este ultimo hemistichio vem n'uma epistola de Saint-Lambert; a reminiscencia o introduziu n'este poema.

(*Pag.* 29 *vers.* 2.)

Entre Kent, e Lenotre eu não decido, etc.

Kent, architecto, e famoso desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que tentou felizmente o genero livre, que principia a lavrar por toda Europa. Os chinezes são sem duvida seus inventores.

(*Pag.* 31 *vers.* 16.)

Attenta em Milton, etc.

Muitos inglezes querem que esta bella descripção do paraiso terreal, e alguns logares de Spencer, déssem a idéa do jardim irregular; e postoque é provavel, como já se disse, que este genero venha dos chins, o auctor antepoz a auctoridade de Milton como a mais poetica. Além d'isso, julgou que se olharia com gosto a magnificencia toda do maior rei do mundo, todos os milagres das artes em opposição com os feitiços da natureza recente, com a innocencia das primeiras creaturas que a aformoseáram, e com o attractivo dos primeiros amores. Não traduziu, nem tão pouco imitou Milton, que devia, e podia descrever mais longamente o Eden.

NOTAS DO SEGUNDO CANTO.

(*Pag.* 46 *vers.* 3.)

. . . . . Sempre verdes,
Oh Mouceaux, teus jardins são d'isto exemplo.

O jardim de hynverno do duque de Chartres é, com effeito, um encantamento. A estufa especialmente é uma das melhores que se conhecem.

(*Pag.* 51 *vers.* 1.)

Moço Potaveri, tu d'isto és prova, etc.

Este o nome de um habitante de O-taiti, conduzido a França por Bougainville, celebre pelo seu valor, e constancia em varias acções, e gloriosamente conhecido quer por navegante, quer por militar. O passo, que se refere, do mancebo otaitiano, é mui notorio, e interessante. Só o que fez o auctor foi alterar o logar da scena, que fingiu no jardim real das plantas. Quizera pôr em seus versos toda a sensibilidade, que respira nas poucas palavras, que o moço proferiu, abraçando a arvore que havia conhecido, e que lhe recordou a patria — « É O-taiti » — dizia elle, e olhando para as outras arvores, — «Não é O-taiti. » — Assim estas arvores, e a sua patria se identificavam no seu espirito. Julgou o auctor que este lance tão terno, e tão novo, poderia ministrar um bello episodio.

(*Ibid. vers.* 4.)

Onde é sem pejo amor, amor sem crime.

Observou-se em todos os povos, onde a sociedade tem feito curtos progressos, uma certa innocencia nos costumes, muito diversa do resguardo, e do pejo, que sempre acompanham a virtude nas mulheres das nações polidas. Na ilha de O-taiti, na maior parte das outras do mar do sul, em Madagascar, etc. as casadas julgam dever-se exclusivamente a seus maridos, e quebram raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulisam em se entregar até á paixão momentanea, que os homens lhes inspiram. Não se subjeitam nem nas palavras, nem nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto é n'ellas simplicidade, não é corrupção: não desprezam as normas da decencia, ellas as ignoram. N'estes paizes a natureza é grosseira, mas não depravada. Eis o que se intentou exprimir n'aquelle verso.

NOTAS DO TERCEIRO CANTO.

(Pag. 56 vers. 3.)

Sei que em Harlem ha curiosos tristes
Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se.

Harlem é cidade de Hollanda, onde se commercîa muito em flores, e sabe-se a que extravagancia tem chegado os floristas no amor á raridade, e ás posses exclusivas.

(Pag. 57 vers. 23.)

Do cume dos rochedos verdadeiros, etc.

Em geral, não se podem imitar bem os rochedos, nem todos os grandes effeitos da natureza. Ella não consente á arte emprehender estes atrevimentos, salvo quando combate com todos os esforços, e cabedaes do engenho, e da opulencia. Assim se formou, segundo os desenhos de Robert, o suberbo rochedo de Versailles, cujo effeito só o póde adivinhar a phantasia, que o vê d'ante mão toucado de vistosas arvores, e ornado de toda quanta verosimilhança, e belleza póde só dar-lhe o tempo.

(Ibid. vers. 27.)

Aos campos de Midléton, ás montanhas
De Dovedále te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, comtigo subo.

São dous sitios de Inglaterra, famosos pelas fórmas pictorescas da sua cadêa de rochedos, descriptos por Whateli, de que o auctor, assim como Morel, no seu formoso tractado dos jardins, colhêram algumas passagens, taes como a cabana, e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de um modo seu as sensações, que nascem d'estes aspectos medonhos.

NOTAS DO QUARTO CANTO.

(Pag. 77 vers. 20)

Eia, segue o Poussin, etc.

Este famoso quadro é certamente o melhor dè todos os de paizagens. Se não soubessemos quanto a imaginação do Poussin se ali-

mentou com as producções dos grandes poetas da antiguidade, este painel bastaria para o provar. Quasi todas as obras voluptuosas de Horacio tem o mesmo character. Por toda a parte no seio dos prazeres, e das festas, aponta ao longe a morte. « Dai-vos pressa (diz elle) quem sabe se amanhan viveremos? Nosso fado é morrer; será forçoso deixar esta bella casa, esta mulher encantadora, e de todas as arvores que cultivais, só o cypreste, ai de mim! seguirá seu senhor, mui pouco duravel. »

Esta mesma philosophia, colhida dos antigos poetas, é a que dictou a Chaulieu aquelles versos cheios de melancholia tão doce:

Musas, que n'este retiro
Começastes meu prazer,
Plantas, que nascer me vistes,
Cedo me vereis morrer.

Estes contrastes de sensações, compostas de alegria, e tristeza, agitando a alma em sentido contrario, fazem sempre uma impressão profunda; e é o que obrigou o auctor a collocar no meio das scenas risonhas dos jardins a vista melancholica dos sepulchros, e urnas consagradas á amisade, ou á virtude.

(Pag. 78 vers. 30.)

De envelhecidos teixos lá debaixo
Não vês aquelles, etc.

N'estes versos, dedicados ás sepulturas humildes dos camponezes, o auctor imitou alguns versos do « Cemiterio de Gray. »

(Pag. 89 vers. 10.)

Mas longe os monumentos, cujo estrago, etc.

Chabanon, em uma linda epistola, escripta a favor dos jardins regulares, notou antes do auctor dos « Jardins » que os monumentos velhos despertavam memorias, vantagem que não tem ruinas fingidas. Esta idéa se acha em outras obras, e particularmente na de Whateli: demais, ella é tão natural, que era facil achal-a. Talvez o não fosse exprimil-a bem, mórmente depois de Chabanon; mas se o auctor se encontrou com elle, o que todavia cuidou em evitar, confessa, e repete, que os seus versos são posteriores aos d'aquelle poeta.

(Pag. 94 vers. 3.)

E tu, primariamente, heróe britanno, etc.

Todos têm noticia das viagens instructivas, e animosas do afamado, e desditoso Cook; todos sabem a ordem que Luis XVI deu par

ra se lhe respeitar o navio em todos os mares, ordem que honra egualmente as sciencias, este illustre viajante, e o rei, de que elle, por assim dizer, se tornou vassallo, com este novo genero de beneficencia, e protecção.

NOTA DO TRADUCTOR.

(Canto I., pag. 25.)

Une principalmente a teus *plantios*.

Vem no diccionario de Sousa, e a harmonia, e necessidade do termo animou-me a adoptal-o, parecendo-me todavia que os camponezes o usam. A palavra *paizagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons escriptores nossos, sendo um d'elles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores.

FIM DAS NOTAS.

AS PLANTAS,

POEMA

DE

RICARDO DE CASTEL.

TRADUZIDO EM VERSO PORTUGUEZ.

Laudo ruris amœni
Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque.
HORAT. Epist. X.

Canto os bosques, os rios, as montanhas,
E as pedras, que humedece, e fórra o musgo.
(*Do Traductor.*)

PROLOGO DO TRADUCTOR.

Pascitur in vivis livor: post fata quiescit.
OVID.

AMAVEL, novo dom te off'reço, oh Lysia,
Attraîdo por mim do Sena ao Tejo,
Aos campos onde Amor, onde a Virtude
Dando leis desiguaes se conciliam.
As « Plantas » de Castel vaidosas surgem
Em mais propicio chão, mais doce clima,
De mais puros Favonios amimadas.
Patria de heróes, de vates, patria minha,
No charo, brando seio acolhe, ameiga
Risos, perfumes, o verdor, o esmalte
Com que em versos gentis, das Graças mimo,
Florece a Natureza, a mãe de tudo.
Cordeal gratidão te deve as lidas,
O desvelo, o suor, que mim forcejam
Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existencia moral, dos sabios vida,
Duplicada por ti me esforça o genio,
A mente me refaz, o ardor me atiça,
Me fortalece o pé na estrada immensa
Que vai da natureza á eternidade.

Soltas de umbrosas, subterraneas grutas
O meu dia invadindo, aves sinistras
Em vão de agouros, e de peste o mancham:
Em vão corvos da inveja á gloria grasnam.
Elles malignos são, tu, Patria, és justa;
Véda que defraudado o genio seja
De seus haveres — o louvor, a estima —
Haveres, porque enjeita os da Ventura.
Aos versos meus posteridade abonas;
Ouço a voz do Futuro, ouvindo a tua,
Ouço-a; lá me prantêa, e lá me applaude.
Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,
As Musas, meu thesouro, Amor, meu fado,
Do amante, do cantor, de mim saudosos
Hão de com myrto e louro ornar-me a campa,
No humilde monumento hão de carpir-me;
E até da ferrea Ulina algum suspiro
Talvez me afague, me console os manes.
D'arvores, que dispoz co'a maga lyra
De Virgilio o rival, Delille ameno,
Transplantadas por mim, vireis, Amores,
Vireis, filhas do céo, co'as mãos, co'as azas
Expulsar agoureiro, estygio bando,
Maldicto, grasnador, nocturno enxame,
Que, voar não podendo, odêa os vôos.
Limpos serão por vós do vil negrume
Os ares, que o sepulchro me bafejem.
Musas, suaves Musas! Não me assombro,
Vates de ingente grau não se assombraram
De que a inveja os mordesse, os profanasse:

Ancêa resplendor, grandeza opprime
O espirito arrastado, a mente escura:
Inveja nunca sóbe, e quer que baixem;
Seus nojosos baldões desdenha o sabio;
Emtanto que ella ruje, o sabio canta,
E juiz não peitado o escuta, o c'rôa.
Se em podre lodaçal negrejam Zoilos,
Ás margens do Permesso Ismenos brilham,
D'alma phebêa, creadora, accêza,
A verdade em relampagos vibrando:
Ferve no audaz Francelio, e rompe os astros
Sacro delirio, destemida insania:
Jacinto aperfeiçôa os sons do plectro;
Clario co'a propria mão Salicio enloura;
Revive em ti, Josino, a lacia Musa;
Menalca, da puericia apenas solto
Já conversa c'os deuses; niveas plumas
Nas costas lhe rebentam, cysne adeja.
Melindrosos pinceis menêa Alcino,
E off'rece em doce quadro Amor, e as Graças.
De tão vario matiz compõe-se o mundo,
Mil vezes o veneno acode á vida.
Eia! Os odios cevai, cevai a infamia,
Furias, que evaporais tartareas sombras
Contra olympio fulgor, que envolve o genio!
Entre essa escuridão reluz meu nome.
Á Patria os versos meus são apraziveis;
Versos balbuciei co'a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril macio, e tenro,

Simêlha o mimo de virginea face.
Se ás Musas não pertenço, eu, que a Virtude,
Philosophia, Amor, cultivo, adoro;
Eu, servo da moral, das leis amigo,
Nos outros, como em mim, prezando a gloria;
Eu, que cem vezes concebendo o Olympo,
Absorto com Platão n'um mundo extranho,
Ou de olhos divinaes divinisado,
Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E — «Eis o Deus!. eis o Deus!..» — exclamo, e vôo
De repente onde mil nem vão de espaço;
Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
Sem alma, sem ternura?.. Ah! Longe, longe
De meus candidos sons, que se enxovalham
Peçonhentos dragões, na peste vossa.
Graças, oh Phebo, oh nume! Oh Lysia, oh patria!
Vossos dons, vosso applauso altêam, firmam
Sobre a cerviz da Inveja o meu triumpho.

PREFAÇÃO

DO

AUCTOR.

Não exaltarei aqui as utilidades do conhecimento, e cultura das plantas. Este é o objecto do poema, que publîco. Se meus versos não forem parte para que mais se ame a Natureza, não devo esperar melhor exito em uma prefação.

Esta obra foi composta no intervalo do anno primeiro até ao quinto, e muitas vezes me consolou, occupando-me. Quem é que não tem sentido a necessidade de se acolhêr ao seio da Natureza? Busquei n'elle distracções, que me eram indispensaveis, e como sempre amei as plantas, foram ellas o primeiro objecto, que se me offereceu ao pensamento. Paguei-me logo d'isto, considerando que ainda não tinham sido materia de poema algum; porque o que temos em verso ácerca das estações, e até dos jardins, bem que fala de muitos vegetaes, não póde chamar-se poema ás plantas.

Depois do momento de alegria, que se segue a uma invenção aprazivel, as difficuldades me acanharam. Quanto mais attractivo era o assumpto, mais temia entranhar-me n'um labyrintho de arvores, de arbustos, de plantas terrestres, e aquaticas. O enjôo, inseparavel do genero puramente descriptivo, furtou em breve aos olhos o feitiço dos episodios, e vî que o leitor pediria a quem o guiasse, o fim de um passeio afanoso. Devîa pois, antes de tudo, estabelecer as relações com que releva olhar-se o mais amavel dos tres

reinos da Natureza. O homem (disse comigo) é destinado a lavrar a terra, isto é, a cultivar as plantas; mas perdas reiteradas o fazem conhecer que o suor não basta, e que a mesma experiencia pede instrucção. Mórmente na jardinagem, onde mais varia a cultura, é que se próva similhante verdade. Cumpre pois, em um poema como este, unir a theoria á practica, ou por outras palavras, ligar o estudo das plantas com o trabalho, que as tem por objecto. Reflecti egualmente que havia no anno quatro grandes epochas — primavera, estio, outomno, e hynverno — pelas quaes a Natureza distribue diversas producções; e conclui que devia, imitando-a, dividir em quatro partes os estudos, e lidas relativas a taes producções. D'est'arte se me presentaram o plano, e divisão da obra.

Depois de haver dado no principio do primeiro canto idéa do prestimo da botanica, e proposto modelos para a distribuição de um pomar, importava cuidar-se nos trabalhos da primavera. Deduziam-se d'aqui necessariamente o que exigem as plantas ainda tenras; a extirpação das hervas, que as incommodam; a perseguição dos insectos, e dos animaes, que as estragam; como tambem os passeios estudiosos, e campestres, chamados herborisações, e algumas vistas encantadoras, que nos offerece a Natureza.

Regarem-se, é um soccorro necessario aos hortos, e o principal trabalho entre os ardores do verão. Em nenhuma parte esta quadra assoalha suas riquezas com mais pompa que nas visinhanças do equador. Entre nós muitas plantas forasteiras, e quasi todas as aquaticas, esperam esta epocha para brilhar com todo o seu lustre, vestidas dos characteres que distinguem generos, e especies. Todos os vegetaes, grandemente aquecidos, sobem ao maior grau nas suas virtudes, e a industria corre a apanhal-os para as precisões, e delicias da sociedade.

O que especialmente qualifica o outomno é a madureza dos grãos, e dos fructos. Tem tambem suas plantações e seus vegetaes. A hortaliça patentêa então toda a fecundidade; então a terra se cobre de cogumelos, e as plantas

marinhas, arrancadas dos abysmos pelas tormentas do equinocio, enriquecem as praias do oceano. Em breve a alteração da verdura annuncia o declinar do anno, varias especies de aves desertam de um clima onde o alimento começa a falecer-lhes; os pomares despem seus derradeiros fructos, e pagam a divida da Natureza ao homem laborioso.

Em campo aberto quasi nos não occupa o hynverno; a estufa é que requer a nossa presença, e nos indemnisa da esterilidade das hortas. Não digo que os nossos climas temperados deixem de incluir muitos attractivos, principalmente em comparação com as terras polares, onde apenas vegetam raros, e miseraveis espinhaes. A folha dos azevinhos, a verdura das giestas, os pinheiros orgulhosos, e outros mil vegetaes, ou verdes, ou ainda em flor, servem para alegrar então a Natureza tristonha; mas uma familia deve primariamente convidar nossos olhos, e estudos: falo dos musgos, e lichenes. Debalde outra estação quereria revindical-os: elles são a alegria, e quinhão do hynverno.

Com estas idéas fiz o plano, e quasi a analyse da minha obra. Travei n'ella os episodios, e outros atavios, a que suppuz apta a materia, persuadido de que o poeta deve pretender menos ensinar, e profundar uma sciencia, que attraîr a ella os olhos, e fazel-a amar.

AS PLANTAS,

CANTO PRIMEIRO.

Campestres divindades, Pan, Sylvanos,
Náyades, Faunos, Dryades, Favonios,
Ou habiteis as rusticas florestas,
Ou de nossos jardins guardeis os bosques,
Seguir-vos quero: tutelares numes,
Iniciai-me nos mysterios vossos.
E tu, que um ocio grato aproveitando,
Dos sabios, dos heróes prazer tens sido,
Tu, que, lustrando a trémula verdura,
Dás formoso atavio a planta, e planta,
Sê minha deusa, oh Flora, e por meus versos
Dispõe boninas das que o mundo encantam.
Do Occaso á Aurora teu imperio corre,
Bordam teus dons as mauritanas margens,
Do pastor de Lapland attráes a vista,

Ornas as penhas de engraçado esmalte,
Té lá no pégo as Dórides te devem
O mimoso tapiz dos vitreos lares;
Da flor no seio o nectar insinuas
De louro insecto, que organisa os favos;
Por ti, quando selecta essencia apromptas,
Luz a ambrosia nos festins de Jove;
Pejas os cachos de aprazivel succo,
É nutridora espiga um de teus mimos;
Dos prestimos do fructo a planta ignara,
Sem ti déra não mais que esteril sombra:
As aguas formosêas, o ar, e a terra,
Teu sopro divinal perfuma o globo.
Riso da Natureza, iman dos olhos,
Desdobra ante elles a verdura amavel,
E como nos cristaès de um manso arroio
As flores tuas em meus versos pinta.
Quando, na infancia da estação mais bella,
As mornas virações derretem gelos,
Que olhos não folgam no verdor da relva,
Que se remóça, e do botão, que nasce?
Mas se attentarem que as tenrinhas plantas
Alçando-se, trarão comsigo em breve
O alimento, a saude, os gostos nossos,
Quem lhe ha de os fados ignorar sem pena?
Quem não verá que seu estudo facil
É proveito aos mortaes, e adorno á vida?
Mil vezes herva espessa affoga os trigos;
Logo porém no estio, arando a terra,
Sem jamais omittir dispendios, lida,

Na joeira o cultor limpou sementes.
Mas não conhece as plantas, cujo enxame
O terreno invadiu das novas messes,
E, exposto de anno em anno a seus insultos,
Perde tempo, e suor sem destruil-as.
Aos gados outras são veneno, e morte.
A novilha, ao volver da primavera,
Não póde entre os rocios, e entre as hervas
No olfato distinguir falaz cicuta.
Morre, e a ignorancia em vão crimina a sorte:
Pastor menos inculto ao damno obstára.
És dado a frequentar piscosas margens,
Amas a nassa, o junco, anzoes, e as linhas?
Flora aos prazeres teus o effeito abona.
De quantos vegetaes a força, o cheiro
Possante engodo ao pescador ministram!
Talinhos de herva-doce a rede inclua,
E do nardo fragrante inclua espigas;
Colhe a hortelan, que te recende ao longe,
E hão de c'o pezo arrebentar-te as malhas:
Flora te diz tambem do peixe a vinda;
Apenas o agrião no prado assoma,
Á porfia, transpondo a equorea estancia,
Aos pulos os salmões entram nos rios.
Ditoso quem trilhando a serra, o prado,
Aprendeu, vegetaes, a conhecer-vos!
Sabe que pasto agrada ao boi submisso,
E onde os rojantes peitos enche a cabra;
Os cordeiros brincões qual herva anime,
Qual ao ginete restitua o brio.

Quer que lustre vistoso as lans enfeite?
Visinhos bosques lhe deparam cores:
Quer a peste abafar de um mal terrivel?
Antidotos em flor lá tem nos valles.
Se da raivosa fome horrores lavram,
D'elles a duração não teme aos filhos:
Cuida em remil-os a sciencia logo,
E expulsa precisões, velando á porta:
Dá-lhe luz, patentea-lhe o regresso
Dos naturaes thesouros, não pensado:
Nos bosques tanto fructo, aos ramos preso,
Tanto occulto na terra. Espalha, ensina
Com que arte agrestes plantas substituem
A carencia fatal dos dons de Céres;
E como soube em pães mudar a industria
Dos trevos o botão, do pinho a casca.
Vê pela folha, pela flor conhece
O designio dos sues, o das procellas,
E a monção das sementes, e a das ceifas.
Da sciencia mórmente as leis escuta
Tu, que tornas co'a enxada a terra docil,
E ordenas os jardins; mas não te enganes;
Entre os bosques sómente é que releva
Estudarem-se as leis da Natureza.
Ella atravez dos campos quer que a sigam,
Quer que trepem com ella aos altos cumes,
Que busquem sitios onde crescem, brilham
Vegetaes, que plantou co'a mão prestante.
Sem interprete ali falando aos olhos,
Gosta de expôr incognitos portentos.

Plantas, que Tauro cria, e cria Atlante,
Desejas cultivar? Colhe no estudo
Qual o character é do chão, do clima
Em que usam de medrar; que ventos amam,
Debaixo de que estrella emfim descobrem
Do seio os mimos: só então, sustendo
De uma flor peregrina o molle tronco,
Fazes que a patria no teu campo encontre.
Mas anteponho a tudo amigas plantas,
Que a intempérie afrontando ao longo hynvernó,
Me habitam, por querer, no chão da patria.
Se as voltas explorar vou d'um rochedo,
Acho, ao subir, favor na verde rama;
Se vastos campos corro, as flores suas
Seguem meus passos, e detém meus olhos.
Seus ramos complacentes, á porfia,
Se curvam para mim do fructo ao pezo:
Vivo dos fructos, e meus males fogem
D'ante as virtudes que possue o tronco.
Vamos nossos jardins ornar co'as plantas,
E ao lavor nos presida o deus do gosto.
Dous ufanos rivaes a terra partem;
Um, das regras fiscal, nascido em França,
Entre as artes caminha, envolto em pompas.
Ornam-lhe a fronte mil festões, e as quadras,
Filhas da Natureza, o cinto lhe ornam
De ramalhetes mil. Angulos fórma
O til, e assombra além tapiz viçoso,
Leito das nymphas. Indios castanheiros,
Aqui, tecendo abobadas, nos vedam

A presença dos céos. Cada passeio,
Abrindo-se, presenta á nossa vista,
De Marte os filhos, ou da Grecia os numes.
No chão crava Neptuno o azul tridente,
E ginete feroz do chão rebenta;
Enéas, dos leões trajando a pelle,
Os deuses de Ilion, e Anchises leva,
Pela sinistra mão tendo o filhinho,
Que de medo se volve, e o segue a custo.
Por não vistos canaes guiada, oppressa,
A nivel dos palacios a agua sóbe;
Rios de bronze, derramando as urnas,
Como que nutrem as saltantes ondas.
O outro, cedendo a pompa, e luxo ás artes,
Do genio as digressões mais livre segue.
Em ti se apraz ha muito, ilha famosa,
Que separam de nós suberbos mares,
Mas que duros caprichos obstinados
Inda separam mais, por mal do mundo.
Pastorinha gentil, vagando á toa,
Dos passeios traçou-lhe a curvidade.
Arvores, em festões, em martinetes,
A modo que por si lá se ordenaram,
E, sem medo á tisoura, estendem, lançam,
A seu prazer, as voluntarias sombras.
Lindas cordeiras, de alvejantes vellos,
Retouçam pelo monte, as hervas tózam.
Nos ingentes pinhaes, do norte filhos,
Pan, dos cumes do cerro, as guarda, as véla.
A herdade ostenta aqui campestres graças;

O aceio n'ella mora, e n'ella ha sempre
A nata, o requeijão, presentes de Io:
O junco ali se entrança, o queijo espreme.
Confusos parreiraes além verdejam;
Brómio risonho, em marmore de Paros,
Se apraz em seus doceis, co'a mão no thyrso.
Ora corre, e murmura occulta a limpha,
Um lustroso canal ora apresenta;
E, alongando cristaes por margens de ouro,
Como que off'rece á nympha solitaria
De puro banho a salutar frescura.
O misero Acteon, das aguas perto,
Por vingadoras pontas assombrado,
Diz a todo o imprudente: « Acata o pejo! »
Taes são d'estes jardins as leis diversas;
Mas tu, como Catão, prefere a isto,
Prefere a geira, cujas simples graças
Dão mais proveito do que exigem custo.
Ao nascer da manhan comece a lida:
Semêa: sem semente nada é bello.
Prepara, pois, a terra, e mão robusta
Ajude-se do pé, lhe encrave o ferro.
Quando ouvires monótono gorgeio
De ave odiada do hymeneo, que offende,
Se a chuva por tres noutes for perenne,
Diz-se que em dias tres surgem sementes.
Vedado a Bóreas um canteiro elege,
Que sempre do zenith os sóes aclarem.
Debaixo de torrões, das flores berço,
Fecha vapores de fumantes palhas.

Cedo, a semente ali desenvolvida,
Julga, pelo calor, o hynverno estio,
E sem susto confia aos meigos lumes
Seu debil tronco, seus botões nascentes;
Mas n'ella tu vigia. Apenas vires
Que a noute pelo céo vem negrejando,
Abrigo de cristal, e colmo espesso
Dar-lhe convem nos duvidosos mezes.
Raro não é que subitas geadas
Vibrem golpe mortal de noute ás plantas.
Áquilo furioso zune, atroa,
Nos tectos, saltinhando, a pedra soa.
Dos antros boreaes como que escapa,
E a nós de gelos vólve armado o hynverno.
Prógne estremece então, voltêa os lares,
Abre vãmente o bico, insectos caça;
Mas o frio os detém na estancia immoveis.
Desfalecida cáe; Zéphyro accusa,
Que, chamando-a com hálito enganoso,
A vinda lhe apressou, e urdiu seus males.
Sem ti, cultor sagaz, de Flora alumnos
Recemnascidos, caíriam todos,
E dos campos da vida exterminados,
Iriam povoar da morte os campos.
Entretanto do sol fervor disperso,
E o, que a nuvem goteja, humor fecundo,
Nutrindo as flores, de caminho alteam
A herva, que as offusca, e vive d'ellas.
Eis o fado commum. Da inveja os ramos
Co'a negrejante sombra o genio abafam,

E a miudo o prazer, flor doce ao homem,
Se murcha no trabalho, á dor succumbe.
Assim chusma odiosa em teus canteiros,
Mordaz ortiga, ethusa peçonhenta,
Herva, que de Mercurio inda se chama,
O marroio, e mórmente as que, indomaveis,
Ama o sabujo, porém Flora odêa,
Brotam, co'a triste sombra vexam tudo,
E quantas se destroem nos longos dias,
Renovam-se de noute em hora fresca.
Mas d'estes vegetaes o augmento facil
Tambem aproveitar-se ás vezes póde.
Dêm-se a Vulcano. A flamma ainda occulta
O já secco montão corre estalando.
Vê-se aos ares subir um denso fumo;
O lume ondêa emfim, caíndo as hervas,
E entre as cinzas deixando um sal, que esforça
A languidez da preguiçosa terra.
Nada falta aos jardins, de aceio, ou pompa,
Cada planta cumpriu sua promessa.
Vôa-lhe ao seio, a murmurante abelha,
Borboleta louçan faz doces furtos,
Vai, torna á flor, ao ar: vaguêa incerta,
E com seu leve adejo adorna a scena.
Por aqui, por ali flóreos theatros
As bélgicas cidades alegravam.
Lá de um, lá d'outro objecto a vista presa,
Da escolha exp'rimentava o grato enleio;
Ia indecisa do carmim ao ouro,
Do azul ao branco, do violete ao róseo.

Tal, ante as deusas, duvidoso, oh Paris,
Tinhas nas graças enleado o voto:
Quasi entregando o pomo a Juno, a Pallas,
Venus olhavas, e co'a mão fugias:
Mutuamente as rivaes se deslumbravam.
Porém já de inimigos turba infesta
Invadindo os jardins, devóra a um tempo
As hasteas, a raiz, a casca, o cerne.
Seu mal o arbusto saneando, apenas
Cuberto o golpe tem de fibra nova,
Quando, na cicatriz encarniçados,
A têa renascente elles desfazem.
  Tal de abutre cruel no curvo bico
Renascem para a dor de Ticio os membros:
No sangue, que se exhaure, e se renova,
Ceva-se dia, e noute algoz eterno;
Gira-lhe o peito, o coração lhe rasga,
Que vive sem cessar, sem cessar morre.
  Não imagines que meus versos digam
Redes, ciladas, e os engodos varios
Com que destróe o ardil a infensa praga;
As aves melhor que elle hão-de escudar-te.
Vê nas florestas voltear, cantando,
O pisco avermelhado, a tutinegra,
Milheiras, verdelhões, e melharucos:
Os damninhos espreitam, e os perseguem;
D'elles afferram, e á contigua planta
Vão seus filhinhos alentar com elles.
Triste a toupeira subterranea, tristes
Outros vis animaes, se torre antiga

Ergue as amêas sobre as terras tuas!
Alados caçadores, negros corvos,
Grasnando, se arremessam do alto asylo,
E d'essa vexação teus campos livram.
Amem-se as aves, pois: os frescos valles,
O móbil, verde trigo, a rir nos sulcos,
Remansos, grutas, prestariam menos
Sem os brincos, e a musica das aves.
São guarda dos jardins. Formoso arbusto
Fica mais bello, se lhe abriga os ninhos.
A mercenaria mão quanto abhorreço,
Que ás miserandas mães a próle arranca!
Ah! Deixem-se emplumar nas selvas nossas,
Consinta-se que animem valles, montes.
Porque as prendemos? Na prisão não póde
Dar-se-lhe o bosque onde trinar lhe é doce;
Nem a planicie aérea, ou mouta amiga,
Que seus prazeres, seus amores sabem.
Aves acórdam no modesto abrigo
Das plantas o amador; sáe da cidade,
E vai por entre as matutinas flores
Admirar o jardim da natureza.
Que encanto! Que esplendor! Por toda a parte
Lhe off'rece a terra graciosos quadros.
Ouro da primavera esmalta os cerros;
Narciso inda se inclina, e vê nas aguas;
Como a virtude no retiro humilde
Tráe as violetas seu gentil perfume.
Nas sombrias florestas entra o sabio;
Das rochas escarpadas sóbe ao pico

Para indagar os vegetaes sadios,
Que á pesquiza vulgar Vertumno esconde;
E acolhe-se, já noute, aos lares doctos,
Co'a rica preza carregado, alegre.
  Ás vezes de meninos docil turba
Por meio o segue dos lavrados campos;
Aos montes circumstantes chegam, trepam;
Esquadrinham-se as mattas uma, e uma.
Se algum canto recata ignota planta,
Levam-na logo ao sabio: elle a nomêa
Á multidão pasmada, e faz que observe
Figura, e graças, e character d'ella,
Que mez encanta, que logar matiza.
Segui, meninos, tão suave estudo;
Flora seus dons vos cede ás mãos mimosas,
Mas poupae sempre os botõeszinhos tenros.
O seu quinhão deixae da selva aos deuses,
Amantes, como vós, de agrestes plantas.
É fama que ao luar se tem já visto
Danças n'um valle urdir Faunos, e Nymphas,
E a trança engrinaldar. São estes numes,
Cuja occulta, benigna providencia
Conserva os montes, e repara os bosques;
São elles, que em campestres, ledos jogos
Animam com seus sons penedos, faias,
E os eccos formam, resoar fazendo
De colina em colina as vozes nossas.
Tambem da Natureza eu namorado
Buscava, imberbe ainda, ermos, e sombras.
Raramente Versailles me attraía,

Nos bosques de Senars dias levava,
De Avron as leivas discorria, e foram
Fontainebleau, Compiegne os meus Elysios.
Céos! com que regosijo em teus passeios
Vi, Meudon, a abelhinha portentosa,
Insecto vegetal, de flor alada,
Que parece voar, fugir do tronco!
Venha uma planta egual, cruzando os mares,
Venha de Amboino, ou de Ceilão remotos;
Ha de em todo o logar maravilhar-nos.
A riqueza porém de nossos bosques
Se ignora, e chama em vão quem a avalie,
Invade o caçador a estancia augusta,
E ecco ali só repete os sons da morte,
Ou golpe, e golpe do ávido matteiro.
Vem, feitiço dos valles, branda Elisa,
Que de Amor, e Minerva os dons possues,
Com teu esposo vem. Já no oriente
Alegra, tinge os ceos manhan de rosas,
E o sol em breve, de rubis c'roado,
Verás á porta dos palacios de ouro.
Segue o trilho orvalhoso, aqui por onde
Zéphyro entende co'a folhinha incerta,
E fragrancias lhe rouba, eguaes ás preces
Que essa bocca innocente aos céos envia.
Junto á vereda, que rodea o combro,
Ante a pereira em flor, vês pobre choça?
O dono, esse bom velho, hontem seguindo
Seu cabritinho, que fugia aos saltos,
Caíu, feriu-se n'um penedo. Ah! Vamos

Buscar algum remedio a seu tormento.
Vê como nos ajuda o teu filhinho;
Nas melindrosas mãos lá vem trazer-te
Simplices, gratos de Epidauro ao nume;
Solda real, centaurea. Ao velho afflicto
Demos de amiga face o refrigerio.
Ai! Se a dor, que padece, eu padecêra,
Que doce, que efficaz me fôra olhar-te!
Delicias como as nossas não conhece
Homem, que da molleza está nos braços.
Em vez de a seus irmãos sarar os males,
Misérrimo entre os miseros é sempre.
Filho da saciedade, o triste enjoo
Seus mais doces prazeres tolda, empesta.
Flores n'um prado, e n'outro em vão revivem,
Ceres debalde os sulcos enriquece,
Entre seus cortezãos Lyêo campea,
O hynverno aos olhos dá severos quadros:
Nunca taes scenas admirou o inutil,
Scenas da Natureza: é como aquelle
A quem barbara mão cegou no berço,
E cuja umbrosa vida é somno eterno.
Crescendo, dobra o lustre a Natureza;
Vigor celeste a mocidade anima.
Tudo fermenta, existe. Olha o carvalho:
Lá formosêa o chão co'as tardas sombras.
Vem á terra sedenta humidos ares,
E a frescura do céo na terra induzem.
Em torrentes o succo inunda os gomos,
Perfuma o valle, aromatiza o bosque,

Recréa-me os sentidos, e parece
Que as origens da vida em mim renova.
  As aves nos seus ninhos cuidam todas;
Colhem crinas, que despe o marcio bruto,
Leves guedelhas, que o picante espinho
Á mansa ovelha na passagem rouba.
Seus mil requebros exprimir quem póde,
Transportes, brincos, e negaças brandas?
Vê o ardente pardal, se o punge Venus,
Como treme, e esvoaça em torno á femea;
Parece redobrar o ardor na posse:
Mil vezes morre em gostos, mil renasce.
  De novo myrto Amor já cinge a fronte,
Do mundo vegetal fez a conquista:
Exceptua os ciumes, e outros males,
Verás que as flores, como nós, se inflammam.
  Oh tu, que em Paphos, em Cythéra incensam,
(Que digo! O templo d'elle é toda a terra)
Gran deus! Co'um volver de olhos tu me alenta;
Ergue meus versos: vou cantar-te a gloria.
  Em azues pavilhões, purpureos, verdes
A pompa nupcial dispoz Cyprina.
As plantas, que só Zephyro abalava,
N'outros meneios seus desejos pintam.
Abrem, riem-se, inclinam-se, e confundem
Os fogos, as paixões, que amor lhe inspira.
Se o dia se marêa, e céo de nuvens
Damnos lhe agoura, de repente o calix
O ramo, a folha, unanimes se agitam,
Para esquivar-se da procella instante.

Cerrados pavilhões os golpes frustram,
E a mais suave tempo amor trasladam.
Cada especie tem leis: guarda uma estancia
Ás vezes par a par o amante, e a amada;
Em diff'rentes estancias habitando,
Longe um do leito do outro ás vezes vive.
Tal sobre os prados o salgueiro off'rece
Sexo diverso nos floridos troncos.
Quando para o Carneiro o Sol tornando,
No coche Amor conduz, e a Primavera,
O macho faz voar por entre os campos
Substancia fecundante á verde socia;
Um lago de permeio embhora esteja:
Elles (mercê de Zephyro) se gosam.
O Rhódano entre as ondas escumantes
Por dez luas nos furta aos olhos planta
Que na estação de amor desmanda o tronco,
Á flor das aguas sóbe, e luz nos ares.
Os machos, atéli no fundo immoveis,
Rompem seus debeis nós, seus laços curtos;
Com livre, afouto ardor ás femeas nadam,
Gran séquito lhes formam sobre o rio:
Festa se ant'olha, que Hymenêo risonho
Pelas ondas azues guia, assoalha.
Mas tanto que de Venus finda o prazo,
O tronco se retira, encolhe e torna
Semente a amadurar no centro d'agua.
Junto aos pólos glaciaes, nos fins do mundo,
Onde rapido hynverno o estio absorve,
E em vão deseja sasonar-se o fructo,

Derroga Natureza as leis constantes,
Faz do calix saír vivente planta,
Que se une á terra, e, de vigor provida,
Brevemente da mãe a altura eguala.
A noute, amiga do prazer mais doce,
Presta aos suspiros tutelares sombras:
Lá entre os vegetaes o rei das luzes
Aos mysterios de amor é quem preside.
Mal que ás portas do céo velando as Horas
No carro as guias de ouro ao Sol commettem,
E o primeiro fulgor, que d'elle escapa,
Guarnece no horisonte os agros cumes,
Dos subditos de Flora a maior parte,
Cortejando louçãos a etherea deusa,
Celebram hymenêos por entre os vivas
Das aves encantadas. Outras flores
As horas querem antes em que a terra
Das humidas manhans o orvalho exhala;
Mas cada qual de noute o rosto véla,
E em ponto certo se retira, e dorme.
Se algumas flores de estrangeira origem
Evitam entre nós diurnos lumes,
Quaes as bellezas, que na corte imperam,
Velando as noutes, e dormindo os dias,
É que lá, d'onde ao seio as trouxe Europa,
Nasce a luz quando cá se espalham trevas;
É que, segundo as leis da patria sua,
Se abrem, sem ter diff'rença em mez, e em hora.
Taes, não longe de um lenho aberto de ondas,
Miseros nautas, evadindo a morte,

Reliquias ajuntando em ilha ignota,
Os costumes da patria ali transplantam,
E, mantendo-lhe as leis n'outro hemispherio,
Seu infortunio, seu desterro adoçam.
Porém que nova scena! Um leve insecto
Agil nuncio das flores eis se torna.
Desviados no campo esposo, esposa,
Terreno, que os desune, andar não podem?
A abelha, volteando a elle, a ella,
Do reciproco amor conduz penhores.
O homem tambem lhes présta industria fertil.
Onde arde o clima, e florecente a palma
Mostra inclinada que ao amante acena,
O africano ao palmeiro um thyrso arranca,
Sacode-o sobre a femea, e vai no outomno
Colher d'esta união não raros fructos.
Mas ao seu quadro amor me prende ha muito,
E inda tres estações pinceis me pedem.

CANTO SEGUNDO.

O astro pomposo, cuja luz fecunda
Présta aos dous mundos o calor, e a vida,
Transpoz dos Gêmeos o brilhante signo,
E no cume do céo reluz, triumpha.
Trajando as estações diversas galas,
Sentadas sobre nuvens o rodeam.
Por mão d'ellas verdura entorna, e flores,
De Céres a riqueza, os dons de Baccho,
Rouca tormenta, que liquide os ares,
E que, apurando-os, fertilize a terra.
Eis, volvendo ao Verão benigna face,
«Vem, sóbe ao carro meu (diz) sóbe, oh filho;
Na gloria minha, em meu poder tem parte;
Quero illustrar comtigo a Natureza.
Eia, destapa os montes, herriçados
De altas geadas, que meu raio afrontam;

Faze rolar nos hyperbóreos mares
Montão medonho de azulados gelos;
Ondas, do norte ao equador pulsadas,
Das correntes, e fluxo auctor te acclamem.
Aguas povôa, e ar; manda de insectos
Sobre as lagôas adejar negrumes,
Manda enxames zunir d'entre as hervinhas,
Seus tenues habitantes dando ás flores.
Por ti fulvo metal na terra brilhe,
Accenda-se o rubi nos teus luzeiros;
Inda mais uteis dons confere ao homem,
Verdejantes espigas enlourece,
Os trigos doura, que apiedada Ceres
Lhe deu para ajudar-lhe o pezo á vida.
Diz, e dos fados seus o Estio ufano,
Executa de Phebo as leis supremas.
Espraia seu fervor no céo, na terra,
Rio é de fogo, e se insinua, e corre.
Não lhes empece, aos campos aproveita,
Que a Natureza em paz vestiu de plantas,
Onde a relva confusa, o musgo, o feto
Tapam de espessos véos a terrea face,
E o que á fecundidade é prestadio
Só deixam n'ella entrar de estivos lumes.
Nos logares, porém, onde a arte impéra,
De Flora nos jardins, nos teus, Favonio,
Pela calma esgotado, o sulco em breve
Das flores suas vê murchar-se a gloria,
Se vida o regador não restitue
Á prostrada verdura, em claras ondas.

Nymphas, que ás fontes presidis, e aos rios,
Vossos puros cristaes prestar-nos vinde.
Feliz quem nos seus campos vê surdindo
Vitrea nascente de humido penedo!
Ribeiras luzem mais, porém mil vezes
Risco attesta o pomar de o visinharem.
A terra não se apraz de ser banhada
Se, pisando-a, simelha os sons do bronze,
Se o meio-dia accezo a tez lhe torra.
Corre agua, que lhe dás, em vão por ella;
Desespéra inda mais sedes, que a mirram,
Nos ares se evapora, e vai-se em fumo.
Assim de Yemen o incenso, em dias faustos,
Mal toca o lume, que na pyra estala,
Subito ardendo, subito exhalado,
Aos deuses vôa na cheirosa nuvem.
Quando a Titonia moça enfeitam, cobrem
Docel de rosas, de jasmins grinalda,
Inda mais quando, oh Venus, o teu astro
Converte em mansa noute o dia inquieto,
É que a terra, da calma respirando,
O regador chuvoso anhela, e chama.
Depois de estivas, ensuadas horas
N'haste pendente desfalece a planta;
Mas se a frescura lhe penetra o seio,
Logo se animam seus vencidos orgãos,
E reverdece logo, e bella, e branda,
Por entre virações altêa a fronte.
As aguas alegraram planta, e planta;
Todas em largo sorvo as têm gostado.

Em quanto do seu giro o sol no termo
A's sombras inda oppõe de luz um resto,
Tu visita de novo as tribus verdes,
Recolhe cá, e lá seus mil perfumes,
Vê n'um, n'outro logar luzir-lhe a folha,
E a imagem da ventura em toda a parte.
Os botões ámanhan do cravo, e rosa
Te deixarão prevêr seus attractivos;
A cereja, o damasco hão de pagar-te
Desvelos, que exerceste em cultival-os,
E serão teus jardins no estio ardente
Quaes os logares, do equador visinhos,
Onde sempre escaldada a terra, e fertil,
Delicias nutre ao mundo, e não se estanca.
Lá nos pulidos campos, lá nos bosques
Seus dons ostenta mais suberba Flora.
Monstruoso arvoredo assombra a terra,
E os tempos, os tufões como que insulta.
O Seiba, erguido ali qual torre immensa,
Abarca geiras cem co'a vasta rama.
Seus braços, ás florestas sobranceiros.
Outras florestas são, pelo ar suspensas.
Oh quantas gerações se têm sumido,
Que imperios d'ante os olhos têm voado,
Desde que este gigante aos céos levanta
A fronte, que de seculos blasona!
Mil vegetaes, ao sol não menos charos,
São de rara virtude ali munidos.
Deleitoso café, o engenho espertas,
Valem teus succos a Perméssia limpha.

Antidoto celeste ali roxêa
Quando a febre assanhada o pulso inflamma;
Trepadora baunilha ali me alegra,
E a siliqua fragrante une aos arbustos.
Ufano olha Ceilão seus bellos bosques,
Das Molucas a noz festins perfuma.
Certa planta (oh prodigio!) a seus encantos
Liga os melindres do virgineo pejo.
Se com dedo indiscreto ousas tocal-a,
Quer esconder-se a pudibunda folha,
E ás mesmas leis fiel, o mobil ramo
Se inclina para o tronco, e cinge a elle.
Admiro as redes, que, ao mosquito infensas,
Arachne dependura em torno aos tectos;
Mas do insecto ardiloso o tenue fio
Excedem muito da Diónea as artes.
A folha entre lagôas embuscada,
Recata n'um mel puro aguda ponta,
E de mola infiel se arma, se ajuda.
Mal que a menêa famulenta mosca,
A folha encolhe, e o temerario insecto
Eis traspassado, e susurrando, expira.
De uma flor tão cruel se arrede a vista.
Lustra amaryllis; o jasmim branqueja,
Festões se alongam em redor da agathis,
Purpurêa os botões gentil congorça.
De verde tamarindo á fresca sombra
Quanto fólgo de olhar paizagem rica,
Onde em seus ramos o nopal sustenta
Da purpura de Tyro o triste herdeiro;

Onde instaveis cipós das rochas pendem;
Onde a roman brilhante arêas cobre,
Onde . . . não posso numeral-os todos.
Risonhas flores, delicados fructos,
Porque me recordais a historia amarga
De extinctos povos cento a fêrro, e fogo!
Patrono de crueis conquistadores,
Devêra o Fado abrir-lhe os campos vossos?
Ilha remota se demande, oh Musas,
Vedada pelos céos á crua Europa.
Exponde aos olhos meus ditoso valle,
Tégora dos mortaes não profanado.
Vós me ouvis. Eis magnifico arvoredo
Desparze em torno a mim fragrantes sombras.
De uma fonte commnm, quaes vem dous gêmeos,
A prado ameno dous arroios descem.
Suspira sobre o myrto a bengalinha;
Por entre as palmas, que Favonio róça,
Rubros loris, e os verdes papagaios,
Abrigados do sol, nas folhas saltam.
Nuvem de araras majestosa brilha,
Pousa nos ramos, e a floresta occupa.
Já nas palmeiras seu revolto bico
Abre os fructos, que forra hirsuta casca;
Já mimoso ananaz, que sáe das hervas,
Os aéreos convivas junta em roda.
Innumeraveis ninhos entre as flores
Um ar vivificante ali respiram;
A rija tartaruga a passos lentos
Ali junto do mar seu pezo arrasta,

Quando as aves, que amima o deus das ondas,
Os ermos deixam do Oceano immenso,
E as ruivas praias costeando, aos gritos,
Em tropel, quasi noute, as selvas buscam.
Ao ridente logar não póde a Noute
Do dia o resplendor furtar co'as sombras.
Tanto que desce, numerosas plantas
Se accendem todas, e nas trévas luzem.
De insectos mil, e mil radiante chusma
Nos aureos laranjaes lustrando brinca.
Relampagos lhe espirram d'entre as azas,
E lá scintila cada folha ao longe.
Cessa o recreio, a escuridade reina:
Eis prazenteiro enxame a luz innóva,
E adeja, e vôa, e folga no ar, que doura.
Mas sombras taes, que a Natureza inflamma,
Montanhas do Perû, planicies d'Asia,
Mal podem, França, equivaler-te ao clima.
Vences o Egypto, onde tres vezes no anno
Se c'roa a terra de opulentas messes;
De Mavorte a cidade, aos reis terrivel,
Nos tempos de ouro te invejára o lustre.
Pastora, junto ao Sena reclinada,
Jámais temeu do crocodilo assaltos;
Incauto caçador nunca em teus bosques
Pallido recuou, da serpe á vista,
Que, d'entre o matto, qual palmeira enorme,
Abre, surgindo, as matadoras fauces.
Gados suberbos em teus valles bramam,
Orna-te os cerros pâmpano afamado;

Corre teu puro azeite em rios de ouro;
Ceres te abasta os próvidos celeiros.
Junge Marte a seu carro os teus ginetes,
E Nerêo de teu raio ao longe treme.
Que monumentos de grandeza extranha!
Olha: é Bossuet, que assoma, e que troveja,
É Descartes, que ao mundo illustra o cáhos;
É Corneille, Pascal, Boileau, Racine;
Este das leis oraculos decifra,
Outro da Natureza expõe milagres;
E tu, tambem, que os titulos sagrados
Restituiste ao mundo em letras de ouro.
Eis, eis Martel, que na remota edade
A furia rebateu do mouro infesto!
Carlos, que, de reis cento amparo, ou jugo,
Viu a terra, a tremer, calar-se ante elle;
Os Bayards, os Guesclins, da guerra numes,
E cá mais perto Catinat, Turenna.
Oh páe da Natureza! Oh grande! Oh justo!
Este imperio protege, onde ordem nova
Com teu favor divino, á sombra tua,
O templo social refórça, estêa.
Manda que a paz celeste, e que as virtudes
Em luminoso grupo aqui descendam,
E a amisade, esse bem, por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo.
Dos magistrados esclarece a mente,
A' ventura geral seus passos guia;
De novos Linos as vigilias honra,
Maravilhas de um Deus confia ao sabio;

Amavel pejo na donzella influe,
No rosto a graça, e candidez lhe apura;
Fórme, unida ao consorte a casta esposa,
De seus filhinhos seu primeiro enfeite;
Eterniza das leis o amor sagrado,
D'ellas escudo, consistencia d'ellas,
E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Grandeza, que deslumbre a patria minha.
  Entremos outra vez nos altos bosques;
Debaixo de ar accezo o chão se gréta.
Sós as florestas nos off'recem risos,
Sós nos off'recem a frescura, e graças.
Ao pé da estancadeira, ao pé da esteva
O abrótano levanta azues espigas,
Eis junto ao pinho a teucria resinosa;
O trovisco a familia aqui desparze,
Ali brilha o botão do cravo agreste;
Rubro medronho as hervas embalsama.
É de fausta cidade a selva emblema,
Cada especie concorre ao bem de todas.
O forte ajuda o fraco; este atavia
Em anno, e anno o bemfeitor co'as flores;
Como guarda fiel, o agudo espinho
Pósta-se aqui, e ali, rechaça os gados
Com seus mordazes bicos; e apadrinha
As arvores nascentes. Mil renovos,
Moço, e fertil enxame, além presentam
Dos tenros fructos a colheita facil.
Girem mais alguns sóes; verás aos bosques
Ir de uma, e d'outra aldêa o destro povo,

O pastor despegar do leve ramo
A noz, que esmaga, e que á pastora off'rece.
Alçam em tanto ao céo carvalhos, olmos,
O bordo, o freixo, as arrogantes cópas;
Dos raios o furor provaram muitos,
Os outros, alargando annosas sombras,
Glorioso reinado illesos findam,
E attestam protecção de amigos deuses.
Longe dos seus rivaes, lá sobre os troncos
O corvo, em solidão, vai aninhar-se.
Mas numerar quem póde os varios entes,
Que erram nás folhas, e que o lenho inclue?
Desde o hypo, que lhe jaz aos pés lançado,
Té ao ramo entre as nuvens escondido,
Vivem átomos mil em cada fenda;
Um povo em cada nó se cria, e ferve.
Nasceram co'a manhan, terão á noute
Da ephemérica vida extincto o prazo.
As mesmas sélvas para nós derramam
O fluido vital, alma do mundo;
Prestantes, vigorosas fibras suas
O mais profundo chão tambem penetram;
Sórvem a agua invisivel, e em vapores.
Sãos, fecundantes, do escondrijo a elevam;
Dão vitreo cabedal do monte ás nymphas,
Que refrigere, que humedeça os campos.
Mostrai-me, oh rios, descubri-me, oh lagos,
Vossos bellos thesouros verdejantes.
Quem vos tocára as humidas madeixas,
Do timido germano usado abrigo!

Quem vira as plantas, que alentais no seio!
Quem o jardim das escamosas turbas!
Paremos junto á florida collina,
Donde o Marna se vê regando os prados.
Lá salgueiros sem conto ao rio inclinam,
Ou endereçam para o pólo a rama.
Insecto singular nas folhas mora,
E exhala sobre a margem róseo cheiro.
Os golphões sobre as ondas aplanadas
Formam d'aquem, d'além, tapiz suberbo;
O purpureo litronio, o morto cardo,
Dão lindo enfeite á solitaria margem;
No proximo espinheiro as campainhas
Entrelaçando a flor, que a neve abate,
Cubrindo de festões seus intervalos,
Das graças vegetaes o nó parecem.
Ás vezes me extravio, e desde a aurora,
Distante do logar, vagueio incerto.
Eis entre serras me apparece um lago,
De que este, e aquelle extremo as névoas toldam.
Mas tanto que as penetra o sol fervente,
Dos cumes atravez as vejo alçar-se;
A agua logo reluz, e a sombra ao longo
Das bastas selvas, qual espectro, foge.
Em todo o seu primor ólho o thesouro,
Que ao sitio deram circumstantes numes.
Rochas amontoadas junto ás ondas
Mostram-me arbustos entre as longas fendas;
Por baixo está brilhando o verde musgo,
E a seda eguala, tão suave ao tacto.

No lago o crespo abrolho, entre aguas duas,
Estende a fluctuante, a hirta casca.
Se de Eolo algum filho, ali cruzando,
De erguer as ondas fólga, rolam fructos,
Pelas vagas, e o vento arrebatados,
E vem perto de mim caír na margem.
  Atys assim das arvores á sombra
Ia estudar-te as leis, oh Natureza.
Tempo viçoso, que se perde, e chora,
Lucrava, ornando no retiro a mente.
Só vinte primaveras tinha o moço,
E do contorno as plantas já sabia.
Nem cerro esconso, nem trementes lagos
Á sofrega pesquiza lh'as vedaram;
Attento as indagava; em seus costumes,
Seguindo-lhe os progressos, se instruia,
E quando a virução lhes abre o seio,
Ia colhel-as no virente asylo:
Em dobrado papel a flor lançava,
Mantendo-lhe d'est'arte a cor, e a forma.
Eis seu prazer. Lucila, os seus amores,
D'este mesmo prazer participava.
Das filhas do alto Olympo as graças tinha,
Tinha a bondade, mais celeste ainda.
Lá nos valles de Emilio os dous moravam;
Sabia-se este amor: sua alma ingenua
Occultar não podia ardor tão puro,
E a tão puras delicias não bastava.
  Danças, e jôgos annuaes na aldêa
De Lucila o natal annunciavam:

Realçando o festejo, emfim se ajusta
Ir celebral-o no interior de um bosque.
É, para dispôr tudo, eleito o amante:
Parte, e com que fervor! Quem ama o julgue.
Oh! Que projectos a paixão lhe inspira!
Oh quanto diminue, augmenta, e muda!
Deviam-se ajuntar n'um fresco sitio,
Onde entre sombra, e luz falece o dia.
Onde Zephiro assiste, as plantas folgam,
Brilhe o sol no zenith, ou no horisonte.
As arvores emtorno se arredondam,
Une-as prisão de amor, prisão de flores.
Fórma thronos de relva a mão do amante;
Aqui da linda moça imprime o nome;
Versos do coração, mimosos versos,
No tronco de uma faia, além commovem.
A obra se ultimou conforme ao gosto:
Atys gosa o porvir, já vê na mente
Pela estancia de Flora entrar Lucila;
Vê pudico rubor tingir-lhe a face
Ante o campestre, não previsto adorno,
Onde as artes de amor Amor conhece.
Emtanto do hemispherio o sol fugira;
Enluta-se a floresta, o som do raio,
Que urrava ha muito nas remotas serras,
Em pezadas carrancas se aproxima.
«Adeus, ditoso bosque, asylo amado;
Em teu seio ámanhan terás Lucila.
Amor, por lhe aprazer, de ti desvie
Os bravos furacões devastadores;

E nada triste aqui lhe afflija os olhos.»
Assim falava o misero, eis que o raio,
Da nuvem rebentando, o colhe, o mata.
Renasce o dia destinado a prantos,
Sem que assalte os ouvidos nova infausta.
Risonhas aldeans cem teigas enchem
De brandos lacticinios saborosos,
E da purpûrea ginja, e dons de Céres.
Solta madeixa lhe engrinaldam rosas,
E em triumpho Lucila ao templo guiam
De verdura, e de amor... Mal sabe a triste
A que horrendo espectaculo a conduzem!
Chegam, cantando, ao bosque. Entra Lucila;
Entra, e vê no pavor de áridas sombras
Inanimado, em pé, sem cor o amante,
Sustendo-se n'um tronco, extincto quasi.
«É elle! É elle! Oh céos!» exclama, e vôa
Com face cor da morte ao malfadado;
Acodem-lhe, e, carpindo, as companheiras
Desejam mitigar-lhe as ancias mudas;
Seu rosto sem vigor ao seio encostam,
E a levam fria, e semimorta aos lares.
Oito luas entregue a viram sempre
Á desesperação, sempre á saudade.
Cerrado ao mais, té surdo á natureza,
Seu coração mantinha o golpe occulto.
Plantas, que tanto amou, não resistiram
Ao duro hynverno: pereceram todas.
Como as flores tambem murchando a triste,
No sepulchro immatura ia abysmar-se.

Eis menino gentil, que nos suspiros
Explica o mal da mãe prostrada, enfermo,
Hervas implora, cujo amargo a livre
Da pertinaz doença raladora.
Lucila recordou que aos infelices
Atys o coração jámais fechára,
E, o pezo das angustias arrastando,
Aos campos, mesmo assim, dirige o passo.
Era o tempo em que o sol das ondas surge,
E com puniceo raio as serras córa.
Acordando co'a luz, se erguia a planta,
De orvalhos, de boninas esmaltada;
Aroma salutar vagava os ares;
Saíam d'entre o bosque as avesinhas:
Quaes pedem pelo campo á Natureza
Dos implumes penhores o alimento,
Quaes vão de ramo em ramo, e lá gorgeiam
Os versos naturaes, que Amor lhe ensina.
Lucila os olha, os ouve, e chora, e geme.
Volve em si, colhe a salva, e colhe a arruda,
Vai preparal-as, e em tres dias nota
Que o mal, sem força já, desapparece.
Folgou, como Atys, de girar nos campos,
E, adorando-lhe as cinzas, foi, como elle,
Esperança, e guarida aos desditosos.
Vinde aos campos, oh vós, que as magoas finam,
E os filhos de Chiron aos campos venham.
Piedosa a mão de um Deus a nossos males,
Contém nos vegetaes o seu remedio.
Tres elementos os compõem mórmente:

O páe do acido é um, páe d'agua é outro,
E emfim negro carvão. Com taes principios
Roupas de flores o universo envolvem.
Segundo os climas variando especies,
Nos médem precisões pelos haveres.
Quando a tosse importuna em crebro esforço
Ao velho anciado a machina fatiga,
Molle violeta, em placido xarope,
Humedece, allivia o peito ardente;
A raiz de açucena extingue o fogo
De acceza chaga. Machaon em Phrygia
Nos feridos heróes dictamo espreme:
Já pára o sangue, e obediente aos dedos
O ferro larga a preza, e cáe do golpe.
Por extremo a papoula aos grandes presta.
Do sabio frequentando a estancia humilde,
O somno foge aos nitidos palacios,
Onde a angustia se volve em seda, em ouro.
Que não póde a riqueza! Eis planta nova
Usurpa os sulcos, para o rico estilla
Um leite soporifero, que os mimos
Do sereno Morphêo mil vezes suppre.
Onde Athenas luziu, e onde era Esparta,
Nos terrenos phebêos Argos, Mycenas,
Rosa fragrante a candidez ostenta,
E entre as grandes ruinas lá se eleva.
Seu oleo, que as rainhas prézam tanto,
Seu oleo, resguardado em frascos de ouro,
Vence o nectar, que outr'hora aquelles campos
Dos numes aos festins subministraram.

Mil vezes doce antidoto nos bosques
Aos venenos de amor se tem buscado.
De hervas amigas se julgou que o sumo
A ternos corações a paz trazia,
Os odios, os desdens amaciava,
E do errante amador continha os vôos.
Esperança falaz! Chiméra insana!
Circe, a filha do Sol, que transtornava
As leis da Natureza a seu capricho,
De attonitos mortaes trocando a fórma;
E aquella, que a Jason, depois ingrato,
O drago adormentou, feroz, e horrendo,
Co'a magica potencia (ah!) não poderam
Deter n'um coração fugaz ternura.
Bens não busquemos, que não ha nas plantas.
Aquelles bastem, que ante os pés nos brotam.
Numeral-os quem póde? O musgo humilde
Dá calor aos Lapões, e aos Rennas pasto;
Abriga os ovos, que a avesinha aquece,
D'elle o esquilo veloz compõe seu berço.
Ao musgo côres mil se devem novas,
E até faiscas de innocente fogo.
Na mádida espessura, annunciando
Subterraneos cristaes, não mente o musgo.
Lá no monte, no outeiro as debeis hervas
Reparam-lhe as ruinas, lá suspendem
Pulverulentas nuvens, e as arêas,
E os mil fragmentos, que assanhado Bóreas
Alça, varrendo os resequidos campos,
E em remoinho arroja em torno ás serras.

No concavo das rochas, e em seus flancos,
Dos ventos a pezar, sustêm-se restos,
Que innumeraveis germes apascentam.
Corre gentil verdor por toda a parte,
E a floresta, os vapores attraindo,
Faz dos cabeços borbulhar correntes.
Dos vegetaes a graça, o gosto d'elles
Servido sempre tem de molde ás artes;
Viu-se, imitando-os, o pincel mimoso
As côres variar n'um mesmo quadro.
Do vosso, oh campos, atilado esmalte
As roupas divinaes bordou Minerva,
Dextra sabida no macio adorno
Ergue o jasmim, desabotoa a rosa.
Entalha-os o cinzel té sobre as c'roas,
E columnas o acantho aformosêa.
Nas flores, ah! que amavel monumento
Tem achado altos dons, altas virtudes!
Que erguidos nomes sorveria o Lethes,
Se as plantas seu louvor não consagrassem?
Absorvem-se os thesouros, vão-se as forças;
O que o homem construe abate a Sorte,
Té na fronte dos reis imprime ultrajes,
Os palacios derruba, e prostra os bronzes;
Mais estavel que o marmore, e que o ferro,
Nutre seu nome a planta, e doma os Fados;
É vivente inscripção, que se renova
Em cada primavera, em cada hynverno.
Mas de sempre viver qual foi tégora
Mais digno do que o teu, Linné, qual nome?

Vieste, e veiu a ordem. Luz brilhante
Dourou rapidamente a Natureza;
Dos varios mineraes o leito escuro,
Dos ares o agil filho, o filho d'agua,
A linhagem de Abril: tudo notaste,
E, tudo conhecendo, ensinas tudo.

CANTO TERCEIRO.

Quando medindo pela noute o dia,
Nos céos a Libra assoma, o fresco Outomno
Tóma, de uvas, e pampanos c'roado,
O sceptro dos vergeis da mão do Estio:
Brincões prazeres, abundancia, risos
Pregoam a estação formosa, e leda.
Povo, a que alegre o Marna os campos banha,
E vós da Costa-de-ouro habitadores,
Os toneis apertai ao som do malho;
Em seu convexo bojo os arcos se unam.
Vossos thesouros nas adegas surgem,
E a rubente vindima escuma, ferve.
Eu, que á sombra dos bosques vou no rasto
Do bom Vertumno, e campesinos deuses,
Em não remot a paz esperançado,
Para cantal-os encordôo a lyra.
Junto ás que o prado enfeitam, flores novas,
Sementes madurar-se eu vi risonho.
Umas vôam sem risco, e lá debaixo
Ficam das hervas, e a seu tempo brotam:
Arbustos sem cultura assim renascem,
E Cybele amplifica o verde ornato:
Outras, se em dirigil-as não cuidamos,
Cáem, morrem. Taes os grãos, que e squece o rico,
Se o pobre os não colhesse, em poucos dias
Corruptos jazeriam sobre a terra.

Maternamente Natureza rege
As varias plantas, que espontanea cria.
É do homem ao suor propicia menos.
Se descançar o arado, em breve os trigos
Deixarão de reinar nos uteis sulcos.
O ponteagudo cardo ali revive,
Recupera a bardana o senhorío,
E os engos das planicies tomam posse.
Caminhe-se inda mais á Natureza:
Erga-se o véo, que seus mysterios cóbre.
Vejamos, pois, com que saber, com que arte
A semente nas flores afeiçôa.
Alta mão, que extraiu de somno antigo
Germes, na antiga noute semimortos,
E que a fórma lhes deu, e a leis constantes
Tudo emfim sotopoz, o Deus, quiz logo
A terra povoar, nascida apenas.
Disse, e o fulvo leão rugiu nos ermos,
E ao sol, ao raio as aguias se afoutaram;
O homem alçou depois a face augusta;
Mas inda os valles nus, e nus os montes,
Não presentavam mais que um lodo esteril.
Á voz omnipotente, adorno immenso
Envolve a superficie á Natureza;
Deus manda á terra que ministre sempre
A seus habitadores fructos varios,
E que, em reproduzir-se a planta exacta,
Feche em seus mimos as sementes suas.
Assim lyrio fastoso, e relva humilde
Orgãos pasmosos co'a existencia houveram.

Lá no centro da flor subtis columnas
Vibram da summidade um pó fecundo;
Taes átomos no ovario se desparzem,
Por occultos canaes ao fundo chegam,
Levam de cavidade em cavidade
Á semente o calor, o alento, á vida.
Murcha-se desde então, morre a corolla,
E é dado aos olhos vêr semente, ou fructo.
Estas c'roadas plantas todavia
Nos mesmos sitios existir não podem:
Uma deve habitar sedentos cumes,
Outra de um lago as ensopadas margens.
Nos varios sitios a semente é vária;
Aquella, que no monte os sóes maduram,
Rival das aves, como as aves gósta
Não pouco de adejar n'um cerro, e n'outro:
Moveis pennachos tem para elevar-se,
Plumoso martinete, ou azas leves.
Tal, prenhe de ar subtil, globo engenhoso
Com graça balancêa, e sóbe ao pólo.
Exercitos domina em vôo altivo,
Gira por cima de assustadas torres,
Desmancha os planos do inimigo arteiro,
Segue os seus movimentos, vê seus passos;
Guia o valor francez, e a dubia palma
Nos campos de Fleurus por elle arreiga.
Flores, que em margens prende a Natureza,
Tem bateis que a semente lhe transportem.
Véo longo ás virações uma presenta,
E dos lagos discorre o mudo espaço;

Do remo outra se ajuda, e voga, e segue
Do rio os torcicólos. No Oceano
Estas fluctuam vegetaes esquadras,
Vingam, sem guia, immensos intervalos,
Enriquecem, passando, estereis praias,,
Vão ter ao fim do mundo, e tomam terra,
O mar não temas que as penetre, e vibre
Golpe mortal aos clausurados germes;
Cozeu arte divina as taboas todas
Dos virentes baixeis, e a Natureza
Cem vezes, por tolher o ingresso ás aguas,
De cera pegajosa ungil-os soube.
Assim da cerieira os fructos nadam,
Dos dons d'abelha supplemento amavel;
E assim mil vegetaes, que vê nas ondas
Correr o bemfadado americano.
Sabios filhos de Penn, em paz dourada
Favores alongai de pingue terra,
Nas verdes margens das correntes vossas;
Nos montes, que os limites vos abraçam,
Fructos colhei, que sem ser vistos cáem,
E que roga, talvez, nossa exigencia.
Já vossos esteliferos asteres
Orlam nossos jardins; dos cedros vossos
Á sombra vossas leis cá meditamos,
E de lá tantas arvores trazemos,
Que, abrigado o francez da copa extranha,
Quasi não sabe que hemispherio habita.
Mas por entre estes hospedes viçosos
Anno vindouro meus trabalhos toquem.

Os bulbos, que na estufa repousavam,
Tornar ás hortas, expertando, anhelam.
D'esta vontade interprete aos teus olhos,
As folhas alongando, eis enverdecem.
Não se espere a hynvernada. Assim que os tordos
Attentas nymphas na floresta encantem,
Toma luzente ferro, e desde a aurora
Prepara ás flores subterraneo berço;
Lá doceis ao cordel, dispõe por classes
Curvo narciso, e tulipa orgulhosa,
E o junquilho fragrante, e a flor suave,
Que do moço Hyacintho a morte affirma.
D'ellas outr'hora o bátavo attraído,
De theatro em theatro ía admiral-as;
Dando por simples flor punhados de ouro,
D'aquella fragil posse alardeava.
Taes, não longe do Euxino, e contra o Phases,
O Cáucaso, em tropel, eunnucos cercam;
Regatêam com ouro a formosura,
Bem, que perde o valor quando é comprado.
Mimosa escrava, destinada aos gostos
Do sultão, que não viu (ai!) suspirando,
Suspirando vãmente, a patria deixa,
Que a ver não tornará, por mais que chore.
Do mérito modesto emblema grato,
A hortaliça tambem carêa os olhos.
Dos bens, que ella redobra, e que varía,
O contente caseiro ao pezo verga.
Cuidando a terra em premiar-lhe as lidas,
Lhe entrega fructos mil por mil sementes;

E a arvore ás vezes em seus dons gostosos
Da sua primavera eguala as flores.
De um vão melindre ha pouco o vate escravo,
Nas hortas, nos pomares tropeçava;
Só vinha no estudado circumloquio:
O trepador feijão, pegado ao ramo,
A dourada cenoura, a ruiva selga,
Gostos peitando, ouvidos offendiam.
Tal delirio voôu, e a crespa couve,
Alarde de Milão, redonda e bella,
Já ousa apparecer, sem desluzil-os,
Nos sons cadentes da campestre Musa.
Succo havendo melhor por arte minha,
Talvez mais bello te alvejára o aipo,
Mais bello fôra o cerefolho, a azeda,
A salsa, verdejante ao pé das aguas;
E, lá nos sóes de hynverno, a tenra alface,
De um muro ao longo os ares insultando,
Iria na florente primavera
Seu tributo pagar, e ornar-te a meza;
Mas não tento em meus versos dizer tudo:
É de sobejo que entre dons tão vários
D'aprazivel pintura encontre objecto.
Discorro aqui, e ali, sou como a abelha.
Ora entre cravos, e jasmins, e rosas
A pompa dos jardins cantar me agrada;
Ora nativas graças preferindo,
Fólgo em veredas de copados bosques.
Retiros demandemos, que a arte ignora,
Guiados por Bulliard, ali se busquem

Aquelles vegetaes sem flor, sem rama,
Estirpe do rocio, ou da procella,
Fugazes rebentões, que n'um só dia
Não raras vezes nascem, crescem, morrem,
Com que insignes feições os assignal-a
A mão da Natureza entre a verdura!
Que mingoa é n'elles carecer de flores,
Se das flores tem cor, perfume, e graça?
Dos cerros no pendor sente-se a rosa.
Désces ás margens de sereno arroio?
Tens na cortiça de humido salgueiro
O lustre do marfim, do anís o cheiro.
Cubertos de herva os cogumelos brotam,
E ergue o agarico pavilhões ufanos.
  Querido de Lyêo, e odioso a Ceres,
Nos alqueives tambem florêce o feto.
D'elle, abaixo da folha, eu te apontára
Presa semente em amorosas prégas;
Porém tremendo estrondo atrôa os ares,
E as ondas tumultûa o Sul revolto.
Ronca o pélago ao longe, as crespas vagas
Nas escumosas praias esbravejam.
Vamos: agora o turgido Oceano
Cóspe os haveres seus ás margens vastas.
Quem pelo equoreo bojo entrar podéra,
Seus profundos milagres quem tocára,
Se das vedadas, invisiveis grutas
A mão do remoinho os não roubasse?
Vê compridos listões sobre as arêas,
Vê relva, que as Nereidas já trilharam,

Vê porção d'esses bosques, onde o peixe
De monstro devorante illude a fome.
És mãe de cada especie, oh Natureza,
Nenhuma se anniquilla: o fraco evita,
Escudado de ardís, com mil rodeios,
Encontro desigual, exito infausto.
D'estas plantas maritimas gran parte
Subsiste sem raiz, sem luz vegeta;
Outras, do fundo erguendo-se, fluctuam
Dos ventos a sabor na tona d'agua:
Tres pinhos, cuja fronte as nuvens fende,
A incognita grandeza não lhe egualam.
O mar deixêmos. No oriente se abre
Espectaculo novo. Oh Phantasia,
Fada ligeira, audaz! Desmanda os vôos,
Este hemispherio corre. Encara, observa
Cidades da Germania, e seus costumes;
Do Sármata, ao passar, prantêa os fados;
Transpõe o Tánais, formidavel muro,
Mas que os Hunos horrificos venceram,
Quando tyranno atroz, d'um Deus flagello,
Veiu esmagar de Europa os tristes filhos.
Vê sobre as margens, que fecunda o Volga,
Recendentes melões sorver-lhe as aguas.
Reconhece em Tangú potentes hervas,
Que de sôfrega morte a fouce embótam;
Prosegue, e, costeando a longa China,
No proximo terreno, abate as azas.
A senha deu-se. Com pendões diversos
Mortaes dez vezes mil eis trepam montes.

Não é para exparzir com mão cruenta
De logar em logar o horror da guerra.
Tambem não palpiteis, orphãos dos bosques:
Não ha de Ecco aprender gemidos vossos.
Co'a linda próle, co'as esposas lindas
Podeis livres errar nos vossos montes.
Este exercito novo a paz cultiva,
Uma planta, não mais, nas selvas busca.
Em borda de profunda ribanceira,
Ao pé de rochas, que ameaçam queda,
Junto a cavernas, em fragosas brenhas,
É lá que aos olhos o ginsão se offerta;
Odêa a luz: a flor só abre, e pouco,
Se a patrocina, e cobre arvore espessa.
Do principio do outomno ao fim do hynverno,
Nos agros climas a incansavel turba
Desencanta os thesouros, filhos do ermo,
E entre os Favonios vem, pezada, ovante.
Seu atavio as arvores mudáram.
Parando na carreira o vago succo,
Da purpura mais viva as folhas córa;
E de um ouro brilhante esmalta os bosques,
Crê-se, no alto das serras vendo o bórdo,
Que de raios o doura um sol fulgente.
Este esplendor, comtudo, e rico adorno,
Oh Primavera, teu verdor não valem:
Genio, dado á tristeza, observa n'elles
Não tarda ausencia de amorosos dias.
Vae tu onde vapôres, serpeando,
O passo das correntes arremedam.

Lá o anno, declinante, inda tem flores,
Mas os golpes do frio a cor lhe empanam.
Sóbe á colina, onde tardias plantas
Curvam, tremendo, as pávidas umbellas;
A enlutada saudade ali se off'rece:
Eis a misero amante a flor mais grata.
Rochedos, solidões, como elle, estima,
Ás tormentas, como elle, exposta vive.
Ah! se um ferrenho arbitrio, amada Elisa,
Se teu rigido páe nos dividisse,
Se onde agora a gemente ave das trevas
Solitaria, sem luz, diffunde agouros,
As tranças te encubrisse o véo sagrado;
Se voz terrivel te arrancasse um voto...
Tremo, e dos olhos me escorrega o pranto.
Não: meus males, meus ais levando ás fragas,
Não me ouvira ninguem co'a historia d'elles
Os penedos cansar, cansar os eccos:
Fora meu sangue n'esse negro dia
Tingir dos muros teus a férrea porta.
Tu vives, bella, e para mim tu vives!
Da mais sancta união delicias gostas.
Tu amas, como eu amo, a paz dos campos,
Anda sempre comigo a imagem tua.
Se entre os objectos em que ponho a vista
Crédores de aprazer-te alguns contemplo,
Já corro a dar-t'os, e as bellezas d'elles
Com ligeiro pincel n'alma te imprimo.
Não vês a chusma dos aereos povos,
Já promptos a fugir de nossas plagas?

São Pomona, e Vertumno os que lhe regram
Ausencia, que te espanta. Assim que Phebo
Por mão das estações, sobre os caminhos
Lhe apercebeu festins, se afastam logo
Das ribas africanas, e endereçam
Rapidamente para o norte o vôo.
Mas depois de exhaurir, de clima em clima,
Dispostos armazens da Natureza,
Chamam-se mutuamente, unem-se as tribus,
Vão-se em amiga tarde, e volvem juntas
Ao equador, onde mais ferteis campos
Novas messes luzir, vingar já viram.
Inda com aza timida, os filhinhos
Não sabem a que parte as mães os guiam;
Mas nos frios do Outomno, e tez extranha
Com que elle matizou verdura, e flores,
Desconhecendo já propicio bosque,
Onde por entre os Zephyros brincavam,
Suspirando em segredo um ar mais doce,
Seu berço desamparam sem queixume.
Tanto que os vê partir, cuida Pomona
Em saciar do agricola esperanças.
Já do ramo abanado os fructos chovem,
Já surge no lagar montão vermelho,
As cubas, os toneis, e a mó pezada,
Que cheirosa colheita em giro opprime.
Porque, o patrio character esquecendo,
O do nectar de Aí fautor brilhante,
Co'a satyra manchou liquor celeste,
Que tão mal conhecia! Exalte, embhora,

Seus cachos bellos, e os mimosos travos,
Que ao olfato annuncia um brando fumo;
Mas, filho da maçan, tu foste outr'hora
Quem o esforço avivou do audaz normando,
Cujo braço indomavel a seu jugo
Fez curvar Albion cerviz indocil.
Accezo no teu fogo o páe da Scena,
Melpómene da Grecia á Gallia trouxe,
Roma resuscitou, e ergueu da morte
Tão grandes seus heróes como elles foram.
Nas encantadas mezas scintilando,
Unes ao aureo lustre argentea espuma;
A Febre, que nos vinhos mais se inflamma,
Vê-te a face divina, e cede a preza.
A mãe, que te produz, nem sempre occupa
Em roda ao fragil tronco as mãos cultoras:
Ella é bastante a si, seus ramos sabem
Dar mil fructos, e mil, sem desvelar-nos.
É a amiga de Céres: d'ella á sombra
As chuvas, os tufões despréza o trigo,
E sobre um campo só dobradas messes
O alimento nos dão junto á bebida.
Salve, planta louçan, que a Neustria enramas!
Liquores teus, da minha patria nectar,
Se de emulo desdouro os hei vingado,
Minha empreza com gloria ao fim dirijam.
De reliquias das folhas arrancadas
Já diviso alastrado o chão dos bosques.
Do seio dos paues sáe a humidade;
E rebanhando as nevoas, os vapores,

Pelos campos estende immensa nuvem
Do sol consolador a imagem véla.
Chorando a terra em vão, lhe implora os lumes
Para a tarda semente, e fructo ignavo.
Não madurecem: podridão maligna
Com seu bafo lethal tudo inficiona.
Até nos ramos, de que pende o fructo,
O enxovalha, o destroe Celeno immunda,
Ou, soprando a semente estanciada,
A corrompe indà em leite, e molle, e em meio.
Natureza este mal sacode ás vezes:
Abrilhantados céos, calor macio,
Ar puro, que os Favonios embalancem,
Valem á flor, o imperio lhe dilatam,
E nos vermelhos campos nos figuram
Da leve primavera o riso, o esmalte.
Tambem não temos visto acceza a terra,
Se no Outomno falece orvalho, e chuva?
Vapores, cor da noute, o céo toldavam,
Quasi apagado o sol, pintava aos olhos
Orbe sanguineo, carrancuda imagem.
Escumava na arêa o pégo envolto,
Crebro trovão bramia, e por mais susto,
Por mais horror, em negrejando as sombras,
O terrivel cometa, o meteoro,
Agitavam no pólo as igneas caudas.
N'isto Iberia temeu, temeu Germania
De inevitavel mal o escuro agouro:
Eis que do estrago teu na voz da Fama,
Oh Calabria infeliz, o annuncio veiu!

Nas tórridas cavernas o Vesuvio
Entra a ferver, com horridos bramidos.
Ergue torres de fumo, as lavas sólta,
Que no troante bojo incendiára.
Rompem, zunindo, e dos trementes cumes
Em columnas de fogo eis se arremessam.
Rochas fundidas, subterraneos raios
Cruzam-se no ar, e as nuvens avermelham;
Em feia aluvião betume, enxofre
Se ennovelam no monte, o sulcam todo,
Correm aos valles concavos, e ant'olham
Dos rios infernaes a horrenda imagem.
Pelo idoso arvoredo o incendio lavra.
Fugindo os brutos por ignotas sendas,
Recuam de uma, de outra; em toda a parte
Os acossa, ou rebate a morte em chammas.
Longe das lavas, e abrazados tectos
Os habitantes pallidos vagueam:
Sustendo o esposo a languida consorte,
Do velho curvo o tropego meneio,
A mãe, que ao triste fim roubar presume
Seu tenro, e só penhor, que tem nos braços:
Tudo é lugubre, é vão. Sanhudas vagas
Desolados confins transpõem, bramando;
Tremeu nos alicerces o Apenino;
Fumegantes abysmos abre a terra,
Muralhas, torreões alue, abate,
E nas rotas entranhas os sepulta.
Talvez enternecido ache o vindouro
Debaixo de ruinas espantosas

Templos, cidades, porticos, palacios,
Das artes nossas monumento honroso.
Assim aos muros, que Hercules erguera,
Por desventura egual outr'hora absortos,
Vamos hoje admirar suberbo estrago,
Cavar da antiguidade as doctas minas.
Que será d'esses tristes, que escaparam
Por descuido da sorte, ao caso infando?
De cinzas, e de pedras ignea chuva
Cobre todo o paiz de fogo, e fumo.
O afflicto lavrador n'aldêa acceza
Viu devorar-lhe os pães a labareda.
Inda no esteril campo em vão procura
Os bois, socios fieis de seus trabalhos;
Nunca mais os verá com docil collo
Por calcinado chão levar o arado:
Regresso já não tem, nem a esperança.
Ai! com que ha de alentar a esposa, os filhos?
Sacudir a azinheira irá nas selvas?
Como, se tudo as furias golpearam?
Té nas raizes os carvalhos seccos,
A ruina horrendissima propagam.
Em meio dos sepulchros, fogos, lavas,
Surge a Fome, e, arrastando as rotas vestes,
Gira cidades, atravessa aldêas.
Primeiro exerce a raiva em tecto humilde,
Por marmoreos degraus depois subindo,
Mette em lares dourados a indigencia.
Vós, cenhosas Eumenides, emtanto
Soprais d'aqui, d'ali mortal peçonha,

O mal se multiplica, e são do ataque
Longas suffocações signal medonho.
Halito ardente, na segunda aurora,
Dos queimados pulmões a custo escapa.
Range co'a tosse a machina abatida,
O humor não quer saír, impugna esforços;
Tumultuosa flamma o rosto accende;
Mal o giro do sangue os pulsos mostram,
O véo mais transparente é ferreo pezo;
Aguda ponta o cerebro traspassa.
Some-se a voz, gravame insupportavel
Esmaga o coração. Depois da noute,
Da triste noute, que nas ancias cresce,
Enferruja-se a lingua, a tez desbota.
Attenta mudo Hypocrates na face
O presagio fatal do ponto extremo.
A esperança voôu. O enfermo ancioso
Já nem conhece a voz da esposa em prantos.
Abrazado co'a febre, e delirante,
Se crê na solidão de ardente serra,
Suspenso em negro abysmo, e se arripia,
C'os olhos a medir a altura immensa:
O cimo do vulcão vê despenhar-se,
E subito á voragem vai com elle.
Tambem se lhe levanta o chão, que piza:
Treme, abre-se, e ao abrir vomita o raio.
Succede á commoção mortal espasmo,
Gelado pára o sangue, e os debeis olhos
Para sempre abotôa a mão da Morte,
Antes de rematar-se o quarto dia.

Céos! Quem conhecerá tão ferteis campos!
Faustas cidades, prósperas aldêas,
Casaes, cingidos de florentes bosques,
O absorto passageiro embellezavam.
Duas vezes no outeiro as ovelhinhas
Eram mães, na planicie vezes duas
Vingava a messe: ali manná corria,
E o cultor com seus fructos não podia.
Os filhos da Abundancia — Amor, e Gosto —
Regiam cantos, animavam danças.
Só versos pastorîs Ecco sabia;
Vinham d'entre o penedo a vide, o cacho,
Os jasmins em abobadas, e os louros
Co'as sombras os caminhos perfumavam:
Era um amplo jardim, onde mil fontes
Vertiam fresquidão por toda a parte.
Que inopinado horror! Que scenas tristes!
Ondas sulphureas, férvidas arêas,
Os flagellos do céo, do inferno as chammas,
Tornam vasto sepulchro estes elysios.

CANTO QUARTO.

Vestindo nuvens o rugoso Hynverno,
A devastar começa os turvos ares;
Desfaz das tres irmans lavor prestante,
E, rugindo, amontôa o gelo, a neve.
Páram cantos: Amor lhe esquiva os sôpros.
Aos sons do rouxinol, aos sons da flauta
Succede a furia de escumosas cheias,
E o rebombo dos Áquilos potentes.
  Sustém meu vôo, oh Musa, entre as procellas;
Não mais nos hão de ornar jasmins, e rosas.
Jaz deserto o jardim, jaz murcho o bosque;
Pelos campos Eólo esparze as folhas.
Ah! Tu me ensina, que razão pasmosa
Esvaece o matiz da Natureza,
A déspe, e n'alta machina agrilhôa
Espiritos, que as mólas lhe regiam.
De dádivas do céo nascendo rica,
Da vida inclue a terra os germes todos.
N'ella os succos estão, que ao pólo a coma
De teus cedros, oh Libano, agigantam,
E n'ella as seibas, a que as varzeas devem
Lourejante seara, e verde relva.
Mas estes germes, sem vigor dispersos,
Pedem vivo calor para brotarem.
O deus das estações, da terra esposo,
A necessaria flamma lhe insinua;

O universo applaudiu dos dous o laço,
De amor, e de alegria estremecendo,
Quando, espraiado o sol, vestiu de luzes,
E de gloria celeste a leda noiva.
Cada vez que, a seu carro avisinhada,
Beber-lhe os raios amorosos póde,
De opulento verdor se aformosêa,
E a fecundante força espalha em tudo.
Mas quando lei fatal de férrea Sorte
D'este centro divino a põe distante,
Robustez, formosura a desamparam,
Murcha-lhe a c'rôa, amarellece a fronte:
Do norte os filhos, a que o sol triumphante
Co'a presença radiosa impoz silencio,
Desmandam-se em tufões, de nuvens cingem,
Carregam de regêlo a terra anciosa,
E, como em sepultura, escondem n'ella
Plantas, que em tempo mais feliz a ornavam.
Longe dos falsos bens, que enjeita o sabio,
Tu, ditoso cultor de parca herança,
C'os vimes dobradiços vem depressa
O arbusto, que vacilla, atar aos muros.
Proveitoso rigor de curvo ferro
Tálhe ramo importuno, ou ramo estéril.
Césse aqui teu desvelo. Em quanto á roda
Bravîos furacões tempestearem,
Tranquillo, junto ao lar, campestre, escuso,
Do Pórtico ás lições darás ouvidos;
Canto repetirás dos genios grandes,
Associando ao seu talvez teu estro.

Oh vós, de Phebo alumnos! Inspirai-me
Nas ermas noutes, e guiai meus vôos;
Azas, azas de fogo a vós me elevem,
Longe da morte avara, e tu, Silencio,
Amigo das sublimes phantasias,
Rumor insano, e vão de mim remove,
E enfadosos semblantes, e oucas phrases,
Que a sancta embriaguez nos iuterrompem,
Vigia os lares meus; só entre n'elles
O puro amigo, o coração lavado,
Que sonda as altas leis da Natureza,
E ás vezes, arrancando-me ao retiro,
Me ensina a deslindar bellezas tantas
Sumidas em ruinas apparentes.
Se risonho te é Pluto, a rica planta,
Que do hespério jardim roubou Alcides,
Longe do norte, em pórtico fastoso,
Ser-te-ha corte magnifica, de hynverno.
Entre os outros metaes qual brilha o ouro,
Tal brilha a laranjeira entre os arbustos.
Só, em cada estação, só ella off'rece
Fructo verde, e maduro, a flor, e a folha.
Nem o ambar, que nas ondas se acrysóla,
Nem o myrto, que Amor de Paphos trouxe,
Nem da rósea manhan suave alento,
Chegam da planta de Héspero aos aromas.
Vê (sem nunca alterar-se) os páes, e os filhos
Branquejar, succumbir da edade ao pezo;
E tal (que inda hoje admira em si Versailles)
Viu de reis doze os funeraes suberbos,

Não longe do logar, que lhes destinam,
Nos transparentes muros vitreo templo
Aos olhos congregados apresente
Do Indo, e do Nîger as colonias verdes.
Nascendo bafejada de ar mais grato,
Precisam entre nós de ti, Vulcano,
Morreriam sem ti. Seu domicilio
Aqueçam dia, e noute accezos vasos;
Em róda se lhe estendam longos tubos,
E sempre egual calor na estancia dure.
Assim, té quando as terras ermas, frias,
De alcatifas de gelo estão cobertas,
Brindam-te arbustos mil n'um curto espaço
O aroma, o brilho da estação fagueira.
Da Natureza, e Arte eis o palacio;
A esculptura t'o adorne, ousa invocal-a.
Asia em roupas talares nos alegra,
Co'a perola, e rubi, que a fronte lhe orlam,
Ao pé da bananeira umbrosa, e sua.
Africa azevichada, um tanto agreste,
Risonha, quasi nua, orne a paragem,
Onde lhe hás posto innumeras vergonteas.
Mas verdura, mórmente, o sitio abaste,
Flores seu atavio, e fructos sejam:
Venham cumprir-te as leis dos fins da terra
Hervas de Paraguai, chinezas folhas,
O c'roado ananaz, beijoim de Lybia,
O cravo, a quina, o balsamo de Arabia,
E arvore, cujo succo inestimavel
Mitiga os numes, perfumando as aras.

A este povo extranho a vide unida,
Pelos muros serpeja, envolta em cachos.
O encarnado morango a mãe recama;
No rigor hynvernal se tinge a rosa:
Emtanto, sem cessar, gotêa, e néva.
Contraria multidão, que instigam fomes,
Entrar procura na cheirosa estancia.
Pelos muros lhe sóbe, ou lhe anda em torno,
Põe-se ao pé d'onde os fructos purpurêam,
E c'os olhos devora o tronco ausente.
Mas nas margens do Obi, lá onde acaba,
São baldado soccorro estufa, e lumes.
Arvore ali não cresce, ou quando cresça
(Máo grado a Bóreas) bétula, salgueiro,
Apenas seus humildes, molles troncos
De nossos juncos a grandeza egualam.
Seis mezes soffre o Sol que reinem sombras,
Seis mezes turvo dia ali vislumbra.
Há sempre agudo vento, e gelo agudo,
Que debaixo dos pés firme resôa;
E o mudo povo, na prisão coalhada,
Não tem para volver-se espaço livre.
A neve em turbilhões, que rola o vento,
Se eleva sem medida, atulha os valles.
O alce, de lignea fonte, hindo á carreira,
Cáe de repente, e encrava-se no abysmo:
Lucte o misero em vão, que o duro Hynverno
No alvejante sepulchro o enterra vivo.
Crespa de escarchas, sacudindo a testa,
O urso brama, e, cedendo ás tempestades,

Busca por entre neves, passo a passo,
Gruta cavada pelas mãos do tempo;
N'ella se entranha, e solitario, occulto,
Em quanto o hynverno dura, está sem pasto.
Subâmos essas penhas, de ermos cumes,
Que, arremetendo ao pólo, o mundo cingem,
Teus olhos sólta pelo mar terrivel,
Que, espumoso a teus pés, trovões simelha;
Lá onde a confusão, do cáhos filha,
O imperio exerce, atormentando as ondas.
Escolhos de alta neve aqui deslumbram;
Além montes de gelo escalam nuvens.
Ruge a borrasca, a topetar com elles,
E em pedaços no abysmo ao longe os lança.
Má sorte a do baixel, que então se afoute
Áquella matadora, horrivel plaga!
Ora a corrente em rochas o arremessa,
E co'as vagas a morte o bojo lhe entra;
Ora, qual ferro, a superficie immovel,
Forja ao lenho infeliz grilhões de gelo.
Da praia ao longo, os monstros dos desertos,
Os ares com bramidos amedrontam:
Das sombras atravez o vento, os eccos
Levam tão negros sons ao triste nauta,
E acabam de abatel-o, anticipando
No murcho coração o horror da morte;
A tudo o que lhe é charo a alma lhe vôa.
Taes p'rigos vezes tres domou teu genio,
Cook! Longe de Albion, da Paz co'a planta
Demandando outros climas, outras gentes,

Do sul ao norte dividindo as ondas,
Correste o mundo, o mundo accrescentaste!
Primeiro que ninguem no audaz teu vôo
Do meiodia rodeaste o pólo,
Montões seguiste de espantosos gelos,
Por entre as fendas formidaveis foste,
Com firme coração, no ferreo throno
O Hynverno mais sanhudo interrogaste.
Lá vivente nenhum teus olhos toca,
Maciça immensidade, horror é tudo.
Ave romper não ousa aquelles ares:
Só nos confins dos hórridos desertos,
Só lugubres petreis, entre as procellas
O clamor desabrido ás vezes soltam.
Mas que plagas a paz não formosêa!
Em ilha, onde os hynvernos se encruecem,
Um povo de animaes offrece ainda
A bonançosa imagem da ventura.
Verdes leivas subtis, que ás margens crescem,
Os leões de Amphitrite ali convidam;
Moram na costa; e no interior da ilha
De ursos marinhos multidão repousa,
Em quanto os pingoins, de aza pendente,
Na arêa movediça os ninhos cavam.
Buscam-se mutuamente, ou se desviam
Todos sem medo, sem malicia todos.
Dir-se-ia que, os temores desterrando,
Um tractado a colonia fraterniza.
Té dos ares o rei, depondo a sanha,
Á lei commum seu animo conforma:

Pousa em rochas, e em torno as aves brincam,
Sem temer-lhe o relampago dos olhos.
Ah! N'um prospero clima, entre abundancias
O homem guerra immortal declara ao homem!
Rouba insania de Marte o campo a Céres,
Sanguento. ferreo globo os sulcos traça.
Tormentas a tormentas aggregando,
O homem leva comsigo ao mar mil mortes;
Do raio em suas mãos a furia passa,
Fogo conservador, mimo dos deuses.
Icaro novo, emfim, lá d'entre as nuvens
Aos combates preside, estragos dicta.
Cidades a Ambição além devora,
Cá o Interesse, afeito a vis cruezas;
Cem formas, gestos, vozes tóma o crime;
A Discordia triumpha, e sobre montes
De irmãos, a que os irmãos despedaçáram,
Ri dos qne vivem, ri dos que morrêram.
Da desventura assim a especie humana
(Cheias por ella mesma) exhaure as taças.
Do globo mais de um terço em tanto é cinza,
E de aureas messes a belleza ignora:
Nenhum campo vê bois levando á granja
Quantas espigas ministrar lhe é dado.
Povo nenhum conhece os dons de preço,
Que Jove semeou por entre as selvas.
Fôra melhor, mais sabios, mais humanos,
O habitante imitar de incultas costas,
D'onde os olhos ao mar vêm superiores
Novo hemispherio dilatar sem ermos!

Lê pela Natureza, estuda alegre
Os charos vegetaes da patria sua,
E manda aos netos seus, de edade a edade,
Seu nome, seu character, e attributos.
Cruentos europeus, das impias guerras
O tragico delirio emfim se abjure.
Se a paz ao coração vos é pezada,
Altercai sobre os bens, prazer, ventura:
Politicos debates estes sejam.
Antigos elementos decompondo,
A chymica p'ra vós soprou fornilhos,
E revelar-vos quer prodigios novos;
Para vós a poesia, a doce maga,
O Permesso abrangeu de myrto, e louro;
As Musas, com fervor de saciar-vos,
Sempre a nobres prazeres vos convidam.
Da phantasia aos olhos quanto offertam
Harmonia dos céos, e majestade!
Quem, quem figura os extasis sublimes
De alma, que, longe dos terrestres corpos,
Segue na immensa esphera as igneas massas,
Distancias lhe calcûla, e mede os vultos,
Mutua attracção no móto lhes contempla,
Acha, com Herschel, não sabidos astros,
E farta, e cega emfim de gloria tanta,
Vai repousar n'um Deus o pensamento!
Se, frio em mim sobejamente o sangue,
Me não deixa empreender o ethereo vôo,
Correntes seguirei, junto aos penedos
Do occulto rouxinol ouvindo os versos.

Murmurantes florestas, magas sombras,
Meus amores sereis, e objecto á Musa.
Apoz noutes de ferro, enregeladas
Mádidos Sues os campos embrandecem.
Esse uniforme alvor, que tapa os cerros,
Desata-se por graus, em rios corre,
E as aguas da ribeira embaraçadas
A desfeita prisão, mugindo, rólam.
Mas o Hynverno inda é rei, e escravo o bosque;
Choras tua nudez, carvalho altivo;
Por entre a confusão se vê, comtudo,
A espaços a verdura estar luzindo.
Salve, cor linda, inestimavel sombra!
No luto immenso recreais meus olhos;
Quaes os prazeres, que a velhice afagam,
Dourais o horror do tenebroso Hynverno.
Meu animo espertai, inda medroso
Das estradas por onde o passo arrisco,
Dos gelos boreaes, motim das ondas,
E do pezado, horrendo, austral negrume.
Que lei, que agente ás arvores conserva,
A despeito do Hynverno, o vital succo?
Ao falto, humano siso a Natureza
Em véo sombrio estes mysterios furta.
Gosêmos, basta. Mil arbustos novos,
Rivaes tão gratos nos jardins de hynverno,
Co'a bella fórma, co'a imprevista graça
Disputam entre si qual mais éncanta.
Todavia (dil-o-hei?) prefiro a elles
A hera de cem braços, quer circumde

Co'a verdura tenaz carvalho edoso,
Quer sobre muro, que sustente apenas,
Nos ares alongando a curva rama,
Fórme, n'um globo espesso, abrigo ás aves.
Ali, ao pôr do dia, o tordo, o melro
Vão convocando a pávida familia,
Correm, gorgeiam, depinicam fructos,
E assimelham do Outomno os pretos bagos.
Quão doce é ao sair de chão lodoso
Vagar colinas, onde quebra o vento,
Do pinho em torno, que resôa ao longe!
A' sombra lá de abobadas possantes,
Entre o tojo florido, um doce canto
Os sons da Primavera offrece ás vezes.
A lóxia ali verás prender aos ramos,
E c'o bico encruzado armar seu berço.
Recem-forrados os filhinhos brandos,
Ás sombras maternaes darão já graça,
E das aves o resto, apenas junto,
Inda seus ninhos não terá findado.
O Hynverno assim se adorna, e desenruga;
Mas se a terra escacêa estes favores,
Quantos em teus jardins arbustos verdes
Retêm das aves o inquieto enxame!
Cuida, pois, em juntar aos tristes carpes
O picante azevinho, o zimbro agudo;
Té a humilde giesta, adorno aos montes,
Campestres quadros a compôr te ajuda,
Ella mesma, estreitando o frio a terra,
Colheita é da perdiz, lhe acóde, e a nutre.

O álamo, d'agua amigo, as aveleiras,
E as bétulas, de Amor têm outras graças.
Tanto que Bóreas, entornando as neves,
O verdor lhes destróe da instavel coma,
Abre a flor, e pendendo em ramalhetes,
Móve os botões á discrição do vento.
Mas tu, filho do Hynverno, espesso musgo,
Presenta-te aos pinceis da Musa minha.
De Aquario á urna exposto, entre as geadas,
Quando as mais flores morrem, tu renasces,
E então com tua fresca, egual verdura
Parece remoçar-se a Natureza.
Era em sondar os teus gentis mysterios
Que de Emilio o pintor, encanecendo,
Devia n'um sereno, e doce estudo
Levar a solidão do hynverno extremo.
Agora a fontinal o embellezara,
E algum dia talvez nos ensinasse
Com que arcano feliz tão debil folha
Da flamma grassadora estragos véda:
Ora do lycopodio os ramos vira,
Redes no bosque innumeras tecendo,
Da fronte, em ar de clava, um pó soltando,
Que brilha, que troveja, egual ao raio.
Minimas tribus, povo imperceptivel,
Disperso em toda a parte, lhe mostrára
Espectaculo aos genios tão pasmoso
Como, oh Virginia, teus aéreos pinhos,
Ou cedro, que depois de mil hynvernos
C'roa o Libano, o páe, co'as verdes sombras.

Soube que a Natureza inclue ás vezes
Toda a sua grandeza em curto espaço;
Mas a innocentes fins obstou-lhe a Sorte.
No benigno logar, onde em remanso
Do universo, e da gloria iá esquecer-se
Piedoso monumento as cinzas lhe honre.
Seja a simplicidade a que o construa:
Elle, deusa modesta, elle te amava,
Tu só tens jus de visinhar-lhe os manes.
Das arvores da morte longe a sombra:
Selva queremos graciosa, e fresca,
Que do amigo dos deuses cubra o somno.
A madre-silva, grata ás almas ternas,
Já brandamente o mausoléo lhe abraça,
Em quanto o lauro, dos engenhos c'roa,
Ergue a luzida, majestosa rama.
De chôpos lá se alougue um bosque ameno.
Filhos dos ares, habitai-lhe a sombra;
Delicias do philosopho, avesinhas,
Esta selva tambem vos deva encantos;
Longe de olhos profanos, hão de os vossos
Brincos, prazeres alegrar seus manes.
Se o Fado, transcendendo-me a vontade,
Me houvera permittido amplas searas,
Espaçoso arvoredo, e pingues pastos,
Em meus ledos jardins erguêra estatuas
D'aquelles, que privando co'as deidades,
Cantaram docemente a Natureza.
Hesiodo, e Rosset, ambos teriam
Pela mão de Cybéle eterna palma.

Qual olmo, que a nivel de si vê quasi
Outro brilhar, subir, seu digno fructo,
Assim o gran pastor da antiga Mantua
A seu lado haveria o seu Delille.
Theocrito, e Gessner co'a molle avena
Inda ao campestre baile os sons dariam;
Fôra o bom Lafontaine olhar mil vezes;
E á Musa tua, alto cantor dos mezes,
Credora de outros tempos, de outros fados,
Lamêda de cyprestes consagrára.
Crer-se-ía que Masson, e que Marnesia
Minha fresca paisagem desenhavam.
Vaniere a meus vergeis sorrisos déra,
C'roar-se-ía Rapin das flores minhas;
Entre bosque prophetico, e torrentes,
Tompson creara os canticos sublimes;
Bernis em laço amante unira as quadras,
E Saint-Lambert, sobre tapiz viçoso,
Com a philosophia inspiradora
Nobre aos grandes o arado apresentára.
Feliz quem logra tão brilhante quadro,
Mais feliz quem sem fasto habita os campos,
E, pago das vigilias d'estes sabios,
Nas vivas obras suas os medita!
Não lhe vôa o desejo além do valle,
Onde, nascente o sol, seus lares doura,
Do jardim, que do monte aguas amimam,
Nem do sombrio, e proximo arvoredo.
Que pediria da cidade ao luxo?
Das primaveras viu belleza, e pompa;

Viu aos celeiros favoravel Céres,
E com ditoso pé calcou vindimas.
Tem no hynverno outros gostos. Furta aos gelos
Os frageis attractivos das boninas,
Orna seu lar, de sombras se rodêa;
Attenta na campestre economia,
Doces cuidados, miudezas doces,
Se amor, e apreço dous esposos ligam.
Com que olhos vê grandezas momentaneas,
E vãos prazeres, e reaes desgraças!
Nas ondas do universo tormentoso
Dos mortaes as reliquias observando,
Fólga de haver neste commum naufragio
Fiado o seu destino ás mansas praias.
Para dourar seu ocio, vindo a noute,
Por Tournefort guiado, no aposento
Corre as ilhas da Grecia: apórta em Samos,
D'alta sabedoria antigo berço;
Olha de Minos o afamado imperio,
Do Cynthio os cumes, as florestas de Ida;
Recrea-se co'as plantas de que Homero
Celébra nos seus cantos a virtude,
E á terra os mesmos numes arrancaram,
Para os heróes com ellas guarecerem.
Aprazivel philosopho, e conviva,
Une os visinhos seus á sóbria mesa;
Voluntario tambem lhes cede ao gosto,
E d'elles no casal com elles fólga.
De ferteis plantas, que seus hortos guarda,
Gosta de lhes levar o espólio tenro.

Agrada-lhes alguma? O novo dia
Vê-a entrar nos jardins de seus amigos.
Satyra, inveja, pestes das cidades,
Entre elles o ar saudavel não corrompem;
Um fala de patheticas delicias,
Mimo das estações aos camponezes,
Outro das glorias, dos triumphos nossos,
E brinda-se de Italia aos vencedores.
Córando a vozes taes Lilia, se lembra
Do imberbe amante, que os heróes seguira,
Mas que em ditosa paz ser-lhe-ha tornado.
Quer esconder as sensações, que a turbam;
A mãe a estende, e removendo o assumpto
D'est'arte lhe soccorre o doce enleio.
A affouteza renasce, a virgem bella
Em segredo palpita, e dissimula.
A estes dias de ouro, e riso, e graça
Opponde vossos dias carrancudos,
Vós, aquem a ambição com turva chamma
Ancêa desde a aurora, e mirra em sombras;
Que, sempre instados de rivaes zelosos
As frechas lhes cravais, que vos cravaram,
E, mesmo subplantando a turba adversa,
Vedes voar Fortuna, indo empolgal-a.
A Ventura buscais? Nos valles mora,
Com a fouce na mão seus trigos céga.
A Ventura buscais? No prado hervoso
Livres meditações alegre volve;
Ou do salgueiro á sombra, e junto ao rio
Dórme, cercada de fagueiros sonhos.

Longe assim das facções, das armas longe,
Os campos, os jardins eu celebrava;
Da patria minha aos males mudo ás vezes
Das mãos sentia deslizar-se a lyra,
Mas qual ave, cantôra apoz tormentos,
Contentes, novos sons ás margens dava.
Oh tu, meiga Debieu, tu que em meus versos
Nomeio Elisa! O carinhoso amante
Deixa co'a sua unir tua memoria,
E dividir comtigo escassa gloria.

NOMENCLATURA

LINNEANA

DAS PLANTAS MENCIONADAS N'ESTE POEMA.

CANTO PRIMEIRO.

Cicuta, *Cicuta virosa, phellandrium aquaticum.* — Acham-se estas plantas nas lagôas, e covas aquaticas: crescem varias nas ribeiras.

Nardo, *Nardus indica.* — Na India.

Hortelan d'agua, *vulgo* Mentrasto, *Mentha aquatica.* — Junto de aguas.

Agrião, *Cardamine pratensis.* — Pastos humidos.

Trevo, *Trifolio pratense.* — Prados, logares hervosos.

Pinheiro, *Pinus sylvestris, cembra.* — Bosques do norte d'Europa, os Alpes, etc.

Til, *Tilia europœa.* — Bosques.

Castanheiro da India, *Æsculus hippocastanum.* — India, e Asia septentrional, d'onde veiu á Europa quasi em 1576.

Junco, *Juncus effusus.* — Lagôas, junto a estradas um tanto humidas.

Vide, *Vitis vinifera.* — Climas temperados de todo o mundo.

Ortiga, *Urtica dioica.* — Hortas, ao pé de balsas.

Æthusa ou Cicuta pequena, *Æthusa cynapium.* — Jardins, e logares cultivados.

Mercurial, *Mercurialis annua.* — O mesmo.

Marroio, *Stachys annua.* — Jardins, e campos.
Grama, *Triticum repens.* — Campos, espinhaes, hortas.
Primavera, flor, *Primula veris.* — Junto á borda dos prados.
Narciso, *Narcissus poeticus, pseudonarcisus.* — Prados, e bosques. Duas especies de lyrios.
Violeta, *Viola odorata.* — Junto aos mattos, logares sombrios.
Ofris, ou Abelhinha, *Ofris insectifera myoides.* — Pastos montuosos.
Pereira, *Pyrus communis.* — Nas quintas. Conhecem-se 72 castas, havidas pela cultura.
Solda real, *Sanicula europœa.* — Bosques, e ao longo dos espinhaes.
Centaurea, *Gentiana centaurea.* — Pastos seccos, e veredas de bosques.
Carvalho, *Quercus, robur, ægilops.* — Nos bosques.
Çarça, *Rubus fruticosus.* — Logares abrigados, campos incultos.
Salgueiro, *Salix alba, purpurea, viminalis*, etc. — Sitios humidos.
Vallisneria, *Vallisneria spiralis.* — No Rhódano, e em alguns lagos de l'Orne.
Poa vivipara, *Poa alpina vivipara.* — Montes de Laponia.
Boas noutes, *Mirabilis jalapa.* — No Mexico.
Palmeira de tamaras, *Phœnix dactylifera.* — Africa, India.

CANTO SEGUNDO.

Trigo, *Triticum hybernum, æstivum.* — Oriundo da Asia.
Incenso, *An juniperus lycia?* — Na Arabia.
Rosa, *Rosa maxima*, etc. — Hollanda, jardins.
Cravo, *Dianthus caryophillus.* — Baldios das provincias meridionaes, jardins.
Damasqueiro, *Prunus armeniaca.* — Vindo da Armenia.
Cerejeira, *Prunus cerasus.* — Oriunda do Ponto.
Ceiba, ou Mangue, *Bombax ceiba.* — Africa, India.
Moka, ou Café, *Coffea arabica.* — Arabia, Antilhas, etc.

Quina, *Cinchona officinalis.* — Perû.
Baunilha, *Epidendrum vanilla.* — Mexico, etc.
Cravo *(arvore)*, *caryophillus aromaticus.* — Amboino, Molucas.
Noz de Bandá, ou muscada, *Myristica officinalis.* — Bandá, Molucas.
Sensitiva, *Mimosa pudica.* — Brazil.
Dionĕa, ou Apanha-moscas, *Dionæa muscipula.* — Mexico.
Jasmim, *Nyctantes sambac.* — India.
Amaryllis *(especie de açucena)*, *Amaryllis formosissima.* — America meridional, e conhecida na Europa em 1593.
Agathis, *Æschinomene grandiflora.* — India.
Congorça rosea, *Vinca rosea.* — Madagascar, Java.
Tamarindo, *Tamarindus indica.* — Na India, etc.
Nopal, *Cactus tuna.* — Mexico, e climas quentes da America.
Roman, *Punica granatum.* — Mauritania, Hispanha, etc.
Myrto, ou Murta, *Myrtus communis.* — Europa austral, Asia, Africa.
Palmeira, *Chamærops excelsa.* — India, Africa.
Coco, *Cocus nucifera.* — Margens Indianas.
Ananaz, *Bromelia ananás.* — Nova Hespanha, Surinam.
Laranjeira, *Citrus aurantium.* — Oriunda da India.
Estancadeira, *Statice armeria.* — Bosques, cerros, e terras seccas.
Esteva, *Cistus helianthemum.* — Idem.
Abrótano macho, *Veronica spicata.* — Idem.
Pinheiro, *Pinus sylvestris.* — Bosques montuosos.
Teucria, *Teucrium chamæpithis.* — Bosques, logares seccos, e areosos.
Trovisco, *Euphorbia sylvatica.* — Florestas.
Cravo *(flor)*, *Dianthus prolifer*, *tarthusianorum.* — Selvas, logares incultos.
Medronheiro, *Fragaria vesca.* — Idem.
Çarça, *Rubus fruticosus*, *cæsius.* — Idem.
Aveleira, *Corylus avellana.* — Bosques.
Carvalho, *Quercus*, *robur.* — Bosques.
Olmo, *Ulmus campestris.* — Idem.
Freixo, *Fraxinus excelsior.* — Idem.

Bordo, *Acer pseudoplatanus*, etc. — Idem.
Hypno (*especie de musgo*), *Hypnum serpens*, etc. — Bosques, pés de arvores.
Salgueiro, *Salix capræa*, etc. — Logares humidos.
Golphão, *Nymphæa alba*. — Ribeiras, lagos.
Cardo-morto, *Senecio paludosus*. — Margens.
Litronio, *Lytrum salicaria*. — Idem.
Campainha, *Convolvulus sepium*. — Ao longo das sebes, ou balsas.
Tribulo aquatico, *Trapa natans*. — Lagos lodosos.
Trevo, *Trifolium repens*, *filiforme*, etc. — Leivas.
Tomilho, *Thimus serpillum*. — Mattos, logares seccos.
Faia, *Fagus sylvatica*. — Bosques.
Salva, *Salvia selarea*. — Borda dos prados.
Arruda, *Ruta graveolens*. — Logares estereis.
Violeta, *Viola odora*. — Estremas de bosques, etc.
Lyrio, *açucena*, *lilium candidum*. — Originario da Syria.
Dictamo, *Origanum dictamnus*. — Creta, o monte Ida.
Dormideira, *Papaver somniferum*. — Asia, Africa, jardins.
Rosa muscada, *Rosa moschata*. — Moréa, Archipelago, costas de Barbaria.
Jasmim, *Jasminum officinale*. — Oriundo da India.
Acantho, ou herva gigante, *Acanthus mollis*. — Grecia, Italia, Sicilia.

CANTO TERCEIRO.

Cardo, *Carduus crispus*, etc. — Em campos incultos, ao pé das estradas.
Bardana, *Arctium lappa*. — Idem.
Engos, *Sabugo*, *sambucus ebulus*. — Idem.
Cerieira, *Myrica cerifera*. — Provinda da America septentrional.
Aster, *Aster grandiflorus*, etc. — Idem.

Tulipeiro, *Liriodendron, tulipifera.* — Idem.
Narciso, *Narcissus tazetta.* — Oriundo dos districtos meridionaes.
Junquilho, *Narcissus junquilla.* — Oriundo do Oriente, e partes da Hispanha.
Tulipa, *Tulipa gesneri.* — Vinda da Capadocia á Europa em 1559.
Jacintho, *Hyacinthus orientalis.* — Oriundo da Asia, e Africa.
Feijão, *Phaseolus vulgaris.* — Oriundo da India.
Cenoura, *Daucus carotta.* — Nos prados, á borda dos campos.
Acelga, *Beta vulgaris, v. rubra.* — Talvez provinda da acelga maritima estrangeira.
Couve, *Brassica oleracea, v. capitata.* — A especie primordial nos logares maritimos da Inglaterra.
Aipo, *Apium graveolens, v. dulce.* — Nas terras encharcadas, junto a rios.
Azeda, *Rumex acetosa.* — Prados, e pastagens.
Cerefolho, *Scandix cerefolium.* — Campos da Europa meridional.
Salsa, *Apium petroselinum.* — Oriunda da Sardenha.
Alface, *Lactuca sativa.* — Europa meridional.
Agarico comestivel, *Agaricus edulis.* — Cerros, leivas.
Cogumelo branco, *Agaricus albellus autumnalis.* — Campos, e pastos seccos.
Feto, *Pteris aquilina.* — Bosques, sitios estereis.
Melão, *Cucumis melo.* — Vindo do Oriente.
Rhuibarbo, *Rheum undulatum*, etc. — Tartaria.
Ginsão, *Panax quinquefolium.* — China, Canadá.
Bordo, *Acer pseudoplatanus.* — Bosques, montes.
Saudade, *Scabiosa succisa.* — Collinas seccas, etc.
Maceira, *Pyrus malus.* — Originaria de Neustria, onde a cultura tem adquirido mais de 200 castas.
Azinheira, *Quercus ilex.* — Europa meridional.
Arvore de manná, *Fraxinus Ornus.* — Calabria, Sicilia.
Loureiro, *Laurus nobilis.* — Grecia, Italia.
Jasmim, *Jasminum fruticans.* — Italia, Europa meridional, etc.

CANTO QUARTO.

Cedro, *Pinus cedrus.* — Libano, Monte-Tauro, Siberia.
Vime, *Salix vilellina.* — Terrenos humidos.
Laranjeira, *Citrus aurantium.* — Oriunda da India.
Myrto, ou murta, *Myrtus angustifolia.* — Europa meridional, Asia, Africa.
Bananeira, *Musa paradisiaca.* — India, etc.
Chá, *Thea bohea viridis.* — China, e Japão.
Balsamo, *Amyris opobalsamum, giliadensis.* — Arabia.
Salgueiro, *Salix herbacea, lapponum.* — Laponia, zona glacial arctica.
Betula (*casta de alamo*), *Betula nana.* — Idem.
Hera, *Hedera helix.* — Nas arvores da Europa.
Pinheiro, *Pinus abies, picea, etc.* — Montes, selvas do Norte.
Tojo, *Ulex europæus.* — Charnecas, sitios incultos.
Carpe, *Carpinus betulus.* — Florestas.
Zimbro, *Juniperus communis.* — Bosques areosos, collinas sêccas.
Gilbarbeira, *Rurcus aculeatus.* — Bosques, espinhaes.
Giesta, *Spartium scoparium.* — Campos, outeiros areentos.
Aveleira, *Corylus avellana.* — Bosques.
Alamo, *Betula alnus.* — Logares humidos.
Fontinal, *Fontinalis antipyretica.* — Lagos, covas aquaticas.
Lycopodio, *Lycopodium clavatum.* — Bosques, logares montuosos, abrigados.
Pinho de Virginia, *Pinus canadensis.* — America Septentrional.
Cypreste, *Cupressus sempervirens.* — Oriundo de Creta.
Madre-silva, *Lonicera sempervirens.* — Oriunda do Mexico, e Virginia.
Chopo, *Populus nigra, alba.* — Bosques, e logares humidos.
Olmo, *Ulmus campestris.* — Selvas.

NOMENCLATURA DOS ANIMAES, AVES, AMPHIBIOS, PEIXES, INSECTOS.

CANTO PRIMEIRO.

Abelha, *Apis mellifera.*
Ovelha, *Ovis, aries.*
Salmão, *Salmo salar.*
Boi, *Bos, taurus.*
Cabra, *Capra, hircus.*
Cavallo, *Equus, caballus.*
Cuco, *Cuculus canorus.*
Andorinha, *Hirundo rustica, urbica.*
Pisco, *Loxia pyrrula.*
Milheira, *Fringilla cœlebs.*
Verdilhão, *Loxia chloris.*
Melharuco, *Parus major*, etc.
Tutinegra, *Motacilla philomela*, etc.
Rato do campo, *Mus terrestris.*
Toupeira, *Talpa europæa.*
Corvo, *Corbus corax*, etc.
Pardal, *Fringilla domestica.*

CANTO SEGUNDO.

Cochenilha, *Coccus cacti.*
Bengalinha, *Fringilla amadava.*
Papagaio, *Psittacus versicolor*, etc.
Arara, *Psittacus macao*, etc.
Tartaruga, *Testudo caretia*, etc.
Crocodilo, *Lacerta crocodilus.*
Germano (ave), *Anas querquedula*, etc.
Capricornio, *Cerambix moschatus.*
Rhenna, *Cervus tarandus.*
Esquilo, *Sciurus vulgaris.*

CANTO TERCEIRO.

Leão, *Felis Leo*, etc.
Aguia, *Falco chrysætos*, etc.
Tordo, *Turdus musicus*, etc.
Ave das trevas, *Strix bubo*, etc.
Touro, *Bos, taurus*, etc.

CANTO QUARTO.

Rouxinol, *Motacilla luscinia.*
Alce, *Cervus alce.*
Urso, *Ursus arctos.*

Petrel, *Procellaria antarctica.*
Leão marinho, *Phoca jubata.*
Urso marinho, *Phoca ursina.*
Pingoim, *Alca torda.*
Melro, *Turdus merula.*
Loxia, *Loxia curvirostra.*
Perdiz, *Tertrao perdrix.*

A AGRICULTURA,

POEMA

DE

Mr. DE ROSSET,

TRADUZIDO EM VERSO PORTUGUEZ.

Hic labor, hinc laudem fortes sperate coloni.
VIRGIL. Georg. Lib. III.

Este é todo o trabalho, amplos louvores
D'elle aguardai, robustos lavradores.
(*Trad. de Pato-Monis.*)

A AGRICULTURA.

CANTO PRIMEIRO.

DAS SEARAS.

Canto os trabalhos, que regula o tempo,
Co'as varias estações modificado;
Arte, que a terra obriga a dar colheitas,
A que ás vinhas, ás arvores, aos prados
Dobra a fecundidade, e nos submette
Tão uteis animaes: para que exalte
(Bem real) a cultura, e seus preceitos,
Criam forças em mim Luis, e a patria.
  Deidades surdas, insensiveis numes,
Nada colhe de vós meu sério canto:
Astros, que os annos signalais, e as quadras,
O deus, que vos conduz, nos dá seus mimos;
Sem Céres a seara amarellece,
Negrejam sem Lyêo na vide as uvas;

De Pan, e Apollo os fabulosos gados
Harmonia immortal jámais ouviram;
A oliveira não deve ás leis de Pallas
Artes que a nutrem, artes que a cultivam;
Neptuno é sonho, e do tridente ao golpe
Da terra não surgiu o audaz ginete.
Oh Deus, principio, e fim da natureza!
Aponta aos passos meus segura estrada,
Firma, reforça minha voz tremente:
A falar de teus dons tu é que ensinas.
Lá quando a terra, pela voz do Immenso
Chamada ao ser, se povoôu de plantas,
De animaes; o homem livre, o homem submisso
Ás leis do Creador, foi rei do mundo,
Que só para seu bem se ergueu do nada:
Quadra das virações, e dos suspiros,
Tu com sorriso eterno, eterno esmalte
Por toda a natureza então reinavas;
Saíam sem cultura a flor, e o fructo;
Gostava o racional no céo terrestre
Bens tão puros como elle: era o trabalho
Incapaz de fadiga, era o repouso
Vedado ao tedio: por ingrato orgulho
Súbito enxovalhada a natureza
Despe as mimosas, primitivas graças,
E, surda aos votos do senhor, que a rege,
Aos votos do homem réo, se muda a terra
N'um ermo pavoroso... (ai!) Já não lança
Senão cardo importuno, herva ociosa!
Porém quando, ao trabalho atado o homem

Pela herança fatal devida ao crime,
Do crime a confissão na terra grava
Com suas proprias mãos, fertil de novo
Ella em dobro, em tresdobro ao homem paga
Lidas, cuidados, que a cultura exige:
De criminosos paes infausta prole,
De celeste eminencia derribado,
Inda grandezas tem, que ufano admiro!
A terra, seu degredo, é seu imperio;
Declaram-se por elle os elementos;
Presta-lhe o ar co'a frescura, o sol co'a chamma;
Orvalho, e neve os campos lhe fecundam;
Descem dos montes a buscal-o os rios;
Aos usos seus, ás suas leis subjeitos,
N'elle acatam seu rei, tremendo, os brutos;
É centro, é harmonia do universo;
Sem elle não tem ordem, tem por elle
Ordem tudo entre si: alma, instrumento,
E mediador de inanimados corpos,
O seu tributo ao céo, e o d'elles manda.
  Mortaes, o vosso ardor o ardor me avive;
Conhecei vosso imperio, e governai-o:
Oxalá que, regrando-vos as lidas,
Possam communicar meus uteis versos
Sempre a fertilidade aos campos vossos,
Aos vossos corações sempre a virtude.
  Cultor, searas abundantes queres?
Entende o genio dos terrenos varios:
Cada qual tem o seu: nasce, loureja,
Prospéra o trigo aqui, e ali perece;

Onde elle se definha as vides folgam;
Pedregoso areal, sulphureo campo,
E de facil collina a pobre encosta
Bastam para formar humidos cachos,
E bosques de oliveiras. Vês do cume
Dos empinados montes, vês nos valles
Essas mádidas terras, que um regato
Na fugida veloz anima, ensopa?
Ali relva infallivel céva os gados:
Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas
Pede a arte em vão colheitas; lá sem força,
Lá carecente o chão tolera apenas
Os fetos, os codeços, as giestas:
Forte, opîmo logar; nas quadras todas
De flores, e verdura ataviado,
Por mãos da Natureza infatigavel;
E em que uma, em que outra leiva, annunciando
Succos, que a alentam, na indagante dextra
Se amassam facilmente; esse responde
Ao constante fervor de sabia industria:
Em Normandia, em Flandres estes campos,
De fecunda lavoura exercitados,
Semêam-se cad'anno, em todos luzem.
Tal porém não será delgada terra:
Depois que ás messes uma vez te ha dado,
Ocio cançada quer, tem jus ao ocio,
E as forças lhe renascem do repouso;
A terra se exhauriu para abastar-te,
Para mais te abastar descance a terra.
Os delicados grãos, que vás soltando

Entre leves torrões na primavera
Sem custo brotam, crescerão sem custo;
Porém do trigo, e do centeio a planta
Pede forçosa um chão lodoso, e pingue;
O tenue, grato arrôz, avantajado
Pelo othomano a seus manjares todos;
Que Arabia, e Persia com razão cultivam,
Que embranquece ao chinez os ferteis campos,
Quer humidos terrenos, gosta de aguas:
* Em qualquer terra o trigo sarraceno
* Eleva os negros grãos na densa espiga:
Para ornar de seu ouro o páe, que o géra,
O cacho, que o sustem, quer terras fortes
O indiano maiz: porém, primeiro
Que o ferro agricultor lhe aprompte os sulcos,
Conheçam-se estações, o clima, os ventos;
No semblante dos céos colhe a sciencia,
Que regula do agricola os trabalhos,
E aponta idoneo tempo á semeadura.
Quaes no moto celeste olhos attentos,
Para do lenho audaz guiar o impulso,
A elevação das Pleiades observam,
E os dous Carros, e as Hyadas chorosas,
E o funesto Orion; — taes, para darem
Principio a seu trabalho, os lavradores
Andem co'a vista nos ethereos fachos:
Foi seguindo-lhe as leis que, firme em breve,
A cultura encetou a astronomia:
Os rudes, os primeiros habitantes
Dos campos de Babel, esses outr'hora

Agricolas, pastores, porque a terra
Lhes fosse mais propicia, mais fecunda,
Do mundo aos pólos a attenção volveram:
Deu leis ás estações o Auctor das luzes,
O imperio renovou nos doze lares;
De seu giro annual eis traçam linhas,
O chefe das ovelhas o é dos signos;
O Touro logo, e depois d'elle os Gemeos
O nascimento apprazam dos rebanhos;
Nos tropicos o Cancro, e Capricornio
Fixam solsticios do verão, e hynverno;
Dias, e noutes a Balança eguala;
Das ceifas o signal compete á Virgem;
O céo torna-se um livro, a terra absorta
Olha em letras de fogo a historia do anno.
Experiencia observou de dia em dia
O nascimento, e giro aos varios astros:
Cada qual tem poder, presagios, nome;
Uns tempestade, e vento, e chuva indicam,
Outros são para nós os precursores
De molles virações, e amenos dias.
Quanto aos humanos a apparencia illude!
Signaes das estações se lhe ant'olharam
Origem d'ellas... oh! Poder do engano!
Homem, não mais do que uma escolha inutil
O teu arbitrio tem; e em teu arbitrio
Os astros exercitam summo imperio,
A que a inerme razão se oppõe debalde,
Em vão quer destruir: de teus destinos
A despótica estrella o bem regula,

E o mal, e a morte, e a vida: Oh! venturoso,
Oh! vezes cento affortunado aquelle
De que a Balança o nascimento acclare!
Ai! Menino infeliz! teus fados chóro
Se o negro Escorpião viu tua aurora!
Desapparece a Lua, o Sol no eclipse...
Este horror, que desastre ao mundo agoura!
Estremecei, nações, em pranto, em luto;
Aos vencidos fugi, oh vencedores;
E tu, povo, socéga: ante os cometas
Devem, devem tremer só reis, só grandes:
Assim nossa razão foi de erro em erro
Por artes da impostora astrologia.
O agricultor grosseiro a bem dos fructos
Implorou das estrellas a influencia;
Uma lh'os fez medrar com doce lume,
Gemeu arripiado á face de outra:
Tu, que reges de noute o eburneo carro,
Da campestre ignorancia aos olhos deusa,
Por ella a grau supremo erguida foste;
Animaes alteravas, plantas, fructos;
Eras té dos metaes consumidora,
Edificios, oh Lua, até rotas;
Teu passo desigual encaminhava
Ora para a cultura amigos dias,
Ora dias fataes para a cultura:
Qual dos homens então, qual se afoutara
A revolver infructuosos campos?
O cantor Mantuano aos lavradores
De chimericas leis fez lei sagrada,

E aos pavidos mortaes ainda ha pouco
Este longevo engano as mãos prendia:
O erro emfim se desfaz pela verdade,
A preoccupação pela experiencia;
Unicamente o Sol co'a luz fecunda
Reforça a Natureza, extráe seus mimos.
Quando do Escorpião na estancia entrando
Raios despede com menor violencia,
Dêm teus bois, oh cultor, começo á lavra;
Instados do aguilhão, do jugo oppressos
Em tardo movimento eguaes caminhem;
Cardos, hervas arranque o liso arado;
Abre, volve teu campo, e rege a terra;
N'ella agitados de repente os succos
Do sol maduros, humidos co'a chuva,
O germe da abundancia desenvolvem:
Finde no outomno o teu suor primeiro.
Quando o hynverno entristece a natureza
Não se armem tuas mãos de um ferro inutil;
Fatigáras a terra em vãos esforços,
Que impenetravel é na quadra fria:
O obliquo resplendor do sol, que foge,
Caîra sem virtude em regos novos,
E Bóreas duro, os inimigos gêlos
No seio maternal destruiriam
Dos succos a substancia adormecida:
Mas logo que mais puro o dia assome,
Rompendo este lethargo, annunciando
Que a ociosa Natureza emfim desperta,
Reconduze teus bois; a que obedeça

Ao gume, qne a revolve, a terra obriguem;
E, certo o lavrador de seus proveitos,
C'os olhos, e co'a mão dirija os sulcos.
Já no ethereo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz: ao grato annuncio
O risonho aldeão nos patrios campos
Lança os grãos de que é mãe a primavera:
Se os desdenha, se os cede a obscuros entes
O molle cidadão suberbo, e louco,
Tu não lhe adoptes um desprezo insano,
Que n'elles vezes mil provêm do orgulho.
Terás varrido da memoria acaso
Anno funesto em que, alterado o clima,
Geadas sôltas do intractavel norte,
Até no sul da França branquejaram?
Murcham-se as plantas, a raiz definha
Na enregelada terra; espera o povo
Que floreçam de Zephyro ao regresso
Os germes outra vez; Zephyro inerte
Seus males, seus estragos patentea:
Joio em logar de trigo os campos veste,
Que off'recem aos mortaes appavorados
Perdidas terras, carestia, e morte:
No horror da fome se alentou a industria;
Novos dispersos grãos promettem vida;
A esperança renasce, e pouco a pouco
Se esvaece o terror: mas a esperança
Que presta contra ti, necessidade?
Eis Luis de seu povo afasta os damnos;
Só para ser seu páe, seu rei se chama:

Do trigo oriental baixeis se pejam,
Em que a sabor do vento ondêa o lyrio,
E como que das aguas surgem messes!
C'os dons do farto Egypto assim Augusto
Italia aviventou, nutriu Sicilia.
Em quanto aos campos teus a quadra nova
Colheitas preparar dos grãos primeiros,
A terra folgue destinada aos trigos,
Ardores do verão respire em ocio,
E a frescura tambem da primavera;
Se abres a terra então, calor funesto
Dos semimortos saes devora o resto:
Mas, quando o astro diurno em eguaes tempos
Do somno, e do trabalho as horas parte,
Outro sulco anteceda a semeadura,
Das substancias da terra anime a força;
Se cumpre, sem tardar teus touros junge,
E cruza os sulcos teus por novos sulcos.
Dos campos a cultura é sem proveito
Se de possante adubo os não reforças,
Reproduzindo evaporados succos,
E os que ávidas espigas devoraram;
D'estes auxilios genero, e medida
Das terras tuas a exigencia regre,
Regre-os a condição: se é penetrado
De alimento robusto em demazia,
O chão co'a força extrema os pães suffoca;
E, sustento infeliz de van folhagem,
Dá palha mentirosa em vez de trigo.
De restos os mais vis, e estrume é feito

Que em teu campo introduz, esparge vida:
A palha em que animaes diversos pousam
É dos estrumes a melhor materia;
Para os multiplicar une aos primeiros
Cinza dos lares, e o sylvestre espolio;
Estes pingues montões se ligam todos,
E aos ardores phebéos amadurecem:
De próvido cuidado assim mantidos
Alternam pelo campo os seus tributos.
Se exhaurida no seio a Natureza
Entra a degenerar, e quer que estrumes
Mais fortes, mais fecundos a restaurem;
O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, á tua escolha
Assim como a castina, e cal se off'recem:
Se a prudencia os prestar, com taes soccorros
Pode altamente remoçar-se a terra;
Com taes lições o agricultor vê cedo
Atulhado o celeiro aos pães negar-se.
Alchimista incansavel, que presumes
De arêas, de metaes colher teu ouro,
Attenta o lavrador: quanto é mais certa,
Quanto mais a arte sua é milagrosa!
Puro effeito elle extráe de um mixto impuro;
Por elle transformado, ennobrecido
O desprezivel lodo a vida estêa.
Creu-se por isto que um romano outr'hora
Os magicos mysterios exercia:
Módica herança, aos seus trabalhos docil,
Com rica novidade os premiava,

Em quanto desleixados lavradores,
Visinhos seus, e da indigencia oppressos,
Sem colher, semeavam: dizem, clamam,
Que a seus campos chamou dos campos d'elles
Por arte horrivel encantadas messes:
Citam-no; elle apparece, e mostra a um tempo
Os duros enxadões, os bois, o arado;
Presenta a filha, que enrijou lidando:
« Romanos, eis o mago, eis a magia
(Elle diz), e inda auxilio me prestáram
Outros encantos, que mostrar não posso:
Minhas vigilias são, são meus suóres. »
Fala; é com voz unanime absolvido:
Onde buscavam crime encontram gloria.
Tentou multiplicar industria os fructos
Por novas experiencias de anno em anno:
Divide o curvo arado a terra em folhas;
Uma de aureas espigas se enriquece,
Outra fica vazia; o sementeiro
Ha de espalhar, cubrir-lhe o grão nos sulcos:
A que se deixa ociosa, em pó tornada,
A herva parasita acólhe menos;
Lá corre o trigo proximo, e se estende
Com maior liberdade, e busca ao longe,
E encontra um facil nutrimento; os muros
Espaça aos apertados teus celeiros;
Filhos do mesmo grão dous mil maduram!
Quem é que entre os mortaes se atreveria
A encher seu coração de uma esperança,
Que a Natureza em nós concebe a custo?

Adopta, lavrador, próvida industria
Que um quarto de terreno em prados tróca,
Revezando-os por todo, e dá d'est'arte
(Unindo novos dons a dons de Ceres)
Campos aos gados, á lavoura estrumes.
Se n'um comprido espaço a herança tua
Propicios herva, e grão dividem sempre;
E se profundos fossos, grandes muros
Em recintos diversos a repartem;
Se precisa mixtão de adubo, e terra,
Unida ás tuas, as corrige, as muda;
Nos annos todos, ferteis, vigorosas
Te dão searas, te alimentam gados.
Arte annosa, e divina, ah! Tu, tu foste
Nos tempos de ouro, nos primeiros dias
Sublime emprego dos heróes, dos sabios!
Ao latino cultor Catão deu normas;
Ao cultor oriental seus reis as deram!
Quando a virtude residia em Roma,
E pobre, e majestosa a sobriedade
Inda sentia horror ás pompas d'Asia,
Os feixes alliavam-se aos arados,
E cem vezes o povo achou lavrando
Aquelles, que subira a dictadores!.
Da plaga boreal guerreiros torvos
As necessarias artes desdenháram;
Quizeram para si boçáes, e altivos
A frecha, o dardo, o alfange, arroteando
Seus campos cada qual por mão dos servos;
Apparecêram taes os nossos Francos;

Rompe a verdade em fim por entre as sombras
Dos arredados seculos; seu facho
Acclara, e reconduz sciencias, artes;
Mas o lavor dos campos na ignorancia,
Na funesta ignorancia veiu envolto
Por instincto servil aos tempos nossos:
Arte a mais util se avalia em menos.
O idioma francez (cuja harmonia
Captiva em brandos sons Europa inteira,
Filho do sentimento, e nobre, e simples,
De que um timido gosto em demazia
Os direitos coarctou) nasceu, formou-se
Da moral nossa, e seus vestigios segue:
As graças, as paixões, as guerras canta;
Mas não se imaginou que os sons prestantes
Á fadiga rural cingir podésse.
Em quanto por vingal-o eu vélo, eu sùo,
Da agricultura protectores nascem;
Proficuos cidadãos com docta pluma
Da cega prevenção triumphos logram,
O preço intimam da pericia agreste,
Apontam suas leis, e dão leis novas,
Que mais formosas çafras nos promettem.
Em meus versos, cultor, podia expor-te
Altos conselhos seus, altos arcanos;
Mas da exp'riencia approvações espera;
Arbitra do successo, é lei do sabio;
E o que attráe tanto o mundo, a novidade,
Só recebe valor das mãos do tempo.
Quando no fogo estivo as terras ardem,

E os Zephyros, e as aguas as temperam,
E o campo destinado ás sementeiras
Revolto está por teus finaes trabalhos,
A escolha da semente é que te resta;
Escolha, que avultar-te as ceifas póde:
Toma dos teus o melhor trigo, ou busca
Nos visinhos terrenos trigos novos,
Traze a teus sulcos esta raça estranha:
O grão, se o mesmo é sempre, bastardêa;
Succos, que amava, exhaustos, e perdidos
As languidas espigas mais não tocam.
Ha lavradores próvidos, que ajuntãm
A agua com cinza, e nitro, e com cal-viva,
E o grão preparam n'elles, e exp'rimentam;
Com isto os campos teus não poucas vezes
Se c'rôam de melhor, mais basta messe:
Tu depõe a semente em brandos tempos;
Ou seja quando o Sol presíde á Libra,
Ou quando elle, deixando-a, encurta o giro:
Mormente os dias dos agudos gelos
Cumpre não esperar; produz o trigo
Semeado mui cedo herva ociosa,
Mas tardia semente os frios matam.
Tanto que a recebeu no seio a terra,
O germe impaciente ao grão se escapa,
E de longa cultura em breve o premio
Será verdor gentil ornar-te alqueives;
Mas quando em Capricornio o Sol detido
Só pallido clarão nos céos diffunde,
A terra é sem vigor, e a raiz tenra

Não póde penetrar, subir, nutrir-se:
N'este asylo feliz dormindo os germes
O sôpro evitam do inimigo hynverno.
Mal que volve a andorinha aos climas nossos
Nuncia leal da rosea primavera,
Se a herva das searas te appresenta
Vãos atavios, luxo ambicioso,
Teme nas messes abundancia esteril,
E ao cordeirinho entrega inutil pompa,
De Favonio seus dons a terra fia,
Brotar com elles vejo a relva, o cardo;
Ah! Se infesta raiz não lhes arrancas,
Tenro inda o fructo, inda leitoso abafam:
Dá-lhe seguro abrigo em seus casulos
A espiga vacillante: eis annuncia
Madura edade nas madeixas louras;
Muro, que forma, lhe resguarda a fronte
Contra a feroz procella, e contra as aves.
Inda vemos sorrir-se a primavera
Quando o voluvel Zephyro amoroso
Vôa ás espigas, e com ellas brinca;
Afagadas da pluma, ao sôpro doceis
No mobil troncosinho ondeam presas:
Vejo apertar-se, abrir-se a densa turba,
Lá se curvou, se ergueu, correr parece:
Dos ventos a sabor, ludibrio d'elles,
Assim rólam no pego as leves ondas.
Mas, precedente a luz, que nevoa triste
Cubrindo a espiga vai de um nitro infenso?
Se o vento lhes não dá bafejo amigo

Sobre ellas agro influxo, olhos funestos
Lança Phebo ao romper; eis que repassa
Os deploraveis grãos peçonha borrenda,
Peste, que os ennegrece, e que os devora:
Desdobrem dous de vós, oh lavradores,
Corda, que em vossas mãos discorra os campos
Com rapidez extrema; o trigo agite,
Supra seu movimento as auras mudas,
Antes que o fira o sol co'as igneas settas.
Flagello inda peor me opprime a vista,
Seu veneno é mortal, e a causa ignota;
Alterada folhage, espiga infecta
Grãos me presentam, que nascendo abortam;
Ali, torrida, e sêcca é pó a espiga;
O fogo matador lambeu-a acaso?
Sem de flores vestir-se, além já feita,
Com falaz apparencia ornando os males,
A fórma inda mantem, lenta carcôma
Pouco a pouco as substancias lhe anniquila;
Esta poeira torpe, aos grãos voando,
Embeber n'elles seu veneno fôra,
E os campos de átra cor te cubriria;
Desterrar-lhes tal peste a que arte é dado?
Tendo por mestra a Natureza, um sabio
Que em nossos dias, que entre nós florece,
Viu a origem do mal, e a cura indica;
Em agua, em cal, em cinza, em saes dispostos
Para alterado grão remedio ha prompto:
Luis sobre este invento emprega os olhos;
Co'a mão real, que imita a mão suprema,

Alta experiencia em Trianon confirma,
E os paternos, magnanimos cuidados
Do monarcha immortal com ella instruem
Quantos cultores seu imperio lavram:
Das artes, e da França esteio, e gloria
Luis é cidadão, e heróe a um tempo;
Dos sabios é modelo, é páe da patria;
Ás eras todas voará seu nome,
Sua beneficencia ás eras todas.
Mas se do Rei dos reis furor terrivel
Sobre teus louros pães seus golpes vibra,
É toda a industria van, e a teus pavores
Não resta mais que as preces, mais que o pranto:
Sóbe um vapor, se alonga, e se condensa;
Foge o sol, o ar sibîla, os céos negrejam;
De nuvem pavorosa em bojo espesso
Procellas amontoa a mão do Eterno,
E sobre nossas frontes as suspende:
Elle assoma: o relampago o precede;
Seu formidavel throno occupa o centro
Do pólo, que fraquêa ao pezo enorme;
Phalange de Aquilões lhe ruge em roda;
Furias, mortes aos pés, a flamma o c'rôa;
O raio abrazador na mão lhe ferve,
Salta, bate, derruba, instrue os homens!
Olha rotas por elle as arduas torres,
Bosques em cinzas, rochas derrocadas!
Jaz a terra em silencio! O medo ancioso
Murcha, enregela o coração dos póvos:
Despiedado granizo alveja, pula,

As espigas saltêa, abate-as, quebra-as;
Todos os furacões desenfreados
Os trigos d'entre os sulcos desarraigam
No remoinho envoltos; as torrentes
Arrojam-se das serras bravejando;
Rios, já sem barreira, innundam valles:
Está submerso o campo, a messe é morta!..
Suor de um anno, destruiu-te um dia!
Se as leis da natureza o céo não tolhe,
Contra estes damnos a arte ás vezes presta:
D'entre os diversos corpos o homem soube
Extraír, ver, tocar ha pouco a flamma
Motora do universo: ella, sumida
Lá na materia, e rápida saltando,
Rápida mais que o som, se off'rece á vista
Só quando sáe de um corpo, e, similhante
Do relampago á luz, sobre outro vôa
Attravessando os ares: este fogo,
Se industria o conduzir, metaes penetra,
Derrete-os, vitrifica-os; ferrea agulha
O attráe, e accende electrico elemento,
Posphoro girador, frouxel brilhante;
Tal outr'hora se viu lume assombroso
Dos romanos cubrir, dourar as armas;
Tal, e o mesmo, dos nautas ante os olhos
Rutila o fogo, que lhes é tão charo;
Fogo, que no pavor das tempestades
Ao mastro electrisado as nuvens mandam,
E brinca, e se revolve, e obteve o nome
De Helena, Cástor, Pollux: a faisca

Electrica, e fuzil das nuvens solto
Como um mesmo elemento appareceram,
E emfim aos olhos a experiencia o prova:
Se pezada tormenta os céos carrega,
Vara de ferro levantada, e presa
Por arte sobre monte, ou torre, ou tecto,
Do raio, occulto em proximo negrume,
Rouba a materia, e subito a transmitte
Ao fiel conductor, que sem violencia
A apontado logar a infesta chamma
Em silencio conduz: assim removes
De fructos, campos, ou cidade os raios,
E o mal, que ameaçava as frontes nossas
Leva o p'rigo, o terror para outros ares.
Tambem com arte audaz, imperiosa
Esse ardente phenómeno terrivel
Pelo fluido electrico se fórma,
E os olhos na evidencia absortos ficam:
Do globo na cadêa um vidro exposto
A luz attráe, e electrisado brilha;
Já não é mais que um céo, faiscas todo;
Rompe, salta o relampago; os ouvidos,
Exhalando-se o fogo assusta, fére
Com repentino, amiudado estrondo,
E de sulphureo cheiro empesta os ares;
Penetrado o cristal dos igneos tiros,
Sem que elles o traspassem, todo se enche
De vestigios errantes: com est'arte
Um feliz Salmonêo reluz, triumpha,
Faz que a terra assombrada escute o raio;

E, Prometheo sem crime, aos céos o rouba,
E em nossas mãos depõe o ethereo fogo.
Mais felizes comtudo os habitantes
Das margens, que fecunda alegre o Nilo!
Não se ouve lá tropel, motim dos Euros
Turbar aos ares seu murmurio doce;
Em aguas o vapor não se resolve,
Nem do seio os coriscos lhe rebentam:
Lá sempre um puro sol derrama os dias;
O céo calmo, e risonho, e transparente
Lá de saphira, e de ouro as cores véste:
De seis luas no espaço ao grato clima
Dos montes de Ethiopia descem chuvas;
Reforçado com ellas sóbe o Nilo,
Aguas desmanda pelo egypcio campo,
Que seus thesouros só do rio espera:
Quando ás portas do tropico é detido
Phebo por Cancro, longo mar se ant'olham
As campinas do Egypto; é ar, é ondas
Tudo quanto apparece ao longe, ao perto;
Cidades se abandonam, formam-se outras
De unidas barcas, onde o riso, as danças,
Festins, e jogos, e harmonia offertam
Espectaculos mil por toda a parte:
O Nilo a seus canaes emfim recua;
Fecundadas por elle, e sem que exijam
Os desvelos, que aponto em meus preceitos,
Sem custo, ou adubîo as messes brotam;
De relva, e flores no verdor, no esmalte
O Egypto representa um prado immenso:

Quando reina entre nós o bruscó Hynverno,
Cuja grenha herriçada os gelos c'roam,
Vós, Zephyros, brincais na egypcia plaga;
E, quando a relva aqui revive apenas,
Ao ferro ali succumbe a flava espiga.
Oh vós com quem não tanto é de seus mimos
Pródigo o céo, vivissimos ardores
Esperai do Leão: quando elle impera
As messes brilham como o sol, que as doura;
A espiga encurva a testa, e d'entre silvas
Rouquejando à cigarra invoca a ceifa:
Já pacifico exercito se avança,
Toma a fouce na mão, e os trigos séga;
Derramados sem ordem ficam, jazem
Por aqui, por ali; depois em feixes
Em ligados montões amarellejam.
De miseros que chusma (oh céos!) é esta?
Colhe laboriosa a passo lento
A espiga, que escapára aos segadores:
Ah! não lhe arrebateis, deixai-lhe, avaros,
Tão ténue parte de tão vasta herança;
Dos dias seus esse alimento escasso
Perdido foi por vós, e que vos presta?
Deve-se ao pobre o que sobeja ao rico...
Resto (ai!) unico resto do aureo tempo
Que os homens via irmãos, sem dono a terra;
Aureo tempo em que tudo era de todos!
Deixai que um monumento ao menos dure
Do sagrado poder, que a seu monarcha
A Natureza deu, as leis tiraram.

Entretanto na herdade amontoadas
Róçam-te os tectos as pavêas tuas,
Emtorno aos muros; tens no meio a eira,
E instrumento, que açouta os louros fructos,
Fórça a depôr seus grãos avara espiga;
Volteando com arte outro mil vezes
Cáe, e recáe nas ordenadas messes,
Ao repetido embate o chão resôa,
Co'a palha mixturado o trigo voa.
Nos climas onde o sol não se annuncia,
Onde mui raro tempestêa o vento,
Dispõe firme terreno á eira tua,
Que herva, ou formiga penetrar não possam,
E que, as planicies dominando em roda,
Ganhe o bafo subtil de aragem mansa:
Lá teus almos depositos se levam,
Lá da celeste abobada se fiam,
E arte do segador com taes auspicios
Ergue as brilhantes, as barbadas torres,
Que tem debaixo dos dourados tectos
Em aperto, em resguardo os teus thesouros.
Depois na eira, em circulo ordenadas,
Vós, pavêas, soffreis a planta equina:
Ao pezo de seus crebros, duros passos
As amarellas hastes arrebentam,
E escapa ínteiro grão da rota espiga;
O crivo, meneado em mão ligeira
Do extranho, leve pó separa o trigo;
A palha vôa, foge, e o grão já puro
Altamente os celleiros te ábastece.

O tempo da abundancia é da alegria,
O homem possue a principal riqueza:
Como, extincta a procella, os nautas gosam
Doce repouso na enseada amiga,
Taes quietos na eira os lavradores
Vêm dos trabalhos seus o fim, e o premio;
Tudo pinta o prazer, são risos tudo;
Parece que Hymenêo de dia em dia
N'esta aldêa, e n'aquella accende os fachos:
Eis aqui, eis ali campestres jogos,
Festins, canções d'alto arvoredo á sombra;
O gado, o fuso á pastorinha esquecem;
Aparta-se o pastor de seus rebanhos,
De seus campos o agricola se aparta;
Meninos em tropel com ancia os seguem,
E atravessam, pulando, agrestes danças;
Sobre a palha novinha os ouço, os vejo,
Matizando os prazeres da innocencia,
Na lucta, na carreira exercitar-se,
Vejo-os caír, erguer-se, e rir da queda:
Mais longe amantes, que a ternura inflamma,
Sentados sobre o colmo apprestam laços
* Encanto da existencia, origem d'ella,
* Taes que se a eterno ardor m'os não vedára
* Muro erguido entre nós por mão do Fado,
* Se prisão tua, e de um mortal não fossem,
* Comtigo, Analia, me fariam nume.
Felizes aldeãos! Sua alma ingenua
Da profana cidade ignora os vicios;
De voluvel paixão caprichos firmam,

E em corações, que nem desprende a morte,
Se une Hymenêo a Amor, pureza ao gosto.
Tu celleiros propicios cauto escólhe,
Ao frio, á calma impenetraveis sejam;
Francos aos Nortes, satisfeitos d'elles,
Teu louro cabedal dos Sues preservem;
Desvelados teus olhos o examinem,
E com robustas mãos se espalhe, e mova:
Teme a quente estação; n'ella apparece
O gorgulho cruel; esse inimigo,
Contagioso insecto os grãos traspassa,
Os come, ou inficiona: inda o não sabes,
E o numero fatal de seus enxames
Já dos trigos ao numero equivale;
Não destruindo a raça matadora
Fica o roído grão poeira todo:
Do vinho o cheiro activo, e plantas, flores,
O álbo importuno, que ao colono é grato,
O óleo tambem que de um rochedo emana;
São dons da Natureza uteis venenos.
Caterva de formigas sáe das covas,
Investe as eiras, o celeiro investe;
Longo exercito marcha em campo estreito,
No transporte do espolio ferve a turba:
Esta o pezado grão conduz na boca,
E aquella maior furto a rastos leva;
Regem outras o passo, á obra incitam:
Suas próvidas leis convem que imites,
O exemplo d'ellas teu desleixo emende;
Mas cerra os armazens á negra chusma,

E atulha os subterraneos onde habitam:
Ha para as destruir mais facil meio;
Entorna-lhe no asylo agua fervente,
Colhe as formigas na innundada estancia,
E em igneas ondas o inimigo affoga.
Porque os thesouros de teus campos durem,
Arte simples, e nova dá leis certas:
Na joeira se alimpe, e da humidade
Exempto para sempre o trigo seja;
Uma estufa prepara, onde ar, que a enche,
Se abraze em fogo occulto, e creste, e mate
O insecto devorante, o germe ignoto;
Esta, que Duhamel ha dado á França,
Arte proficua te defende os trigos;
Este asylo não soffre o bicho, as aves,
Mas quer ventilador, que o ar lhe innóve,
Ou um moinho o agite, e ao grão já quente
Allivio salutar nas azas mande,
Ou dous flexiveis folles á porfia
Aspirem sempre o ar, que o grão refresque:
Ar segue o ar que o foge, aperta, e entra,
E se insinúa, e sáe rapidamente;
D'est'arte o trigo teu refrigerado
De todo o mixto impuro está liberto.
Meio mais facil, da experiencia filho,
Grãos, e semente ao lavrador conserva:
Quando da ardente abóbada, que os cóze,
Já prestes a nutrir-te os pães se tiram,
Se ali, d'onde elles sáem, se ali o amédas
Necessario calor o trigo encontra,

E forte apoz dous dias secco, e puro
O verás salvo do inimigo insecto.
  Sáe a colheita emfim de teus celleiros,
Léva a mil partes abundancia, vida,
E, por diversas plagas circulando,
Ella anima, repara, escora o mundo:
De pródigos verões ceifa ditosa
Soccorros affiance a estereis annos;
Debaixo da cal-viva agasalhado,
E em funda cavidade incluso o trigo
De hynvernos cento, ou mais não teme afrontas.
  Mas vós, que d'estes bens, ó camponezes,
Não podeis nos casaes erguer montanhas,
Ah! que fareis, se a carestia horrenda
Semear amargura em vossos lares
N'esses tempos fataes? Que é do regresso?
A opulencia obterá de ferteis climas
O que infecundas terras vos negarem,
E não descubrireis n'um campo ingrato
Mais que a fome voraz, e logo a morte:
Oh vós, a que a abundancia o luxo apura,
Indigencia adoçai de mil, que gemem;
É titulo a penuria, um jus sagrado
Tem á vossa piedade, e é uma, é uma
Das nossas precisões fazer ditosos:
Cidades imitai, que oppõem á fome
Deposito commum, zelados trigos;
N'esses ricos montões se alenta o pobre:
Eis os campos que tem quem não tem campos.
  Lá das margens do Escaut que gritos sôam!

Povos cultores das flamengas terras,
Vingava o trigo vosso; a nova quadra
Ampla colheita promettia aos votos:
De repente a discordia o medo esperta;
A paz ao som das armas treme, e vôa;
Respira tudo raiva, e guerra, e morte,
Dos ávidos soldados tudo é prêza:
Nas tristes margens atterrado o rio
Vê consternadas mães fugir ante elles;
Os convulsos, attonitos pastores
Incitam para as proximas aldêas
Do timido rebanho os lentos passos;
Aos olhos do colono o ferro brilha,
Desampara gemendo os bois, o arado,
E a vista com saudade aos campos volve;
Campos, que não lavrou para inimigos!
O bronze atrôa os céos, baquêam muros,
Defensores não ha; morreram, morrem:
As torres crê Tournai remir do estrago:
Onde, oh germanos, bátavos, inglezes,
Onde ides? Que produz o auxilio vosso?
Vingar-vos Cumberland debalde empreende:
Luis vôa ao perigo, a gloria o chama:
Vêde de Fontenoi, vêde nos campos
Destemidos, magnanimos guerreiros
Que, olhando-os, elle inflamma, e guia aos louros:
Reluz prudencia do meu rei ao lado,
Reluz grandeza heroica, e brio ufano;
Nas phalanges adversas bramam, lavram
Esperança falaz, e presumpçosa,

Temeridade insana, insano orgulho:
Entre elles, e entre nós audaz braveza
De fileira em fileira esparge a morte;
Mas o Thréicio numen carrancudo
D'esta scena de horror córta o progresso,
E só furores vãos deixa aos vencidos.
Os passos de Luis segue a victoria;
O heróe triumphante a humanidade escuta,
Lamenta o sangue, que os tropheos lhe importam,
E, porque outorgue a paz, só quiz a palma.
Delicias do teu povo, oh rei sublime!
A tão recto desejo os céos annuem:
Já, já vão renovando os lavradores
Seus puros passatempos; e, a teu nome
Co'a voz do coração mil vivas dando,
Dirão a nossos netos: «Messes, festas
Devemos a Luis; não préza menos
Venturas nossas que proezas suas.»

CANTO SEGUNDO.

DAS VINHAS.

Já celebrei cultura, e dons de Céres:
Acode, vinhateiro, ás vozes minhas;
Teus outeiros dispõe, sazône o cacho,
Nas adegas depois se envase o nectar.
Eu vou cantar beneficencias tuas:
Meu estro altêa, oh Deus, que preservaste
Do naufragio do mundo um ente pio,
Gran patriarcha das edades duas,
Que, da vinha cultor, seus usos soube.
O homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assuberbava;
E disposto á vingança emfim o Eterno
Já ía exterminar perjura estirpe:
Um justo o suspendeu; — Noé sómente,
Só em todo o universo, obteve a gloria
De que os céos d'entre os impios o estremassem!
Assim que a lignea estancia elle findára,
A terra com seus povos foi proscripta;
Ferrenho o pólo, o pólo inexoravel
Ante os olhos attonitos derrama
Torrentes até'li nos ares presas;
Sôlto o Oceano da barreira immovel,
Onde a mão do seu Deus lhe estreita as furias,
Sáe, corre, ferve, brama, innunda a terra;

Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
A arca só do universo é a esperança.
N'isto o senhor, e o páe da Natureza,
Por sua rectidão desaggravado,
A cholera mitiga, acena aos ventos,
Que, os céos acrysolando, a terra enxugam:
Pouco a pouco resurgem penhas, serras;
O remidor baixel no Armenio monte
Encalha finalmente; as ondas fogem
Por aqui, por ali a estrada abrindo,
E como que as montanhas nascem d'ellas;
Entra mugindo o mar no leito enorme,
E volve etherea lympha ao seio ethereo.
Mas do salvo mortal qual é o espanto!
Que lugubres mudanças pavorosas
Vê no seu domicilio! Eis alterada,
Eis d'agua a terra aberta em fundas bôcas
Os matizes perdeu, perdeu o esmalte,
É confuso montão de lodo, e rochas;
Já nas rôtas, miserrimas entranhas
Os succos lhe não correm: fero ainda
De nuvens todo o ar se entenebrece:
O homem treme, e recêa outros naufragios.
Mortal, não descorçôes; Deus promette
Que nunca a terra ingrata os mares sorvam:
Attenta no arco, de alliança abono,
Que d'hora ávante a divinal clemencia
Entre si, e entre nós de todo firma.
Eterna mão por beneficios novos
A terra formosêa, onde gravára

Do seu vasto furor signaes tremendos;
Um Deus se digna de ensinar aos homens
Arte ditosa, que em liquor celeste
Muda espremidos, saborosos cachos:
Este nectar possante innova as forças
Do mortal quebrantado; os risos gera,
E co'a fecunda, cordeal virtude
O mundo consolou do equóreo estrago.
Juntas cêpas Noé dispoz em ordem,
Armado do podão talhou sarmentos;
Ao pezo de seus pés purpureados
O cacho rebentou, e ante seus olhos
Correu, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.
Armenia te gostou, nectareo succo;
A Grecia com fervor te quiz no seio;
De colonia, e colonia em mãos a vinha
Passou dos orientaes ao campo Ausonio;
O Ebro vestiu com ella as praias suas,
E para haver seus dons o gallo antigo
Rochedos commetteu, transpoz montanhas:
Cedo o Erîdano o viu co'as mãos ovantes
Roubar-lhe o sumo dos vinósos bagos:
Antes de submetter-se ás leis de Roma
O Arecómico volco em nossos climas,
Já do Rhodano a vinha ornava as margens:
D'entre seus lagos Maguelone admira
Ladeiras, que de pâmpanos se adornam:
Submisso ao jugo do adoravel Probo
Desdenha os fructos da azinheira o celta,
Os bosques arrancando, acolhe as vides;

E com seus vinhos egualmente o belga
As frias aguas tinge ao Vessa, ao Rheno.
Tocando a rica planta o chão germano
Seus verdes braços á Panonia estende;
Mas, porque aos tenros, melindrosos filhos
Recêa os golpes da geada infesta,
Climas foge onde a Ursa, o Carro assomam,
E da fogosa ecliptica os ardores
Sobre arêa africana escádeas torram.
Entre estas flammas, e os gelados pólos
Á sombra de um céo brando existem plagas
Onde os Favonios amaciam Bóreas,
Onde chuveiros o calor temperam,
E na carreira obliqua o sol constante
Abre para os mortaes, lhes assegura
Fructos formosos, e formosos dias;
Eis o terreno ás cepas deleitoso:
Lá surge a parra, madurece o cacho;
Mas ha paragens ali mesmo ingratas,
A que repugna sem virtude a cepa,
E a que nunca se afaz. Parca, ou esteril
É sobre chão barrento; é forte em pingue,
Mas tristemente fertil: esconder-lhe
Cumpre no abrigo de amoravel clima
Septentrional carranca, e ventos bravos.
Ama o escasso pendor de um bello outeiro,
Onde a terra sulphurea, leve, unida
Em chão fragoso co'a volante arêa,
Recebe toda a luz do sol mais vivo.
Ali (mercê dos reflectidos lumes)

De optimos fructos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra e lavra ali já gastos,
Cospem chamma efficaz, que aos troncos salta:
Assim vemos a pedra onde elle, occulto,
Do frio, duro seio é arrancado;
O aço prompto a golpêa, sáe do embate
Ignea scentelha, e pula, e brilha, e morre.
De altissimos outeiros no recosto,
Onde a cepa firmar-se apenas póde,
Fervente alluvião, que vem dos montes,
Valles com teus plantios alastrára,
Se duplicados, vigorosos muros
Da procella ao furor não fossem diques;
Est'arte o atavio é dos fecundos
Serros, que o Tarn, e o Rhodano humedecem:
Lá diligentes mãos vi dia, e dia
Trazer dos valles os torrões lodosos,
Cubrir das rochas a nudez agreste,
Communicar-lhes vida, e fecundal-as:
Emendando a madrasta Natureza,
Assim, oh arte, amphitheatro fórmas
De flores, fructos, e arvores, que erguido
Em ledas gradações aos montes sobe,
Onde as messes, e as cepas nascem, pendem.
Caváste os regos; á experiencia toca
Escolha dos plantios, e distancia:
De arraigados pimpolhos, que verdejem
Com primaveras tres, servir-te pódes;
D'esses alumnos teus, que no viveiro
Primicias de raizes te offertaram:

Mas isto, assás custoso, assás inutil,
De experto vinhateiro é rejeitado:
Imita-o, corta essas estacas faceis
Que houveras escolhido em troncos ferteis;
Arrancados á mãe renovos tenros,
Enfeixados, captivos n'agua, ou terra,
Graus esperando a que os destine a sorte,
Logrem frescura, e sem raizes vivam.
Lá quando o turvo Aquario em nossos climas
Faz qué reinem com elle a neve, os gelos,
Conduze tenues hastes; a esquadria
Em angular feição divida a terra:
Quer vigoroso chão que mais se apertem,
Que se desunam mais quer uma encosta;
Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
Se provar devem da charrua o ferro.
Que mão destra, os plantios concordando,
Mixturar saberá generos varios?
Bebida singular compôr desejas?
Faze liga gentil de uvas diversas:
Esta, que abunda de calor, de força,
Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as cores;
Aquella, de sabor mais aprazivel,
De condição mais branda, offrece aos labios
Liquor delicioso, e vivo, e leve;
Cacho de superficie alambreada
Vinho annuncia espirituoso, ardente,
Mas que em breve se altera: alguem que saiba
As mixturas, e os numeros contar-lhes,
As ondas contará, que sobre as praias,

Ou contra as arduas penhas vem romper-se.
Segue-lhe usos, e leis em todo o sitio;
Regra austera, excepções porém soffrendo;
Segura nos seus votos, a experiencia
Do consumado vinhateiro é guia:
Morrendo algum renovo, abaixa, enterra
De cepa um mergulhão com que visinhe;
Successora do irmão, do sitio herdeira,
Mãe seja ali de descendencia nova.
Facil, prompto em subir, não poucas vezes
Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantem; d'elle apiedada,
Soccorre a natureza o debil ramo,
Com tortuosas mãos o corpo lhe arma:
Eis o pâmpano alonga os verdes braços,
Ajudador visinho em torno busca,
E se ampara com elle; é necessario
Prever-lhe as precisões. Alta na Hetruria
Casa-se a vinha ao olmo inda creança:
Desde o seu nascimento ambos unidos,
Um por outro abraçados, vivem, crescem
Os ramos amorosos, e não tarde
A arvore off'rece aos olhos admirados
De uvas, e parras orgulhosa a fronte.
É proficuo tanchão bastante apoio
Ao sarmento, entre nós menos altivo:
Da ufana Iberia nos ardentes combros,
Nos que a margem do Rhodano acompanham,
Jámais soccorró alheio elles imploram;
Força propria os sustem, sem risco sobem,

Não temem furias de contrarios ventos,
E os ramos seus com desafogo estendem.
  Honra de teus vergeis, a vinha ás vezes
Ouro alardêa, e purpura dos cachos;
Por formosa latada eleva os fructos,
Trepa, e roça no cume encaniçado;
Ou, curvando inda tenra a docil rama,
Os parreiraes de pavilhões te c'rôa.
  Quando o murcho sarmento as galas despe,
Vai podar, bem que ainda não voltasse
Do cultivo a sazão; se acaso imitas
Ordinario vagar dos vinhateiros,
Se do geral costume és cego escravo,
Té que os primeiros Zephyros suspirem
Mando não ousas ter nas vinhas tuas:
Em vindo a primavera acorda o succo,
Anda de vêa em vêa, anima os ramos;
E, encontrando a ferida aberta, e fresca,
Em lagrimas demais elle se escôa,
Evapora-se emfim; porém o hynverno
No podado sarmento aperta, e cura
Quantos canaes lhe lacerára o ferro;
Modera os prantos seus, e assim captivo
O succo se mantem, que augmenta os fructos.
  Ás lavras finalmente a primavera
Solto exercicio dá: nas mãos nervosas
Tomam ferreo instrumento os vinhateiros;
Aos golpes os torrões lá se amollecem,
Róçam-se as pedras, se atavia o campo;
E, de saibro visinho as cepas livres,

Do sol aos raios a raiz devassam.
  Tens as collinas destinado á lavra?
O mestiço animal, e os bois conduze;
Entre fileiras de arredados troncos
A indomita cervîz lhe afaze ao jugo:
Assim que a primavera adoça o clima
Abre os olhos a vinha, e choros vérte;
Recolhe attento as valiosas gotas;
Na vista, que a despiu, renovam graça,
Com ellas volve á face a têz de rosas,
E a pedra, intensa dor, bebendo-as, vai-se.
  Teme porém que Zephyro a seduza,
E fervorosa, e de chorar cançada,
Desdobre a vinha não prudentes flores;
Muda Favonio, primavera engana:
Da plaga nossa rechaçado ás Ursas,
Oh! quantas vezes o medonho hynverno
Tórce a negra carranca, e retrocede!
Por entre virações entorna gelos,
Rouba á terra os thesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros.
  Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê tambem, sê cruel para salval-os;
Decêpa logo, logo, as novas folhas,
O sarmento verás tornar-se á vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Provam-lhe o esforço, e juntamente o damno.
  Se até na cepa volteando o succo,
Improprios frios os sarmentos crestam,

Cumpre que a esteril fronte lhe cercêes,
Cumpre que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fertil ramo ali situes:
O tronco o adopta, e mais feliz, mais farto
Dá novos fructos, numerosa próle.
C'roam-se em tanto os pâmpanos de flores,
E recolhem do sol calor propicio;
Mas, se o planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abobada celeste,
Porque aos raios phebêos a vinha esquive
O cauto vinhateiro ampara as cepas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A perfida raiz destroe das hervas,
Em visinhança ao tronco estacas planta,
Que os braços lhe mantem quando se alonga;
Rege os pimpolhos, que no extremo abundam,
Um ramo se condemna, outro se escolhe.
Prende a altivez de ambiciosa folha,
E, se lhe empêce, um botãosinho arranca:
Mais fecundo perdendo ávidos filhos,
Só ramos uteis fortalece o tronco.
Formam-se os cachos, e o calor bem cedo
Ha de pintar-lhes duvidosas cores:
Quando, cubrindo-os a folhagem densa,
Oppõe á luz diurna um véo sombrio,
Tornem-lhe a luz, e mais vermelho o fructo
Vê-se que ao sol de purpura se tinge:
Em vicejando sem arrimo as cepas,
Basta entrançar-lhes a madeixa longa.
Jámais das vinhas te enfastie o amanho,

Ellas soccorros teus assiduos querem:
Já forte, e nova terra estão rogando,
Já nutrimento de abundoso estrume;
Herva destróes em vão, e em vão repulsas,
Ella se reproduz; teima em tiral-a:
A nojosa lagarta, occulta aos olhos,
Prole depõe no pâmpano recente,
Se esconde, envolve, e da folhage infecta
No curvo seio em segurança vive.
Pernicioso insecto eis sáe da terra,
E, roendo a raiz, faz guerra ao fructo:
Dos caracóes o rojador enxame
Com a escuma tenaz corrompe as uvas;
Contra tanto inimigo armar-te deves,
E os damnos com desvelo acautelar-lhe:
Ergue uma balsa, os herriçados muros
D'ali rebanhos com o espinho arredem;
Da cabra mais que tudo o infenso dente
Para a cepa, que fére, é peçonhento:
De trabalhos um circulo te abrange;
O anno aponta, voltea, e retrocede.
A quadra mais feliz, mais opulenta,
O outomno a teus desejos apparece:
Cala-se, e dorme o vento, o sol no giro
Distribue egualmente a noute, e o dia;
De importunos ardores livre a terra
Espira os molles Zephyros; a planta,
Toda pomposa dos seus dons mais bellos,
Já para nos brindar inclina os ramos;
De fructos mil c'roada a Natureza

Nos convida ao festim, que lhe orna a meza;
O cacho aos olhos sasonado offerta,
E envolto em superficie azul, ou roxa.
Dado o signal, enceta-se a vindima;
Enxame camponez caminha á pressa,
Dirige-os o prazer; co'as mãos activas,
Da cantilena ao som, cercêam cachos;
Porém fructos com eiva, ou abortivos
Do thesouro commum são refugados;
Deixa esses bagos, alimento de aves,
Não te manche os toneis seu podre sumo:
Aos cachos apanhados n'um só dia
Não dás um só destino; estes se elegem
Entre mil para a meza, e se mergulham
N'agua fervente de que surgem brandos;
O sol murchou-lhe a flor da mocidade,
E rugas a velhice antecederam;
Aquelles, cujo preço é venerado
Da quadra fria, engelham-se nos tectos,
Pendentes envelhecem manso e manso.
Acolheu-se a teus muros a vindima,
Folhas enjeitas, e a despida esgalha;
Sobre taboas depois, com arte unidas,
Nús, vigorosos pés espremem cachos:
O sumo em grossas ondas vai manando;
Preso nas pipas, nos toneis captivo
Fuma, ruge o liquor, e sobe, e ferve;
E co'a pelle, que tinge, mixturado
Toma o lustre, o calor de um vivo fogo.
Cinco vezes a noute os véos desdobra,

Cinco vezes o sol desfaz as trevas,
E gota a gota nos cristáes filtrado,
Qual brilhante rubî, cáe puro o vinho;
Convem que sáia então da cuba, e seja
Das fezes desviado: os ligneos muros
Dos vasos, que encha, o carcere lhe apertem.
Era em Grecia, em Ausonia um tosco barro
Estancia fragil dos ferventes mostos;
Ou no seio de um odre amotinados
Não poucas vezes a prisão rompiam:
Teu povo, oh mãe, oh Gallia industriosa,
Soube em curva madeira obstar-lhe ás furias,
Taboas juntando, circumdadas de arcos,
De invencivel cadêa os opprimiam.
Quando fallece o vinho á cuba exhausta
Toma dos bagos o fumante espolio:
Eil-os já, no lagar accumulados,
Ao pezo gemem de abatidos fusos;
Sáem da uva esmagada os sumos logo,
E regatos de vinho a terra innundam;
Tropel vindimador ao vel-os folga,
Tomam cópos nas mãos, dão grandes sorvos;
E, se outra vez na cuba introduzirem
Estas já fézes languidas, cançadas,
E as afogarem n'agua, em breve a córam;
Apparencia de vinho engana os olhos,
Succo de expressos bagos a presumem,
Mas do falso liquor o travo insulso
Mostra a fraqueza da mixtura impropria.
Eia, engenhoso amante de aureo vinho,

Queres que, rindo aos olhos, saiba do nectar?
Nunca dos cachos te allicie o alambre,
Dão liquor fraco, amarelleja em breve;
Nasce vivo liquor das uvas negras,
E experto, e scintillante as quadras vence:
Arte se deve de Champanha aos povos
Que um corpo aos vinhos dá firme, e duravel;
Est'arte presta só. Depois da aurora
Aos lumes de um sol puro escolhe, apanha
Uvas tintas de azul, e inda orvalhosas;
Estende-as mollemente, e vai d'espaço
Lançal-as n'esse dia em teus lagares,
Sintam do fuso os golpes; ser costumam
Primeiros prantos seus seus dons mais doces;
Humor, que se lhe extráe do seio á força,
De um pallido rubî tem cor incerta.
Lá nas adegas que ruido sôa!
Que ondas são estas, que em toneis escumam!
Deixa livre abertura ao mosto accezo,
E sem custo entre o ar, saia, e murmure:
D'est'arte, quando tubos aprisionam
Ondas, que vão caír n'um tanque vasto,
Recêas que do vento o bafo incluso,
E, agua, espertada na prisão por élle,
Unindo-se, os canaes arrombem todos,
E abres então respiradouros livres:
No carcere egualmente o vinho ruge,
Levanta borbulhões, e crê que o rompe;
Escumando se apura; ajuda-lhe o erro,
Nutre-lhe a furia, porque amanse o fogo;

Ardores juvenis tempéra a edade;
Repousam finalmente, e se amaciam.
Então dos lares teus os subterraneos
Emtorno aos muros os toneis acolham:
Resguardar-te as adegas deve a terra;
Se os éccos do trovão teu vinho assustam,
Move-se, ferve, turba-se, descóra:
O aceio impere na tranquilla estancia,
E a todo o cheiro inaccessivel seja:
Longe ess'arte impostora, essa que os nossos
Puros bens viciando, ao vinho ajunta
Agradaveis peçonhas; sobre a escoria
Quando mui longo esquecimento o deixe
Que elle se allie co'a inimiga temam;
Do lodo corruptor largue a morada,
Remoto d'elle, e preservado exista.
Queres que os vinhos á clareza, ao pico
Aggreguem seus rubîs, ou viva espuma?
Do seio dos toneis convém que os tires
No tempo em que renasce a Natureza.
Seiba, que a mocidade á vide acorda,
Opéra no liquor, e anima-o sempre:
Depois da primavera amadurece
Aos vinhos o vigor, elles alcançam
Do socego, e da edade um preço novo.
Se a despeito porém de teus desvelos
Se evapóra o liquor empobrecido,
Ou finalmente azéda, o vicio d'elle
Certas virtudes tem; seu gosto, e cheiro
Insîpido manjar corrige, aduba;

Contra cem males, cujo ardor curtimos,
Triste mortal nas afflicções o implora;
Dos venenos da peste a furia extingue,
E o fogo precursor da raiva horrenda:
A'quelles, cujo braço a patria escuda,
Abona vezes cento a força, e vida;
Saxe aos francezes, aos romanos Cesar
Seu uso impondo, seus effeitos viram.
Oh! Quanto, e quanto é devedora ao vinho
Arte assombrosa, que o divide, e apura
Por meio de um fornilho! Em igneas azas
O espirito se eleva, e resfriado
Tardia, frouxamente se distilla:
Taes os lumes phebéos, ou terrea chamma
Vapores erguem dos trovões ao clima;
Os corpos no calor se lhe dilatam,
O frio lh'os aperta, lh'os condensa,
E descem, precipitam-se dos ares:
A aguardente no lar se faz d'est'arte;
Se por novo trabalho a rectificam,
O espirito do vinho eis despe a fleugma;
E livre sóbe, e cáe purificado.
Povo de Montpellier, a industria vossa
Do vinho usa formar util ferrugem,
Util, mas arriscada. Ali no fundo
De escura adega mergulhais os cachos
Em urnas, onde o vinho se lhe embebe:
Batido cobre de estendidas folhas
No cacho longo tempo está confuso;
O vinho ali se azéda, ali fermenta,

E o exhalado espirito derrama
Verde vapor na ferruginea massa.
Bátavo, subsistir com taes venenos
Vês os teus diques, e as cidades tuas;
Seguros dentro d'agua os alicerces
D'insecto extranho tal peçonha os livra:
Tu, cuja mão copía a Natureza,
Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
Enche-o d'este util pó; com elle exprime
Louçan verdura, que ameniza os serros.
Quando o vinho nas fézes, novo ainda,
Vai fermentando, seu fervor se apura
Dos mais grosseiros sáes; endurecido
O sarro nos toneis, d'ali tirado
Se aprompta para mil necessidades.
Não sei de clima, que dispute á França
Dos seus famosos serros a excellencia:
L'Hermitage, e Cahors aos gostos nossos
Dão generosos, dão maduros vinhos,
Vinhos fartos de espirito, e constantes.
Madureza co'a força emparelhando,
Os de Occitania, e Rhodano assignalam;
Lóte-os experta mão com outros vinhos,
E affoutos vão luzir dos reis nas mezas.
Liquores que, oh Vienna, aromatizas
Quão gratos me seriam, se a mal-firme
Razão minha o vapor lhes não temesse!
Nas aguas seus thesouros estendendo,
Vê Garôna o solicito britanno
Que os perturbados vinhos lhe carrega

Nos seus lenhos innumeros; os vinhos,
Que sobre as aguas em passagem longa
Austera condição despir costumam.
Deleitoso Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu rei venérem:
Une-se alegre bando á face tua,
Bebe prazer, saúde a largos sôrvos:
Rival digno de ti, tambem Champanha
Risos, jogos conduz, e Amor, e as Graças;
Do vivo seu liquor a espuma bella,
Fendendo o ar, que a aperta, sobe, e pula;
Na luz vence o cristal, no gosto é nectar:
Emulos immortaes, ambos contentes
Da vossa fama, sem victoria obterdes,
Contendei-a entre vós, armai sequazes;
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos, e amores a peleja expertam.
Ha dourado liquor, brilhante vinho
Que parece os prazeres o apprestaram;
Seu calor salutar, depois de ledo
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cançado estomago a tibieza:
*Nos campos, que de Tubal honra o nome,
*Nectáreo moscatel, assim prospéras.
Reconheço os teus dons, e teus perfumes
Amo, oh suave humor, que a custo entornam
Bagos de Frontignan! O precioso
Tokay, teu digno contendor, te eguala,
Se acaso não te excede. Ouro, escondido
Entre o terreno onde seus cachos surgem,

D'elles no seio co'a substancia cása:
Inferiores a ti, no grau segundo
Repartem nossa escolha os outros vinhos;
Canarias, Alicante, e Syracusa,
Chiras, e Pacaret, Málaga, Iberia
O gosto acariciam: Grecia exalta
Inda de Lesbos os vinosos cumes,
E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.
Sobre ardente brazeiro a Creta em Gnossia
Condensa pouco a pouco as malvasias:
D'internas brazas o Vesuvio accezo
Vê junto a seus vulcões, ás lavas suas
Dos cachos emanar liquor fragrante.
Ao promontorio, cujo pé carrega
No Oceano feroz, * onde alta Musa
* (Das Camenas do Tejo honra, e saudade)
* Gigante, em olhos negro, e negro em boca,
* De tormentas c'roou, cingiu de agouros;
* Lá quando, sobranceiro á Natureza,
* Talhando a pégo immenso as virgens ondas,
* Esperanças colheu por entre horrores
* O occidental Jason, ao promontorio,
Cujo nome os baixeis acoroçôa,
De nossos campos trasladadas cepas
Dão vinhos, cujo succo aveludado
Toma, africanos céos, á sombra vossa
Aroma encantador, qual não gosára
Proximo ás fontes d'onde corre o Sena.
Bem que vinhos de nome a Hetruria affamem,
Degenerado tem na Hesperia toda;

Esses, que sobre as ázas d'aureos versos
*(Versos que íam privar co'a eternidade)
O cysne de Venusa aos céos erguia;
Alba, e Cales, e Massico, e Falerno,
Fracos, doces de mais, desenxabidos,
Ha longos tempos seu louvor perderam:
*No espirito, e sabor diversos d'estes
*Em altos vinhos se abalisa o Douro.
Herdeiros dos romanos, os francezes,
As artes amimando, a guerra exercem;
De quem subjuga o mundo o vinho é premio.
Tu, que déste canções ao terno Horacio,
Corre, mago liquor, teus dons se acclamem;
Com elles nossos males tu guareces,
Escóras a fraqueza, e restitues
O juvenil fervor ao velho inerte;
És alma dos festins; quando os não honras
Se tórna sem-sabor manjar mimoso:
Substancias, que provém do trigo, e fructos;
As perfumadas, as chinezas folhas;
Dos grãos de Yemen a singular bebida;
O cacáo negrejante, alimentoso,
Taciturnos liquores, — nada usurpam
Á tranquilla razão na mente immovel:
Tu só, nectar divino, é que insinúas
Nas almas todas esperança, e gosto.
Da sociedade medianeiro amavel,
Os que odio desuniu, reconcilias;
Dás-lhes sereno olhar, benigna face,
E união cordeal de ti renasce.

Cego nos cultos seus, o tempo antigo
Fez das vindimas tutelar deidade
O filho de Seméle; á sacra fronte
De eterna primavera uniu-lhe as graças:
Em carro, a que ligou panthéras, lynces,
Aos credulos thebanos Baccho ensina
Seus ritos, seus mysterios vãos, falazes;
De uvas, e de hera engrinaldado assoma,
Pâmpano sempre verde o thyrso lhe orna:
As socias, pelo mosto avermelhadas,
No monte Cytheron orgias celebram;
Faunos lhe estão d'aqui, d'ali Sylvanos;
Silêno ou cambalêa, ou vai-lhe em braços.
Da turba os phrenesîs irrita Brómio;
Eis Lycurgo, Penthêo despedaçados,
* A mãe (ah! já não mãe!) lacéra o filho:
Aos vicios consagrado o culto infando,
E ás virtudes fatal, do sabio é odio:
No ardente fanatismo o povo accezo
De ramos allegoricos se cóbre,
Pelles de tigre véste, e sóbe aos montes
Ismaro, ou Pélio; rapido os vaguêa;
Religião, piedade o torna insano:
Ménades em torrente o campo innundam,
Ferem o éneo instrumento, huyvam nas serras;
E a douda embriaguez, gerando excessos,
Muda-lhe o culto em crime, o zelo em furia.
Das festas de Lyêo bando atrevido
Cedo em Athenas a Tragedia fórma.
Éschylo a cria, Sóphocles a eleva,

E em seus versos de fogo a adora o mundo:
Est'arte, que, pathetica, terrivel,
Grande, sublime, audaz, maior que todas,
Galardôa a virtude, atterra o crime,
De brutaes espectaculos nascida,
Filha da Insania, em Grecia ennobreceu-se,
Em Roma descaíu, puliu-se em França.
Rival dos gregos, e das orgias suas,
D'elles as saturnaes colheste, oh Roma:
A par de seu senhor sentado o servo
Egualdade exprimiu dos tempos de ouro;
Licença, embriaguez por toda a parte
Seculos de innocencia ousaram crer-se:
O carnaval emfim d'este proscripto
Tumultuario culto exclue o pejo,
Mas o espirito seu tem conservado.
Politica firmando até nos gostos
Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo:
Dos tribunaes ás venerandas portas,
Sorrindo-se, apparece a Liberdade,
E rigor, subjeição d'ali remove;
O instante, que seus jogos annuncia,
Da cidade atinada o siso varre;
Bellezas mil e mil, que lá no centro
Dos tristes lares seus, entre altos muros,
Dias arrastam como a noute escuros,
Curvas ás ferreas leis de seus tyrannos,
Victimas do ciume, e sempre em medos,
Subito passam da amargura ao riso,
Do extremo jugo á liberdade extrema:

Então não tem poder, nem jus o esposo;
Então lei respeitavel crê Veneza
Vestir-se o rosto de emprestada face;
Ella ao mysterio dá seguro asylo,
Um mortal mascarado é quasi um nume.
Que impostores de espheras se rodêam,
De caracteres vãos, compassos, vidros!
Que insensatos suppõem que arte dolosa
Allumie o porvir, n'alma lhes lêa!
Levando melhor guia os amadores
Nos olhos do seu bem vão ler seus fados:
Est'outros á Fortuna altar levantam,
Ali depõe o avaro infames votos;
Medo, esperança, e boa ou má ventura
Cem palpitantes corações esforçam.
Tremendo aos golpes do erradio Acaso,
Da Sorte, que ora dá, que outr'hora usurpa
Thesouros, por cegueira á Sorte entregues,
Todos, té quando seu favor lhe acode,
Todos (caterva iniqua!) sentem menos
Do lucro a posse que o terror da perda.
A scena prazenteira os jogos abre;
Surgindo lume, e lume os ares crestam;
Aos lucidos festejos sobre as aguas
Succede a melodia, apoz seus passos
A dança faz voar gentil enredo;
As margens do canal, palacios, praças
Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta;
E os Gostos, as Delicias, vencedores
Da Razão grave, e da Moral severa,

Por entre seus trophéos ali recordam
Artes, feitiços, illusões das Fadas,
Té ao dia em que as leis de novo imponham
Jugo aos transportes, aos delirios termo.

CANTO TERCEIRO.

DAS ARVORES.

Bosques, jardins, vergeis, mostrai-me o seio;
Eu canto os vossos dons, e abrigos vossos:
Dado ao transporte, que influíra outr'hora
O vate Mantuano, o velho de Ascra,
Sou dos francezes o primeiro, que abre
Incognitos caminhos no Parnasso.
Tu, que para exaltar plantas, e bosques
O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste,
Lhe ergueste o genio, os sons lhe dirigiste,
Anima-me a cantar-te as maravilhas.
Cavernas, arvoredos, gratas sombras
Com doce embriaguez minh'alma innundam;
Brando a meu verso applaude-me o carvalho,
A fronte inclina, os ramos lhe susurram,
E os éccos d'entre as penhas, d'entre as selvas
Duplicam seu murmurio, e me respondem.
A Grecia presumiu, sonhou que os deuses
Povoavam jardins, montanhas, bosques;
Que Pan, Delia, Priápo ali se viam
E morava uma Nympha em cada tronco:
De Dódona os milagres admirando,
Consultavam prophetico arvoredo:
Sobre carvalho, aos povos adoravel,
Iam colhêr o agárico sagrado

Féros ministros, druydas cruentos;
Ante o culto plebeu se expunha em áras
Penhor ficticio do celeste amparo.
Cumpre á Verdade, oh bosques venerandos,
Vosso prestimo, e mimos pôr patentes:
Os primeiros avós nos abrigastes,
As vossas grutas os seus lares foram,
Cidades suas os recintos vossos:
Quando errantes mortaes por leis se uniram,
E ergueram muros, e elevaram tectos,
Em tectos converteram-se arvoredos,
E cubriram com regra os edificios;
O cedro se accendeu, na umbrosa estancia
O dia resurgiu por entre a noute;
O penetrante ardor de accezos troncos
Amacia do hynverno os agros gelos:
O pinho sáe dos montes, desce ás aguas,
E curvam-se em baixeis as moveis selvas;
O Oceano, que divide ao mundo as plagas,
O laço é mesmo que reúne as terras;
O homem vai promptamente aos climas todos,
Fica todo o universo uma cidade.
Amplas florestas, alterosos troncos,
Mortal, ao teu suor não se reservam:
Dos arbustos cuidado o céo te incumbe,
Plantas, bem como tu, frageis, caducas;
Podes co'a mão chegar-lhe ás doceis testas,
E colher nos jardins em seus raminhos
O tributo das flores, e o dos fructos;
Os bosques são jardins do Deus do mundo,

Elle só, que os plantou, é que os cultiva:
Sobre as azas do vento o grão fugindo,
Vôa, em mil partes cáe por ordem sua;
Deus lhe tira do seio altivos corpos,
Firma-lhe os pés, e sempre lhe remóça
As frontes immortaes de novas folhas:
A floresta de Hercynia inda aos germanos
Troncos presenta, que os romanos viram;
O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, onde o bardo
Tingia o chão com victimas humanas.
O homem, cópia de um Deus, póde imital-o
Semear, transplantar como lhe apráza
Os dóceis troncos, as pevides leves,
Ornar, fazer fecundo esteril campo,
E, entre o útil favor de sombras frescas,
Do sol desafiar todos os raios.
Tu, que ólhas para lá da tua edade,
E ornar queres de um bosque a herança tua,
Quando a neve dos annos te encaneça
Cólhes sempre algum fructo aos teus desejos:
Educas facilmente a mocidade
Das plantas, cubiçosas de agradar-te;
Prazer da creação vale o da posse:
Vê seu verde nascente rir, e abrir-se:
A' linda rama passarinhos voam,
E o gorgeio de amor encanta os bosques:
Deves a teus avós tuas florestas,
Teus avós para ti lá semeáram,
Tu semêa tambem para teus netos.

A selva tua aos Áquilos voltada
Tenha-lhe os sôpros entre a rama presos:
Quando, crestada dos primeiros frios,
O vento a folha ás arvores arranca,
Dos campos mais visinhos uns trasladam
Renôvos tenros, de raiz mimosa,
Que rápidos crescendo, mas sem força,
Seccam de languidez em campo extranho;
Outros cingem-se ás leis da Natureza,
E a semente mais tarda, e mais segura
De sombras immortaes seus predios c'roa:
Os segundos imito, approvo aquelles;
Quizera logo que em trilhadas sendas
Os olhos discorressem fundos bosques.
O ferro em tuas mãos na sua infancia
Dos arbustos os ramos affeiçôe;
Não esperes demais; na meninice
Grangea-se o costume, e vai seu jugo
Té á velhice reforçando o pezo:
Se de humilde arvoredo te contentas
Dirige-lhe o machado apoz dous lustros;
Se por hynvernos trinta os troncos poupas
Assombram altas arvores teus olhos;
E, se illesa medrasse em annos cento,
A rama pelos céos se roçaria.
Em pedregoso chão folga o carvalho;
Colloca junto d'elle o róbre, a faia;
A sorveira se cria em terra fertil,
E os freixos, a nogueira, o til, o bordo,
O plátano (que já co'as doctas sombras

Do sublime Platão cubriu a eschóla,
E o banquete cubriu dos sete sabios)
Do terreno indiano os castanheiros,
E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia:
O álamo, o chôpo, que de margens gostam,
Co'a pallida folhagem toldam rios;
E, alçando a rama, seus amphibios corpos
Tem sobre a terra o tronco, o pé nas aguas.
  Em fragosas, em áridas collinas,
Das humidades longe, o castanheiro
Co'a folha herriça os espinhosos fructos:
Que eram sem elle teus saibrosos sêrros,
Limousin, terra ingrata, infructuosa,
Cevennes, que elle afaga, e só prospéra!
Seus fructos são teus pães; o amago d'elles
Se enruga, e se endurece em fogo brando;
Da pelle escura, e sêcca o murcho corpo
Sem custo se desveste a crébros golpes,
E em durador sustento assim se muda:
Seu lenho órna, mantém, cóbre edificios;
Talhado ainda em moço á mão, que o dobra
Os arcos dá, com que depois o ligam.
  Tu nos montes expõe o alvar pinheiro,
Mostra o cedro, o cypreste, o pinho manso:
De Bôreas irritado affrontam raivas,
E o vento sôpros vãos nas folhas perde;
Dos vastos corpos seus liquor viscôso
Faz que os hynvernos sua sombra dóme:
Porém do proprio succo a força temem,
Promptos sempre a entregal-o, a casca rompem;

Se os ganhares por mão, d'entre seus vasos
Verás vir dimanando o sumo em rios:
Mansos pinheiros, e pinheiros bravos
Uns o pêz, a resina outros derramam:
Sua terebentina ostenta Chio,
E Judá com seus balsamos é rico,
E Tolu, Canadá, Perú, e a Meca:
Dos freixos de Calabria o pranto admira:
Myrrha off'rece aos sabéos humor, que encanta,
E colhe a religião n'aquelles campos
O incenso, cujo arôma os céos estimam.
Dão-nos as plantas para os usos nossos
Raizes, fructos, a semente, e a folha:
Nectar cheiroso, de calor suave,
Que accende o genio, o coração reanima,
Perfuma com seus grãos Medina, e Meca;
Ricas folhas na China o chá desdobra;
Nos campos do Indostan cacáo vegeta,
Do algodoeiro o fructo, e noz do côco:
Taes plantas, cujo succo apraz, e experta,
Aos thesouros da abelha o preço abatem.
Gabou seus bosques longamente a Grecia,
Que os altos vates seus cantaram tanto:
Não me deslumbro, não, co'a gloria sua:
Erymantho jamais, jamais Cyllene,
Nem Dódona tambem, nem tu, Neméa,
Á prole humana bemfazejos fostes;
França, oh patria, a teus bosques cedem elles;
E nunca vossos troncos orgulhosos
Egualáram, e as sendas, e as latadas

Das abobadas vossas, oh Compiegne;
Creci, Dreux, Orleans, Couci, e Ardennas,
Chantilli, Cerilli, vistosas selvas,
E tu Fontainebleau, do Elysio imagem.
A Gallia, quasi inculta, entre seus bosques
Da sua adoração contra os objectos
O ferro a manear não se attrevia:
Se os campos em nutril-os eram parcos,
Demandavam seus povos outros climas,
Ao gran numero idoneos; antepunham
Troncos a homens uteis: — as cidades
Ermas deixavam por manterem bosques;
D'est'arte a novas leis o Pó submisso,
Os gallos succeder viu a seus povos;
D'elles gemeu ao pezo Italia curva,
E foi Roma em seus muros sepultada;
Aos campos de Gallacia deram nome;
Por Apollo tremeu, ao vel-os, Delphos.
Veiu a Verdade emfim, varreu chimeras;
A arvore foi só arvore, e não teve
Mais victimas: os bosques, deshonrados
Pelos bardos impuros, se fizeram
Asylo d'esses homens veneraveis,
Que, voluntariamente desterrados
Do orbe profano, povoaram bosques
Dados por nossos páes: no manto envoltos
Dos Bentos, dos Bernardos, dos Norbertos
Um povo industrioso arou desertos.
Os carvalhos attonitos caíram
A golpe, e golpe; os campos, que assombravam,

Douraram-se de espigas; (ai!) e os fructos
De seus uteis suores nos moveram
Mais inveja, que amor suas virtudes!
Por toda a parte baquearam selvas,
Os campos, as cidades estenderam:
Incautos, que fazeis! Deixai aos netos
Thesouros das edades venerados
A bem d'elles: a França já não mostra
Senão precisos bosques; e os veremos
De temerarias mãos caír debaixo?
Náo, por leis assisadas, leis prudentes
As arvores seguras já não temem
Do lizo ferro os immaturos golpes;
Elevam-se em tranquilla adolescencia,
E em velhas só lhe roubam vida inutil;
Ellas crescem, alongam-se, e as estradas
Offertam dos jardins frescura, e sombra.
Arbustos ha, e humildes bosquesinhos
Que das selvas não tem fastosas sombras;
Respeitoso o lapão d'est'arte admira
A franceza estatura majestosa;
Taes nos diversos climas se formaram
A estirpe dos pygmeos, e dos gigantes:
Tem menos altivez, mas tem mais graça
Estes bosques, se menos admiraveis,
Comtudo para mim mais agradaveis.
Lá, vindos aos jardins por mão das artes,
Nascem familias de gentis arbustos:
O alfeneiro, a roseira, a madre-silva,
E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrto,

E outros mil, cujas frontes subjugadas
Gratos Protheos pelo artificio tornas:
Seu lenho aos parreiraes um subjeitando,
Para os muros vestir, aos tectos sobe:
Outro a rama pomposa ao longe estende,
E os passeios divide em vivo muro;
Ou labyrintho incognito fabrîca,
E ao desgarrado pé faz doce engano:
Outros, doceis á mão, que os encaminha,
Já são vasos, pyramides, estrellas;
O azevinho, o alaterno prateado
(E não só estes) a belleza ajudam
Dos arbustos floridos: sabiamente
Arte as formas, e adornos lhe varîa
Em portas, berços, tectos de verdura.
Arvores destinadas a nutrir-nos
Pezam com fructos mil, que ás mãos nos cedem,
Para offertar seus dons a testa inclinam;
Prestes os troncos sempre a contentar-nos
Sobem rapidamente, e desde a infancia
De preciosos dons seus ramos c'roam;
Em tanto que do matto inferteis plantas
Mal dão depois de um seculo uteis bosques:
Do céo, que te ama, reconhece os mimos,
E aprende o que estes bens aperfeiçôa.
Oh dos jardins oraculo infallivel
Docto La Quintinié! Á Musa ensina
Que arte potente, que propicio genio
Tem submissa a teu mando a Natureza;
Aos campos mais ingratos leva ramos,

Que elles não conheciam; e, innovando-os
Té nas entranhas suas, lá com fructos
Do mundo inteiro enriqueceu Versailles!
Como que a terra se mudou ao ver-te!
Tu seus diversos vicios emendaste:
A que mui rija foi, leve, ou fragosa
Viu em si confundir-se extranha terra;
Dos defeitos oppostos, e vencidos
Mutuamente, união bem combinada
Virtude se tornou; cavar mandáste
Os rebeldes torrões até ao seio,
E por novos torrões eil-os fecundos.
Quizeste que os jardins, do vento illesos,
Provassem do zenith o vivo lume;
A essencia de mil arvores soubeste,
Que aspecto lhes convém, que leis as pulem:
Assim varios terrenos, climas varios
Do mundo transportaste aos jardins nossos;
Extranhas plantações no chão da França,
Renascendo a seu grado, e vegetando,
Pareciam surgir no chão da patria.
De transparente céo favorecidos,
Os campos da Chaldéa o berço foram
Dos mais buscados, saborosos fructos;
A primeira semente a Grecia trouxe,
E do trophéo suave ornou viveiros;
—Roma a venceu, e dos vencidos povos
—Ignotas plantas admirou a Italia:
O pêcego, da Persia á Europa vindo,
De seus varios destinos inda pasma;

Salutar paru nós, seu mago succo
Nos é delicia, aos persas é veneno:
O damasco odorifero de Armenia,
E a molle syria ameixa são colonias:
Foi Lucullo o primeiro entre os romanos
Que, d'elles ignorados, co'a mão propria
Os fructos cultivou de Cerasonte:
A pereira, nascida em ti, oh Gallia,
E as maceiras, em Neustria tão fecundas,
Appostam no sabor, no succo appostam
Com estes bellos, peregrinos fructos;
Não são, como elles, transitorios, brandos,
O asylo, que os contém, domando hynverno s,
Dós fructos, que perdeu, compensa a terra.
Cova profunda em seu espaço admitta
Tenro plantio que escolheste, e arraigas:
Une aos auxilios da cultura, o forte
Crasso alimento de poupado estrume,
Taes lidas serão vans, se teus desvelos
Não saciam das arvores a sede:
Feliz se em teus jardins ha vivas fontes,
Se de algum rio tens quinhão nas ondas;
Sendo esquivo a teus predios, tu procura,
Abrindo fundos póços, agua n'elles;
De tanques, onde o marmore a contenha,
Roda girante sobre o chão a eleve.
Co'a esquadria na mão outros te ensinem
A formar de um jardim com arte os quadros:
Talvez cantem que próvidos trabalhos
Florescer por seu turno as hervas fazem,

E as raizes, e os fructos delicados,
Remedio aos males, dos festins apuro:
Eu, inda temeroso, eu me contento
Nas proximas lamêdas em mostrar-te
As congregadas plantas; o que valem
Folhas, e fructos seus, sempre colhidos,
Regenerados sempre: a fim de achares
Por teu suór as arvores mais ferteis,
Lições proficuas te darão meus versos.
Em torno aos quadros teus algumas plantas
Nos jardins ficarão rasteiras sempre:
Taes como a çarça, espessam-se-lhe os ramos,
E, talhando-os em vaso os arredonda;
Outras, mais duro tracto inda soffrendo,
Feitas latadas entapizem muros.
Os ramos seus dobrados, e subjeitos
Em lignea grade, co'a prisão formosos,
Amam seu captiveiro: assim, aos dotes
Da simples gentileza, amavel nympha
Une emprestado lustre, e as bellas tranças
*Nos elegantes nós de branda seda
*Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas;
Soltas madeixas appraziam menos,
O laço lhes apura o doce chiste.
Ama o sol estas arvores validas,
Nutrir lhe agrada teus alumnos charos,
Ao artificio teu seu lume é docil,
E os muros o reflectem duplicado;
Sasonados assim por elle os fructos,
As cores accendendo, o succo adoçam.

Feição tomando ás vezes da latada,
É rico adorno a laranjeira aos muros;
De um vaso habita o seio inda mais vezes,
Dos quadros de um jardim orna o desenho:
De graças que mixtura off'rece aos olhos!
De aromas os passeios te embalsama,
Com flores sempre alveja; e lhe alça o preço
Viva esmeralda de nascentes fructos,
Ouro vivaz de fructos sasonados;
Voam seculos tres, e a flor é nova,
O tempo lhe venéra a formosura;
Mas as geadas teme á doce planta;
Arma-lhe um tecto, que do hynverno a escude,
E se lhe ant'olhe a primavera ausente:
Em mais amigos, fervorosos climas,
Sem cuidado exigir, floresce livre,
E livre a laranjeira aos ares sobe,
Quasi egualando em majestade as selvas;
Taes foram teus jardins; ditosa Hesperia,
Taes d'Hyéra os bosques são, taes os d'Hetruria.
Tu, que regulas da latada os ramos,
Forma-os n'um anno, e n'outro, e desvelado
Sê das leis ao rigor sempre afferrado;
Damno a grato defeito é a indulgencia:
Co'a foucinha na mão proscreve a um tempo
Ramo sem olhos, e goloso, ou secco;
Ás tuas leis o succo obediente
D'arvore por egual caminha ás veas;
Se de folhagens vans fastosa, ornada,
E ricamente pobre estéril fica,

Tira-lhe o vicio ao tronco, util fraqueza
Lhe muda em fructos a opulencia inutil.
Homem, lerás nas arvores teu fado:
Ao vel-as desmedrar, ao vel-as murchas
Has de carpir-lhe a morte; amplos viveiros
Perto de teus jardins lhes assegurem
N'um futuro benigno herdeiras plantas;
As arvores, dos fructos renascendo,
Parecem reviver, vivas ainda;
Em breve, de seus páes doce esperança,
Haste mimosa lhe succede, occupa
O sitio d'elles, e prospéra, e cresce:
Assim junto ás muralhas, onde os nossos
Altivos, generosos veteranos
Ultrajados do ferro, ou curvos de annos,
Depois de mil façanhas, em repouso
Tem do heroismo as cicatrizes nobres,
Novo asylo erigiu Luis há pouco,
Fausto viveiro, honroso, alto principio
Onde de antigo tronco ingente, e murcho
Crescem renóvos, em que a patria espera.
De um tronço virtuoso indigna prole
Bastardêa, e dá sempre amargos fructos;
O garfo, sua éssencia renovando,
Muda em succo apprazivel succo ingrato:
Um de arvore tronchada o tronco fende,
Raminho mais feliz lhe induz no seio;
As cortiças casando, os golpes cerra,
E da chuva, e do vento injurias tolhe;
Á maneira d'escudo outros costumam

De um'arvore tirar pingue de fructos,
A casca com seus nós; a agreste planta
Util ferida sente, onde se embebe
O enxerto, que lhe muda a natureza:
Pela casca de um ramo outro é cuberto,
Em figura de rôlo ás vezes solta:
No meio de raiz mui vigorosa
A enxertar ensinastes, oh germanos,
Pimpolhos, que a cultura lhe desuna.
Legislador, e rei de teus pomares
A teus subditos máus dás bons costumes;
Familias entre si com regra enlaças,
Arvores outras arvores perfilham;
Seu nascimento illustram, e exaltadas
Por novos, gratos vinculos, admiram
Em si fructos não seus, folhas não suas:
Por est'arte se allia o pecegueiro
Co'a planta mãe da amendoa, e por est'arte
Gambôa junto á pera amarellece;
O salgueiro flexivel tem no tronco
Os ramos da maceira, e se transforma
Em doce ameixieira o freixo absorto;
Não de outra sorte vemos que adoptado
Pelo espinheiro alvar é a azeróla.
Mas futil não a torne o abuso d'arte:
Rei, não tyranno, as arvores submissas
Nunca violentes; seu amor consulta,
Mas seu odio respeita; a custo algumas
As substancias mixturam, e, obrigadas
A' penosa união, só folha esteril

Só máus fructos produzem: nunca pode
A vide co'a oliveira associar-se;
Teme do olmo, e carvalho antipathias;
C'o loureiro a cereja mal se casa,
E a planta do limão com a amoreira:
N'um mesmo tronco estes contrarios vivos
São monstros, não prodigios; todavia
Approvo que, engenhoso, e ledo encanto
N'um só tronco apresente arvores quatro,
E que na amendoeira a um tempo côlhas
Lisa ameixa, damasco appetitoso,
E o pomo, que o simelha em cor, e em forma.
Annúe a meu fervor, e a meus transportes,
Oh rei do mundo, oh páe da Natureza!
Os seus thesouros me franquêa, e dá-me
Para os patentear verdades tuas.
Vive a arvore, e respira imagem nossa;
Circulando em seu seio, o succo a nutre;
Avulta, fructos dá, declina, e morre,
E nos seus descendentes se renova:
É a especie immortal, mortaes os corpos.
Quando os tempos creou, creou o Eterno
Todos os corpos, que apparecem n'elles:
Guardou no homem primeiro os homens todos,
De alma não, mas formados taes quaes somos:
Cada planta, cada arvore no seio
Fechou todas as arvores futuras,
Todos os fructos seus: vivo, invisivel
O gérme vê nas faxas ír findando
Seu captiveiro; então nascer figura,

Porém só crescimento é que recebe,
Nada n'elle mudou: nota o carvalho
De profunda raiz, de coma ufana,
É hoje o que na lande era algum dia;
Taes foram dentro d'elle os que ha gerado:
Porém no asylo seu dormindo o germe
Jamais d'aquelle somno expertaria,
Se os sáes, o enxofre, mádidos co'a chuva,
Pelas flammas do sol, pelo ar movido
Á vida provocando-o, o não chamassem;
Rompe com elles a prisão, que o liga,
Abre-se em fim aos beneficios d'elles;
Já nos seus vasos alimentos correm,
Correm novos espiritos, que o nutrem,
Continuamente, e cada dia avulta;
A rojante raiz, já não captiva,
Rasgando a terra, de seus succos vive;
O tronco para o céo vergonteas lança;
O ar, que todos os corpos vivifica,
N'arvore eleva os succos que digére;
Entra-lhe o seio, e lhe enche os vasos todos,
Circúla, e sempre com eguaes esforços,
Successor de si mesmo, elle se foge,
Se attráe, fazendo que respire a planta.
Bem como o sangue espesso que, disposto
Dentro do coração, depois filtrado
Apura seu liquor de vêa em vêa;
E tornando-se logo as ondas d'elle
Espiritos subtîs, imperceptiveis,
Os raminhos do cérebro aviventam;

Tal, recebido logo em amplos vasos,
Mais estreitos os ramos encontrando
Alternativamente, e levantado
Das raizes das arvores ás frontes,
Lá, sem nunca parar, se esparge o succo;
Depois volvendo aos pés por giros novos,
Continuo circulando, innova o passo;
Por toda a parte em que a arvore o contenha
Do germe ao berço vai, e acorda o germe;
Flores bafeja com celeste arôma,
De que a abelha compõe na primavera
Dourado espolio, roubo appetecivel;
E inda mais delicado alenta os fructos,
Maga doçura aos âmagos prestando.
Como dos mesmos succos os principios
Dão fructos, que entre si tanto desdizem?
E humor fecundo, entrado em cada planta,
Porque sempre parece o mesmo, e outro?
Depois que em seus avós se formam germes,
Tomam da estirpe sua as feições todas:
Fiel o succo ao prazo, os germes brota,
Sem lhe alterar a essencia, desenvolve
Seus corpos: quando os varios alimentos
Pelo ar levados de tropel se off'recem
Aos francos vasos seus, escolha certa
Os germes fazem de saudaveis mimos,
E os que adversos lhe são rejeitam sempre:
Assim quando infructifera no tronco
Adopta, e junta os nós de rico enxerto
Um'arvore qualquer, em nenhum d'elles

Se altera a primitiva natureza;
N'um sempre manam desabridos succos,
O segundo os enjeita, e quer, e acólhe
Só puros, só filtrados, só perfeitos.
Arte ajude, e acompanhe a Natureza
Vasta, fecunda, invariavel, certa:
Se queres pois que as fructuosas plantas
Subam sem risco, e teus vergeis povôem,
Da patria não mui longe se trasladem;
Temem plantas do sul furias do norte,
E o fogo austral ás boreaes empéce;
Mas, quando o sitio lhe convém ao gosto,
Dos mimos, e desvelos satisfeitas
Que á tenra sua infancia foram dados,
Surgem mesmo por si, regem seus fados,
E na fecundidade em breve egualam
Dos patrios fructos o primor, e a graça.
Tal na Occitania, e campos de Provença
Sempre verde a oliveira ama seu berço:
D'aquelles campos Hercules á Grecia
Foi o primeiro, que levou seus ramos;
Pela mão da Victoria affeiçoados
O nome, a fama eternizar soîam
Do vencedor de Olympia: ante a oliveira
Deixa o ferro caír, foge a Discordia,
E reconhece a Paz: suppôz Athenas
Que est'arvore devia á deusa sua,
D'ella o symbolo fez da Sapiencia.
Em nebulosos, em gelados climas
Baldará teus desejos, teus suores;

Recêa os Aquilões, paiz demanda
Que os olhos do aureo Phebo acclarem sempre;
Dos serros se namora ao mar visinhos
D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas:
Gran tempo esperarás que a tarda rama
Se c'rôe a teu prazer de pingues fructos;
Gran tempo é fertil, e entre a folha humilde
A verde producção não soffre aggravo;
Seu util amargor lhe serve de arma,
E vingador poder no seio esconde:
Assôma um dia emfim, que lhe converte,
A bem do possessor, o amargo em doce;
A azeitona se móe, se torna em massa,
Seu liquor, espremido em graves fusos,
D'agua ao calor se escôa em abundancia,
E facilmente emfim se aparta d'ella;
Sobre-nadando sempre, e recolhido
Por mercenaria mão, por mão ligeira
Dá-te oleo puro, balsamo saudavel.
Do meio-dia as nuvens enganosas,
Dos lagos o vapor guardando, ás vezes
Em logar de espargir propicias aguas
Voraz peçonha na azeitona embebem;
Áquilo fende as arvores absortas,
Géla o succo, e de mortos cobre os campos:
De um memorando hynverno, oh patria minha,
Inda não te esqueceu a horrivel furia;
Os tenros olivaes, que em ti verdejam,
Bem que affamados já, com tudo obrigam
Inda de seus avós a ter saudades.

Feliz mil vezes, célebre Occitania,
Quem póde em ti viver! O incenso, a myrrha,
E as cannas, que n'America rebentam,
Não te enriquecem os vistosos montes;
A terra de rubis não tinge as vêas
Em teu chão, nem converte arêas tuas
Em finas porcelanas o artificio;
Mas de Céres os dons em ti lourejam,
Leva teu vinho ao longe encanto, e força;
O canhamo, o pastel teu seio amimam,
E opimos gados nos teus serros pascem;
Das leis á sombra as artes engenhosas
Télas de preço em fabricar se esmeram:
A teu povo és bastante, e nunca imploras
Com tributarias mãos a extranhas terras
Seus productos, os teus antes lhe off'reces;
Francos lhe tens os portos, e a bem d'ellas
Uniram teus trabalhos os dous mares;
Tua industria acabou obra sublime,
Que deteve do mundo os vencedores.
Direi que de saphira, e de ouro accezos
Sempre em teu clima os céos têm dias puros?
Que longa primavera em ti floresce,
E os Zephyros no hynverno ás vezes vôam?
Que os ursos, que os leões, que os dragos feros
No teu feliz torrão jamais nasceram?
Da tua amenidade enfeitiçadas
Gregas catervas sabe-se que a Jonia
Pelas margens do Rhodano esqueceram:
Roma essa estancia amou, seu grande povo

Os vencidos ergueu ao grau de filhos;
Os romanos, da patria embriagados,
Em ti se imaginavam n'outra Hetruria;
Eis d'onde os monumentos emanaram
Domadores do tempo, esses prodigios
Nunca das artes nossas alcançados,
Por nossas vistas admirados sempre:
Que de antigas, de esplendidas cidades,
Rios famosos, e ribeiros ferteis!
Em ti, bem como em Cusco, a terra off'rece
Thesouro dos metaes d'alta valia;
O oleo das pedras surde, e fontes fórma,
E arêas fluviaes se tingem de ouro.
Ignorada na Europa longos tempos
A amoreira, onde os Séres sem trabalho
Aureos fios colheram, préza os campos
Da Occitania; e co'a verde, e rica folha
É pasto ali de precioso insecto:
Lavradores, est'arvore obedeça
Ás vossas leis, mas os direitos vossos
Aos bichos não se estendam, que ella nutre;
A jugo mais suave a sorte os liga:
Bellezas juvenis, a vós só cumpre
Regel-os; elles subditos vos nascem,
Alegres de trocar por util jugo
A doce liberdade: no indio clima,
Onde debaixo das nascentes sombras
Vê a amoreira em leitos de folhagem
Os bichinhos nascer, se desenvolvem
Pelo mesmo calor, que d'entre a planta

As flores faz saír na primavera:
A quadra, preguiçosa em nossos climas,
Punge, e faze calor propicio ao germe;
Um povo, a um tempo em toda a parte exposto,
Ferve ante os olhos teus no oitavo dia;
A folha da amoreira, assim como elles
No nascimento seu, leite é disposto
A nutrir-lhes a infancia, e para tantos
Vassallos que á lei tua estão subjeitos
Uma caixa, uma folha, é patria, é mundo.
Crescem, e já familias numerosas
A teu cuidado vastas camas pedem,
Onde os transfiras ao saír do berço;
No vime entretecido, e molles cannas
Postas umas sobre outra, em bairros, classes
Politico a republica lhe ordena:
Tal Roma outr'hora viu entre seus muros
Em tribus dividido um povo immenso.
Prestar egual calor á sua estancia
É das primarias leis para regel-os:
Indicador do tempo, ali o vidro
Liquor mobil encerre ante os teus olhos
Que se abaixe, se eleve, e cuja regra
Do calor, e do frio o grau designe;
Senhor das estações a teus contentes
Pequenos povos, do seu tecto á sombra,
Darás inalteravel primavera,
E a funesta inconstancia do ar adverso
Não mais os fere co'a influencia triste;
Ditosos cidadãos de um brando clima

Vivem sem susto, e de riqueza te enchem.
Mas nos seus lares que silencio reina!
Que feitiço os detêm no leito immoveis!
Em lethargo, em jejum dous dias jazem,
E isto ás dores da muda lhe é remedio:
Vês por graus a lagarta erguer a custo
A languida cabeça; eis que se agita,
Eis que rompe o casulo, eis que se despe,
E em novas vestiduras fica envolta;
Cresce-lhe o corpo, ás vestes lhe rutilam:
Vária nos giros seus por vezes quatro
Quatro vezes a lua entorpecer-se
Os vê, vê-os mecher, e engrandecer-se.
Mas sôfregos então de dia em dia,
Crescendo vão com rapido progresso:
Seus olhos para sempre o somno impugnam:
Outr'hora em tres comidas se fartavam,
Hoje regra não ha que prescrever-lhes;
Contentar seu desejo apenas podes;
Cercados de manjares, que lhe offertas,
São comprido festim seus doces dias:
Folhas seccas demais teme off'recer-lhe,
E duplica o temor se humidas forem;
Cólhe-as só quando vires que nas plantas
Já bebeu Phebo as lagrimas da Aurora:
Tormentas, se podéres, acautela;
E, se as folhas banhou chuva imprevista,
Repara pelo fogo injurias d'agua,
Que a seus mais bellos dias é veneno.
Algum remedio tem quando começa

No bicho a languidez; ás vezes cede
Aos perfumes o mal, porém, se teima,
Não te quero illudir, proscreve os dias
De subditos glotões, e preguiçosos;
Tranquillos parasitos entre os socios,
Espectadores vãos d'arte prestante.
Do ocio cançados, livres de seus males
Dar começo ao trabalho os bichos querem:
Soccorre uma esperança, que te é doce;
Nos pequeninos corpos transparentes
Reluz o ouro da seda: eis elles sobem,
Dar-lhes ramos convém, onde suspendam,
E fiem seus sepulchros: lá debaixo
Dos moventes anneis, que te apresentam,
Lhes serpêam no seio em longas dobras
Vasos dous; e, formando-se inda bruta,
Inda liquida a seda, embebe, estende
Por seus bellos canaes as ondas de ouro:
Na ultima estrada este liquor se espessa,
Muda-se em fio, e sáe pela fieira.
Quando a lagarta emfim conhece o prazo,
Liberalisa reservados succos;
Primeiro em longos circulos fabríca
De fios um frouxel, que á obra estêa;
Movimentos mais curtos fórma em breve,
E em breve os fios seus mais apertados
Unidos por mil voltas, mil rodeios,
Maravilhosa têa construindo,
Em ovo de ouro, ou prata se affeiçôam.
Admira taes insectos: este apenas

Entra a formar no carcere o casulo;
Aquelle, já sumido em nuvem densa,
Dos fios deixa ver inda o complexo;
Nas mesmas redes encerrando-se outros,
Como na vida unidos estiveram
Unem-se nós sepulchros; mas se acaso
(Ai!) n'estes dias o trovão rebrama
Amedrontando a terra, os tenros entes
Estremecem de horror, e cáem, morrem
Imperfeitas deixando as finas têas.
Debaixo de seus tectos entretanto
Tróca extincta lagarta em negras vestes
As roupas transparentes; sem cabeça,
Sem pés, um corpo immovel, e enrugado
Como que succedeu ao corpo antigo.
Presa em seus laços, transformada em nympha,
Jaz só adormecida, ou jaz sem alma?
Por entre um véo, que tráe seus attractivos,
Borboleta luzente ali vislumbra;
Mas este véo condensa-se depressa,
E a borboleta se escurece, e occulta.
Queres haver do seu trabalho o fructo?
Antes que ella, espertando, obstar-te possa,
Despoja os ramos, e calor possante
Em seus lares suffoque a debil nympha:
O fio então das têas, que amollecem,
Em agua tibia se despega, e róla;
Docil por tuas mãos é regulado,
Por ordem se desdobra, e finalmente
Em meadas se fórma, e dá-te seda.

Mas, porque novos cidadãos possuas,
Vivos na sepultura avós lhes guarda;
Da borboleta o corpo, que incluida
Na nympha está, se desenvolve em breve;
Tem solidez, firmeza, o laço rompe
Das faixas; a lagarta destruiu-se,
Seu corpo é nada; mascara sómente
Ella foi, foi brilhante vestidura,
Da borboleta viva vivo manto:
Ella, qual terna mãe, lhe preparava
Manjares, que no seio digeria,
E que sobejamente fortes lhe eram:
Ella nutriu-lhe assim a infancia debil,
Que enrijando repulsa inutil véste,
E os ricos muros do palacio rompe:
Destróe a borboleta os que ergue o bicho,
Da nobre empreza ao exito ella basta;
É arîete a fronte, e bate, e quebra;
O muro cede, estala; esforços crescem,
Apparecendo vem o alado insecto,
Abre caminho, e sáe: todo assombrado
Do resplendor de suas graças novas,
O corpo admira, despregando as azas:
Porém não ousa aventurar seu vôo,
Do que foi n'outro tempo inda se lembra;
Anda, agita-se, as azas lhe estremecem,
Socia procura-a que seus gostos ligue:
Das communs borboletas imitando
Desatinado ardor, como costumam,
De flor em flor não vai; consagra a vida

Ao doce objecto que elegeu, e a morte
Ha de romper sómente o nó, que os ata:
O ardor vai sempre a mais; teme um momento
Furtar-lhe de seus dias, morre amando:
A terna companheira agonisante
Depõe nas tuas mãos nascente prole;
Semente delicada, ovos sem conto,
Ovos fecundos, esperança, e germe
De uma linhagem destruida; filhos
Dos quaes o nascimento á mãe é morte;
Filhos sempre a seu páe desconhecidos;
E que, sem lhes haver notado a industria,
Como elles fiarão pomposas télas.

CANTO QUARTO.

DOS PRADOS.

Adornos immortaes da terrea face,
Riqueza sem trabalho aos homens certa,
Eu canto vossos dons; assás, oh prados,
Ás fadigosas lavras dei meus versos.
Sapiencia, que do Éden discorrendo
O Elysio divinal, qual vasto rio
Dividido em canaes, fertilisavas
Teus prados, teus jardins; se a ti meus cantos
Sagrei de todo, e tuas aguas vivas
Do Permesso antepuz á lympha, aos sonhos,
A teus arroios candidos, celestes
Guia meu passo errante, e dá que eu possa
Beber tua corrente a largos sôrvos.
Tu que, cingido ás leis da Natureza,
Preferes a campestre, a doce vida
Aos ferros da Fortuna, aos vãos prazeres,
Ao luxo ostentador; tu, que só amas,
Em teus desejos curto, os bens modestos
Que não grangêa o crime, e de que a terra
Um tributo legitimo te paga;
Se faceis fecundar-te as aguas podem
O chão de que és senhor, cuida em forral-o
De valiosa relva, e com profundas
Lavouras o dispõe; nunca lhe alterem

Os seixos a egualdade; e, se releva,
Sobre o liso terreno ageita, fórma
Insensivel pendor, onde escorreguem
As aguas lentas, doceis, livres, faceis:
De leivas, filhas de abundosos prados,
Na primavera combinando os germes
Semeia-os logo, e teus trabalhos findam;
Em sempre novas flores taes sementes
Para ti sobre o campo hão de manter-se.
Ha generos diversos entre os prados;
Um, que mais se deseja, e tem mais preço,
Onde agua surda por caminhos certos
Corre, e serpêa, no interior da terra;
Lá, por si mesmo vigoroso, o prado
Attráe agua escondida, e vive d'ella:
Quer outro que lhe reguem sempre a face
Repartidos cristaes de limpa fonte.
Mil vezes ao cultor os campos vendem
Caro os bens que se julga haverem dado:
Sua esperança illudem; falso alqueive
De muito secca, ou de humida no extremo
A quadra accusa; os fructos eis se mirram
C'o importuno calor, e o fero Bóreas
Dilacera os jardins: ventos, e hynvernos
Jámais em seus phrenéticos impulsos
Hão murchado o tapiz, que os prados cobre.
Só de rio innundante as sôltas aguas
No consternado campo afogam mésses,
Deixa o pranto ao cultor, deixa os suspiros;
O que a elle intimida, a ti recrêa:

As aguas, em que pedras não se envolvem,
De um lodo molle ao prado auxilio trazem:
Se do Leão raivoso o ardente signo
Vai torrando a verdura, e fende a terra,
Aguas então da relva estancam sedes,
Em prado e prado amenisando as flores.
Prospero asylo de Petrarca, e Laura,
Vauclusa, onde inda vive, inda respira
Seu estremado amor! Oh testemunha
Dos mil transportes, dos suspiros de ambos;
Tu, que tão bella foste aos dous amantes,
Tens do tempo da Grecia o gráu, e a fama
Pelos thesouros, que nas aguas vértes.
Se a corrente de proximo ribeiro,
Desviada demais, tocar não póde
O prado sobranceiro, em vão rebelde
A teus desejos foge, e ao chão sedento:
Um dique as aguas prenda, obrigue as aguas
A transcender seu leito; ou muro occulto
Reforçado alicerce entre ellas tenha;
Ou constante, enterrada estacaria
Em vinculos de ferro unida seja:
O captivo regato inda parece
A custo obedecer, saudades sente
Do natural pendor, e antiga estrada;
Mas, apezar da furia, ás leis subjeito
Detem-se a teu sabor, se eleva, e corre;
Em prateados sulcos se reparte,
E ás flores tuas homenagem rende:
Aguas partidas por est'arte, ás vezes,

Indo, empobrecem, e esgotadas morrem;
Não de outra sorte o Xúcar orgulhoso
De Valencia nos campos vê sangrar-se,
E ao mar, que ruge, e que lhe exige as aguas,
Vil feudo leva de regatos pobres.
Nos torrões onde as aguas são mesquinhas;
Por industria economica parecem
Menos raras: seu uso ali se vende;
A cada possessor egual espaço
Abre, e fecha um canal, seus curtos mimos
Revezados ali de tempo a tempo
Repartem-se com um, com outro prado.
Se agua em tempos diversos cobre, e deixa
A terra tua, os fructos seus varîam
Nas quadras todas: um torrão pasmoso
Lá no hungaro terreno se transforma
Em campo lavradio, em tanque, em prado:
De uma serra visinha em roda se ergue
Longa, pezada nuvem, que vomita
Do bojo de átra cor ventos, e raios;
Por subitas columnas eis torrente
Das subterraneas grutas sáe mugindo;
N'um momento, não mais, se fórma um lago,
Onde armado de anzóes o peixe enganas:
Quando Bóreas agudo as ondas géla
Aos carros ellas dão segura estrada:
Desgosta-se no fim da primavera
A agua d'esta mansão, e entra de novo
Na estancia natural co'a prole sua;
Levanta-se onde as aguas se estendiam

Hervagem pingue dos rebanhos pasto;
Em breve o lavrador lá sulcos traça,
E em breve a terra com seus dons o amima:
O regresso do outomno ali renova
Relva abundante; o matador salitre
Voando alcança os passaros, as lebres,
E os outros das florestas moradores,
Que o fresco pasto fervorosos buscam:
Taes entretenimentos dia e dia
Te chamam, porém curtos são teus gostos;
Durar não podem mais que até ao prazo
Em que a seu leito recuando as aguas
Vão de novo occupar a estancia antiga.
  Venturosos os campos, venturosos
Onde se filtram no interior da terra,
Ou pelo sol nos ares se evaporam,
Sem pedir teu cuidado, e livres prestam
O alimento invisivel da frescura!
Admiro essas pastagens, esses cumes
A que as hervas anima o Loire, o Sena;
Amo do Rheno as ondas majestosas,
E as margens do Lignon, que Amor passeia.
  Rica, e vasta planicie, oh ferteis prados,
Ornamento, esplendor da antiga Neustria,
Onde nédeas, cornigeras manadas
Erram sem guardador por grandes pastos!
Herva, que engolem nos mais longos dias,
Lá na mais curta noute é reparada:
Para se vigiar todos se ajuntam;
Postos por ordem, sobre as mãos lançados,

Um circulo formando, a torva fronte
Muro invencivel apresenta ao lobo:
Taes os prados que, ás ondas submettidos,
Aos olhos do universo Hollanda mostra.
Nas margens onde o mar o Escaut repulsa,
E com elle se ajunta n'elle entrando,
Estendiam-se outr'hora infectos lagos
Temidos sempre dos visinhos povos;
O Escaut, o Môsa, o Rheno, entre herva, e junco
Esquecendo a carreira impetuosa,
Sem gloria se espargiam lutulentos
Formando aqui, e ali paúes nojosos:
O belga disputou gran tempo ás aguas
A terra, e guerreou por fim com ellas;
Seccos por arte sua os negros tanques,
Surgem paizes, que tapava o lodo:
Absorto o mundo viu nascer a Hollanda;
O sol nas ondas admirou Zelanda,
Que a vez primeira então provou seus lumes;
Transbordados arroios, rios cento
Para se reunir deixando as margens,
Partidos em canaes, viram captivas
As aguas suas abraçar a Hollanda,
E, melhor que os tractados, lá podéram
Com suas divisões ligar cidades:
O alto Oceano, que, escapando ao leito,
Sempre usurpadas margens engolia,
Já sabe respeitar, nas suas preso,
Reparos que a suberba lhe agrilhôam:
Arvores descem ás arêas fundas,

E do centro do mar florestas sóbem;
Não tinham já na fronte essas folhagens
Tão bellas, essas flores tão mimosas,
Amavel ornamento á Natureza;
Mas por arte feliz mudadas foram
Em robusto alicerce, e carregadas
D'immensa terra; suas frontes viram
Morrer a equórea furia, e sustentáram
Molle alcatifa de verdura, e flores:
Debaixo d'este abrigo em campos novos
O batavo ajuntou riquezas certas;
Duros cavallos, gados numerosos
Ao longo das collinas despargidos
A relva seguem, que jámais se extingue:
Ha margens onde trémulo o terreno,
Suspenso, mobil, e a nadar nas aguas
Parece que dos gados cede ao pezo:
Tranquillo viajante em ageis barcas
A seu prazer o batavo discorre
Suas cidades; quando os rios presos,
Congelados nos leitos frustram barcas,
Ellas captivas ficam, vôam carros
Por estradas de gêlo; e tal, qual fende
As planicies azues ave ligeira,
Sobre os canaes, c'os pés de ferro armados,
O rapido hollandez escorregando,
Mas firme todavia, assim passeia
Por cima do maciço, e claro espelho.
Os rios, sobejando ás margens suas,
Não raras vezes os desvelos baldam,

E férvidos nos prados se derramam:
O Oceano se indigna de que ousadas
As duras mãos do batavo ardiloso
Escravo o tenham, seu imperio estreitem;
Soffre mal, que em grilhões as ondas suas
Praias não cubram, que regiam d'antes,
E que do antigo jus da Natureza
Arte o despoje; o rispido Oceano
A si mesmo provoca ao seu despique,
E contra os muros, que amedronta iroso
As ondas rompe sempre, e sempre fórma:
Se elle triumpha (povos, ah! temei-o)
Quebra mugindo os diques, e os derruba,
As cidades engole, e sobre as vagas,
As vagas vencedoras, mostra os tectos,
Seus horriveis tropheos, e prantos nossos.
Vós que as praias cubrís do mar quieto
Que os Vólcos ao suor tornaram docil,
Nunca ousareis, industriosas gentes,
Converter lodaçaes em pingues prados?
Lá outr'hora se viu de humidas grutas
Negrejantes delphins correr aos mares:
Á voz do pescador voavam logo,
Socios lhe eram, quinhão nas pescas tinham;
Diante dos baixeis saltando em chusma
Rapidamente as aguas dividiam,
E das rêdes em torno apinhoados
Os feros contendores costumavam
Tornar ao laço os escapados peixes.
Por onde o Rheno impetuoso róla

Rapidas ondas nos famintos mares,
Ao seio dos paúes em dia e dia
Seixos vomita de espumosas bocas,
Seixos, que na carreira ía levando;
Pouco a pouco ás lagôas enche o fundo,
Do assalto equóreo suas margens vinga:
Felizes habitantes, dai-vos pressa,
Thesouros ajuntai ás terras vossas
Sumidos n'esses lagos: de mãos dadas
Lá procede comvosco a Natureza;
As aguas arredando-se vos servem,
Antecipam-se a vós; e d'entre os lagos
Francos á vossa vista, nasce a terra,
E de uma, e de outra parte ella vos chama:
Regei, regei o imperio d'agua expulsa,
E ao ar na arêa o peixe exhale a vida;
Em vez de amargas, navegaveis ondas,
Te engorde os gados efficaz verdura.
  Terás por arte prósperas colheitas:
Sôltas arêas n'esse lodo envolve;
Do seio d'esses mádidos terrenos
O lirio roxo, o junco desarraiga;
Por seu cortante ramo ensanguentada
Dos cavallos, dos bois não poucas vezes
Se escandalisa a boca, e se desgosta:
Canaes profundos aguas sempre affastem,
Que faz o seu pendor cubrir teus lagos.
  Prados creando, a visinhança teme
De um rio, que devora as margens sempre;
Tal das terras que banha, e vai roendo

Tacitamente o Rhodano costuma
Alicerces minar: quando enfunados
Da borrasca estridente o Isero ajunta,
E o Saôna seus impetos aos d'ella,
Eis de repente o Rhodano se engrossa,
Brame, e a terra, escutando-o, geme ao longe;
Vagos fluctuam nas suberbas ondas
Co'a messe os regos, e co'a relva os prados;
Do seu chão arrancada inteira herdade
Voga rapidamente a chão remoto;
Pela terra fugaz debalde chama
O senhor consternado, outro a possue,
E a une a seu torrão: já se tem visto,
Cançadas dos seus giros novas Delos
Escorar-se nas ondas; a miudo
O Rhodano alteroso ás vivas aguas
Abre varios caminhos, entra, invade,
Cava os campos miserrimos, que foram
Em vão lavrados para fins melhores;
Onde messes cresciam, correm aguas,
E o que já foi corrente é chão fecundo:
Ai! Margens de Aramon, vós o soubestes,
E vós, oh Tarascon, Montfrin, Beaucaire,
Valabregues, campinas vezes cento
Do Rhodano animadas, e outras tantas
Desoladas por elle! Alta barreira,
Engenhosos desvelos contra os golpes
Do rio denodado escudos sejam:
Um forte dique ali combate as ondas;
Além solido muro a margens veste;

Mais longe debil vime o rio espera
Sobre a arêa; resiste-lhe, cedendo,
E os esforços lhe engana, e lh'os malogra.
Que hade ser freio ás aguas indigentes
Que, os prados a nutrir bastando apenas,
De improviso em torrentes se convertem,
E em ondas fervorosas sáem das margens?
Tudo foge á violencia, que arrebata
Rochedos, e rebanhos, e a ti mesmo!
Tal junto d'Ilion o irado Xantho
Ovantes cabedaes desenrolava
Na terra circumstante; e, em quanto aos Teucros
Era seu leito asylo, esbravejando
Campos vexava, e perseguia Achilles:
Escôa-se por ultimo a corrente,
Mas debaixo da arêa os prados ficam
Sepultados ás vezes; livra os olhos
D'esses tristes objectos, e contempla
Margens mais ledas, mais ditosas margens.
Aos prados restitue a primavera
O brilhante matiz: as flores suas
Assegure o pastor, venére o gado;
Teme que, desmandando-se com ellas,
Devore em fim seu ávido appetite
Os thesouros de um anno em um só dia.
Vós movei pelo prado as lindas plantas,
Nymphas, que de attractivos innocentes
Ornadas vedes as boninas tenras;
Lavor da Natureza, o flóreo esmalte
Seja da simples graça enfeite simples:

O fogo dos rubîs, e dos diamantes,
Altivo adorno das que regem sceptros,
Em vossos corações não cria inveja;
Deixamos, e seguis a Natureza:
A terra para vós urdiu tapizes,
Taes leivas estendeu, travou taes cores
Só para os vossos pés, e os olhos vossos.
Como que ao homem, que a seu rei querendo
Mais bella, e mais lustrosa a terra dar-se,
De roupas fulgurantes se atavia:
O seu tão vario, tão risonho esmalte
É arte com que a déstra Natureza
Lhe ornou mimosamente a formosura;
Por isto é que floresce a relva, e sóbe
Nutrindo n'agua, e refazendo os succos;
Mas isto mesmo ás hervas damno fôra
Que humildes sempre são sem ser banhadas,
Densas com tudo, e que jámais se exhaurem:
Este campestre viço aos gados cede;
Vê como, errando á tôa os pastos buscam;
Aqui, livre do jugo, o boi ocioso,
Deitado sobre as mãos, remóe d'espaço;
Saccode o freio além ginete ufano,
E rincha, e salta, e pelos pastos vôa.
Teus olhos em teus prados sempre attentem,
Util espectador os enriquece:
Desarraigas aqui sinistras hervas,
Inuteis para ti, fataes aos gados;
Ali vás escolher do acaso as plantas
Que Natureza dá sem que arte a ajude,

Fartas de succos bemfazejos, simples;
Plantas do teu suor independentes,
Que da fragil saude amigo esteio
A peçonha dos males affugentam:
O luxo dos jardins altera, ou mata
Virtude tão suave a teus desejos.
Se rara, e triste a relva sáe, floresce,
Esparge-lhe por cima um rico estrume:
Se o terreno te deu na flórea quadra
Em vez de herva proficua musgo esteril,
Cobre-o de cinza; aos prados tal soccorro
Renove o lustre de seus bellos dias:
Consome-os a velhice a teu despeito?
Tentáras a fraqueza em vão curar-lhe:
Para sempre destróe tapiz inutil,
E alimentosa espiga o substitua;
Desafogado o chão, mudando o enfeite,
Sem custo como d'antes enverdece.
Nos fins da primavera, quando Phebo
Annuncia o verão, da fouce te arma:
Abre caminho, abate aos golpes d'ella
As hervas de pascer; largo tridente
As agite, e depois ao sol se murchem:
Da chamma perigosa o resto exhalem;
Se a funesta colheita apertas logo
O calor se lhe anima, e tráe seus lumes
Condensado vapor; flammeja em breve,
E debaixo dos tectos incendidos
O fogo te consome a ti, e a ella.
Inda mais p'rigos ha: teus carros vedem

Que ameaços do tempo se effeituem:
Mui longa duração de aéreas aguas
Dissipa os succos da sedenta relva;
Subito ás vezes fervida torrente,
Ou ante os olhos teus a tempestade
A arrasta, os bens te rouba, e n'outras margens
Assombra teus visinhos, lh'os entrega.
Feudos, que dão á primavera os prados,
Nos seus primeiros dons não se restringem,
Tem de se renovar: dispõe o estio
Novos succos, que o outomno aperfeiçôa;
Té o hynverno, que gela, e murcha o mundo,
Não ousa deslustrar-te a verde relva.
Em nossos tempos cresce, e reina industria
Que faz de uma raiz nascer um prado:
De lavras, e de estrumes farto o campo
Soccorro assiduo não requer das aguas;
O mais rebelde emfim se torna docil,
E facil abre o seio á planta amiga.
Torrão pingue, lodoso é que sustenta
O trevo, que renasce ali tres annos:
Em mediocre terra onde a colloques
Vivaz luzerna quatro lustros dura:
Cascalho, arêa fazem que prospére
O sóbrio candeal, e o trevo grande.
Cada anno em primavera, estio, outomno
Usam de reparar sua existencia,
E a fouce lh'a destróe; n'aquellas quadras
As novas hervas suas ganham forças,
E ao gado excitam fome: em se exhaurindo

Estraga-lhe a raiz, e d'esse estrago
O trigo surgirá mais vigoroso,
Em quanto desterradas por lei tua
Renascer, vicejar vão n'outros campos.
Uma semente, ou planta ennobrecida
D'est'arte, e só, para nutrir-te os gados
Mais abundancia tem que amenos prados,
Da mãe universal mimosos filhos,
Composto casual de germes varios:
Dentro em pouco, assombrando o chão que habita,
Qualquer d'ellas impera, e já não teme
Com herva parasitica humilhar-se,
Emagrecer, ficar qual era outr'hora
No logar onde próvido a escolheste.
Se n'um prado vulgar qualquer plantio
Houver, que, digno de melhor ventura
Definhe, ou bastardêe, e se no lodo
Jaz abatido, á mingoa de cultura,
E por visinhos seus dos succos falto,
Que ali buscava, d'esse damno o livra,
Cria-o só; firme então de dia em dia
O tronco, honroso ás experiencias tuas,
Não menos que os irmãos irá medrando.
Da planicie onde ri tanta verdura
Os thesouros admiro, e prézo o enfeite;
Livra-se a terra de um repouso infausto,
Tudo é fertil, risonho, e te enriquece:
Longe os tristes alqueives ociosos,
Que de abortivos cardos se herriçavam,
Um grão succede a outro; eis que, mudando

A sua habitação, nasce, destróe-se,
Renasce por seu turno: á terra deram
Teus suores, e auxilio renovados
O esforço de perpetua mocidade:
Assim, por sempre compensados mimos,
Teus gados, e teus campos se refazem.
Ha entre as flores, que ataviam prados,
Especies caras, distinguidos germes:
Ante os teus olhos congregar tu podes
D'estes plantios as dispersas graças:
Attento cultivando-as n'um canteiro
Ali creadas são com leis melhores,
Dão-lhe á simplicidade um lustre novo;
Mas aos jardins quaesquer é berço o prado.
Ás tuas precisões o chão fiz util,
Agora aos teus prazeres fertil seja.
Tu, que dignas de amor pesquizas flores,
Dispõe vivenda aos hospedes mimosos:
Debaixo de céo puro, em branda terra
Com seu raio nascente os lustre Phebo:
Sem arte ou eleição lá n'outros tempos
Confusamente as flores, e ao descuido
Aqui, e ali nasciam, contentadas
Dos dotes da singela Natureza:
Os que a cultura empresta não sabiam:
Assim de Alcino a ilha povoavam,
E os jardins de Semiramis, suspensos:
Athenas dos jardins entre seus muros
O uso alegre deveu ao páe virtuoso
Do prazer philosophico; Epicuro

Ali mostrou suas bellezas novas,
E os campos transferiu para as cidades;
Mas Grecia, de que as artes foram filhas,
A regra dos canteiros ignorava:
A França é que os formou, que os pôz em ordem;
D'este luxo campestre ornou palacios,
Orla inventou de arbustos volteados,
Dispôz affeiçoada, e lisa relva,
Fertil xadrez c'roou-lhe extremidades,
E das mais bellas, escolhidas flores
O thesouro ostentaram. Sois dos olhos
Doce attractivo, oh flores; entre aquelles
Longos circuitos vos ergueis mais lindas:
Tal aos metaes o solido diamante
Dóbra fulgores no emprestado throno.
Em meio do canteiro aquósa origem
Leve a teus tanques borbulhões ferventes:
Sedes o regador ás flores mate;
Mórmente quando a terra arder co'as calmas,
Quando ferrenhos céos, manhans sem pranto
Ameaçam da flor belleza, ou vida,
Com aguas mais assiduas as soccorre,
As graças lhe renova, estêa os dias:
Sem ella tudo morre; onde é detida
Vai buscal-a, e consigam-na desvelos:
Agua outr'hora cubria o vasto mundo,
Mas Deus a captivou no equóreo abysmo,
É lá que as ondas insoffridas querem
Seus muros arrombar, lá que mugentes
Na praia immovel, espumando, expiram:

A cada instante o sol do mar levanta
Vapores, que dilata, e que, levados
Rapidamente nas aéreas plumas,
Menos graves que o ar que nos rodêa,
Sobem onde mais livres, mais ligéiros
Na sublime atmosphera andam nadantes;
Geram d'aurora cada dia o chôro,
Branquêam flores distillando orvalhos;
Quando os tufões desferrolhados bramam,
E nas fundas cavernas erguem lodo,
Ondas, betume, do terrivel centro
Sáe mais negro vapor turbando os ares,
Brinco de seus caprichos formam nuvens
Mães das procellas, filhas do Oceano;
Em seus grávidos corpos bate o vento,
E pelos ares cáem mais leves que ellas:
Ás planicies baixando, um mar suspenso
Rios, e fontes pelo mundo entorna:
Facil caminho a preparar-lhes prompta
Abre a esponjosa terra o seio ás aguas;
Mórmente os serros nas internas grutas
Ás fugazes correntes dão guarida;
Pélago de vapores espargido
Nos picos d'ellas, os montões gelados
Das neves hynvernaes (que o sol fervente,
E os humidos Favonios tocam, rompem
Entre os risos de Abril) vão tortuosos
Seguindo por caminhos variados
Os meandros de arêas, e rochedos:
Pelas vêas do monte as gotas filtra

Agua perenne, e abobadas penetra
Té aos barrósos leitos, onde ha posto
Reservatorios d'ella a Natureza:
Lymphas, juntas ali, dos montes fogem;
Eil-as arroios são, e as terras lambem.
Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene,
Os que Annibal transpôz, Vosgos, e Jura,
Do seio o Pó, e o Rhodano desatam,
Rheno, e Garumna, Sóccona, e Ticino:
Debeis junto da fonte os prados molham,
Offrecem-se aos rebanhos sequiosos;
Mas eis se esquecem da acanhada origem,
E na carreira sua abastecidos
Do tributo de arroios, que recolhem,
Com impeto rolando altivas ondas,
Cubertos de baixeis qual o Oceano,
Vão no bojo maritimo abysmar-se,
E as ondas tornarão, que somem n'elle,
Sobre as azas dos Súes ás ferteis serras.
Vê d'esta pedregosa, esconsa altura
Com tremendo rumor lançar-se as aguas;
Lá debaixo da terra em ferreos tubos
Superior artificio as feche, e aperte;
Éneo canal em teus jardins colloca,
Que dê caminho estreito ás aguas promptas,
Ellas furiosas sáem, e aos ares saltam
Tanto quanto na queda se abateram;
Seu pezo as fez caír; d'agua, que as segue,
Pezo urgente as eléva, e manda aos ares;
E quando ellas se escapam, se acham livres,

Equilibradas sempre estão co'a fonte:
Pular aos tanques teus virão dest'arte,
E em teus jardins brincar de varias sortes.
Junto d'impia caterva em rans mudada,
D'agua, que ella vomita, injurias soffre
A mãe de Apollo; um Titan enraivado
Debaixo do Etna, que lhe esmaga os membros,
Rio aos céos arremessa em vez de flamma:
Mais longe por canaes, que estreitam aguas,
Sobem, não vistas, muro que as esconde;
Já patentes ao dia eis se desdobram,
Multiplicadas cáem de tanque em tanque.
Est'arte portentosa, e sempre grata
Co'as aguas brinque; o sabio lhe prefére
Dos compridos canaes a simples arte,
Que na rica abundancia egualam rios:
Praz-me uma fonte ás tuas leis submissa,
Que a ordem qne a divide á risca observa;
Entre as flores aqui remanso ameno
Volve em areas de ouro ondas de prata;
Ornam-lhe as margens mármore, verdura,
E apenas corre, murmurando apenas;
Mais abaixo serpêa, e por cem voltas
Erra nos bosques, a carreira esquece;
Acolá, qual torrente as ondas pulam
De rocha em rocha, rompem-se escumando
Com pavoroso estrépito, e lhe applaude
Os mugídos horrisonos a terra.
Onde illusões amaveis me transportam!
Aprazíveis estancias quiz mostrar-te,

E dos reis aos jardins levei teus passos:
As aguas, como as terras, lhe obedeçam;
Tu regúla os desejos, mede as forças,
De um prazer seductor o engôdo teme.
Porém na escolha de agradaveis flores
Azas livres concedo a teus desvelos:
D'extranhos climas generos gabados
Da Gallia ao seio conduzidos foram;
Cada flor n'ella crê que a patria gosa,
Um jardim no recinto inclue o mundo;
Floresce aqui a anémona indiana,
E junto d'ella a tulipa africana:
America egualmente a par lhe arraiga
Bellezas varias de seus amplos climas;
A tenra hemerocál, cujo destino
É nascer, e morrer n'um mesmo dia;
E as que outr'hora agradaram tanto aos Incas,
Que para as figurar na quadra triste,
Imitando-as em flores de ouro, ou prata,
Nos seus ricos jardins a Natureza
Usavam reparar.... ah! Não previam
Que das longinquas margens do occidente
O hespanhol, mais cruel que hynverno, e ventos,
Roubar-lhe irta tão fatal riqueza.
Oh! Quantas flores, concurrentes d'estas,
Mobil quadro variam, nos off'recem
Das cores o espectaculo não visto!
Como arte bella em movediça têa
Aos olhos enlevados apresenta
Os paços de Plutão, de Phebo o coche,

Grutas de Thetis, e de Amor florestas;
Tal em nossos jardins, aonde a guia
Sua propria estação, vem cada especie
Dar o atavio, e novidade á scena:
O seu seculo está na quadra sua,
Nascem tantas nações n'um anno, e morrem.
A violeta gentil na densa folha
Como que foge á luz, e ama o retiro;
Seu perfume a descobre, e seus encantos
Modestos, virginaes melhor conseguem
Honras, que esquivam; sobre o flóreo plano
A anemona reluz; o vivo esmalte,
De que é c'roada, reunira os gostos
Se no mesmo logar não campeasse
A tulipa formosa; quanto as cores
Um mixto formam n'ella extravagante
Tanto é mais de admirar, e a especie é rara:
Da Syria o mais christão dos reis da Gallia
Trouxe a flor, que entre nós co'a variedade
De seus doces caprichos graciosos
É dos amantes seus prazer supremo;
Revivendo a semente, as flores torna
Similhantes, mas varias, taes quaes vemos
Delicadas irmans. Oh! Natureza,
São estes brincos teus, são lindas manchas
Que aos olhos assignalam tanta especie,
E os nomes dos heróes lhes attribuem:
Nos jardins nascem Alexandre, e Cesar.
Prompto a deixar-nos, Zephyro abre a rosa,
E ao primeiro calor a off'rece amigo:

Dá-te pressa, dous dias não subsiste
Tão suave esplendor; são muitas vezes
Os mais bellos destinos os mais curtos.
Que aroma singular me prende, e encanta!
Fragrante aos olhos meus pompêa o cravo:
Erguido sobre o tronco, e fresco, e bello
Nativa candidez ostenta o lirio:
Teus pendões invenciveis borde, oh França,
Tua gloria annuncie em toda a parte;
Mas dos sentidos meus desvie o cheiro.
Dos perfumes que dás tambem o excesso
É desabrido, oh flor do mundo novo,
Mais ditosa entre nós, e que os francezes
Nominam tuberoza; em tu surgindo
A pomifera quadra retrocede,
Vem dar-te irmans, que hão de formar-lhe a corte;
O amarantho immortal, papoula, e myrtho,
E a que, amante do Sol, com elle gira;
Por sua formosura, e variedade,
Pelos destinos seus, da China a rosa
Nos assombra os jardins; em sós tres dias
Que á vida lhe aprazou a Natureza
Muda tres vezes o inconstante adorno;
Entre as flores Prothêo, nascendo é branca,
Vermelha já maior, purpurea em velha.
Quando o Hynverno, chamando á terra os frios,
Ordena aos ventos que a verdura arranquem;
E quando nos jardins por elle murchos
Das flores o espectaculo nos furta;
No tempo em que o taláspis d'alva fronte

Ousa ainda brilhar perante os gelos,
E entre seus pés o caminhante admira
Flor que, sempre affrontando o feio hynverno,
Em gelado torrão sáe da semente,
Se abre, e penetra sobre-postas neves,
D'ellas triumpha; em preparada estancia,
Contra o frio rigor seguro asylo,
Flores faze nascer; lumes desperta
Cujo módico ardor Zephyro imite;
Com este brando sôpro a flor se illude,
Á flor parece que Favonio torna,
E deve ao doce engano a doce vida.
Aos desvelos, que influe arte assisada,
Amoroso delirio não se aggregue:
Junto de um cravo moribundo chore,
Murche com elle pallido florista;
Outro, perdendo tulipa mimosa,
Guarde como um thesouro o espolio secco;
Estes insanos creadores tristes,
Estes rivaes do céo vão muito embbora
Mudar o esmalte ás flores, e o perfume,
Alterem-lhe no seio a Natureza
Imprimindo-lhe a cor d'agua tingida
Pelo artificio: quaes prodigios contem
Açucena purpúrea, e negro cravo,
Gabem-se do que podem; tu desdenha
D'arte minuciosa apuro esteril,
E gosa-te dos dons da facil terra.
Multipliquem-se as flores onde a abelha
Usa pelas manhans colher seu nectar:

Ás antigas nações elle preciso
Dos cuidados domesticos objecto
Util, e amavel fui; de Mantua o cysne
Excitou-lhe o fervor, cantou costumes,
E thesouros da abelha, os seus trabalhos,
A sua economia, a ordem sua,
Seu amor a seus reís, civis discordias,
O lucto de Aristêo perdendo o enxame,
Pelos deuses, e a mãe restituido
Aos prantos do infeliz: mas dando apenas
Ao hemispherio nosso o Novo-Mundo
Sabor de succo estranho, as canas foram
Antepostas por nós ao doce favo:
Da massa, com que engenha os edificios
O insecto susurrante, inda até'gora
Nada o notorio prestimo ha supprido.
Adquire pois a cêra, e vai creando
O tomilho, o serpol, herva-cidreira,
O jacintho, o açafrão, e as perfumadas
Flores, que enxame aligero carêam;
A estancia lhe construe, a obra excita,
Poupa-lhe os bens, e, por sarar-lhe os males,
Dos sabios, que inda existem, cólhe industria,
Que as abelhas mantém melhor que outr'hora.
Seguem flores o Amor, Sorrisos, Graças;
De Timante a Cephisa os mimos levam;
Unem-se na madeixa, o seio adornam;
As festas mais pomposas formosêam;
Travados n'um festim seus ramalhetes
Com saborosos, delicados fructos

Movediço jardim nas mezas formam:
Por desusado mixto algumas vezes
A imagem dos mortaes nos apresentam:
Assim, sem fabricar vãos numes feros,
Que em flores desgraçados convertiam,
São animadas por contrario encanto,
Nymphas, heróes se tornam: das mais bellas
Artes brilhantes o atilado esmero
Imita-lhes a graça, esmalte, e fórma.
Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França,
Te affeiçôa, e submette o docil barro?
Nós o desconhecemos, nós julgamos
Ver o brilho, o matiz, ver o caracter
Das flôres mais lustrosas, e parece
Que os olhos, d'estas graças seduzidos,
O insulso, preguiçoso olfacto argúem.
Os seculos remotos conheceram
Plantas, cuja virtude expulsa os males;
Descubriu (oh portento!) a nossa edade,
Que a flor vida recebe, a flor dá vida
Como o homem a dá, como a recebe:
Cubiçosos de unir-se os vivos orgãos
De dous sexos fecundos n'ella existem;
Do pistîlo no seio os filamentos,
O pó, que elles contém, nações inteiras
Criam de varios generos; seus fachos
Une Amor, e Hymenêo, conservadores
Da flórea estirpe: em desmaiando a força
Do diurno calor, parece a planta
Immovel, como nós, jazer no somno:

Desapparece o dia? Eil-a se murcha,
E perde o movimento, e sécca, e morre.
As que privadas sempre estão d'esposo
Não têm fecundidade: ha taes, que tecem
Illegitimo vinculo, acceitando
Os mimos, a paixão d'extranha especie;
Porém d'estas a prole é sempre esteril,
E vinga a Natureza: outras, affeitas
A vicejar com languida cultura,
Enervam-se por arte industriosa;
Sua grandeza, e esmalte em breve agradam;
A serventia perderão seus orgãos;
Os filamentos seus, demais nutridos,
Hão de alongar-se em folhas; a belleza
Ha de supprir-lhe os destruidos sexos,
Serão fecundidade o luxo, o adorno.
Aqui valida flor da Natureza
Possúe hermaphrodita ambos os sexos,
Arde nas chammas, que ella propria accende,
Mata os desejos, que ella mesma incita:
Dos apartados sexos lar distante
Em vão presumes que Hymenêo desvia;
As auras serviçaes da flor ao seio
Levam do esposo a preciosa off'renda:
Taes as palmeiras nas fecundas margens
Que humedeces, oh Nilo, inda que ausentes,
Para se unirem com prisão de amores
Em anno, e anno por Favonio esperam;
Elle é seu mensageiro, azas lhe empresta;
Mas se o vê preguiçoso em demasia,

Do Egypto o morador vai diligente
Da amada aos braços conduzir o amante:
Sem tal soccorro a planta estereis flores
Déra, e déra murchando inuteis fructos.
Tempo de amor ás flores é a aurora,
Renascem co'a manhan, co'a luz se animam,
D'ellas susurra em torno o flavo enxame,
Applaude a borboleta os doces brincos,
E o terno rouxinol em paphio myrtho
Canta os ardores, o commercio d'ellas.

CANTO QUINTO.

DOS GADOS.

Vós, que exerceis das terras a cultura,
Vós, que lhes dais os bens, lhes dais o adorno,
Mortaes, quanto estas leis vos eram graves,
Que trabalho exigiam, se as sentisseis
Desajudados, sós! A Divindade
Submette a humana especie a taes suores;
Mas a pena é paterna; e, moderando-a,
Aprouve-lhe curvar ao jugo do homem
Proficuos animaes, que em parte a soffram:
Devem obedecer, vós governal-os;
Subditos são, que o reino vos povôam.
Este imperio tão rico, e tão potente,
Quanto d'esse desdiz, que possuia
O homem, pela innocencia enriquecido?
Submissos animaes seu rei serviam,
E apenas foi culpado os viu rebeldes;
Sem armas, sem soccorro estremecendo
Dos tigres, dos leões temia a furia;
Aguas, e grutas, ligeireza, e vôo
A seu illuso ardil roubavam prezas:
Mas assim que inventou pelo trabalho
Artes o racional, e assim que o Eterno
Lhe restabeleceu poder nos brutos,
Forçou, venceu-lhes repugnante instincto;

Cedeu colhido o passaro nas redes;
Teve o touro, o cavallo um jugo, um freio;
De noute discorrendo a serra, o valle
Os selvaticos monstros buscam pasto;
Nasce a luz, o homem sáe, elles o acatam,
E d'elle entre as florestas vão sumir-se:
Aos uteis animaes deu regras uteis;
Nos serros espargiu seus doceis gados;
D'est'arte um foi escravo, outro temeu-o,
E ás leis de seu senhor curvou-se o mundo:
O cabrito-montez, e o cervo, ainda
Que em fórma ao renna eguaes, não se arrebanham;
O búbalo indomavel mora em selvas.
E a cabra montezina esquiva o jugo;
D'estes as gerações, que a Natureza
Cria selvagens, e selvagens deixa,
Não podemos dobrar aos usos nossos;
Mas n'estes animaes, intumecidos
Com sua independencia, e liberdade,
Limitado poder sempre exercemos.
Oh Deus, de que um pastor, tremendo, amando,
Viu nos cimos do Horeb a majestade;
Tu que, chamando-o a ti, d'entre ignea çarça,
Que ardia em fogo teu sem consumir-se,
O teu nome, o teu ser lhe revelaste,
O primeiro dos vates o fizeste,
O fizeste o pastor de eleito povo;
No lume divinal minh'alma inflamma,
O inculto guardador por mim se instrua,
Saiba usar de teus dons, e te agradeça

O imperio seu pela homenagem d'elle.
  Se bellos fructos, se abundosas messes
Teus desejos expertam, gados cria;
Venturosa experiencia, ampla fartura,
Verás galardoar teus mil desvelos:
Dos antigos mortaes este o costume;
Os subditos, c'os reis eram pastores:
A fabula indicou por véllos de ouro
Das ovelhas de Atrêo, e Eéta o preço;
O esposo de Penelope em seus gados
Tinha os thesouros seus; de Fauno a prole
Os seus thesouros em seus gados tinha:
Esta industria cubriu de povo immenso
Judéa, Egypto, e foi sua opulencia.
  Africanos, arábigos, os vossos
Mansos camelos o joelho accurvam
Para que os carregueis; sem medo á sede,
Pagos de áridas hervas, os desertos
Cruzam da zona ardente: a India off'rece
Aos olhos meus o válido elephante,
Espantoso animal, que de um menino
Se deixa governar, altivo, e brando;
Torres sustenta, e impávido costuma
Levar guerreiros onde a gloria os guia:
Por estrada, que o gelo, a neve atulham
Puxa os frios lapões o renna activo;
Só para si querendo agreste musgo,
Vestiduras lhes dá, manjar, bebidas:
Mas nunca teus rivaes serão taes povos,
Oh gente, cujas terras alimentam

Os serviçaes cavallos; seus empregos,
Prestimos varios, o animo, a belleza
Aos outros animaes este avantajam.
Cria em ledos outeiros teus rebanhos,
De moderados céos procura o clima:
Bando feliz d'innumeros ginetes
Lá se faz agil, são, robusto, e vivó;
Mas em lodosos prados tendo a estancia,
Ou tendo-a em valles humidos no extremo,
Grosseiro pasto d'este chão nocivo
Lhe enerva os corações, se augmenta os corpos;
Ficam pezados, sem vigor, sem brio,
E receam-se do ar ou denso, ou frio:
Vê do hespanhol o ardor, vê-lhe a nobreza,
A fleugma do hollandez, e a cobardia!
Taes, á face de um céo macio, e puro,
As arvores, que a terra alegre nutre,
A's graças, que lhe vem da Natureza
Unem sumo aprazivel, unem fructos
Provindos da cultura: outras desmaiam
Em soltos areáes, em seccos montes,
Que o vento insulta, ou nos profundos valles
Toleram sombra perfida, e sómente
De sem-sabor substancia engrossam fructos.
A França ao teu desejo em sitios varios
Off'rece outeiros, que de pasto abundam,
Manifestos á luz: são taes os prados
De Hiesme, do Garumna, e taes se mostram
Do Rhodano fervente as frescas margens.
Que é do vosso artificio, oh destros povos?

Roma, Roma deveu proezas suas
De vossos bons maiores ao cuidado;
Vossos ginetes, para a guerra idóneos,
Creados para a guerra, aos seus horrores
Conduziram do mundo os vencedores.
Escolhe o garanhão, que d'esta escolha
Depende a sorte da manada equina:
O andaluz nos apraz, e o barbaresco;
D'este o filho n'altura o páe transcende,
E o cavallo d'Iberia excede a estirpe:
O garanhão, que estimo, é novo, é forte,
Suberbo, e manso, docil, e animoso,
Alto pescoço tem, e audaz cabeça,
Redondo é na garupa, e cheio em lados;
Caminha ufano, rapido galopa.
Iusulta os medos, desafia os p'rigos;
Se ouve mavorcia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouça, e fere a terra;
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sáe das ventas,
As orelhas altêa, herriça as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a bocca espuma.
De um pello assignalado a cor mais nobre
Denote seu valor, o afformosêe;
E a teus rebanbos dê gentil tintura
De raça em raça este util atavio:
Busca alazões, prefere os mosqueados,
O azevichado, o baio, o de tres cores
Que a das carnes imita, e de ouro, e neve;
Ou cinzenta, ou mal tinta, ou deslavada

A pelle n'um cavallo o indica frouxo:
Assim nas variadas cores suas
A Natureza brinca, e pinta os genios;
Mas isto mente ás vezes, e quem próva
Seus occultos defeitos? A experiencia:
Na belleza envolver-se o vicio póde;
Falso, vil, rebelão, espantadiço
Póde o cavallo ser, ser caprichoso;
As péchas de seus páes em si guardando,
Hereditario mal transmitte á raça.
Ardente garanhão, que de annos sete
Cheio é de forças, as conserva aos vinte;
Depois affraca, e sua ardencia esteril
É de um desejo vão falaz impulso:
Serve a egoa em mais moça, e quinze estios
Fecundos, bellos dias lhe rematam.
Seja livre, ociosa, e de seu pasto
Se regre attentamente a quantidade;
A's lidas amorosas destinado,
A seu tenaz ardor se dê o esposo;
Mas tempera-lhe o fogo, em doze amadas
As ferventes caricias lhe restringe;
N'elles, como entre nós, não ha ternura,
Escandece-os Amor co'as furias todas:
Em vindo a primavera, e quando as egoas
Soffrem dos garanhões o activo assalto,
Experto conductor una, e contente
Desenfreada amante, amante insano;
Contenha em subjeição té nos prazeres
De amor agreste os impetos suberbos.

Onze mezes passaram, nasce o potro,
O desvelo em creal-o agora occupa:
Poupa fraqueza da tenrinha edade;
A infancia brinqua, a mocidade espera;
Deixa correr, saltar mimosas crias,
E acompanhar as mães ao prado, ao monte.
No meio de seus brincos, desde a infancia
O presagio lerás de seus costumes:
Aquelle, que arrojar-se aos campos vires,
Correr, embalançando-se nas curvas,
Desdenhar vão rumor de rio, ou fonte,
Os outros provocar, vencer, correndo,
Nos brilhantes, magnanimos ensaios
De um bruto generoso off'rece as mostras;
Independentes vivem, vivem ledos,
E do freio vindouro a força ignoram.
A edade eis util, no terceiro estio
Subjugam tuas mãos o indocil potro;
Edade é folgazan, porém flexivel:
Longe ameaços, picador sanhudo;
Um castigo cruel produz só medo:
Tu prefere ao rigor brandura, e mimo:
O cavallo ama o homem, quer prazer-lhe;
Sua docilidade é voluntaria,
Mais cêde á voz do que obedece ao freio.
Das varias crias o destino ordena:
Dê-se a boçal, e a frouxa ao carro, ás lavras;
Convém primeiro que um vazio arraste,
Com leve arreio; em breve os pezos graves
D'espumante suor seus lados tingem,

O eixo grita nos carros, e se inflamma;
A vóz deve-o guiar; mas, se repugna,
Succede-lhe o castigo, e vence as teimas.
Impavido ginete, que á victoria
Tem de voar c'o impavido guerreiro,
Desde a mimosa edade a estrondos feito,
Escuta sem terror trovões de bronze;
Pelas armas ufano os olhos corre,
Das trombetas a vóz lhe é som gostoso,
Soffre os arções, e placido sustenta
O dono, que lhe opprime as lizas costas;
Submisso ás ordens ou se avança, ou pára:
Recúa, e se levanta, e se arremessa;
Mais prompto que elles, precedendo os ventos,
Apenas sobre a arêa imprime o passo;
Ama os louvores, e reluz seu fogo
Se branda mão lhe bate, e o lisonjêa.
Uteis no marcio campo, assim ginetes
Altivos aos certames te conduzem;
Rompendo os esquadrões, lá saltam, voam,
A matança os anima, o p'rigo os punge:
Crivados de feridas, entre mortos,
Cheios de pó, de sangue elles parecem
Esquecer-se de si, de nós lembrar-se;
Se a força os desampára, inda animosos
D'entre os horrores sáem, nos livram d'elles.
Mostram por nós temer quanto affrontáram,
E expiram satisfeitos com salvar-nos.
Este doce pendor, que a Natureza
Inspira aos corações, Amor, que a vida

Confere a quanto existe, Amor, nem sempre
É pelas suas leis guiado: ha brutos
Que seduz falso instincto, e que, inflammados
De perversa paixão, seguir costumam
Animaes d'outra especie; o tigre, unido
Á leôa feroz, gera o leopardo,
Producção monstruosa, e d'este laço,
Que a falsêa, indignada a Natureza
Abominavel raça esteril torna:
Entre animaes, que a seus desejos prestam,
O homem, multiplicando improprios laços,
Por arte os reproduz, e de anno em anno
Novos adquire, a Natureza illude;
Renovados assim os machos nascem,
E outros, que a Natureza não perfilha.
Da egoa o macho é prole; a altivez sua,
Se o páe lhe nomeasse, eu affrontára,
E abatera meus versos com seu nome;
Mas o prestimo seu diga-se ao menos:
Tem manso o natural, o humor paciente,
Tolera as fomes, e o contenta um cardo,
Proveitoso á charrua os touros supre,
Das cargas que lhe impõem deixa opprimir-se;
Mas ás vezes de purpuras o adornam,
E nas costas mantêm, conduz ufano
De nympha encantadora o doce pezo:
Em fogoso ginete o lindo sexo
Treme, e antepõe-lhe um passo brando, e lento.
Rochas subir, do precipicio á margem,
É do bom macho o prestimo primeiro;

O homem, sem se abalar, n'elle se fia,
Vai por caminhos, a que olhar não ousa.
Sóbria, lidante, ás paternaes virtudes
Une a força da mãe, e orgulho a mula:
Rhodes, Poitiers, Saint-Flour taes gados criam,
Hespanha é rival sua, e não lhes cede;
D'ella os cavallos para a guerra nascem,
Ás tarefas ruraes a mula é propria,
Préza a charrua, e se lhe affaz sem custo;
Regra-lhe tu vivissimos transportes.
Menos em fôgo, em animos não menos,
De forças é dotado o boi tardio:
Cria-se para a lavra, ella o recrêa,
Cede-lhe tudo aos musculos nervosos;
Para os campos não ha melhores gados;
E, se tens para dar-lhe hervas fecundas,
A ordem que dictei, regendo-os, segue:
Um touro quasi indómito se estima;
É de feroz olhar, de sanha ardente,
E o corno ameaçador, mugindo, abaixa.
Ignora estes furores a novilha,
Tem seu sexo mais brando outros costumes;
De abertas ventas é, caídos beiços,
Fronte larga, olho negro, orelha hirsuta;
De pello mosqueado, espesso, e molle
Desce aos joelhos a barbella instavel;
*Suberba caminhando ergue a cabeça,
E a cauda bulliçosa o pó levanta:
Terceira primavera amor lhe atêa,
E apaga-se este ardor aos quinze hynvernos:

Grandes pezos convém que então não puxe,
Té do menor trabalho então se exempte:
Não lhe consintas que atravesse as aguas,
Que montes, espinhaes, barrancos passe;
Erre em pingues pastagens livremente,
E em limpas margens d'algum bosque á sombra.
No campo onde os Teutões já guerrearam,
E de seu vencedor tem inda o nome,
Nas ribas onde o Rhodano lhe é docil,
E segue outro caminho a elles util,
Corrompe os ares odioso insecto,
Que em furia horrivel assaltêa os gados;
Os gados temem seu ferrão cruento,
E da picada é fructo a morte ás vezes;
Os touros, do susurro amedrontados,
Rompem na fuga os ares com bramidos:
Fecha-os no tempo adverso em que os calores
O insecto irritam, e implacavel tornam.
Quando da vacca se avisinha o parto,
Pastores, não queirais que ella vos pague
O tributo do seio; e, produzindo
Da ternura o penhor, soffrei que o crie
Sem partilha de alguem; não tarda o tempo
Em que seu leíte, de nectáreo gosto,
Corre só para vós: em dia, e dia
Nas vêas suas o liquor filtrado
Duas vezes lhos enche, e sáe dos peitos;
Foi primeiro manjar nos tempos de ouro,
E, do luxo a pezar, tem preço ainda;
Ou variamente, e por industria occulto

Nosso melindre affague; ou refrigerio
Esteio á languidéz, o triste enfermo
D'entre as portas da morte arranque, e salve:
Doce, mas prompto em azedar-se o leite
Só por attenta mão póde manter-se:
Simples queijeira com asseio agrade:
Para estas obras rusticas hei visto
Entre mármore, e entre ouro ergue-se portas,
Onde em chinezes vasos se honra o leite
De humedecer dos reis as mãos augustas;
A pezar do impostor, do vão seu brilho,
Teu jus conhece o luxo, oh Natureza.
Mas de trabalhos taes o doce emprego
De mais util cuidado o tempo acate:
Teme, se tu co'a voz os não suspendes,
A mocidade indómita dos touros:
Dobra-lhe um simples víme em torno ás pontas,
Ou forma-lhe um collar de ramos leves:
Dous novos bois, eguaes na edade, e força,
A subjeição do arado aprendem juntos,
Vão a passos eguaes por chão de arêas,
Brevemente abrirão torrões lodósos:
Para os avassallar, mais facil meio
Une a touro rebelde um menos duro;
Este é mestre d'aquelle, e pelo exemplo,
Que póde mais que tu, se faz tractavél.
Dous bois em breve se accostumam juntos;
Mais que o jugo amisade os concilia;
Com reciproco ardor, e eguaes esforços
Elles se ajudam; se os desune a morte,

Vê-se o que resta pranteando a falta
Do seu querido irmão: recentes prados,
Bosques sombrios, cristalino arroio
Não lhe dão gosto já, são-lhe indiff'rentes;
C'os olhos melancholicos e fitos,
A pezada cabeça inclina á terra.
Povo affamado, em Apís te morrendo,
De que prantos, de que ais enchias Memphis!
Adorador de um boi lhe ergueste um templo,
Collocavas no altar deus, que pascia!
Prostrados a seus pés mortaes estultos
O fado em seus mugidos consultavam!
A Grecia aos gados seus co'a mesma insania
Deuses fez presidir; já Pan, já Phebo,
E os Sylvanos, e os Satyros: meus versos,
Meus sons tem mais poder que esses phantasmas:
Rebanhos, acodi, correi a ouvir-me;
Attentos os pastores me rodêem.
A cordeira, a pezar das lans que a forram,
Téme os hynvernos: voltem-lhe os abrigos
Á parte austral, encerre-se, e nutrida
Seja ali com desvelo; hervas se elevem
E vegetaes ali que lhe escapáram;
Densas camas de feto amontoado
Dos males imminentes a preservem.
Se é puro o sol, se é amoroso o dia,
Ou se acaso abrilhanta opáca nuvem,
Teu gado á margem proxima encaminha,
Sem que o deixes no campo extraviar-se;
Porém d'esta lei rigida exceptuo

Clima, que nunca os gelos entristeçam;
Lá n'um parque ambulante a ovelha móra,
E vê continuo variar a estancia:
Assim de teus rebanhos a vivenda
Ora aqui, ora ali te aduba os campos:
De um ar subtil, e vivo a frialdade
Faz-lhe o vello mais brando, a lan mais pura;
Mas fecha-os quando o polo se ennegreça,
E aguas se endurem, volteando as neves:
Segue este uso tão prospero Occitania,
Elle o preço, oh Segóvia, ás lans te altêa.
Na ilha onde os avós anniquilaram
Do lobo a raça, d'Albion pastores,
Livres das furias do inimigo astuto,
A's neves, ao rigor de humido clima
Não receáram callejar seus gados;
Ousam ainda mais: ao desabrigo
De ar intractavel as ovelhas deixam
Nas geladas planicies, e conseguem
Com isto suas lans o grau primeiro.
Apenas se abre a terra ao brando raio
Da meiga, florea mãe, cordeiras podem
Saltar na relva, que do chão rebenta;
Mas esperar convém que o frio orvalho
Se extinga ao sol: o affogueado estio
Quer outras leis; a matutina estrella
Vê nos mattos vagar, pascer carneiros;
E ali se reconduzam quando a tarde
Humida, e grata restitue á relva
Alterada frescura; ao meio-dia

Tu porém desce os montes, busca os valles,
Demanda os rios; teu rebanho anhéla
Repouso, virações; ali se estenda
A' sombra de um carvalho, ao pé de um bosque.
Té sitios ha que, pelo sol crestados,
De rebanhos no estio estão desertos:
Então vê o Esperou chegar de ovelhas
Lentas catervas, d'acolá banidas;
Longevos bosques seus ao pólo se erguem,
Off'rece no mais alto, e fertil cimo
Amplo torrão, jardins da natureza,
Ricos de flores sem cultura, ou arte;
Os filhos de Chiron vem de mil campos
Olhos ali fitar, sondar virtudes:
Desdenha aquelle monte, aos céos visinho,
Das procellas o horror; lá vi cem vezes
Debaixo de meus pés juntar-se as nuvens,
E, em quanto aos olhos meus sol puro ardia,
Sobre os valles a noute o véo lançava;
Os raios, os trovões se íam creando
Longe de mim, e a terra espavoriam.
Ditosas cordeirinhas, quanto é doce
Vosso destino ali! Feliz quem livre
Vive em paz, como vós, n'aquelles campos.
Em quaesquer climas a que o céo te chame,
Nunca de teus carneiros te descuides;
A sua mansidão requer ternura,
Merece amor, e amando t'o agradecem:
O cajado ao pastor não serve ás vezes,
Rege um grito, um signal todo o rebanho;

O principal carneiro aos mais precede,
É seu guia elle só, regula o passo,
E o povo o segue: por barrancos salte,
Recue, ou se adiante, a chusma toda
Ou pára, ou se arremessa apoz o chefe:
Assim que o predominio lhe concedes
Um carneiro é senhor, dá leis aos outros;
Basta-lhe teu favor, no mesmo instante
De seus eguaes obediencia logra.
Pastor, conhece os cumes onde ha flores,
Que teu gado procura: os gordos pastos
(Humida nutrição) não mais lhe off'recem
Que um perfido alimento; aos sitios foge
Crespos de cardos que, ferindo os corpos,
As guedelhas arrancam; vae-te a um serro
Que brote herva cheirosa em magra terra;
A' suave alfazema os gados correm,
E ao alecrim, serpól, tomilho, e nardo:
Taes de Armórico, e Ardênnas os carneiros,
De remotas provincias tão buscados.
Aos muros de Salon corre visinho
Campo fragoso de abundantes pastos
Para muito rebanho: a vista absorta
Só planicie infecunda ali descobre;
Acha o carneiro industrioso a herva
Occulta em mobil pedra, e vê pascendo
Tomilho sempre extincto, e renascente.
Os mesmos alimentos entejando
A ovelha, como nós, tambem se enjôa,
Variedade lhe apraz; não se lhe negue

Remedio certo, que lhe esperte a fome:
No tempo em que pascer, ante seus olhos
O sal branqueje; de repente a ovelha
Corre a elle, e seu avido appetite
Eis trabalha entre os dentes esmagal-o;
Renasce o gosto, a sêde se lhe irrita,
E em breve de seu leite a origem cresce.
Ha propicios torrões, que dão ás hervas
Succos, que aduba o sal: teus bons pascigos,
Oh Presalé, são taes, taes esses campos
Que do mar foram leito, hoje são margem.
Ganges segue outras leis: da mãe se affasta
O cordeiro, e teus lares quer, e habita;
N'elles, ou no redil avulta, engorda
Dos sobejos mensaes, ou da castanha.
Existem sobre a terra inda logares
Onde o pastor co'a voz ajuste a avena?
Para os sons admirar, de que se encanta,
Deixa o sensivel gado, e esquece a relva:
Porque em nossas aldêas já não vemos
Dos antigos pastores as contendas?
Cantavam primavera engrinaldada,
Guarnecido o verão de espigas de ouro,
Curvo dos fructos seus o outomno ao pezo:
As selvas majestosas celebravam,
Que o cimo enramam de alterosos montes;
Caíndo as aguas, e espumando em rochas,
Ou girando nos valles, e entre os prados:
Em versos amebêos soavam penas,
E delicias de amor, seus bens, seus males;

Um de Lilia gentil pintava encantos,
Filis outro accusava, ou falsa, ou dura;
Em premio o vencedor tinha uma cabra,
Ou dous cordeiros, e o pastor vencido
Entre as convulsas mãos partia a flauta:
Turba rival, arcádicos pastores,
O Ménalo occupou de taes combates;
O Hebro nas margens, o Ismaro em seus bosques
De Orphêo, e Lino a consonancia ouviram;
Sensivel Arethusa, d'entre as aguas
Os siculos pastores escutaste;
Suspirar Corydon tu, Mantua, ouviste,
E cantar Melibêo, Damon: seus versos
Os tigres, os leões embrandeceram,
D'envolta c'o rebanho os atraíam;
Enterneceu-se a penha aos sons campestres,
Pararam rios, arvores tremeram.
Aureos dias de paz, vida innocente,
Mais não sois para nós que van pintura!
E nos seus gados os pastores nossos
Todo o cuidado restingindo, apenas
Em rustico assobio a boca exercem.
Ao menos saibam com que facil meio
A ovelha a seus desejos é mais util:
Esperança falaz não te hallucine,
Não deves exigir que n'um só anno
Vezes duas a ovelha dê seu fructo;
Um consorcio a contenta; em vão forçaras
Seu apagado ardor a amores novos:
Queres na renascente primavera

Que o manso cordeirinho hervagem goste
Tenra como elle? Une o carneiro á fêmea
Quando o outomno as promessas desobriga
Que a primavera fez; mas, saciado
Das ovelhas o ardor, não mais permittas
Ternos assaltos d'importuno esposo.
Eis junto ás mães os cordeirinhos gemem,
Arredam-se ao principio; mão propicia
O leite, que vem logo, e que é veneno,
Lhe rouba, e só lhe deixa util bebida:
Quando co'a edade enrija o debil corpo,
O filho apoz a ovelha aos pastos côrra:
Egual em fórma, e cor sempre o rebanho
Do experto pegureiro aos olhos mente;
Mas a Amor nada escapa; o cordeirinho
Conhece a mãe, e a mãe desvia o de outra,
Ou foge d'elle; entre ellas todavia
Rixas não ha; pacificos estados
Governais, oh pastores: mas apenas
Annos ferventes aos cordeiros vossos
De amoroso transporte a chamma inspiram,
Estes ardores apagando o ferro
Nos appreste o sabor de tenras carnes;
Se houver longa demora, hão de atear-se
Entre elles pelo campo eternas lides:
Dous suberbos rivaes se arrostam féros,
Se investem pela arêa, e se topetam,
Fomentam seu furor c'os mesmos golpes,
Corre o sangue, e a ferida irrita as furias.
Doceis, com tudo, ovelhas, e carneiros

Vivem só para vós, de bens vos enchem:
Uma te offrece um leite inexhaurivel,
Outro, grata iguaria, orna-te a meza;
Ambos nos dias da estação mimosa,
De lans espessas carregados, despem
Os seus para apprestar vestidos nossos,
E as mãos da Natureza outros lhe apromptam:
Debaixo da veloz, cruel tisoura
Immovel jaz pacifica ovelhinha,
E nem sólta um queixume, inda que ás vezes
Movido por mão dura, e pouco attenta
Vestigios sanguinosos deixe o ferro:
Humanos, aprendei: sois d'esta sorte
Constantes no revez, nas dores mudos?
Podéra aqui tambem dizer porque arte
As lans com ferreo pentem se preparam;
E debaixo das mãos como, formando
As confusas meadas, a pastora
Vê o fuso engrossar ao som do canto:
Já subindo o sarilho, e já descendo,
Posto entre os fios se uniria á trama:
Com o lapis na mão firmando as cores,
Mesclara extracto de metaes, e flores;
Julgáras ver brilhar vivo amarantho,
A pallida violeta, a rubra rosa:
Arte dos Gobelins, talvez comtigo
Aprendêra a traçar altos desenhos,
Montanhas debuxara, o bosque, o sêrro,
Rios, e gados na campina errantes;
Té ousára a teus olhos deslumbrados

Mostrar Ypres, Tournay, Fribourg ardendo
Nos raios de Luis: mas só crédoras
Da habitação dos reis tão nobres telas
Aos colmados tugurios não competem;
Mudam por arte a natureza, e n'ellas
O pastor desconhece a lan da ovelha.
  Cabra européa para têas varias
Á industria dos mortaes não dá tributo
Como o vello que nós, multiplicando-as,
Podiamos obter das do oriente;
Mas duas vezes no anno é mãe de gémeos,
E leite a ovelha dá menos sadio:
Apraz valle, e planicie aos outros gados,
A cabra gosta de trepar montanhas,
E caprichosa um precipicio affronta
Para haver um codêço; a si a entrega
Lançado o guardador na relva molle,
E em pendente rochedo a vê segura:
Ella nas moutas pasce, e vai no bosque
Dos arbustos morder cortiça, e folha:
Oh! Nunca meus jardins, pomares, e hortas
Próvem seu dente peçonhento! Oh! Sempre
Longe da habitação de ferteis campos
Viva lá nas montanhas degradada.
  D'este lascivo gado esposo digno,
Passos tardios encaminha o bóde:
Quasi as furias do amor com elle nascem,
E desde a tenra edade o inflammam todo;
Do ardor que o affoguêa escravo é sempre;
De prazeres se cança, e não se farta;

Mas peádo co'a gôta, e velho em moço
A triste esfalfamento em fim succumbe;
Com podre cheiro os áres envenena,
E prompta morte lhe remata os dias.
Nescia pastora desculpar não posso,
Que varios gados n'um rebanho ajunta:
Em sitios varios divididos pastem;
Pelos prados o boi segue o cavallo,
A cabra quer o monte, a ovelha os mattos.
Raras de javalis ha castas duas:
Uma, dos bosques susto, ardente, e féra,
Se irrita, e contra um tronco a preza aguça;
Presenta irada ao caçador, que treme,
Espumoso focinho, olhos em braza;
Fomes a apertam, vôa, arrosta os p'rigos,
Vinhas, sulcos destroe, destroe pomares:
Outra inquieta, e docil, nossa escrava
Ronca, mas cêde, e vive em nossos lares;
Pasce em longos rebanhos nas florestas,
No lodo se revolve, ou nas lagôas;
Impura ao culto hebrêu, e abominosa,
De varias artes nossas mezas cobre;
Se o mais vil animal nos é aos olhos,
Util a precisões tambem a achamos.
Se o chão, traído de exquisito arôma,
Mostra que esconde a túbera no seio,
Do porco o ardor t'a indica; elle precede
Guia, abre, segue a estrada, e mostra o fructo;
Muitas vezes fecunda n'um só anno
D'innumeros leitões a mãe cercada

Á continua exigencia lhe é bastante;
Cuida em ceval-a n'esse prazo urgente:
Fôra surda co'a fome á natureza,
Desconhecera os filhos, e os tragára.
O grosseiro cultor, que não conhece
Mais do que os campos onde o poz seu fado,
Limite as luzes em saber de alqueives;
Minha estancia eu transponho, um vivo raio
Aos horisontes dous me chama os olhos;
Lá procuro outros bens, mais ferteis gados.
Nos campos do Indostan a ovelha, a vacca
São duas vezes mães, e amas n'um anno;
A cabra, sua egual, aos dons d'aquellas
Une o tributo de seus ricos vellos:
Da plaga oriental estas especies
D' uteis colonias cubrirão teus campos:
De servir-nos co'a lida enriquecendo,
O hollandez, de Carthago, e Tyro herdeiro,
Estes hospedes vê nas terras suas
Prestimos conservar do patrio clima;
Enchem campos do belga, e se apascentam
Ás margens do Charente: assim congrega,
Escassa natureza arte suprindo,
Assim congrega os bens, que ella separa:
O homem quer; ordem sua obedecida
Colhe tributos do universo inteiro.
Seriam frageis bens teus muitos gados,
Se pago só da utilidade sua,
Os males em vencer não te instruisses,
Que ferem brutos, como os homens ferem:

Languida chusma em seus trabalhos vejo
Arrastar-se, e caír mortal nos campos;
Cavallos, bois no asylo adormentados,
Varzeas sem trigo, sem adubo as terras:
França est'arte ignorou, que em Roma os sabios
Nos doctos seus escriptos ensinaram:
Est'arte se enterrou co'a agricultura;
Revivem ambas, e do Lethes surgem;
Os olhos de Luis lhe tornam vida,
Sabios nossos tambem a industria movem;
O exito a segue, e prosperos effeitos
Já de seus beneficios premio doce
Ao real coração gostar fizeram.
  Gados possues, falta-me dizer-te
Que soccorro importante os guarda, e rege:
Das ordens do pastor fiel ministro,
Este efficaz auxilio o cão lhe off'rece;
Soffre com elle da regencia o pezo,
Vela os rebanhos, os defende, os ama,
Seus passos determina, e vai seguindo,
Elle mesmo é pastor: se em torno ao gado
Vê, sofrego de sangue, errante o lobo,
De seus roucos latidos enche os campos,
E o trémulo inimigo aos montes foge;
Se outro mais famulento, e mais sanhudo
Saltêa o cordeirinho, e t'o arrebata,
Elle o persegue, vôa-lhe no rasto,
E do purpureo dente a prêza arranca;
Vigia a par de ti, leal rechaça
Os inimigos teus, lhe apára os golpes:

É de enorme tamanho o que eu prefiro,
E de feroz carranca se glorîa;
É cholérico, activo, agil, robusto,
E ladra horrivelmente ao som mais brando;
Atêa-se-lhe a furia, assim que avista
O nocturno ladrão, dos olhos fogo
Lhe salta, e se arremessa, espuma, e brama.
Os outros animaes a ti subjeitos
Tremam de ouvir-te, miseros escravos;
O cão é teu amigo, elle te segue,
Sensivel a teu gosto os mais ignora;
Regula por teus gestos seus costumes,
Alegre se te rîs, triste se choras:
Permitte que te siga; eil-o saltando:
Ordena que te deixe; eil-o gemendo,
E gemendo mitiga o seu desgosto:
Mas quem folga como elle em teu regresso?
Mimos d'esposa, filial ternura
São mui frouxas caricias junto ás d'elle:
Unido em laços, que refaz a estima,
O homem, o racional, quer mais ao homem?
Bem que dos varios cães differe o genio,
Egualmente a agradar-te aspiram todos;
Um nasce para os brincos, e affagado
No gremio da belleza pousa, e dorme:
Outros n'agua, no bosque, e pelas grutas
Declaram guerra aos animaes trementes;
Cada qual parte, vôa, torna, pára
Ao som da tua voz: quem poderia
As diversas proezas numerar-lhe?

Satisfeitos co'a gloria, em triumphando,
Do vencimento o premio aos pés te lançam:
No covil as raposas um commette;
O galgo na corrida a lebre alcança;
Os de pello annelado em sedas longas
Arremessam-se n'agua apoz a prêza;
Outro dá co'a perdiz por entre o colmo,
E em seus olhos attonitos emprega
Olhos ameaçadores; não se atreve
A perdiz a voar, elle a suspende,
Diz, sem falar, que a victima está prompta;
Tu corres, elle fica; ella, partindo,
Por se esquivar ao p'rigo, encontra a morte:
Elle então se abalança, e, conduzindo-a
Em seus labios fieis, alegre, e á pressa
De seu zelo o tributo eis vem pagar-te.
Que escuto, que ruîdo atrôa os valles!
Caninos batalhões onde se arrojam?
Diligentes monteiros os commandam,
Ensinam-nos co'a voz, e os acorçôam,
Signalam-lhe as fileiras, e a buzina
Lhe regra o movimento em sons diversos:
Já despargido o bando está nos bosques,
Seu clamor fere o ar, e os bosques tremem:
Busca-se a prêza; descuberto, afflicto
O cervo é por sabujos acoçado;
Parte, foge, o temor aos pés dá-lhe azas,
Vale-se aqui, e ali de astucias novas,
Cruza rochedos, mette-se por selvas,
Engana os cães, e seus esforços balda;

Mas a toda esta industria o bando affeito
Com isto na peleja mais se anima;
Sobre os joelhos cáe forçado o cervo,
E tenta em vão com lagrimas dobral-os;
Todos tem gloria em lacerar-lhe o corpo,
E, se elle não morrer, não crêem que vencem.
Ardente javalí sáe da guarida:
Por animosos cães eil-o apertado;
Foge, e mostra ao principio um medo extremo,
Terrivel finalmente os cães persegue;
Pára, e de raiva intrépido fumando
Faz, acuado a um tronco, a todos frente;
Nos olhos sangue tem, na boca espuma,
E á força de matança aguça os dentes:
Em vão teus campeões o esforço apuram,
De mortos, de feridos se enche o campo;
A soccorrel-os vôa, o monstro foge;
Dous vigorosos cães o acócem logo;
Elles correm, detendo-o pela orelha
O inimigo te entregam; de repente
Acode a chusma toda, e com mil golpes
Lava no sangue alheio injurias proprias;
Elle freme, e se agita, e se revolve;
O venábulo emfim termina, e c'rôa
Teu marcio jogo, traspassando a féra,
Apoz longos combates. A cruenta
Perseguição do lobo inda é mais util,
E tão brilhante: a cabra montanheza,
O touro furibundo á tua ardencia
Off'recem não vulgar, gentil façanha.

Os guerreiros, os grandes se exercitem,
Exercitem-se os reis, calejem n'isto,
Imagem da mavortica fereza:
Seu ocio proveitoso affaste, espanque
D'entre as searas o furor dos brutos:
Tu, longe do espectaculo sanguento,
Sempre occupado, inalteravel sempre,
Ama, oh bom lavrador, o asylo agreste;
Tuas fadigas são riquezas tuas,
Só n'ellas os desejos circumscreve:
Feliz, se é teu dever tambem teu gosto.

CANTO SEXTO.

DAS AVES.

Qual, proximo ao logar do seu destino,
Sentado o viandanto em arduo cume,
E de longos caminhos fatigado,
Tranquillo observador mede a eminencia
Dos montes, que passou; tal eu, já quasi
Tocando o extremo da espinhosa estrada
Que ousei trilhar com atrevidos passos,
Fólgo de contemplar, escapo aos p'rigos,
Do aberto precipicio a aguda escarpa.
Dóceis a meu ensino, os lavradores
Cólhem dos campos seus mais amplas messes;
Além a cêpa nos visinhos sêrros,
C'os cachos a vergar, estende os braços;
Erguem bosques ao céo ramosas frontes,
Adornam os jardins fructuosos troncos,
Rindo, os canteiros c'rôam-se de flores,
Do mais vivo matiz se esmaltam prados,
De todo o gado, ás tuas leis reunido,
Vejo as tuas planicies povoadas,
Cubertos os teus campos; e inda pódes
A teus amplos rebanhos, e manadas
Novos teus cidadãos juntar mais perto;
Em largo pateo, em rustica morada
Pódes crear, nutrir caseiras aves,

Que teus campestres fructos participam,
E ao depois darão preço aos teus banquetes.
Á voz do Eterno as ondas congregadas
Tornaram-se fecundas, produziram
Toda essa multidão de varia especie
Que as aguas córta, e pelos ares cruza;
Vimos então ás nuvens remontar-se
Aves ferozes, cuja garra adunca
Primeiro derramou na terra o sangue:
Tua bondade, oh Deus, approximou-nos
O aéreo povo, que descanta alegre
Ao prazer, á ternura, á liberdade:
Docil canario, e rouxinol mavioso
Não são muito altaneiros, e povôam
Nossos jardins, vergeis, e amenos prados;
E a nossa melhor musica assimelha
Seus gorgeios suaves: Tu puzeste
Bem mesmo á nossa vista as brandas aves,
Que a nossa habitação comnosco habitam:
Ama a gallinha o nosso captiveiro,
Cerra a pomba entre nós fugazes plumas.
Se me ajudar o céo, oh lavradores,
Cantarei, por meu canto ennobrecidos,
D'especies vís, e para vós pasmosas,
Valentes povos, incançaveis chefes;
E de muitas nações vereis a um tempo
Policia, e leis, costumes, e combates.
Defendida por nós, e a nós subjeita
A gallinha é das aves a mais util:
É sua patria o campo; quer vivenda

N'um espaço entre muros circumscripto;
E ali se lhe constroe n'aquelle espaço
Mesquinha habitação de humildes tectos,
Onde vai habitar seu povo inteiro:
Alizem-se estes muros; e os seus ninhos
Com pedra, ou com madeira se dividam,
Ou já tambem com preparados vimes;
Cada uma quer ter um proprio asylo
D'onde repulse outra ave usurpadora:
De uma parede a outra uns ramos presos
São outros tantos leitos suspendidos,
Onde ficam de noute empoleiradas
Repousando em tranquilla segurança:
Mas tenham prompta a saciar-lhe a sede
Agua n'um vaso a miudo renovada,
E nunca turva pelo lôdo impuro.
Grosseiros aldeãos, vós não sois proprios
Para cuidardes do rebanho alado;
Elle requer mais mimo, e mãos mais brandas:
Vigilantes, cuidosas lavradoras,
Das aves a morada é vosso imperio;
Sois vós que o asseais, vós o mantendes
Em ordem boa, e n'um sadio estado;
Vós lhe distribuis diario pasto,
E os ovos recolheis, que estão dispersos;
Uns, que ao nosso regalo se destinam,
Por diversa maneira preparados
Volver-se-hão de um manjar em mil manjares;
E outros, d'eleita mãe sendo cubertos,
Com seu calor acordarão á vida.

Das que próduz innumeras gallinhas
N'um, e n'outro paiz o mundo todo,
Podem juntar-se os generos diversos:
Esta enfeita uma crista levantada,
Por grande aquella é vagarosa, e frouxa;
Uma em compridos pés se eleva altiva,
Outra com pés anões leve rasteja;
Casta africana, aos europêus trazida,
Cóbre de branca pelle os negros ossos;
Algumas ha de reluzente pôpa,
Outras em cujos pés fluctuam pennas:
Seu amarello, e azul, seu branco, e negro,
E as plumas crespas sua patria indicam.
Á frente das irmans caminhe o gallo,
Seu esposo, e seu rei elle as governe;
Dez annos pode amal-as, e regel-as;
Para amar, e reinar elle ha nascido,
Que n'altivez, no amor não tem parceiro:
Tem na fronte real purpúrea crista;
Os negros olhos seus scentelhas vibram;
O corpo todo, e as azas lhe matiza,
Doura-lhe o collo esplendida plumagem
Que longa lhe fluctúa: tem por armas
Sanguentos esporões nos pés nervosos;
E ondeando a cauda se lhe alonga, e curva
Té chegar a assombrar-lhe a fronte altiva.
Dos gregos, e romanos venerado,
Já foi o gallo interprete dos deuses;
Julgavam-no inspirado, e os agoureiros
Por elle os fados, e o futuro abriam:

Povo, e senado em vão deliberavam,
Mudava o gallo as leis, fixava os fados.
Omittindo-lhe as nescias honrarias,
O seu prestimo canto: quando a aurora,
As primicias do dia conduzindo,
Alveja por montanha, e povoado,
D'este herauto do sol a voz se escuta;
Elle o chama, o saúda, o annuncia;
Que a noute em meio vai, cantando, indica;
Designa por seu canto o seu progresso;
Marca as horas do somno; determina
O trabalho, o repouso, e a nova lida;
E é do tempo fugaz vivo compasso:
Com activa ternura vigilante
Defende o povo, que feliz domina;
Qual compassivo rei, qual terno esposo,
As suas precisões vigia; e ama
Off'recer-lhe alguns grãos, na terra occultos,
Com pé escrutador por elle achados.
O dominio de um gallo se limite;
Seu ardor se reprima; e os seus desejos
Quinze esposas, não mais, contentem, matem:
Em seu reino ha tambem facções, e intrigas;
O amor, e a ambição, o imperio, e Helena
Dous suberbos rivaes à guerra incitam;
São eguaes no furor, e eguaes no esforço;
Erguidos sobre os pés, batendo as azas,
Encontram-se, e do choque ambos vacillam:
C'os bicos, e esporões se dilaceram;
Já voam pennas, e já corre o sangue:

Em fim, do seu rival forçando a audacia,
O aterra o vencedor, e em cima salta:
As azas despregando então se applaude,
E, altivo celebrando o seu triumpho,
Victorioso canto aos céos levanta;
Chama com repetidos cacarejos
Esposas, que brigando conquistára,
E as duas rége em paz subjeitas cortes:
O outro, que o seu esforço, e amor traíram,
Seu usurpado imperio abandonando,
Irado foge do rival odioso,
E vai longe esconder vergonha, e raiva.
Com sedições ás vezes, e discordias
Dividem-se estes povos; e os seus chefes,
Dando-lhe exemplo, sua audacia animam:
Acudi, dai por gestos o ameaço,
Vereis logo ceder com vosso aspecto
Ao respeito o furor, e á paz a guerra.
Assim quando entre nós subito arrojo
Subleva furioso o vulgo insano,
Que já tudo respira horror, tumulto,
E armas volve o furor quanto se apanha;
Se, por gráu, por virtudes respeitado,
Um homem venerando se appresenta,
Cála-se a multidão, todos o escutam,
E elle com seus discursos vencedores
Os genios doma, os corações captiva.
Para evitar-lhe ás guerras, seja morto
O chefe, que conduz os revoltosos,
E voltêa as fileiras, incitando

Com seu clamor o tímido rebanho:
Dest'arte ficarão em paz duravel,
E as gallinhas por premio a teu desvelo
Cada dia darão tributos novos.
Exceptua-se o tempo annual da muda
Em que se vestem de plúmagem nova:
Renôvo occulto, que a nascer se appresta,
Os canos faz caír da velha pluma;
Nascè, e nas cores quasi sempre imita
Pennas, que substitue; porém ás vezes
D'esta sua continua similhança
Cança-se, e altera as leis a Natureza:
O indio pardal tem azas azuladas,
E surge d'aurea pluma revestido:
Assim tambem no gallo, e na gallinha
Differe do primeiro o novo adorno,
E tal, que antes da muda era argentada,
Se faz desconhecer com plumas negras.
Á Natureza o astuto americano
Colhe segredos, e a belleza augmenta
Pondo mais variedade em seus encantos:
Quando está prestes a fazer a muda
O habitador aéreo, que repete
Tudo o que nós dizemos, felizmente
Usurpando o direito á Natureza
Seu dono, que o previne, a seu bom grado
Lhe imprime as cores, que elegeu mais bellas.
Co'a muda enfraquecendo se entristecem
As aves espantadas, e inquietas;
E, em lhe formar as plumas empregado,

Seu alento, e vigor mais nada póde:
Todos calam seus mélicos gorgeios;
Não canta o rouxinol, e o papagaio
Torna-se mudo; esteril a gallinha
Não preenche os desejos de seu dono
Com seus diarios dons: presume o vulgo
Que este mal vem do frio; mas o hynverno
É d'elle o tempo fixo, e não é causa;
Em vão, para curar-lhe um mal sem cura,
Se lhe melhóra, e se lhe aquece o pasto,
Que, interrompendo o fio á poedura,
Á muda torna vão qualquer soccorro:
Prevenindo, e forçando a Natureza,
Quem mais cedo souber tirar-lhe as pennas
Os seus dons gosará nas quadras todas.
Os Aquilões do Zephyro á bafagem
Já da terra, e do ar o imperio deixam;
Seu halito prolifico, e sereno
Influe de novo pelo mundo a vida:
Renovam-se as canções das meigas aves,
Que, ledas de aguardar vindoura prole,
Suspensos ninhos a formar começam:
Dados a este emprego abutres, e aguias
São já menos crueis; de amor o fogo
Vai os peixes queimar no centro d'agua;
E de Cancro no ardor leões, e tigres
Com seus rugidos Africa apavôram:
Em ares, agua, e terra Amor triumpha,
Tudo de novos cidadãos povôa;
E, assim como élles no verdor da infancia,

Formam plantas, e flores, inda tenras,
Leitosos succos para raças novas.
N'este tempo tambem cacarejando
Roubados ovos seus pede a gallinha,
E aspira de ser mãe ao doce emprego:
Não se acuda mui cedo aos seus desejos;
Exp'rimentem-se os ovos, e se escolham
Os de maior longura, e maior pezo,
Que são signaes de um germe venturoso;
E a sua pequenez, sua leveza
Indicam frouxidão, denotam vicio;
São fructo inutil, miseros abortos
Ou de mui nova mãe, ou já mui velha.
As boas mães são poucas: não se attenda
Seu vão cacarejar, e não se empreguem
No dever maternal as que, inda moças,
Talvez lhes custaria a subjeitar-se:
É vária, é inconstante a mocidade;
Precisa ter dous annos a gallinha
Para tomar os maternaes cuidados;
E tambem se não deite em sendo velha,
Que amor a illude, e em seu gelado seio
Morreu todo o calor: deve escolher-se
A de madura edade; mas não tenha
Os pés armados de esporão sanguineo,
Que rompe antes de tempo a casca do ovo;
E o embrião, á luz, e ao ar exposto,
Nem um, nem outro supportar podendo,
Onde acharia vida, encontra morte.
Quando, dispondo prevenida o ninho,

Com musgo, e flores amollece a cama,
Aguarda-vos a mãe, podeis confiar-lhe
Quantos ovos com peito, e azas cubra:
Porém tende-lhe sempre ao lado promptas
Comida em abundancia, agua bem limpa;
Que, sè isto não tiver, fraca, e esfaimada,
Para o pasto buscar, o ninho deixa;
E ás vezes, esquecendo o amor materno,
Abandona-o de todo, e esp'ranças balda.
Por sete-vezes-tres inteiros dias
A ninhada dos ovos animando
Com vivifico fogo, e sempre assidua,
Espera que formado o pintainho
Do seu encerramento a casca rompa;
E, com feliz instincto em todo o chôco
Aos ovos todos o logar mudando,
Uma quentura egual reparte a todos.
Em quanto avançam lentamente á vida,
Da Natureza admirem-se os segredos.
Como apegado aos cachos o bagulho,
Assim, dourado globo, nasce o ovo
Da gallinha nas costas suspendido;
Madurece, desliga-se, e no ovario
Corre de rosca em rosca, até que o envolve
Casca formada de humida substancia:
Do gallo em tanto se lhe ajunta o germe,
E da fecundidade o dom lhe leva:
O calor que o excita apenas sente,
Parece um ponto vivo; já palpita,
Já bate o coração; sáe de uma vêa,

Que voga no liquor, sanguinea gôta
Que para elle corre, e o enche; e logo
Duas de redor d'elle informes massas
Da cabeça, e do busto o espaço occupam;
Formam-se em pouco tempo as partes todas;
Arredonda-se o cerebro; as medullas
Pelos ossos se alongam; corre em ondas
O sangue nas arterias; sob o ardente
Estomago se enlaçam as entranhas;
Musculos cobre a pelle, e a pelle o pello.
Dá primeiro alimento ao pintainho
A leitosa substancia, a clara do ovo;
Quando está já mais forte, a gema o nutre;
Do ar, que dentro no ovo se renova,
O vital movimento se duplica:
Então por elle penetrado o ovo
Diminue, e transpira; e então com elle
No carcere a avesinha vive, e cresce:
Eil-a por baixo d'aza avança o bico,
E fere, e rompe os muros que a cingiam;
Gira sobre si mesma, e em seu caminho
A fenda no ovo em circulo prolonga;
Ergue a abobada emfim, e surge ao dia;
De cabeça emproada eil-a caminha;
Piando se annuncia, o bico exerce;
E, só por instrucção da natureza,
Logo o sustento seu procura, e toma.
O industrioso egypcio ousou primeiro,
Por um segredo felizmente achado,
Vivificar os ovos sem gallinha:

Do fogo soube achar o gráu preciso,
E, seu calor, com arte dirigido,
Ao materno calor equivalendo,
Immensa multidão de pintainhos
Toda a um tempo animada, e produzida,
Dos fornos de Bermé se ergueu á vida.
Mas não teve rivaes n'est'arte o Egypto,
Foi arte, antes mysterio, de que é elle
O só depositario em todo o mundo.
Com egualmente próspero successo
Em nossa edade a França viu c'roados
Do sabio Reaumur os exp'rimentos:
No abobadado lar, que o pão nos coze,
Elle o segredo achou, que esconde o Egypto:
Dentro em toneis, cercados pelo estrume
Que ajunta o lavrador para seus campos,
Os ovos ordenou á vida eleitos;
E este brando calor continuado,
D'egual temperatura o ar mantendo,
O gráu manteve do calor do ninho:
D'est'arte obteve innumeras ninhadas,
Vindas á luz sem mãe, sem mãe creadas.
Para as fazer nascer tudo conspira,
Mas não para as crear; é necessario
Que as tenras avesinhas, filhas d'arte,
Sejam na sua infancia ás mães entregues:
O ar, o frio, o calor enganam muito,
E melhor que nenhuma vigilancia
Em suas precisões as mães vigiam.
Por espaço de um mez um côvo encerre

Os pintos e a gallinha: então liberta
Sáe, e conduz aos campos convisinhos
O alado bando, que ligeiro, experto,
Sollicito apoz d'ella vai correndo,
Com repetidos pios a circumda,
E debaixo das azas se lhe aquece:
Elles alternam brincos, e combates;
Chama-os a mãe, com elles se recrêa,
Busca, esgravata, e com ternura extrema,
Esquecida de si, reparte o achado:
Insaciavel foi, e agora é sóbria;
Mãe carinhosa a tenra prole abriga,
E, sendo fugitiva, e temerosa,
Já com intrepidez affronta os p'rigos.
Se pelo alto dos céos voando observa
Ave espantosa, prestes a arrojar-se
Sobre ella, e sobre o seu rebanho amado,
Segue-a co'a vista, ergue um clamor piedoso,
E off'rece aos filhos por abrigo as azas:
Escondidos ali, desapparecem;
Ella se expõe sómente, e d'ira acceza,
Inquieta, terrivel, furiosa,
Com um brado feroz atrôa os ares:
Revôa a prumo seu, e sobe, e desce,
E foge em fim o abutre, que illudira
Seu grito ameaçador; então alegre
Solta jucundo canto, a prole surge,
E a cérca, e enche das caricias suas.
Vós, que regeis este volatil gado,
Precisões preveni-lhe, e soccorrei-o:

Aquella ave, sem pasto, desfallece;
A lingua tem espessa; e branca, e dura
Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende,
E cerca-lhe o padar: não percais tempo,
Funesta póde ser qualquer demora;
Logo co'os dedos arrancai-lhe a pelle
Pela raîz, que á lingua tem pegada.
Quando já seus desvelos não carecem
Deixa a gallinha, e desconhece os pintos;
Mas ás vezes sem tempo os abandona,
E a orphan multidão concorre, e pia:
De mãe póde o capão em vez servir-lhe;
Mas, antes de exercer tal ministerio,
Alguns dias com elles encerrado
Se acostume a prestar-lhe os seus desvelos:
Prestes então vai educando, e guia
O bando todo a seu dominio entregue;
Arroga de gallinha o jus, o afago,
E até a imita nas femineas vozes;
Aio fiel que, em sendo tempo, ajunta
Ao povo seu sua familia nova.
Uns para a meza criam-se de parte,
Vivem fechados, privam-se do sexo;
E, sem limite saciando a fome,
Engordam, e engordar lhes custa a vida:
Outros, menos tractados e mais livres,
Vivem com egualdade entre o seu povo,
E a encher-vos de seus dons consagram todos
Todos os dias de uma vida escassa.
Ha outras varias aves, que reúnem

Utilidade ao numero, e belleza:
Multiplique-se a raça, que das Indias
Nos trouxeram d'Ignacio os companheiros;
Esta raça é altiva, e desdenhosa,
Afagos ao perú mal-soffre a femea;
Terno e suberbo amante junto d'ella
A aza lhe arrasta em vão, a cauda ostenta,
Herriça as plumas, todo se intumece,
E em seus grasnidos seu amor lhe exprime;
Orgulhoso debalde o rubro monco
Da cabeça inda além do bico estende;
Que a perúa, indiff'rente a seus transportes,
Marcha, sem contemplar o seu amante.
Debil na infancia, esta ave delicada
Exige a mais attenta vigilancia;
De bico aberto n'um clamor continuo
Morre de fome se lh'a não saciam:
A gema do ovo, e a renascente ortiga
Na sua meninice é seu sustento;
Mas, co'a idade enrijando, excede em força,
E as outras aves na grandeza excede.
Vejo bambolear-se a passos lentos
Ruidoso pato, e ganso vigilante;
Estas aves são uteis, são precisas;
Mas sua turba aquatica esmorece
Se não tem ou nascente, ou lago, ou tanque
Aonde ledamente concorrendo
Se alimentam, mergulham, nadam, folgam.
A' sua especie rara vez se fiem
Ovos, que á producção se destináram,

Que ás vezes sua penna humida, ou fria,
Ou o gérme destróe, ou mata o feto:
Entregai-os á provida gallinha,
Com seu calor ella os fará fecundos,
E ufana guiará o bando extranho
Das tenras aves, que seus filhos julga:
Porém, mal que um regato se lhe off'rece,
Eil-os lhe fogem; ella se encaminha
A's margens, que a largar se não resolve,
E parece querer precipitar-se;
Avança, corre, geme, afflicta os chama,
E volta emfim sosinha, e magoada.
Dai á turba famelica bom pasto,
E depressa, alimento delicado,
Vel-os-heis adornar a meza vossa.
O que salvou, grasnando, o Capitolio
Junto ás casas vigia, e nunca foge,
E dá do seio seu, das azas suas
Aos leitos o frouxel,á dextra a pluma.
A gallinha africana, mais formosa,
Dá mais gentil adorno aos vossos lares,
Do que este amphibio povo; delicado
Teme dos gelos o rigor, e sobria
Para seu alimento o grão lhe basta:
Não póde arte imitar a graça, a ordem
Das graves cores, que lhe deu Natura;
E, quanto mais os olhos as contemplam,
Mais pasmo causa a symetria d'ellas.
Rico serieis de plumagem rara
Domesticando os cysnes argentados;

Porém mesquinha habitação desdenha
Dos prados do Asio, e do Caystro a prole;
Ama em jardins reaes as aguas puras,
Onde ligeira, revoando, folga,
Ou repousa acolhida na abrigada
Sobre as ondas a custo edificada.

Quando do cysne a morte se avisinha
Não espereis, como se conta, ouvir-lhe
Meigo canto dulcisono, e saudoso,
Que tanto gaba erradamente o vulgo;
É dest'ave gentil odioso o canto;
Mas seu nobre, e engraçado movimento,
Sua esplendida alvura agrada, encanta:
Grecia fingiu que em cysne transformado
Foi Jupiter de Leda namorado.

O phaisão é feroz por natureza,
Mas é bello, e na sua mocidade
Por algum tempo a escravidão supporta;
Porém logo, a clausura abhorrecendo,
Com fugitivas azas corta os campos,
E vai buscar o prado, a fonte, os bosques.

O pavão, mais domestico e constante,
A vossa habitação não deixa nunca:
Em sitio que elle ignore a femea sua
Esconde os ovos, que chocar pretende:
Debalde elle se mostra magoado
Se acaso a vai achar; em vão co'as azas
Lhe faz caricias, e a belleza ostenta;
Estando ella presente é tudo afago,
Porém apenas ella se desvia,

Nos filhos seus o seu dêsdem castiga.
Da creação o tempo exceptuando,
Em que lhe foge esquiva, arde por elle
Com todo o fogo que a ternura accende;
Se elle morre, ella vive amargurada,
Definha de afflicção, de amor se mirra.
Das outras aves o pavão cercado,
Como se fôra só, só elle admira;
Mostra em pescoço azul dourada testa;
Brilhantes como as flores, como os astros,
Ostenta os olhos da orgulhosa cauda;
E o diurno clarão lhe augmenta, e muda
O pomposo espectaculo attractivo
Das plumas, c'o reflexo embellecidas.
Não ama o caçador caseiras aves,
Congrega, e nutre as aves carniceiras,
Aves ao sangue, á morte acostumadas,
Que, seus proprios irmãos assassinando,
Contentam os desejos de seu dono
Com féra garra adunca, e mercenaria.
O rápido falcão, o gerifalte
A quem os ensinou, se a colhem, trazem
Ave, que timorata vai fugindo:
Nas florestas deixai-lhe a raça odiosa,
Sempre tincta de sangue, e sempre horrivel;
Gaviães, esmerilhões, treçós, açores,
O cruel avestruz, a aguia suberba.
Não prendais em viveiro, nem gaiola
Avesinhas voluveis, e amorosas;
Canarios, chamarizes, tutinegras,

E o suave cantor da primavera:
Estas aves captivas emudecem,
E livres pelos bosques divagando
Deleitam, sonorosas gorgeando.
Tenho em vossas herdades reunido
Ao jugo de uma lei diversas aves:
D'indole diff'rente a leve pomba
Quer viver livre, a liberdade a encanta;
Mas casta, que tractada com desvelo
Chega a esquecer os paternaes costumes,
Subjeita-se a perpetuo captiveiro;
Suas familias para sempre escravas
Amam suas prisões, pousadas suas:
Quando se lhe abrem, de redor esperam
Que se lhes distribua o pasto usado;
E quando a fome se lhes não sacia,
A morte affrontam por cuidar na vida.
Outras, dando-se ás leis de um docil trato,
O vôo alargam como as pombas bravas;
Voluntarias captivas, por escolha
O jugo acceitam, que lhes mais agrada:
Torre, onde luza o resplendor da aurora,
Domine os campos, e a mansão lhe indique;
Seja aceiada, lucida, espaçosa,
Brilhante assim como ellas, que mil vèzes
Fugazes, mas fieis ali revôam.
Prestes chamai os cidadãos mancebos,
Que devem povoar este alto muro:
Raça normanda, as pombas argentadas
Com pés plumosos, cor de rosa o bico

Ás de pluma azulada a gloria empatam
De embellecer o preparado asylo:
De unidas castas á mixtão brilhante
Juntai colonias d'estrangeiros climas,
Que em genio, em cor os hospedes diff'rentes
Dão prole, que os simelha em cor, em genio.
Costumados um mez a viver juntos,
Reunidos presos no fechado asylo,
Já certos d'elle, e por amor ligados,
Alternativamente ou sáem, ou entram;
Nos campos de redor ligeiros voam,
E os grãos escolhem do torrão mais fertil.
Mas, quando o hynverno esterilisa os campos,
E quando, renascente a primavera,
De flores, e verdura embellecida,
Reveste a Natureza um luxo inutil
De Idalia ás aves; de manhan, e á tarde
Em copia a seu asylo os grãos se levem:
Mais facilmente do que as outras aves
A quem lhes lança o grão concorrem pombos;
Desconfianças não tem, para ajuntal-os
Basta a hora, um signal, um grito basta.
Quanto mais farta for vossa conquista
Mais vasto povo habitará seus muros;
Mais fecunda se faz d'est'arte a pomba:
Aquella que, sem ter assiduo pasto,
Pelos campos voeja em liberdade,
Interrompe no hynverno a poedura;
Se ás vossas leis em captiveiro engorda,
Dous gêmeos cada mez produz seu ninho:

Cuidoso de a ali ter, chegado o tempo
De o seu logar supprir, roçando-lhe a aza
A adverte, a sollicita seu esposo;
Companheiro fiel em seus desvelos
Alternativamente aquece os ovos,
De um mutuo amor penhores preciosos:
Ella tórna outra vez ao ninho amado;
Elle vôa, e viaja, e volve, e parte
Com sua companheira os grãos, que trouxe;
Mas é breve esta edade venturosa,
Seu brando natural (quem tal pensára!)
Não poucas vezes barbaro se torna.
Aos quatro annos as pombas são estereis,
E vexam por ciume a casta sua:
Ha quem, sem distincção, tyranno exerce
Cruel matança no volatil povo;
Sêde mais brando, e com regrados golpes
A velhice extirpai de cada especie.
As vezes, apezar de mil desvelos,
Ha desertores cidadões ingratos,
Que não basta o costume, o amor, o exemplo
Para contel-os no seu patrio ninho;
Rompem os laços sociaes, preferem
A liberdade, os bosques: este habita
N'um concavo rochedo, ou tronco antigo:
Est'outro onde o provoca o seu instincto.
O aceio prende á casa os moradores;
Se o desprezais no outomno e primavera,
E se, inda mais a miudo, da immundicie
Não livrais este povo, que murmura,

A immunda habitação presto abandona:
Aquelles vís montões d'impuras fezes
São de uma preciosa utilidade,
Fortes estrumes são, que alentam, nutrem
Os fructos ao jardim, verdura aos prados:
Com elles a seara é mais fecunda,
Mais generoso o vinho; mas o excesso
Por seu muito vigor os faz nocivos;
E, se usados em conta não reforçam,
Seu fogo abraza o campo, a vinha, os prados.
Off'rece-nos o céo n'esta ave pura
Molde em costumes, da virtude a imagem;
Só ella tem, ingenua e sociavel,
Leis immutaveis, e communs penates;
Vive o seu povo sem tyrannos; nunca
Sua paz e innocencia os crimes mancham;
E, na sua republica, a concordia
Conduz os cidadãos, e os une, e anima:
Juntos ou no trabalho, ou no repouso,
Quando o sol vem das ondas resurgindo,
Qual densa nuvem, a campina assombram,
E de Venus a estrella os volve ao ninho;
Arrulam docemente, e á torre voam;
Entram, e logo, antes que morra o dia,
Cada qual em silencio immovel fica,
Cançados gosam de tranquillo somno.
Amo vêr seus desejos innocentes,
Ternos gemidos, vividos prazeres:
Os biquinhos unindo, longamente
Com reciproco afago arrulam juntos,

E hymenêo, que os prendeu, conserva sempre
Terno o seu coração, casto o seu ninho;
Vága pomba torquaz, e a rola imita
No desviado bosque as mansas pombas.
Os homens com proveito exp'rimentaram
Seu vôo obediente em ída e volta:
Arte avezou-as a levar nas azas
Fiel mensagem de um logar ao outro;
Muitas vezes servindo a Amor, e muitas
Soccorro annunciando a oppressos muros,
Dando socego, e esp'rança á consternada
Terna amisade, que gemia ausente:
Alexandretta, Alep, e Lesbos sabem
Dar-lhe este ensino, e regular seus vôos.
Párte este agil correio ao sol nascente,
E volve antes que a luz na sombra expire;
A falsidade, o engano tem ousado
Domal-a, e dar-lhe empregos criminosos;
Guiada pelo vicio a singeleza
Fez-lhe serviços, sem convir com elle.
Acreditou a edade fabulosa
Que, a Amor fiel, em Paphos e Cythera
Seguia a sua côrte, e lá no Olympo,
Pelos gregos aos numes consagrada,
D'esta ave, a mais pudíca, a deusa é Venus;
Muitas vezes de Méca o vão propheta
Usou como impostor mensagens suas;
Creu-se que a seus ouvidos revelava,
Interprete do céo, mysterios d'elle.
Feliz quem d'innocentes passatempos,

De tranquillos prazeres satisfeito,
Do seu casal co'as aves entretido
Sua formosa côr, seus dons contempla!
Qual dos jardins o espectador assiduo
Sempre acha novo seu jucundo esmalte,
Cada dia indagando as varias côres
Das que elle desposou diversas flores;
D'est'arte, e mais feliz vereis das aves
A plumagem brilhante, os novos trajos:
As côres no jardim perdem-se, e murcham,
Nas aves, augmentando, afformoseam.
Busca-se em vão nos hospedes aéreos,
Que as florestas, o rio, o mar povoam,
Aquella côr de azul, de prata, e de ouro
Com que em vossos casaes as bellas aves
Tão pródiga adornou a Natureza:
Separai cada especie, e, assim distinctas,
Achareis o prazer na variedade;
Sem escolha, e sem ordem sendo unidas
Familias degeneram, raças morrem:
Sobre isto vigiai, fazei a escolha
Das castas, em que Amor o gosto approva.
Sensivel a gallinha á formosura
Da ave de Cólchos, seu ardor lhe é grato,
E as patas juntamente o afago attendem
A' sua propria especie, e ao gallo ardente.
Felizes se esta união vos amostrasse
Um segredo, que os sabios inda ignoram!
Da existencia animal qual dos esposos
Contém no seio o creador principio,

Ou se ambos juntos da vindoura próle
Por ditoso concurso o ser produzem.
Os diversos systemas n'este cahos
Escassa luz tem reflectido apenas:
Por lei constante as aves assimelham
A seus páes em plumage, em cor, e em gesto;
E a que nasceu de generos distinctos
Tem um mixto, que de ambos degenera,
Mas simelha com ambos: assim vemos
Da égoa e do animal longui-orelhudo
A prole, que ao serviço é tão prestante;
Une alteradas ambas as especies,
Uma nem outra é, tem visos de ambas.
Cada especie animal por vario modo
Se reproduz: caricias desdenhando
O fogoso ginete, o cego touro
Se arremessam a unir-se á sua amada;
Com gemidos, com beijos, com suspiros
Alonga o seu prazer a terna rola:
O peixe, sem unir-se, segue, anima,
Fecunda os óvos, que depôz nas aguas
A femea sua: em seu palacio occulta
Produz a abelha a multidão sonora,
Que em continuo trabalho a vida emprega,
E os zangãos, turba vil, e preguiçosa,
Que fazem sua côrte á mestra-abelha:
O pulgão, ruinoso ao tronco e aos fructos,
É de si proprio amante, e reproduz-se:
Sobrevivendo a golpes, e mais golpes
Repara-se o polypo de seus damnos;

Pelos fragmentos seus reparte a vida,
E um novo, em cada um, polypo brota!
Tal se não viu em Lerna a hydra horrenda,
Cujas cortadas testas renasciam;
Dá menos pasmo o monstro fabuloso
Que este vérme nas aguas escondido!
Egual, e variada em seus productos,
E contraria a si mesmo, em toda a parte
Para nós é mysterio a Natureza!
Indágo-a, em vão: brilha-me um raio, e logo
Outro mais vivo m'o destróe! Debalde
Ligar quero as cadêas de um systêma;
Que ellas, como Prothêo, a cada instante
Differem de si mesmas! Deslumbrado
Por um clarão facticio me suspendo,
E tudo volve á antiga obscuridade!
Tal de noute o relampago medonho,
Rasgando o seio ás nuvens, se arremessa,
Dos objectos a imagem nos descobre,
Vôa, brilha, e se esváe sulcando os ares;
E a noute, inda mais negra, esconde o mundo.
Com arte corrigindo a Natureza,
Eu aos homens em versos ensinava
Das terras o lavor, no tempo em quanto
Luis, o rei melhor, e o mais excelso,
De seus feitos co'a fama enchia o mundo;
Em quanto a Italia e Flandres soçobradas,
Viam tudo ceder ás armas suas;
E charo ao povo seu, e aos seus alliados,
D'inimigos terror, do mundo assombro,

De seus trophéos o fructo repartindo
Sós para si guardava amor, e gloria.
Eu, quando a meu sabor gastando o tempo
Pude esquivar judiciaes querelas,
E o popular bulicio, demandava
Asylo aos campos de paterna herança:
Ali não vinha o orgulho da grandeza,
Nem vinha dos prazeres o tumulto
Meu coração turbar, nem meu repouso;
Vivia só comigo, e sem cuidados
A vida consagrava ao grato estudo;
Amei rebanhos, arvores, campinas,
E á borda dos regatos cristalinos,
E á sombra das florestas retirado,
Em solidão obscura, mas tranquilla,
Juntamente quiz ser poeta, e sabio.

NOTAS

AO

PRIMEIRO CANTO.

(Pagina 199, *verso* 8.*)*

Criam forças em mim Luis, e a patria.

Luis XV, rei de França.

(Pag. 202, *vers.* 10.*)*

Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas.

O tufo é uma especie de terra branca, e secca; e é tambem uma pedra esbranqueada, e esponjosa.

(Pag. 203, *vers.* 10.*)*

* Em qualquer terra o trigo sarraceno
* Eleva os negros grãos na densa espiga.

Estes dous versos escaparam a Bocage ao correr da traducção.

(Ibid., vers. 14.*)*

O indiano maiz . . . . . .

O maiz é outra especie de trigo.

(Ibid., vers. 30.*)*

Dos campos de Babel, esses outr'hora.

Tem-se por certo que os descendentes de Sem, e não os egypcios, fizeram as primeiras observações astronomicas.

(Pag. 204, *vers.* 7.*)*

O chefe das ovelhas o é dos signos.

O Carneiro; porque é o signo do mez de Março, que os antigos contavam por primeiro do anno.

(Ibid., vers. 8.)

O Touro logo, e depois d'elle os Gêmeos.

O Touro é o signo do mez de Abril, e os Gêmeos do de Maio.

(Ibid., vers. 10.)

Nos tropicos o Cancro, e Capricornio.

O Cancro é o signo do mez de Junho, no fim do qual se faz o solsticio do verão; Capricornio é o de Dezembro, e tambem no fim d'este se faz o solsticio hyberno.

(Ibid., vers. 12.)

Dias, e noutes a Balança eguala.

No mez de Septembro, cujo signo é a Balança.

(Ibid., vers. 13.)

Das ceifas o signal compete á Virgem.

Astréa, que é o signo do mez de Agosto.

(Pag. 205, vers. 5.)

Se o negro Escorpião viu tua aurora.

Signo do mez de Octubro.

(Ibid., vers. 13.)

Por artes da impostora astrologia.

Os abusos astrologicos chegaram, não só a induzir a crença de que certos planetas, e a sua conjuncção de tal ou tal modo, eram felizes, ou desgraçados; e que os eclipses e cometas annunciavam grandes desastres; se não até que a nossa vontade era regulada pela influencia dos astros.

(Pag. 207., vers. 3.)

Ja no ethereo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz . . . . . .

Porque entrar o sol em um signo, vem a ser passar-lhe por baixo; e então nol-o escurece.

(Pag. 208, vers. 18.)

E cruza os sulcos teus por novos sulcos.

Este preceito só tem logar nas terras fortes, e nunca nas que forem humidas, ou delgadas.

(Pag. 209, *vers.* 13.*)*

O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, etc.

O margo é uma especie de barro branco, ou terra fertil, pingue, e branda, que serve para adubar as terras aridas: — a castina é uma especie de pedra, ou terra esbranqueada, e secca, propria para adubar as que são fortes, e humidas; assim como a cal é conveniente para as que são delgadas, etc.

(Ibid., vers. 28.*)*

Os magicos mysterios exercia.

Foi um liberto, por nome Caio Furio Cresino.

(Pag. 210, *vers.* 19.*)*

Outra fica vazia; o sementeiro
Ha de espalhar etc.

Machina para semear melhor, e com mais economia.

(Ibid., vers. 22.*)*

A herva parasita acolhe menos.

Chamam-se hervas, ou plantas parasitas aquellas que vegetam sobre outras, e se nutrem da sua substancia.

(Pag. 213, *vers.* 12.*)*

Ha lavradores próvidos, que ajuntam
Agua com cinza, etc.

Esta preparação faz-se por diversas maneiras, e tem por objecto conhecer o grão melhor para a semeadura; mas não é infallivel.

(Pag. 215, *vers.* 18.*)*

. . . . . lenta carcôma
Pouco a pouco as substancias lhe anniquila.

Corrupção.

(Ibid., vers. 24.*)*

Tendo por mestra a Natureza, um sabio, etc.

O auctor fala de Mr. Tillet, que sobre este assumpto escreveu uma memoria, premiada pela Academia de Bourdeaux.

(Pag. 217, vers. 12.)

Extrair, ver, tocar ha pouco a flamma.

O fogo electrico: reiteradas experiencias tem demonstrado ser elle o mesmo que o fogo elementar.

(Ibid., vers. 24.)

Dos romanos cubrir, dourar as armas.

Refere-se ao que Cesar deixou escripto nos seus Commentarios — *Eadem nocte quintæ legionis pilorum cacumina sua sponte arserunt.* — «N'essa noute se inflammaram por si mesmas as pontas das lanças da quinta legião.»

(Ibid., vers. 29.)

. . . . . obteve o nome
De Helena, Castor, Pollux. . . .

É o fogo a que nós chamamos Santelmo, e que os antigos tinham por estrella: quando apparecia um só fasciculo luminoso, chamavam-lhe Helena; e quando appareciam dous, chamavam-lhe Castor e Pollux.

(Pag. 218, vers. 9.)

Ao fiel conductor, que sem violencia.

Chama-se «conductor» um corpo, pelo qual a materia electrica se dirige, e se transmitte de um ponto a outro sem se espalhar.

(Pag. 219, vers. 8.)

Nem do seio os coriscos lhe rebentam.

No Egypto nunca ha trovoadas; e as poucas vezes que se lhe tolda o céo, apenas derrama um orvalho.

(Pag. 220, vers. 5.)

Ao ferro ali succumbe a flava espiga.

Os egypcios semêam em Novembro, e fazem colheita em Março.

(Ibid., vers. 7.)

. . . . . Vivissimos ardores
Esperai do Leão. . . . . .

Mez de Julho.

(Pag. 220, vers. 17.)

De miseros que chusma (oh céos!) é esta?

Os rabiscadores, ou mais propriamente — respigadores.

(Pag. 222, vers. 23.)

Encanto da existencia, origem d'ella,
Taes que, etc.

Todos os versos com asteriscos são accrescentados por Bocage.

(Pag. 223, vers. 19.)

O oleo tambem, que de um rochedo emana.

O auctor fala do oleo, que nasce de um rochedo, e fórma uma fonte, perto de Gabian, aldêa pouco distante de Besiers, no Languedoc.

(Pag. 224, vers. 13.)

Esta, que Duhamel ha dado á França.

No seu Tractado da conservação dos grãos.

(Ibid., vers. 16.)

Mas quer ventilador, que o ar lhe innove.

Machina para dar novo ar aos logares fechados.

(Pag. 226, vers. 24.)

Vêde de Fontenoi, vêde nos campos.

A batalha de Fontenoi foi ganhada pelo marechal conde de Saxe em 1745.

NOTAS AO SEGUNDO CANTO.

(Pag. 230, vers. 8.)

O mundo consolou do equóreo estrago.

Isto diz, porque (segundo a opinião mais recebida) o fabrico do vinho só foi conhecido depois do diluvio.

(*Pag.* 230, *vers.* 14.)

Armenia te gostou, nectareo succo.

Primeiro na Armenia, porque ali viveu Noé depois do diluvio.

(*Ibid.*, *vers.* 24.)

O Arecómico Volco em nossos climas.

Volcos Arecomicos se chamavam os povos do baixo Languedoc; assim como os do alto Languedoc se chamavam Volcos Tectosagos.

(*Ibid.*, *vers.* 29.)

. . . . . O celta
Os bosques arrancando acolhe as vidas.

Porque Domiciano lhe havia prohibido a plantação das vinhas, e Probo lh'a concedeu.

(*Pag.* 231, *vers.* 9.)

Sobre arêa africana escadeas torram.

Escadeas propriamente são esgalhos, ou raminhos do cacho de uvas; mas aqui tomam-se pelos mesmos cachos.

(*Pag.* 233, *vers.* 9.)

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas.

Em Janeiro.

(*Pag.* 238, *vers.* 5.)

Já nutrimento de abundoso estrume.

Os estrumes augmentam o vigor, e a producção das vinhas; porém de ordinario alteram-lhe a qualidade.

(*Ibid. vers.* 10.)

Pernicioso insecto eis sáe da terra.

O escaravelho.

(*Pag.* 240, *vers.* 14.)

De invencivel cadêa os opprimiam.

Os gallos cisalpinos são tidos por inventores dos toneis.

(*Pag.* 242, *vers.* 9.)

E a todo o cheiro inaccessivel seja.

Porque todos os maus cheiros alteram o vinho.

(*Pag.* 243, *vers.* 6.)

Abona vezes cento a força e vida.

O uso do vinagre, proveitoso nos exercitos, é conhecido não só desde os tempos primitivos da republica romana, senão que tambem o foi pelos carthaginezes, e já pelos gregos.

(*Ibid.*, *vers.* 10.)

Arte assombrosa, que o divide e apura.

A chimica.

(*Ibid.*, *vers.* 24.)

Do vinho usa formar util ferrugem.

É o verdete, ou azinhavre: ferrugem esverdeada, que cria o cobre, e que é um veneno violento, mas de que se tiram algumas utilidades.

(*Pag.* 244, *vers.* 6.)

De insecto extranho tal peçonha os livra.

Diz-se que os hollandezes mixturam verdete nas materias resinosas com que rebocam os seus diques, e que com a acrimonia do mesmo veneno matam uns insectos americanos, que lhe arruinam o madeiramento.

(*Idid.*, *vers.* 10.)

Louçan verdura, que amenisa os sêrros.

O verdete é tambem de muita serventia para os pintores.

(*Ibid.*, *vers.* 14.)

. . . . . D'ali tirado
Se aprompta para mil necessidades.

É o tartaro, que entra em muitas composições medicinaes.

(*Pag.* 245, *vers.* 28.)

Tokai, teu digno contendor, te eguala.

O vinho de Tokai é uma especie de moscatel; acha-se ouro nos sêrros que o produzem; e em Vienna, no gabinete de recreio do imperador, está uma cêpa de Tokai, que tem enrolado um fio de ouro nativo.

(*Pag.* 246, *vers.* 8.)

E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.

Foram, e são muito estimados os vinhos d'estas ilhas do Archipelago; porém os do promontorio Arvisio, na ilha de Chio, o eram com tanta especialidade, que lhes chamavam nectar: ouça-se Virgilio, na ecloga V:

Ante focum, si frigus erit; si messis, in umbro
Vina novum fundam calathis Arvisia nectar.

« De hynverno ao lume, e de verão á sombra
« Derramarei por copos espaçosos
« O novo, em vinea fórma, Arvisio nectar. »

Ou... « O Arvisio vinho, que parece nectar. »

Digo por copos espaçosos, porque o *calathis* do texto quer dizer em copos, ou calices da feição de cestos — pois que « cestos » é propriamente a significação de *calathus*.

(*Ibid.*, *vers.* 13.)

Dos cachos emanar liquor fragrante.

É o vinho chamado Lacryma.

(*Ibid.*, *vers.* 15.)

. . . . . Alta Musa
Das Camenas do Tejo honra, e saudade, etc.

Quem deixará de entender que Bocage fala aqui do nosso immortal Camões, no seu admiravel Adamastor? Por certo hão de entendel-o, e interiormente achar-lhe razão, até aquelles que dizem — *Que o episodio de Adamastor, entre os disparates de Luis de Camões, é o maior disparate.*

(*Ibid.*, *vers.* 22.)

O occidental Jason, etc.

Entende-se o nosso Vasco da Gama: bella aparidade de Bocage; pois que Vasco da Gama foi o chefe da nossa armada, para o descubrimento da India, assim como Jason a foi da náu Argus, para a conquista do Vellocino.

(*Ibid. vers.* 28.)

Proximo ás fontes d'onde corre o Sena.

De Borgonha, Champanha, etc. levaram os hollandezes ao Cabo

da Boa-esperança cêpas, que ali plantaram, e que produzem um vinho muito estimado.

(*Pag.* 247, *vers.* 3.)

O cysne de Venusa aos céos erguia.

Horacio; pois que era natural de Venusa, antiga cidade no reino de Napoles.

(*Ibid.*, *vers.* 20.)

As perfumadas, as chinezas folhas.

O chá.

(*Ibid.*, *vers.* 21.)

Dos grãos de Yemen a singular bebida.

O melhor café colhe-se em Yemen (Arabia-Feliz) e d'ahi o transportam para a cidade de Moka, d'onde se lhe dá impropriamente o nome.

(*Ibid.*, *vers.* 22.)

O cacáo negrejante, alimentoso.

Fala do cacáo como droga essencial no chocolate.

(*Pag.* 248, *vers.* 16.)

*A mãe (ah!) já não mãe, lacéra o filho.

Este verso, que na edição do terceiro volume não tem asterisco, é, não obstante, accrescentado por Bocage, e com toda a propriedade, pois que Penthêo foi despedaçado por sua mãe Agave, que Baccho enfurecêra.

(*Ibid.*, *vers.* 30.)

Éschylo a cria, Sophocles a eleva.

Verdadeiramente o seu inventor foi Thespis; mas Éschylo é quem lhe deu majestade, e energia: creou-a por tanto. (*Nota de Bocage*).

(*Pag.* 249, *vers.* 18.)

Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo.

Fala da Veneza republica. (*Nota de Bocage.*)

(*Pag.* 251, *vers.* 4.)

Jugo aos transportes, aos delirios termo.

Creio que este quadro de Veneza, e os antecedentes, pelas imagens e expressão, devem aprazer ao leitor. (*Nota de Bocage.*)

NOTAS AO TERCEIRO CANTO.

(Pag. 252, vers. 4.)

O velho Mantuano, o velho de Ascra.

Virgilio nasceu em Andes, aldêa perto de Mantua (na Italia) e por isso é vulgarmente cognominado Mantuano. Hesiodo nasceu em Cumas (na Etolia), mas foi educado em Ascra (na Beocia); e esta se tem por sua patria; d'aqui o cognominaram Ascrêu, como o fez Virgilio no livro segundo das suas Georgicas;

Ascræunique cano Romana per oppida carmen.

« Versos como os de Ascrêu em Roma canto. »

Isto diz Virgilio alludindo a um poema georgico composto por Hesiodo, do qual (segundo a opinião mais recebida) só nos chegaram fragmentos. O mesmo Virgilio, na sua ecloga sexta, lhe chama — velho de Ascra.

..... *Hos tibi dant calamus, en accipe, Musæ,*
Ascræa quos ante seni.

» Recebe-a, dão-te as Musas esta frauta,
» Que deram n'outro tempo ao velho de Ascra. »

(Ibid., vers. 8.)

O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste.

Salomão: elle escreveu das arvores, desde o cedro até ao hysopo; isto é, desde a maior até á menor. Esta obra perdeu-se; mas é a que allude o auctor.

(Ibid., vers. 22.)

Consultavam prophetico arvoredo.

Junto a Dodona (cidade da Chaonia no Epiro) havia um bosque consagrado a Jupiter, e todo de carvalhos, que se dizia prophetarem os oraculos d'aquelle numen.

(Ibid., vers. 24.)

Iam colhêr o agarico sagrado.

Agárico, ou visco: planta parasita, ou excrescencia esponjosa, que nasce de hynverno no tronco das arvores. O do carvalho era tido pelos gallos como um poderoso preservativo contra todos os males; e os supersticiosos druidas, ou bardos, o colhiam nos fins de De-

zembro, sacrificando victimas humanas; depositavam-no em seus altares, e o distribuiam ao povo no primeiro do anno.

(Pag. 253, vers. 13.)

O cedro se accendeu, na umbrosa estancia.

Os antigos, antes de conhecido o uso da cêra, serviam-se em logar d'ella das madeiras resinosas, e odoriferas; especialmente do cedro. Sirva de prova o que diz Virgilio, Eneid. lib. VII.

Proxima Circæ raduntur littora terræ;
Dives inaccessos ubi solis filia lucos
Assiduo resonat cantû, tectis que superbis
Urit odoratam nocturna in lumina cedrum,
Arguto tenues percurrens pectine telas.

» Junto ás terras de Circe as ondas córta;
» Onde a filha do Sol os invios bosques
» Faz resoar com repetido canto,
» Opulenta em magnifico palacio
» Odorifero cedro á noute accende,
» E com sonoro pente as telas urde. »

(Pag. 254, vers. 7.)

A floresta de Hercynia inda aos germanos.

A Floresta-negra (na Suabia), e a de Bohemia são restos da floresta Hercynia, que se estendia por toda a Germania até á Pannonia.

(Ibid., vers. 9.)

O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, etc.

As florestas de Compiegne, Couci, Fontainebleau, etc. faziam parte da grande floresta das Ardennas (ao longo do rio Mosa) onde os bardos, ou druidas sacrificavam.

(Pag. 255, vers. 8.)

Seccam de languidez em campo extranho.

As arvores assim plantadas são sempre mais fracas, e menos duradouras: e especies há, que nunca medram com este genero de cultura.

(Pag. 256, vers. 2.)

E o banquete cubriu dos sete sabios.

Os n'este numero contados foram: Thales, natural de Mileto;

Pittaco, de Mitilene; Solon, de Athenas; Cleobulo, de Linde; Bias, de Priene; Chilon, de Sparta ou Lacedemonia; Periandro, de Corintho.

(Ibid., vers. 4.)

E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia.

Especie diversa de outra, originariamente produzida na Italia.

(Ibid., vers. 27.)

Dos vastos corpos seus liquor viscoso
Faz que, etc.

Todas as arvores resinosas conservam no hynverno a folha, excepto o larico; e creio que com esse fundamento Bocage o excluiu da sua traducção, quando alias Rosset o inclue n'este verso:

Le cèdre, le cyprés, le mélèse, et le pin.

Do cedro só ha uma especie conhecida, e é vulgar na Arabia, e no Egypto; na Europa, se usassem plantal-o, produziria, como tem produzido em Paris, e em Londres.

(Pag. 257, vers. 4.)

Uns o pêz, a resina outros derramam.

O pêz os mansos, a resina os bravos.

(Ibid., vers. 5.)

Sua terebenthina ostenta Chio.

Terebenthina, ou termentina: resina do terebintho.

(Ibid., vers. 8.)

Dos freixos de Calabria o pranto admira.

Manná, que distillam nos mezes de Junho e Julho.

(Ibid. vers. 9.)

Myrrha offrece aos sabéos humor que encanta.

Na Arabia-Feliz.

(Pag. 258, vers. 14.)

Os gallos succeder viu a seus povos.

Foram os chamados gallos-cisalpinos.

(*Ibid.*, *vers.* 16.)

E foi Roma em seus muros sepultada.

Allude á invasão de Brenno.

(*Ibid.*, *vers.* 17.)

Aos campos de Gallacia deram nome.

Provincia d'Asia-menor, povoada pelo terceiro exercito gallo que entrou na Grecia.

(*Ibid.*, *vers.* 18.)

Por Apollo tremeu ao vel-os Delphos.

Até ali chegou o segundo exercito gallo que entrou na Grecia: mas foi destruido como o primeiro.

(*Pag.* 259, *vers.* 21.)

A franceza estatura majestosa.

Porque os lapões, ou habitantes da Laponia (paiz ao norte da Europa) têm, quando muito, quatro pés e meio de altura.

(*Ibid.*., *vers.* 39.)

E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrto.

Bocage excluiu da traducção o arbusto »buxo» que o original dá n'este verso:

La rose, le lilas, le buis, le coudier,

talvez porque julgou o vocabulo dissonante em metro.

(*Pag.* 260, *vers.* 11.)

O azevinho, o alaterno prateado.

Tambem excluiu o *troesne* do texto (que significa o alfeneiro alemão) talvez por não repetir alfeneiro, e evitar periphrasis: mas accrescentou o parenthesis — (E não só estes.)

(*Pag.* 261, *vers.* 27.)

*Roma a venceu, e dos vencidos povos
*Ignotas plantas admirou a Italia.

Tambem passaram a Bocage est'outros versos:

Rome triompha d'elle, et des peuples vaincus
L'Italie admira les arbres inconnus.

(*Pag.* 262, *vers.* 2.)

Nos é delicia, aos persas é veneno.

Affirma-se que os pêcegos, entre nós tão deliciosos, são tão nocivos na Persia, que o seu veneno é mortal: por isso o nosso immortal Camões (que soube quanto podia saber-se no seu tempo) disse nos Lusiadas cant. IX, estancia 58:

»O pomo, que da patria Persia veiu,
»Melhor tornado no terreno alheio.»

(*Ibid.*, *vers.* 3.)

O damasco odorifero de Armenia.

O mesmo que dos pêcegos na Persia, se diz dos damascos na Armenia, e querem alguns que tambem no Piemonte.

(*Ibid.*, *vers.* 7.)

Os fructos cultivou de Cerasonte.

Cidade na Cappadocia, que deu o seu nome ás cerejas, e d'onde Lucullo as levou a Roma; do que tal jactancia teve, que com ellas ornou o seu carro de triumpho, qoando venceu Mithridates.

(*Ibid.*, *vers.* 9.)

E as maceiras, em Neustria tão fecundas.

Agora se lhe chama Normandia.

(*Pag.* 263, *vers.* 21.)

*Nos elegantes nós de branda seda
*Prende co'as alvas mãos inda mais brandas.

Ponho asterisco n'estes dous versos, por serem elegantissimamente paraphraseados d'este frouxo verso:

Captive ses cheveux que la soie entrelace.

(*Pag.* 265, *vers.* 29.)

E da chuva, e do vento injurias tolhe.

É o que chamam enxertar de garfo.

(*Pag.* 266, *vers.* 4.)

O enxerto, que lhe muda a natureza.

Chama-se — enxerto de borbulha.

(*Pag.* 266., *vers.* 4.)

Em figura de rolo ás vezes solta.

Enxerto de annel.

(*Pag.* 270, *vers.* 20.)

D'aquelles campos Hercules á Grecia
Foi o primeiro etc.

Não se duvida ser Hercules quem primeiro levou á Grecia a oliveira, e instituiu o uso de se coroarem d'ella os vencedores dos jogos olympicos; é porêm duvidoso o logar d'onde elle a levou.

(*Ibid.*, *vers.* 27.)

Que d'est'arte devia á deusa sua.

Minerva, ou Pallas.

(*Pag.* 271, *vers.* 4.)

D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas.

Sabe-se por experiencia; mas a causa ignora-se.

(*Ibid.*, *vers.* 26.)

De um memorando hynverno, oh patria minha.

Refere-se ao hynverno de 1709, que destruiu todos os olivaes no Languedoc, ou Occitania.

(*Pag.* 272, *vers.* 10.)

O canhamo, o pastel teu seio amimam.

Herva de tinturaria, especie de lapis.

(*Ibid.*, *vers.* 18.)

Uniram teus trabalhos os dous mares.

Fala do canal de communicação do Mediterraneo com o Oceano, feito no reinado de Luis XIV.

(*Pag.* 273, *vers.* 1.)

Os vencidos ergueu ao grau de filhos.

Dando-lhes o direito de cidadãos romanos.

(Pag. 274, vers. 6.)

A folha da amoreira, assim como elles.

Porque o bicho, e a folha precisam o mesmo grau de calor.

(Ibid., vers. 21,)

Indicador do tempo, ali o vidro, etc.

O thermometro.

(Pag. 277, vers. 16.)

Presa em seus laços, transformada em nympha.

Nympha, chrysalida, aurelia, ou fava, são os nomes que se lhe dão, quando encerrada no envoltorio dos fios de seda, em vesperas da sua metamorphose.

NOTAS AO QUARTO CANTO.

(Pag. 248, vers. 13.)

Vão de novo occupar a estancia antiga.

Todo este episodio diz relação ao celebre lago de Zirchnitzersée, que no mez de Junho começa a seccar-se, e tórna a começar a encher-se em Septembro.

(Pag. 285., vers. 3.)

Taes os prados, que ás ondas submettidos, etc.

A's ondas submettidos, porque na Hollanda não é a terra sobranceira ao mar, fica o mar sobranceiro á terra.

(Ibid., vers. 16.)

Surgem paizes, que tapava o lodo.

A sua grande obra da dessecação das aguas foi emprehendida pelos annos de 1180; antes d'isso a Hollanda era um pantano.

(Ibid., vers. 19.)

Que a vez primeira então provou seus lumes.

Porque esta provincia (uma das Septe-Unidas) era alagadiça, e só deixa de o ser pelos seus famosos diques.

(Pag. 287, vers. 13.)

Quebra mugindo os diques, e os derruba.

A pezar de todas as cautelas, os diques são ás vezes forçados pela violencia das aguas, que submergem cidades inteiras: as duas mais famosas innundações foram as de 1532, e 1563.

(Pag. 288, vers. 22.)

O lirio roxo, o junco, etc.

Lirio roxo, ou espadana: *glayeul* diz o texto.

(Pag. 289, vers. 3.)

Da borrasca estridente o Isero ajunta.

Ha outro rio Isero, que nascendo nos confins do Tirol, e da Baviera, vai desembocar no Danubio: este de que se tracta nasce nos extremos do Piemonte, e de Saboia, e desemboca no Rhodano.

(Ibid., vers. 4.)

E o Saona seus impetos aos d'ella.

No manuscripto de Bocage achei *Sequana*; porem aqui olvidou-se, bem como se olvidára de traduzir alguns versos: porque *Sequana* é o nome latino do rio Sena, que vai desembocar no Oceano; e o *Saone*, que dá o texto, vai desaguar no Rhodano, e em latim é *Arar*, e *Soccona*, mas não *Sequana*.

(Pag. 290, vers. 10.)

Tal junto de Ilion o irado Xantho, etc.

Allude ao que diz Homero no canto XXI da Iliada.

(Pag. 295, vers. 26.)

Assim de Alcino a ilha povoavam.

Corcyra, ou Corfu, ilha no mar Jonio.

(Pagina 296, verso 2.)

E os campos transferiu para as cidades.

Assim o diz Plinio o Naturalista: — *Primus hoc instituit Athenis Epicurus, otii magister, usque ad eum maris non fuerat in oppidis habitari rura:* — «Epicuro, o mestre do repouso, foi quem primeiro os ordenou em Athenas: até ao seu tempo não costumavam os jardins medrar no seio das cidades.»

(*Pag.* 298, *vers.* 6.)

Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene.

Os montes Pyreneos, que dividem as Hespanhas da França.

(*Ibid.*, *vers.* 7.)

Os que Annibal transpoz, Vosgos, e Jura.

Os Alpes, que separam a Italia da França e da Alemanha.— Vosgos é uma cordilheira de montanhas, que se estende até á floresta das Ardennas, separando de Lorena a Alsacia, e o Franco-Condado; — Jura é uma montanha, que separa a Suissa do Franco-Condado.

(*Pag.* 299, *vers.* 4.)

Junto de impia caterva em rans mudada, etc.

Allusão aos jardins de Versailles, onde estas fabulas estão representadas.

(*Pag.* 300, *vers.* 15.)

A tenra hemerocal, cujo destino, etc.

Especie de lirio: as flores, que successivamente brotam do seu tronco, duram somente um dia.

(*Ibid.*, *vers.* 17.)

E as que outr'hora agradaram tanto aos Incas.

Principes peruvianos, que Diogo de Almagro em 1557 subjeitou ao dominio de Hespanha: em seus jardins não somente imitavam as varias flores com ouro e prata; porém até as searas, os arvoredos, os insectos, as aves, etc.

(*Pag.* 301, *vers.* 18.)

Da Syria o mais christão dos reis da Gallia.

S. Luis (IX d'este nome entre os reis de França) quando volton da Syria trouxe aos francezes o rainunculo.

(*Pag.* 302, *vers.* 13.)

. . . . . e que os francezes
Nominam tuberosa. . . . . .

Nós lhe chamamos »angelica:» os francezes a trouxeram da America, e primeiros a cultivaram.

(*Pag.* 802, *vers.* 18.)

E a que amante do sol com elle gira.

O heliotropio, ou girasol.

(*Ibid.*, *vers.* 20.)

. . . . . Da China a rosa, etc.

Commumente chamada »rosa japonica:» o arbusto que a produz é maior do que as nossas roseiras.

(*Ibid.*, *vers.* 30.)

No tempo em que o talaspis d'alva fronte.

Flor, que abre á maneira de um chapéo de sol.

(*Pag.* 304, *vers.* 8.)

O luto de Aristêo, perdendo o enxame.

Veja-se o livro IV das Georgicas de Virgilio.

(*Pag.* 305, *vers.* 10.)

Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França, etc.

Fala das flores de porcellana.

(*Ibid.*, *vers.* 20.)

Que a flor vida recebe, a flor dá vida.

Systêma de Mr. Vaillant, adoptado por todos os botanicos modernos.

(*Ibid.*, *vers.* 24.)

Do pistilo no seio os filamentos.

Parte onde a flor encerra a semente, ou seu orgão feminino.

(*Ibid.*, *vers.* 30.)

Immovel como nós jazer no somno.

E' opinião de Linnêo.

NOTAS AO QUINTO CANTO.

(*Pag.* 309, *vers.* 21.)

Oh Deus, de que um pastor etc.

Moysés.

(*Pag.* 310, *vers.* 9.)

Das ovelhas de Atrêo, e Eeta o preço.

O primeiro, rei de Argos: o segundo, rei de Colchos. É este de quem se conta que guardava o vellocino roubado por Jason.

(*Ibid.*, *vers.* 12.)

. . . . . De Fauno a prole, etc.

Latino, rei de Laurente, parte do antigo Lacio.

(*Ibid.*, *vers.* 26.)

Puxa os frios lapões o renna activo.

O renna assimelha-se ao veado, e ao cavallo; e é a principal riqueza dos habitantes da Laponia: tira-lhes os seus carros, alimenta-os de carne e leite, e veste-os da sua pelle.

(*Pag.* 316, *vers.* 5.)

. . . . . O tigre unido
Á leôa feroz, gera o leopardo.

Alguns modernos, e com elles Mr. de Buffon, têm que o leopardo é uma especie distincta: o auctor segue a vulgar, e antiga opinião: podia escolher como poeta, porque os poetas têm grandes licenças, e mais quando escrevem tão bem como elle acaba de o fazer sobre o prestimo, e generosidade dos ginetes.

(*Ibid.*, *vers.* 15.)

E outros, que a Natureza não perfilha.

O texto diz:

Les mulets, les jumarts qu'elle n'adopte pas.

Nós não temos vocabulo propriamente significativo de *jumart*; Bocage suppriu a mingoa, dizendo — *E outros.* — *Jumart* chamam á prole do touro, e burra, ou burro e vacca, ou cavallo e vacca, ou touro e egoa. Mr. de Buffon diz que o *jumart* é um ente chimerico; não sei se tem razão, decidam os outros senhores naturalistas: mas certo é que, se se dá tal casta, é ella de bem pouca utilidade, pois que se lhe não promove a multiplicação.

(*Pag.* 317, *vers.* 27.)

Suberba caminhando ergue a cabeça.

É outro verso, que Bocage passou na traducção:

Dans la marche on la voit lever sa tête alliere.

(*Pag.* 318, *vers.* 8.)

E de seu vencedor tem inda o nome.

O vencedor foi Mario, e o campo é o de Comargue, ilha da Provença, na embocadura do departamento das Bocas-do-Rhodano, e á qual em latim se chama *Campus Marii*, ou *Camaria*.

(*Ibid.*, *vers.* 11.)

Corrompe os ares odioso insecto.

Fala do tabão, ou moscardo.

(*Pag.* 320, *vers.* 7.)

Povo afamado, em Apis te morrendo.

Os egypcios debaixo do nome de Apis, Osiris, ou Serapis, adoravam um boi, malhado de branco e preto.

(*Pag.* 322, *vers.* 7.)

Então vê o Esperou chegar de ovelhas etc.

Montanha das Cevennas, no baixo Languedoc, mui frequentada pelos botanicos.

(*Pag.* 323, *vers.* 19.)

Taes de Armórico e Ardennas os carneiros.

Armóricos se chamavam os habitantes d'entre o Loire, e o Sena, sobre a margem do Oceano. — A respeito de Ardennas, veja-se a nota ao terceiro canto a pag. 375.

(*Ibid.*, *vers.* 22.)

Campo fragoso de abundantes pastos.

É o campo chamado Crau, junto de Salon (cidade da Provença) entre o Rhodano, e o lago de Berre, a que os antigos chamavam *Campi lapidei*, campos pedregosos: onde se conta que Hercules combateu contra dous gigantes filhos de Neptuno, e acabando-se-lhe as frechas, Jupiter fez chover aquella multidão de pedras, com que os venceu. Plinio Hist. lib. III, cap. I, o menciona n'estas palavras: — *Campi lapidei Herculis præliorum memoria insignes:* « Os pedregosos campos, celebres pela memoria dos combates de Hercules. »

(*Pag.* 324, *vers.* 9.)

. . . . . teus bons pascigos,
Oh Présalé, etc.

Terreno da alta Normandia, que ainda de tempos em tempos é innundado.

(*Pag.* 324, *vers.* 12.)

Ganges segue outras leis. . . . . .

Villa do baixo Languedoc.

(*Pag.* 327, *vers.* 26.)

Arte dos Gobelins, talvez comtigo, etc.

Allude a Gil Gobelin, famoso tintureiro em lan, que viveu no reinado de Francisco I.

(*Pag.* 328, *vers.* 30.)

De prazeres se cança, e não se farta.

Imitação de Juvenal (satyra VI) falando de Messalina:

Et lassata viris, necdum satiata recessit.

« Cançada de prazeres indecentes,
Porém não saciada se retira.

O verso do texto parece-me que deixa em embrião a idéa de Juvenal; nem julgo possivel dal-a em um só verso, sem que a phrase offenda a modestia.

(*Pag.* 331, *vers.* 5.)

França est'arte ignorou, que em Roma os sabios etc.

Columella (lib. VI cap. 3.º) faz menção da medicina veterinaria, ou alveitaria, n'estes termos: — *Veterinariæ medicinæ prudens esse debit pecoris magister*: « Os guardadores devem saber alveitaria. »

(*Ibid.*, *vers.* 10.)

Sabios nossos tambem a industria movem.

Allude ás escholas de medicina veterinaria, que se estabeleceram em Paris, e em Lião, sendo seu director geral Mr. Bourgelat.

(*Pag.* 335, *vers.* 3.)

Imagem da mavortica fereza.

Parece-me se Bocage existisse, e fizesse esta edição, seria este um dos versos que emendasse, dizendo antes:

Imagem das ferezas de Mavorte,

ou similhantemente: porque o epitheto » mavortico » não me lembra que seja usado por algum de nossos bons auctores, e é absolu-

tamente desnecessario; pois que temos «marcio, mavorcio,» além de outros, que dão o mesmo significado. Como porém não pode ser accusado de gallicismo, eu o deixo ir; por não ser minha intenção a de emendar alguns minutissimos defeitos, que poderiam encontrar-se na traducção de Bocage, mas somente a de corrigir aquelles descuidos, que são infalliveis em todos os primeiros manuscriptos, bem que os de Bocage sejam os mais correctos em que eu tenho posto os olhos.

NOTAS AO SEXTO CANTO.

(*Pag.* 339, *vers.* 28.)

Já foi o gallo interprete dos deuses.

Os gregos tinham-no como attributo de Minerva, de Mercurio, e da Vigilancia, e o sacrificavam aos deuses Lares, e a Priapo: os romanos, mais que nenhum outro povo o tiveram em veneração.

(*Pag.* 340, *vers.* 24.)

O amor, a ambição, o imperio e Helena.

E' excellente, e digna da phantasia de um poeta, que sabe dar alma aos seus quadros, esta allusão á esposa de Meneláo, que foi causa da guerra de Troia; e é este um facto historico tão conhecido, que por pouco que eu d'elle dissesse me accusariam de prolixidade.

(*Pag.* 341, *vers.* 19.)

Assim quando entre nós subito arrojo etc.

Esta comparação é tão proximamente imitada de Virgilio (Eneid. lib. 1.) que julgo dever poupar-me ao trabalho de traduzir o poeta latino. Eisaqui os seus versos:

Ac veluti magno in populo cum sæpe coorta est
Seditio, sævit que animis ignobile vulgus,
Jamque faces, et saxa volant, furor arma ministrat;
Tum, pietate gravem, ac meritis, si forte virum, quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus astant,
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.

Mas ainda assim, como não faltar á quem queira cotejar a imitação com a traducção, aqui ajunto a de João Franco Barreto, que é elegante, postoque o remate da estancia seja pouco fiel:

« Como acontece muitas vezes, quando
Anda em gran povo o vulgo alvorotado,
Já as pedras, paus, e cantos vão tirando,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Se algum varão acaso venerando,
E em meritos aos mais avantajado
Viram, cessa o furor, pára a demanda,
E com brandas razões elle os abranda. »

O nosso Camões porém (Lusiadas canto I, estancia 91) disse com mais proprio verbo:

« A pedra, o páu, o canto *arremeçando*.

(Pag. 342, *vers.* 27.*)*

Lhe imprime as cores, que elegeu mais bellas.

Diz-se que arrancando algumas pennas ao papagaio, e esfregando-lhe n'esses logares a carne com sangue de ran, lhes fazem nascer pennas de varias cores.

(Pag. 347, *vers.* 12.*)*

Do sabio Reaumur os exp'rimentos.

Mr. de Reaumur escreveu a Arte de crear as galinhas, e foi elle o primeiro d'entre os modernos, que tirou pintos por esta maneira Eu faço Reaumur trisyllabo, como no original.

(Pag. 349, *vers.* 3.*)*

Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende.

É ao que se chama « pevide. »

(Ibid., vers. 29.*)*

Todos os dias de uma vida escassa.

Ora com effeito, acabou-se o tractado das galinhas! Pois protesto que me enfastiou. Perto de quatrocentos versos! É muito! Rosset creio que pegou na Arte de Reaumur, e pondo-se mui de seu vagar a metrificar os preceitos do naturalista, esqueceu-se do mister de poeta, e exgotou o assumpto: isto será sempre um defeito em poesia, e menos desculpavel em Rosset, porque de culpas taes accusa elle o P. Vaniere, dizendo no seu discurso sobre a poesia georgica: — *Les details de la Maison Rustique sont fort agreables, et peints avec grace; mais ils sont si multipliés, et souvent si petits et si puerils, que, malgré les ornemens dont ils sont revetus, on desireroit de ne pas les*

trouver: ils donnent a cet ouvrage l'air d'un Traité plutot que d'un Poème. « As particularidades do « Predio Rustico » são muito agradaveis, e descriptas com graça; porém são tão multiplicadas, e muitas vezes tão pueris, que não obstante os adornos de que são revestidas, se desejaria não as achar: ellas dão a esta obra mais o aspecto de um Tractado, que o de um Poema. » Parece-me que Rosset deu uma sentença, que justamente lhe póde ser applicada; mas em fim, deixal-o dormitar, porque *quando que bonus dormitat Homerus:* feliz aquelle escriptor em quem, como em Rosset, se nota o numero das bellezas mui superior ao dos defeitos!

(*Pag.* 350, *vers.* 3.)

Nos trouxeram de Ignacio os companheiros.

Os jesuitas, que primeiro trouxeram o perú das Indias Orientaes.

(*Pag.* 351, *vers.* 16.)

O que salvou, grasnando, o Capitolio.

Os gansos despertaram no Capitolio os guardas romanos, que rechassaram o assalto dos soldados de Brenno.

(*Pag.* 352, *vers.* 16.)

O phaisão é feroz por natureza.

Estas aves derivam o seu nome do rio Phasis, d'onde é tradição que os Argonautas as levaram á Grecia.

(*Pag.* 353, *verso* 26.)

Gaviões, esmerilhões, treçós, açôres.

O treçó é o macho das aves de rapina; e isto quer dizer o *emouchet* do original.

(*Pag.* 356, *vers.* 1.)

E o suave cantor da primavera.

O rouxinol.

(*Ibid.*, *vers.* 3.)

E livres pelos bosques divagando, etc.

A experiencia mostra que esta regra soffre muitas excepções; porém é certo que estas avesinhas cantam mais agradavelmente, quando gosam da liberdade que lhes deu a natureza.

(*Pag.* 360, *vers.* 10.)

Soccorro annunciando a oppressos muros.

Modena, defendida por Decimo Bruto; Jerusalem, cercada por

Gofredo de Bouillon; e Ptolemaida, ou S. João de Acre, cercada pelos francezes e venezianos, tiveram, além de outras, aviso de soccorro, levado em cartas de que os pombos foram mensageiros.

(*Ibid.*, *vers.* 14.)

Dar-lhe este ensino, e regular seus vôos.

Não sómente n'estas terras, mas em todas as do Levante, é uso antiquissimo levarem os pombos, e trazerem, cartas presas ao pescoço, ou aos pés, ou debaixo das azas.

(*Pag.* 361, *vers.* 23.)

Sensivel a galinha á formosura
Da ave de Colchos, etc.

É o phaisão, porque o rio Phasis, de que deriva o seu nome, corta a ilha de Colchos.

(*Pag.* 392, *vers.* 3.)

Os diversos systemas n'este cahos, etc.

O auctor quiz aqui indicar as grandes difficuldades dos diversos systemas philosophicos sobre esta materia. Veja-se a Physiologia de Mr. Haller na exposição dos phenomenos relativos á geração.

(*Pag.* 362, *vers.* 2.)

É um novo, em cada um, polypo brota.

Veja-se a obra de Mr. Trembley, auctor d'esta descuberta.

ANNOTAÇÕES AO TOMO V.

As tres versões incorporadas no presente volume (e bem assim a do «Consorcio das Flores,» que por motivos de conveniencia typographica houve de passar para o principio do VI, e ultimo tomo d'esta collecção) foram todas encetadas e concluidas por Bocage nos annos de 1800 a 1801, sob os auspicios de Fr. José Marianno Velloso, então director da casa, ou officina typographica estabelecida no Arco do Cego (vejam-se as «Annotações» ao tomo III, a pag. 409) e por virtude de uma especie de contracto celebrado entre o padre naturalista, e o poeta («Estudo biographico» no tomo I, pag. LI).

Considere-se, pois, a natureza e perfeição d'estes trabalhos; e attenda-se á estreiteza do tempo, que mediou entre o começo d'elles e a sua conclusão (tempo alias occupado com outras numerosas e diversas composições, a que simultaneamente se dava): não serão estas circumstancias mais que muito favoraveis a Bocage, para darem novo, e subido realce ao seu indisputavel talento, e á summa flexibilidade do seu genio poetico? Quem, á vista do modo porque elle soube saír-se d'estas emprezas obrigatorias, ousaria desconhecer que a sua capacidade era egualmente azada para tractar com a mesma vantagem, e sem sombras de contracção, ou de acanhamento, os assumptos, quer de escolha propria, quer de eleição e encommenda alheia?

Muitas pessoas entendidas por certo desejariam, que tanto estas como as demais traducções de Bocage andassem sempre emparelhadas com os textos originaes. D'ahi colheria o leitor a facilidade de seguir passo a passo a confrontação de umas com outras; podendo a cada momento apreciar por si a belleza das copias, e reconhecer o primor e desempenho com que o traductor conseguiu reproduzir, ou transportar para a sua linguagem as graças, e energia dos modelos, superando sempre com admiravel felicidade não só as difficuldades provenientes da diversa indole e contextura dos idiomas, senão as que lhe devia trazer a obrigação, a que por muitas vezes quiz ligar-se, de traduzir verso por verso, collocando-se assim na necessidade de encerrar os estirados alexandrinos francezes no resumido molde do hendecasyllabo portuguez.

Reconhecendo por nossa parte aquella conveniencia, tivemos todavia de desistir, bem que a nosso pezar, do desejo que egualmente haviamos de incorporar os originaes na presente edição: porque sendo ella já assás dispendiosa e crescendo em volume, tornar-se-ía com esse augmento de mais avultado custo, e como tal de mais dificil acquisição, ficando assim ao alcance de um pequeno numero de leitores. Acresce que os inconvenientes, resultantes da omissão, podem com facilidade obviar-se; pois que as obras de todos os auctores traduzidos são (com alguma pequenissima excepção) de corrente e commum accesso; e mui bem poderão havel-as todos os que pretenderem fazer qualquer estudo comparativo entre ellas e as respectivas versões.

Pag. 5 — Os Jardins.

Das quatro versões, a que acima alludimos, a do poema «os Jardins» foi, senão a primeira empreendida por Bocage, ao menos a primeira por elle dada ao prélo ainda em 1800. O auctor do poema, Jacques Delille, membro da academia franceza, nasceu em 22 de Junho de 1738, e era já conhecido pela composição das suas «Georgicas» quando no anno de 1782 saíu a publico com este poema, de cuja edição, feita n'esse anno em Paris, em formato de 12., conservamos um exemplar. A traducção de Bocage, segundo a indagação a que procedemos, foi trabalhada sobre essa propria edição; por isso differe consideravelmente do original, como este se acha nas edições modernas, depois de ter sido por vezes retocado, e addicionado pelo auctor. Delille tendo, por uma notavel e fatal coincidencia, perdido a vista no tempo em que se dava a trasladar para a sua lingua o «Paraiso Perdido» de Milton, veiu a falecer em o 1.º de Maio de 1813. Posto que a reputação collossal de que em sua vida gosou, tenha soffrido posteriormente grande rebaixa, em razão do novo gosto introduzido na poesia, nem por isso deixa de ser ainda hoje estimado geralmente, e lido com prazer. A melhor edição de suas numerosas obras, e tida por mais completa, é a que em Paris publicou Mr. Michaud, no anno de 1824 em 16 volumes de 8.º com figuras.

Pag. 69 — Verso 6.

Não temem a tisoura as arvores.

Assim se lê este verso, tanto na edição de 1800, feita sob os olhos do traductor, e por elle correcta, como nas subsequentes, que tivemos occasião de examinar. Está elle evidentemente errado; o que é tanto mais para extranhar, que talvez debalde se procuraria outro exemplo similhante, correndo com a mais minuciosa attenção todas as poesias de Bocage, tido de justiça pelo mais rigido e escrupuloso observador dos preceitos da metrificação. A' vista porém

d'aquella circumstancia, contentamo-nos com este simples reparo, para fugir ao de alguem, que pretenda lançar o erro á conta de incuria, ou desmazelo nosso.

Pag. 97 — Notas.

Estas notas são do proprio Delille, vertidas litteralmente por Bocage; e todas se encontram na original edição do poema, feita em 1782, de que acima falámos.

Pag. 105 — As Plantas.

Conservamos no titulo d'este poema o nome de seu auctor escripto textualmente conforme o achámos no frontispicio da edição primitiva d'esta versão, empreendida, e publicada por Bocage em 1801.

Não sabemos porém a que attribuir o descuido de Manuel Maria, alias tão perfeito sabedor da lingua franceza, quando assim *nobilitou* indevidamente o auctor traduzido, fazendo-lhe preceder o appellido da particula *de*; pois que o seu verdadeiro nome (segundo as biographias, que temos consultado, e nomeadamente a *Biographie Universelle ancienne et moderne*, Bruxelles 1843 — 47, tomo IV) é simplesmente René-Richard-Louis-Castel. Este poeta, não menos conhecido como botanico, nasceu na baixa Normandia em 6 de Octubro de 1758. Seu páe tinha seguido com honra a carreira militar, distinguindo-se na celebre batalha de Fontenoi, que Luiz XV, ou antes o marechal de Saxe, ganhou contra os inglezes em 1745. Castel, dedicando-se aos estudos desde a sua primeira juventude, dotado de character independente, e de facil e agradavel imaginação, soube ligar o desempenho dos deveres do serviço publico com o cultivo das boas-letras, e das sciencias naturaes. Compoz este poema (como elle proprio declara no começo do prologo respectivo) durante o intervalo de 1792 a 1797, tempo em que exercia as funcções de *maire* no districto de Vire. Rejeitando depois outros cargos mais elevados na ordem administrativa, acceitou todavia diversos logares no magisterio publico, os quaes serviu com dedicação, sendo sempre bem-quisto e respeitado por seus concidadãos. Terminou seus dias em Paris, victima da cholera-morbus, em 1832. Além d'esta compoz e publicou varias outras obras, tanto em verso como em prosa.

Pag. 207 — Prologo do Traductor.

Corria o anno de 1801, como já em outra parte notámos (tomo III pag. 412) quando Manuel Maria animado pelo bom acolhimento, que quasi unanimemente obtivera do publico illustrado a sua versão dos Jardins, se deu pressa a sair á luz com esta das Plantas, poema então modernissimo, pois acima vimos como seu auctor o concluira em 1797.

Dissémos — *quasi unanimemente* — e não sem motivo; porque em

quanto os amigos e admiradores de Bocage applaudiam com fervor enthusiastico aquella nova producção, sobre-elevando-a talvez muito acima do seu merito real, outros (postoque em pequeno numero) se atravessaram, que levados das antigas rivalidades e competencias, não perdiam occasião de detrair, e menoscabar o seu ex-consocio da Arcadia, sempre obstinados em não reconhecerem n'elle uma supremacia, que haviam por usurpada. A' frente d'esta parcialidade se apresentava mais a descuberto José Agostinho de Macedo, como sendo entre todos o unico, que podia até certo ponto medir-se com o seu antagonista; aquelle começou pois a propalar e assoalhar em seus corrilhos litterarios os defeitos verdadeiros, ou suppostos da versão dos Jardins, notando-lhe versos frouxos, errados, faltas de intelligencia do texto, má escolha de phrases e epithetos, etc. etc. Estas criticas e reparos foram logo, como era de esperar, aos ouvidos de Bocage; e não era preciso mais para lhe exacerbar em summo grau a irritabilidade do amor proprio offendido. Os ataques pediam um desforço prompto, e solemne. Assim, ao publicar a traducção das Plantas, antepoz-lhe o presente prologo, em que fazendo a sua pessoal apologia, e mixturando d'envolta com os proprios louvores os d'aquelles, que tinha em conta de seus affeiçoados, fulminava despiedadamente, e sem rebuço os que chamava seus zoilos, em termos que, embhora lhes occultasse os nomes, nem por isso deixavam de ficar menos bem conhecidos, e expostos ao geral desprezo. Este prologo serviu de signal de rebate, para romperem de novo as hostilidades, que desde alguns annos estavam como que supitadas. José Agostinho tambem não era homem que mansa, e quietamente se deixasse assim enxovalhar á face do mundo. Pegou logo da penna, e saíu-se com a satyra, que lhe grangeou em resposta a » Pena de Talião. » A esta retrucou com outra, a que já alludimos, porém de cujo merito não queremos arvorar-nos em contraste. Parecerá impossivel que Bocage não houvesse d'ella noticia, ou que tendo-a emudecesse, deixando o seu contrario senhor do campo: entretanto o facto é, que apoz a resposta de Macedo nada mais apparece até á data em que se opperou entre os dous a momentanea reconciliação, que precedeu de poucos tempos a morte d'Elmano.

Pag. 109 — vers. 7.

Se em podre lodaçal negrejam Zoilos,
A's margens do Permesso Ismenos brilham.

N'este, e nos seguintes versos faz o poeta a resenha dos seus confrades em Apollo, com os quaes vivia então em reciproca harmonia. De quasi todos os que vão aqui nomeados já falámos mais ou menos extensamente em nossas annotações aos volumes precedentes. Aqui repetiremos os seus nomes, conforme a nota que Bocage imprimiu no fim d'esta peça.

Ismeno — João Vicente Pimentel Maldonado.
Francelio — Francisco Joaquim Bingre.
Jacinto — Ignacio Joaquim da Costa Quintella.
Salicio — Sebastião Xavier Botelho.
Josino — José Francisco Cardoso.
Menalca — Miguel Antonio de Barros.
Alcino — Joaquim Severino Ferraz de Campos.

Os adversarios, aqui tractados de *zoilos invejosos, de tartareas furias, dragões peçonhentos, etc. etc.*, postoque não declarados por seus nomes de baptismo, iam todavia mais que explicitamente characterisados, para não escaparem á penetração dos leitores: todos viam n'aquelles retratos os de José Agostinho, Curvo Semedo, Luis da França, Freire Barbosa, e outros, de cujas antigas contendas com Bocage havia o publico inteiro conhecimento.

Pag. 10, verso 11.

« Eis o Deus! Eis o Deus! . . . » Exclamo, e vôo
De repente, onde mil nem vão d'espaço.

Bocage, commentando estes versos, diz em nota o seguinte:
« Falo dos improvisos, de que esta e outras cidades têm sido ou-
» vintes: o prazer, com que os sabios os attendem, é mais um tor-
» mento para os meus zoilos. »

Pag. 187 — Nomenclatura Linneana.

Este pequeno e succinto catalogo não é obra de Bocage. Foi ordenado por Fr. José Marianno Velloso, para acompanhar e illustrar a versão do poema; e como ande em todas as edições, que da mesma se tem feito, não quizemos despojal-o da posse em que se achava.

Pag. 199 — A Agricultura.

Ignoramos se a versão d'este poema foi começada promiscuamente com as dos dous antecedentes, ou se as seguiu de perto. Se havemos de dar fé ao testemunho de Pato-Moniz (que n'este ponto se nos affigura insuspeito) é de crer que Bocage chegara a concluil-a, mas que por circumstancias que ficaram desconhecidas, elle, ou Velloso, desistiram da intenção de a publicar. É o que tambem nos parece colligir-se do facto de ter aquelle inserido no tomo III das suas poesias (impresso em 1804) a paginas 286 e seguintes a traducção em separado do segundo canto, por modo que deixa ver a nenhuma tenção, que então havia de sair com o resto. Pelo obito de Manuel Maria, entre outros manuscriptos seus, desappareceu (diz-se) essa versão completa; e sendo a final recuperada passados annos, encontraram-se os cinco primeiros cantos, achando-se mutilada com

a falta do sexto. N'estas circumstancias Moniz, que preparava para o prelo o volume, que saiu em 1814, sob o titulo de »Verdadeiras Inedictas» Tomo II, propoz-se a inteirar a obra, traduzindo e addicionando-lhe por sua conta o canto que se perdêra; e assim a inseriu n'aquella compilação. Eis em substancia o que elle proprio nos relata na prefação, que antepoz ao referido volume.

Pedro Fulcran de Rosset, auctor do poema de que tractâmos, foi, segundo o descrevem os seus biographos, um homem estimavel, integro magistrado, e bom cidadão. Morreu em Paris em 1788. Quanto ao seu merecimento como poeta, não estão acordes os juizos dos seus criticos: uns o estimam talvez em mais do que elle vale, e outros o rebaixam póde ser que em demasia, sem attenderem a que os defeitos, que lhe notam, se derivam principalmente do genero de poesia, a cujo cultivo se deu.

Pag. 365 — Notas ao Poema «A Agricultura.»

Todas as notas que seguem até pag. 390 pertencem quasi exclusivamente a Pato-Moniz, com a unica excepção de algumas (pouquissimas) que são de Bocage, e vão assignadas como taes nos logares respectivos; as quaes elle inserira na traducção do segundo canto, impressa em 1804, a que acima tivemos occasião de alludir.

Pag. 372 — (Nota referida á pag. 246, verso 15.)

«Quem deixará de entender que Bocage fala aqui do nosso «immortal Camões, etc..... Por certo hão de enten-«del-o, e achar-lhe razão até aquelles, que dizem — *Que «o episodio de Adamastor, entre os disparates de Luis de «Camões, é o maior disparate.*»

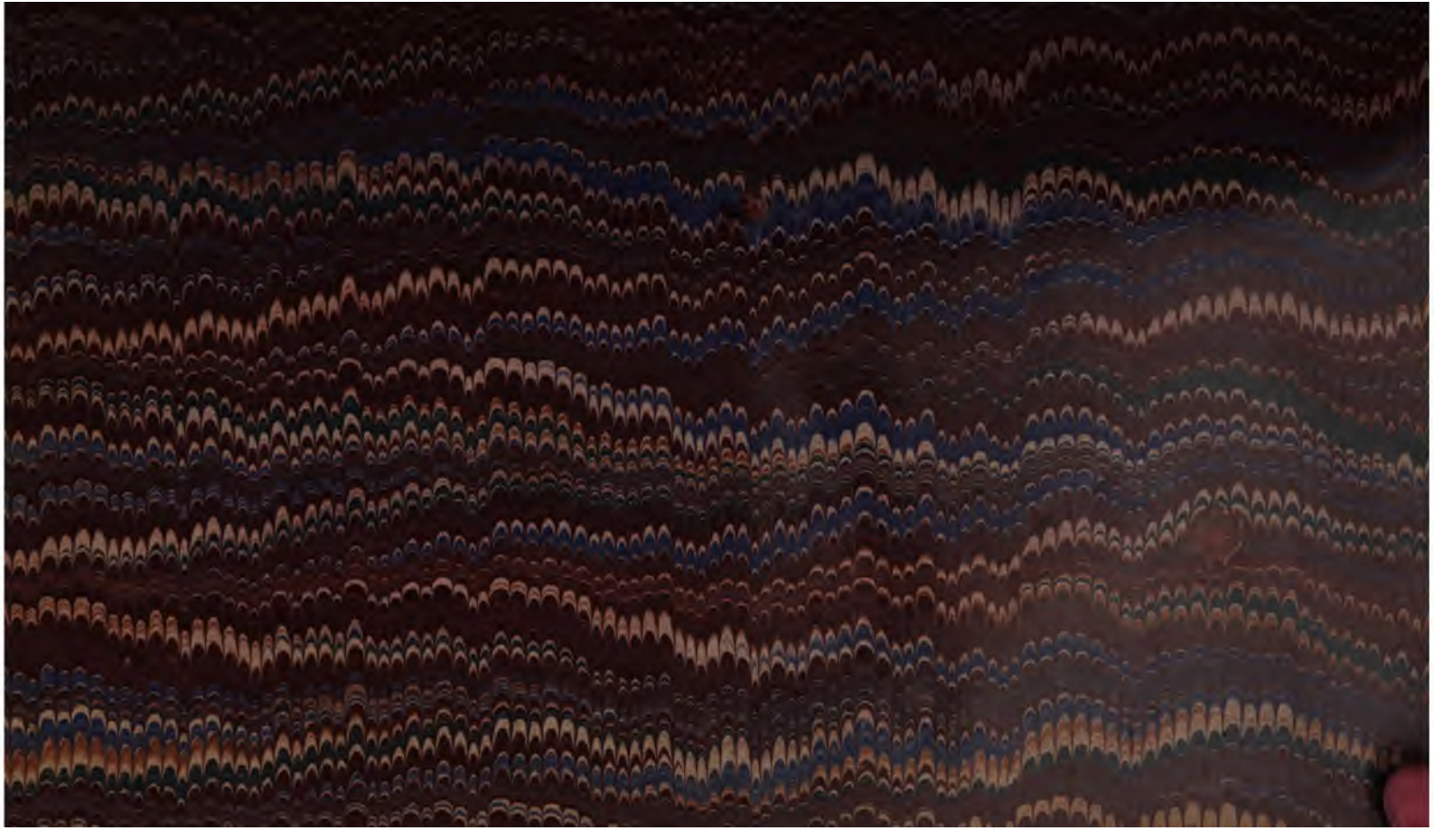
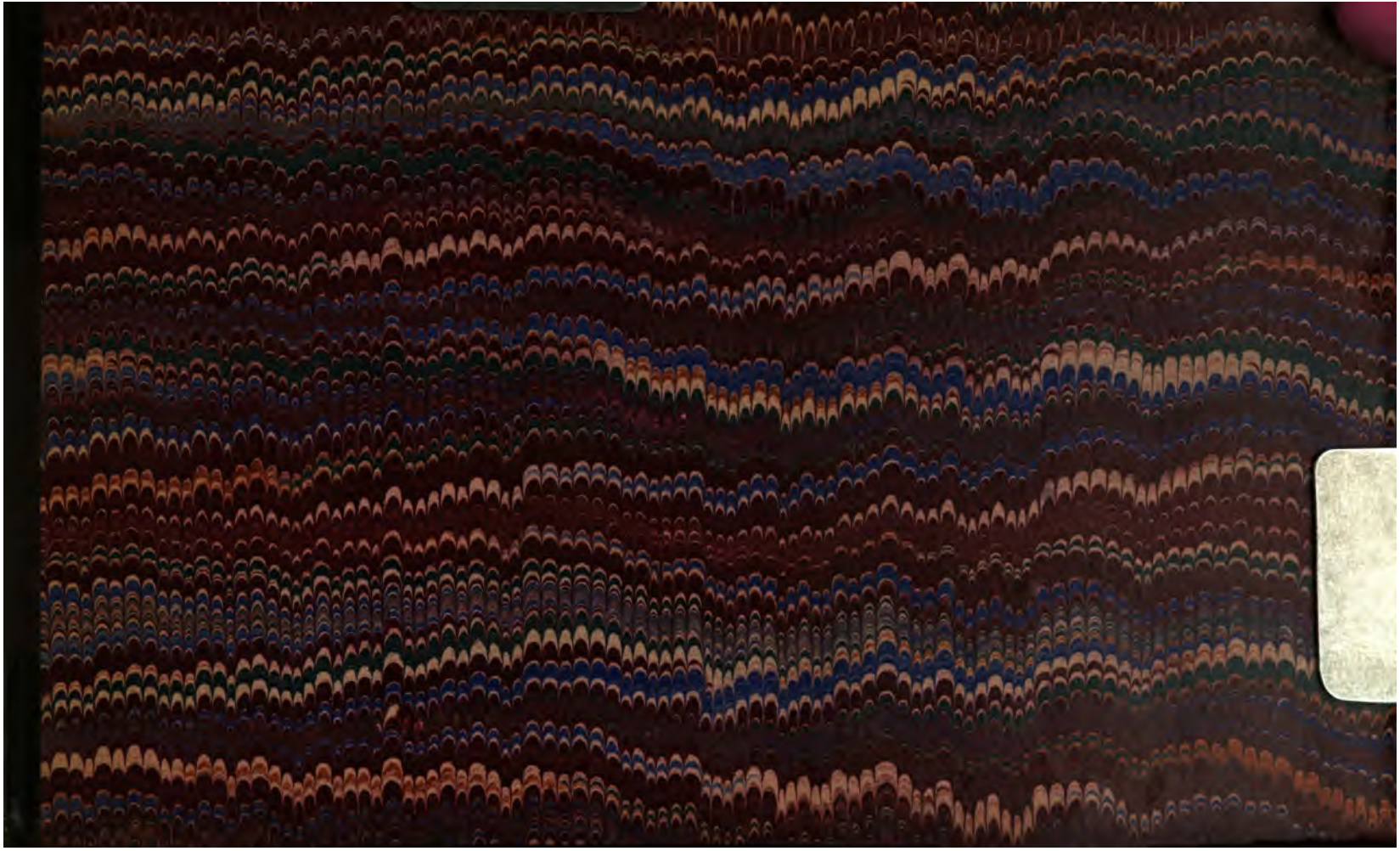
A apodadura de Pato-Moniz n'este logar é directamente dirigida contra José Agostinho, que no anno de 1811 havia publicado as suas «Reflexões Criticas sobre o episodio de Adamastor,» onde a pag. 13 se não pejou de proferir, e assoalhar aquella blasphemia litteraria.

FIM DO TOMO V.

INDICE

DO CONTEUDO NO QUINTO VOLUME.

PAG.

Os Jardins, poema de Delille. 5
Notas do auctor. 97
As Plantas, poema de Castel. 105
Nomenclatura Linneana. 187
A Agricultura, poema de Rosset. 197
Notas de Pato Moniz. 395
Annotações a este volume. 391

T 134